Agatha Christie



L&PM POCKET

Agatha Christie

Os treze problemas

Tradução de Petrucia Finkler

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Agatha Christie
(1890-1976)

AGATHA CHRISTIE é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. *A ratoeira*, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. *O misterioso caso de Styles* (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, *O assassinato de Roger Ackroyd*. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome de *Álibi* – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto "The Tuesday Night Club".

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Para Leonard e Katherine Woolley

CAPÍTULO 1

O Clube das Terças-Feiras

– Mistérios sem solução.

Raymond West soprou uma nuvem de fumaça e repetiu as palavras com uma espécie de deleite deliberado e consciente.

– Mistérios sem solução.

Olhou ao redor com satisfação. A velha sala, com largas vigas negras atravessando o teto, era decorada com um mobiliário antigo e de boa qualidade que completava o conjunto. Por isso o olhar aprovador de Raymond West. Escritor por profissão, ele apreciava quando a atmosfera era impecável. A casa de sua tia Jane sempre o agradara, era o cenário perfeito para a personalidade dela. Olhou para o outro lado da sala, para além da lareira, onde ela estava sentada na grande poltrona do avô. Miss Marple usava um vestido de brocado preto, bastante pregueado na cintura. Um arranjo de renda belga de Mechlin, com formato de cascata, descia ao longo da frente do corpete. Vestia mitenes de renda preta; e um chapéu, também de renda negra, coroava a montanha de meadas dos cabelos cor de neve. Estava tricotando; era algo branco, macio e felpudo. Seus olhos, de um azul desbotado, benevolentes e gentis, observavam o sobrinho e os convidados dele com uma alegria sutil. Eles repousaram primeiro no próprio Raymond, com sua afetação jovial, depois em Joyce Lemprière, a artista, de cabelos negros bem cortados e olhos de um verde-acastanhado singular, e, finalmente, naquele homem bem-vestido e sofisticado, Sir Henry Clithering. Havia mais duas pessoas na sala: dr. Pender, o sacerdote idoso da paróquia, e sr. Petherick, o procurador, um homenzinho enrugado, de óculos, que preferia olhar por cima das lentes em vez de através delas. Miss Marple deu um segundo de atenção a cada uma dessas pessoas e, com um sorriso suave nos lábios, voltou ao tricô.

O sr. Petherick deu uma tossidinha seca com a qual geralmente anunciava seus comentários.

– O que é que está dizendo, Raymond? Mistérios sem solução? O que têm eles?

– Nada de mais – disse Joyce Lemprière. – Raymond apenas aprecia o som dessas palavras e a si próprio quando as pronuncia.

Raymond West jogou-lhe um olhar de reprovação ao qual ela respondeu jogando a cabeça para trás e rindo.

– Ele é um engambelador, não é, Miss Marple? – perguntou ela. – A senhora sabe disso, tenho certeza.

Miss Marple sorriu suavemente para ela, mas não fez nenhuma observação.

– A vida em si é um mistério sem solução – disse o sacerdote, solene.

Raymond endireitou-se na cadeira e jogou longe o cigarro num gesto impulsivo.

– Não foi isso que eu quis dizer. Não estava falando de filosofia – disse ele. – Estava pensando em fatos verdadeiros, prosaicos e despidos de enfeites, fatos que ocorreram e que ninguém jamais conseguiu explicar.

– Sei muito bem do que está falando, meu caro – disse Miss Marple. – Por exemplo, a sra. Carruthers teve uma experiência muito estranha ontem pela manhã. Ela comprou meia caneca de camarões limpos na mercearia do Elliot. Foi a dois outros estabelecimentos e, quando chegou em casa, descobriu que os camarões não estavam com ela. Retornou às duas lojas que havia visitado, mas os camarões haviam desaparecido por completo. Isso me parece extraordinário.

– Uma história muito esquisita – falou Sir Henry Clithering solenemente.

– Existem, claro, várias explicações possíveis – disse Miss Marple, com as bochechas tornando-se um pouco mais rubras de entusiasmo. – Por exemplo, alguma outra pessoa...

– Minha querida tia – disse Raymond West, achando graça –, eu não estava me referindo a essa espécie de incidente no vilarejo. Estava pensando em assassinatos e desaparecimentos, o tipo de coisa que Sir Henry poderia nos relatar por horas a fio, se ele assim desejasse.

– Mas jamais falo de trabalho – disse Sir Henry com modéstia. – Não, eu jamais falo de trabalho.

Sir Henry Clithering, até recentemente, tinha sido comissário da Scotland Yard.

– Imagino que haja uma série de assassinatos e casos que nunca foram solucionados pela polícia – disse Joyce Lemprière.

– É um fato reconhecido, acredito – falou o sr. Petherick.

– Eu me pergunto – disse Raymond West – que categoria de cérebro realmente tem mais sucesso desenredando um mistério. Penso que um detetive policial de nível mediano deva encontrar dificuldades por falta de imaginação.

– Esse é o ponto de vista leigo – disse Sir Henry de forma seca.

– Você quer mesmo um comitê – disse Joyce sorrindo. – Pois psicologia e imaginação se destinam ao escritor...

Ela fez um gesto irônico de reverência para Raymond, mas ele permaneceu sério.

– A arte de escrever nos traz uma compreensão da natureza humana – disse ele de forma grave. – Podemos enxergar, talvez, motivações que uma pessoa comum deixaria passar.

– Sei, querido – disse Miss Marple –, que seus livros são muito inteligentes. Mas acha realmente que as pessoas são tão desagradáveis quanto as faz parecer?

– Minha querida tia – disse o gentil Raymond –, mantenha suas convicções. Não permita Deus que *eu* seja o responsável por destruí-las.

– Quero dizer – falou Miss Marple, contraindo as sobrancelhas um pouco enquanto contava os pontos do tricô – que muitas pessoas não me parecem ser nem boas, nem más, mas apenas bastante tolas, sabe?

O sr. Petherick deu sua tossidinha seca novamente.

– Você não acha, Raymond – perguntou ele –, que atribui demasiado peso à imaginação? Imaginação é uma coisa muito perigosa que nós advogados conhecemos muito bem. Ter a habilidade de peneirar as provas de forma imparcial, tomar os fatos e vê-los como fatos; isso me parece ser o único método lógico de se chegar à verdade. Posso acrescentar que, na minha experiência, é o único método que funciona.

– Ih! – exclamou Joyce, jogando para trás a cabeça cheia de cabelos negros, indignada. – Aposto como eu ganharia de vocês todos neste jogo. Não só sou mulher, e digam o que quiserem, mas as mulheres têm uma intuição que aos homens foi negada, como também sou artista. Enxergo

coisas que vocês não veem. Além disso, por ser artista, já convivi com toda a sorte de pessoas em toda e qualquer condição. Sei coisas da vida que nossa adorável Miss Marple sequer pode imaginar.

– Isso eu não saberia dizer, querida – disse Miss Marple. – Coisas muito dolorosas e angustiantes acontecem às vezes nas pequenas localidades.

– Posso falar? – disse o dr. Pender, sorrindo. – Sei que está em voga hoje em dia rebaixar o clero, mas ouvimos muitas coisas, conhecemos um lado do temperamento humano que é um livro lacrado para o mundo lá fora.

– Bem, me parece que somos um grupo bastante representativo. Que tal se formássemos um clube? Que dia é hoje? Terça-feira? Vamos chamá-lo de "O Clube das Terças-Feiras". Vamos nos reunir todas as semanas e cada vez um membro tem de apresentar um problema. Algum mistério sobre o qual tenha conhecimento e para o qual, claro, saiba a resposta. Deixem-me ver, quantas pessoas temos? Uma, duas, três, quatro, cinco. Deveríamos ter um total de seis – disse Joyce.

– Esqueceu-se de mim, querida – falou Miss Marple, com um sorriso luminoso.

Joyce ficou um pouco surpresa, porém disfarçou o fato rapidamente.

– Seria adorável, Miss Marple – disse. – Não pensei que a senhora estaria interessada em participar.

– Acho que seria muito interessante – disse Miss Marple. – Ainda mais com a presença de tantos cavalheiros talentosos. Tenho receio de não ser tão habilidosa quanto vocês, mas viver tantos anos em St. Mary Mead oferece às pessoas uma certa compreensão da natureza humana.

– Tenho certeza de que sua colaboração será muito valiosa – disse Sir Henry, cordialmente.

– Quem vai começar? – disse Joyce.

– Acho que não há nenhuma dúvida quanto a isso – disse dr. Pender. – Quando se tem a grande sorte de termos um homem tão distinto quanto Sir Henry como convidado...

Dr. Pender não chegou a completar a frase, curvando-se educadamente na direção de Sir Henry.

Este ficou em silêncio por um minuto ou dois. Finalmente suspirou, cruzou e descruzou as pernas e começou:

– É um pouco difícil selecionar exatamente o tipo de história que estão me pedindo, mas acho que, por acaso, tenho conhecimento de um exemplo

que se encaixa nessas condições de modo muito apropriado. Talvez tenham visto alguma menção do caso nos jornais de um ano atrás. Na época fora deixado de lado como um mistério insolúvel, mas, por coincidência, a solução chegou às minhas mãos há poucos dias.

"Os fatos são muito simples. Três pessoas comeram um jantar que consistia, entre outras coisas, em lagosta enlatada. Mais tarde, naquela noite, os três adoeceram e um médico foi chamado às pressas. Duas pessoas se recuperaram, a terceira morreu."

– Ah! – disse Raymond, expressando aprovação.

– Como eu dizia, os fatos em si eram muito simples. Considerou-se que a causa da morte foi de intoxicação alimentar, foi emitido um certificado atestando isso, e a vítima foi devidamente enterrada. Mas as coisas não sossegaram por aí.

Miss Marple assentiu com a cabeça.

– Houve um falatório, eu imagino. Geralmente há – disse ela.

– E agora devo descrever os atores deste pequeno drama. Chamarei o marido e a mulher de sr. e sra. Jones, e a dama de companhia da esposa de srta. Clark. O sr. Jones era caixeiro-viajante de uma fábrica de produtos químicos. Ele era um homem bonito, de uma beleza um pouco rude e rosada, e tinha em torno de uns cinquenta anos. A esposa era um tipo um tanto comum e tinha uns 45 anos. A dama de companhia, srta. Clark, era uma mulher de uns sessenta anos, robusta, alegre, com o rosto radiante e corado. Vocês não achariam nenhum deles muito interessante.

"Os problemas começaram a surgir de um jeito muito interessante. O sr. Jones havia ficado hospedado num pequeno hotel comercial em Birmingham na noite anterior ao tal jantar. Aconteceu que, naquele dia, havia sido trocado o papel do mata-borrão, e a camareira, aparentemente sem ter nada melhor a fazer, divertiu-se examinando o mata-borrão contra o espelho logo depois de o sr. Jones ter escrito uma carta ali. Alguns dias mais tarde, ao ver nos jornais a notícia relatando a morte da sra. Jones como tendo sido causada pela ingestão de uma lagosta enlatada, a camareira participou aos outros serviçais as palavras que havia decifrado no mata-borrão. Eram as seguintes: *Inteiramente dependente de minha esposa... quando ela estiver morta eu irei... centenas de milhares...*

"Devem lembrar-se de outro caso que havia ocorrido recentemente em que a esposa fora envenenada pelo marido. Não foi necessário mais do que

isso para incendiar a imaginação da criadagem. O sr. Jones teria planejado livrar-se da esposa e herdar centenas de milhares de libras! Casualmente uma das camareiras tinha conhecidos na cidadezinha onde os Jones moravam. Ela escreveu para eles, e eles responderam à carta. O sr. Jones, ao que parece, havia sido muito atencioso com a filha de um doutor do lugar, uma moça muito bonita de 33 anos. Um escândalo começou a se anunciar. Foram enviadas petições ao ministro-chefe da Casa Civil. Inúmeras cartas anônimas foram despejadas na Scotland Yard, todas acusando o sr. Jones de ter matado a esposa. Agora, gostaria de acrescentar que nem por um momento pensávamos que houvesse algo ali além de conversas e bisbilhotices inúteis de cidade pequena. Não obstante, uma ordem de exumação foi concedida para apaziguar a opinião pública. Aparentava tratar-se de um desses casos de superstição popular sem nenhuma base concreta, mas que provou ser surpreendentemente justificada. Como resultado da autópsia, foi encontrada uma tal quantidade de arsênico no cadáver que deixava bastante claro que a falecida senhora havia morrido por envenenamento. Cabia à Scotland Yard, junto com as autoridades locais, provar como aquele arsênico havia sido administrado e por quem."

– Ah! Assim que eu gosto! Um caso policial de verdade – disse Joyce.

– Naturalmente, as suspeitas recaíram sobre o marido. Ele se beneficiara com a morte da mulher. Não no âmbito das centenas de milhares da imaginação romântica da camareira do hotel, mas com a quantia bastante sólida de oito mil libras. Ele não possuía bens próprios, apenas o que ganhava como salário, e era um homem de hábitos um tanto extravagantes com uma predileção pela companhia de mulheres. Investigamos com a maior sutileza possível os rumores da ligação dele com a filha do médico. Parecia claro que houvera uma forte amizade entre eles em um dado momento, mas também acontecera um rompimento brusco dois meses antes e, aparentemente, não haviam se visto desde então. O doutor, um homem de mais idade, um tipo direto e acima de qualquer suspeita, ficara pasmo com o resultado da autópsia. Ele havia sido chamado em torno da meia-noite e encontrara os três passando mal. Percebera imediatamente o estado agravado da sra. Jones e mandara buscar algumas pílulas de ópio com seu dispensário para aliviar a dor. Apesar de todos os esforços, entretanto, ela não resistira, mas sequer por um instante ele suspeitou que algo poderia estar errado. Estava convencido de que a morte dela era resultado de uma forma de botulismo. O jantar daquela

noite consistira em lagosta enlatada com salada, pavê de creme e pão com queijo. Infelizmente, não sobrara nada da lagosta; havia sido comida por inteiro, e a lata havia sido jogada fora. Ele havia interrogado a jovem criada Gladys Linch. Ela estava bastante triste, muito chorosa e aflita, e ele achara difícil fazer com que ela fosse mais objetiva, porém declarara, repetidas vezes, que a lata não se encontrava deformada de modo algum, e que a lagosta, na opinião dela, aparentava estar em perfeitas condições.

"Esses eram os fatos de que dispúnhamos para proceder com a investigação. Se Jones havia administrado arsênico para a esposa de forma criminosa, estava claro que não poderia ter sido em nenhum dos itens consumidos no jantar, pois as três pessoas compartilharam igualmente da mesma refeição. Além disso, outro ponto a ser considerado é que o próprio Jones havia chegado de Birmingham no momento em que o jantar estava sendo levado à mesa, portanto ele não tivera a oportunidade de alterar nenhum dos alimentos de antemão."

– E a acompanhante? – perguntou Joyce. – A mulher corpulenta de expressão bem-humorada?

Sir Henry assentiu.

– Não negligenciamos a srta. Clark na investigação, posso lhe assegurar. No entanto, o motivo que ela poderia ter tido para cometer o crime parecia-nos um tanto discutível. A sra. Jones não havia lhe deixado nenhum tipo de herança, e o resultado líquido da morte de sua patroa era de que ela teria de buscar um novo emprego.

– Isso aparentemente a deixa de fora da equação – disse Joyce, pensativa.

– Contudo, um de meus inspetores logo descobriu um fato significativo – prosseguiu Sir Henry. – Após o jantar daquela noite, o sr. Jones descera até a cozinha e pedira uma tigela de mingau de maisena para a esposa, que havia reclamado de uma indisposição. Ele aguardara na cozinha até Gladys Linch prepará-lo e então ele mesmo levara o mingau até o quarto da esposa. Aquilo, confesso, aparentemente liquidava a questão.

O advogado assentiu.

– Motivo – disse ele contando cada um dos pontos nos dedos. – Oportunidade. Como era caixeiro-viajante de uma empresa de produtos farmacêuticos, tinha fácil acesso ao veneno.

– E era um homem de moral vulnerável.

Raymond West não desviava os olhos de Sir Henry.

– Tem de haver alguma complicação em algum lugar. Por que não o prenderam? – disse ele.

Sir Henry sorriu um tanto sem jeito.

– Eis a peça lamentável do quebra-cabeça. Até aí tudo havia corrido às mil maravilhas, mas então nos deparamos com um obstáculo inesperado. Jones não foi preso porque, ao interrogarmos a srta. Clark, ela nos disse que fora ela quem terminara a tigela de mingau de maisena e não a sra. Jones.

"Sim, ao que parece, ela fora até o quarto da sra. Jones como era de costume. A sra. Jones estava sentada na cama com a tigela de maisena ao seu lado: 'Milly, não estou me sentindo bem', disse ela. 'Bem feito para mim, ninguém mandou comer lagosta à noite. Pedi a Albert que me trouxesse uma tigela de maisena, mas agora que ele trouxe não está me apetecendo.'

"'Uma pena', comentou a srta. Clark, 'está com uma aparência tão boa, sem bolotas. Gladys é mesmo uma cozinheira muito competente. Pouquíssimas moças hoje em dia parecem capazes de preparar um mingau de maisena bem feito. Admito que gostaria de comer esse mingau, ainda estou com fome.'

"'Posso imaginar que sim, você e esses seus hábitos insensatos', disse a sra. Jones.

"Devo explicar", interrompeu Sir Henry, "que a srta. Clark, alarmada por sua crescente corpulência, estava seguindo uma dieta.

"'Não é bom para você, Milly, não é bom', insistiu a sra. Jones. 'Se Deus nosso senhor fez você robusta, ele queria você robusta. Tome agora esta tigela de mingau. Vai lhe fazer todo o bem do mundo.'

"Imediatamente a srta. Clark se pôs a comer e de fato terminou a tigela. Então, como vocês veem, isso destruiu completamente nossa hipótese contra o marido. Quando questionado sobre as palavras no mata-borrão, Jones prontamente ofereceu uma explicação. A carta, ele explicou, fora em resposta à outra escrita por seu irmão na Austrália pedindo-lhe dinheiro. Havia respondido indicando que era completamente dependente da esposa. Quando ela estivesse morta ele teria controle das finanças e poderia ajudar o irmão, se possível. Lamentava sua incapacidade para ajudá-lo, mas enfatizava que havia centenas de milhares de pessoas no mundo na mesma condição infeliz."

– E com isso o inquérito se desintegrou? – perguntou dr. Pender.

– E com isso o inquérito se desintegrou – disse Sir Henry em tom

solene. – Não podíamos correr o risco de prender Jones sem ter nada em que nos basear.

Houve um silêncio e então Joyce perguntou:

– E isso é tudo, mesmo?

– Esse é o caso tal qual permanecera durante todo o último ano. A verdadeira solução só chegou agora às mãos da Scotland Yard e dentro de dois ou três dias, provavelmente, vocês lerão sobre o caso nos jornais.

– A verdadeira solução – disse Joyce, pensativa. – Tenho minhas dúvidas. Vamos todos pensar por cinco minutos e depois discutir.

Raymond West assentiu com a cabeça e consultou a hora no relógio. Quando os cinco minutos terminaram, olhou para o dr. Pender.

– O senhor começa? – disse ele.

O velho balançou a cabeça:

– Confesso – disse – que estou perplexo. Consigo pensar somente que o marido, de alguma forma, tem de ser o culpado, mas como ele teria feito isso não consigo imaginar. Posso apenas sugerir que deve ter dado o veneno a ela de alguma maneira que ainda não se havia descoberto, embora como isso foi aparecer só agora, depois de tanto tempo, também não consigo imaginar.

– Joyce?

– A dama de companhia! – disse Joyce, decidida. – É sempre a dama de companhia! Como poderemos saber que motivo ela poderia ter tido? Apenas porque era velha, corpulenta e feia, não quer dizer que não estivesse assim mesmo apaixonada por Jones. Pode ter odiado a patroa por alguma outra razão. Pensem no que é ser um acompanhante, sempre obrigado a ser agradável, concordando, sufocando e contendo a si mesmo. Um dia não pôde mais suportar e então a matou. Ela provavelmente pôs o arsênico na tigela de maisena e toda aquela história de que ela mesma comeu é mentira.

– Sr. Petherick?

O advogado apoiava as pontas dos dedos umas nas outras em uma pose profissional:

– Não gostaria de comentar. Sobre os fatos, não gostaria de dizer nada.

– Mas o senhor precisa, sr. Petherick – disse Joyce. – Não pode se abster de julgar, afirmar que “tem de ser imparcial” e ficar nisso. Deve participar do jogo.

– A respeito dos fatos – disse o sr. Petherick –, parece não haver nada a ser dito. É minha opinião pessoal, tendo visto infelizmente muitos casos deste

tipo, que o marido é o culpado. A única explicação que pode dar conta dos fatos parece ser de que a srta. Clark, por algum motivo ou outro, o protegeu deliberadamente. Pode ter havido algum acordo financeiro acertado entre eles. Ele pode ter imaginado que se tornaria um suspeito, e ela, vendo apenas um futuro de pobreza à sua frente, teria concordado em relatar a história de tomar o mingau em troca de uma soma considerável a ser paga em sigilo. Se esse foi o caso, foi muitíssimo incomum, é claro. Muitíssimo incomum, de fato.

– Eu discordo de todos vocês – disse Raymond. – Vocês esqueceram o fator mais importante do caso. *A filha do doutor*. Ofereço a vocês a minha leitura do ocorrido. A lagosta enlatada estava estragada. Isso explica os sintomas de envenenamento. O doutor é chamado. Ele encontra a sra. Jones, que havia comido mais lagosta que os outros, com muita dor, e manda buscar algumas pílulas de ópio conforme nos foi relatado. Não vai buscar ele mesmo; ele manda buscar. Quem entregaria ao mensageiro as pílulas de ópio? Claro que a filha dele. Muito possivelmente ela distribui os medicamentos para o pai. Ela está apaixonada por Jones e, naquele momento, todos os piores instintos de sua natureza emergem quando percebe que tem nas mãos os meios para garantir a liberdade dele. As pílulas que ela envia contêm arsênico branco puro. Eis a minha solução.

– E agora, Sir Henry, pode nos contar – disse Joyce, ansiosa.

– Um momento – disse Sir Henry. – Miss Marple ainda não falou.

Miss Marple balançava a cabeça com tristeza.

– Ai, ai, ai – disse ela. – Deixei cair mais um ponto. Estava tão interessada na história. É um caso triste, um caso muito triste. Lembra o caso do velho sr. Hargraves que morava lá em Mount. A esposa jamais sentira a menor desconfiança, até ele morrer, deixando todo seu dinheiro para uma mulher com quem ele andava morando e com quem tinha cinco filhos. Ela havia sido empregada doméstica deles por um tempo. Uma moça tão boazinha, a sra. Hargraves sempre dizia, em quem se podia absolutamente confiar para virar os colchões todos os dias, exceto às sextas-feiras, é claro. E lá estava o velho Hargraves sustentando essa mulher numa casa em uma cidade vizinha, e ainda continuava sendo diácono da igreja e coletando o dízimo todos os domingos.

– Minha cara tia Jane – disse Raymond com alguma impaciência. – O que tem o morto e falecido Hargraves a ver com este caso?

– A história imediatamente me fez pensar nele – disse Miss Marple. – Os fatos são tão similares, não é mesmo? Suponho que a pobre moça tenha enfim confessado, e é por isso que o senhor agora sabe de tudo, Sir Henry.

– Que moça? – disse Raymond. – Minha cara tia, do *que* é que a senhora está falando?

– Daquela pobre moça, Gladys Linch, é claro, aquela que estava tão terrivelmente agitada quando o doutor falou com ela – e, também, se não era para estar, pobrezinha. Espero que aquele imoral do Jones seja enforcado, tenho certeza, por ter transformado a pobre moça numa assassina. Suponho que acabem enforcando ela também, a pobrezinha.

– Penso, Miss Marple, que a senhora esteja sofrendo de uma leve falta de compreensão – interrompeu o sr. Petherick.

No entanto, Miss Marple sacudiu a cabeça obstinadamente e perguntou a Sir Henry do outro lado da sala.

– Estou certa, não estou? Me parece tão claro. As centenas de milhares... e o pavê de creme... Quero dizer, é impossível alguém deixar passar esses detalhes.

– O que tem o pavê com as centenas de milhares? – gritou Raymond.

Sua tia virou-se para ele:

– Os cozinheiros quase sempre acrescentam centenas de milhares de confeitos nos pavês, querido – disse ela. – Aquelas coisinhas rosa e brancas de açúcar colorido. É óbvio que quando ouvi que eles comeram pavê de creme no jantar e que o marido andara escrevendo a alguém sobre centenas de milhares naturalmente juntei as duas coisas. Era ali que estava o arsênico, nas centenas de milhares, os confeitos coloridos. Ele deixara o veneno com a mocinha e disse a ela para colocar na sobremesa.

– Mas isso é impossível – falou Joyce rapidamente. – Todos comeram do bolo.

– Ah, não – disse Miss Marple. – A dama de companhia estava de dieta, lembre disso. Você jamais vai comer algo como pavê de creme se estiver fazendo uma dieta; e imagino que Jones deva ter raspado fora as centenas de milhares de confeitos da porção dele, deixando-as de lado no prato. Foi uma ideia inteligente, mas muito perversa.

Os olhos de todos estavam fixos sobre Sir Henry.

– É muito curioso – disse ele devagar –, mas acontece que Miss Marple acaba de acertar a verdade. Jones havia colocado Gladys Linch em apuros,

como se costuma dizer. Ela estava quase desesperada. Ele queria tirar a esposa do caminho e prometera casar-se com Gladys quando a esposa estivesse morta. Adulterou as centenas de milhares de confeitos e as entregou para ela com instruções de como usar. Gladys Linch faleceu faz uma semana. Seu bebê morreu durante o parto e Jones a deixou por outra mulher. Quando estava morrendo, ela confessou a verdade.

Houve alguns momentos de silêncio e então Raymond disse:

– Bem, tia Jane, a senhora acaba de ganhar um ponto. Não consigo imaginar como é que conseguiu descobrir a verdade. Eu jamais teria pensado que a mocinha cozinheira estaria ligada ao caso.

– Não, querido – disse Miss Marple –, mas você não sabe tanto da vida quanto eu. Um homem como Jones, bruto e jovial. Assim que ouvi dizer que havia uma moça jovem e bonita na casa, tive certeza de que ele não teria conseguido deixá-la em paz. É bastante perturbador e doloroso, e não é bom falar dessas coisas. Você não imagina o choque que foi para a sra. Hargraves, e a novena interminável do falatório no vilarejo inteiro.

CAPÍTULO 2

A casa do ídolo de Astarte

– E então, dr. Pender, que história vai nos contar?

O velho sacerdote sorriu com doçura.

– Minha vida tem se passado em lugares de quietude – disse ele. – Tive pouquíssimas oportunidades de estar em meio a grandes acontecimentos. No entanto, quando era ainda jovem, tive uma experiência ao mesmo tempo estranha e trágica.

– Ah! – disse Joyce Lemprière, encorajando-o.

– Eu jamais consegui esquecer – continuou o sacerdote. – Marcou-me profundamente naquela época e, até hoje, com um pequeno esforço de memória, posso sentir novamente o assombro e o horror daquele momento terrível, quando vi um homem ser ferido de morte sem nenhum agente mortífero aparente.

– Pender, assim você me dá calafrios – reclamou Sir Henry.

– Eu senti calafrios, como você bem disse – respondeu o outro. – Desde aquele momento nunca mais ri de ninguém que usasse a palavra “atmosfera”. É algo que realmente existe. Há lugares imbuídos e saturados de boas ou más influências que são capazes de demonstrar seu poder.

– Aquela casa, The Larches, é um lugar de muita infelicidade – apontou Miss Marple. – O velho sr. Smithers perdeu todo seu dinheiro e teve de deixar a propriedade, então os Carslake a assumiram, e Johnny Carslake caiu escada abaixo quebrando a perna, e a sra. Carslake teve de ir embora para o sul da França para cuidar da saúde; agora os Burden estão com a casa, e ouvi dizer que o coitado do sr. Burden tem de fazer uma operação com certa urgência.

– O que existe, eu acho, é uma superstição exagerada sobre esses assuntos – disse o sr. Petherick. – Esses relatos que circulam de forma

irresponsável causam muitos prejuízos a certas propriedades.

– Já conheci alguns “fantasmas” que tinham personalidades bem robustas – observou Sir Henry, rindo.

– Eu acho – disse Raymond – que deveríamos deixar o dr. Pender continuar com a narrativa.

Joyce levantou-se e apagou as duas lâmpadas, deixando a sala iluminada apenas pelo tremeluzir do fogo da lareira.

– Atmosfera – disse ela. – Agora podemos nos entender melhor.

Dr. Pender sorriu para ela, reclinou-se na poltrona e, tirando seu pincenê, começou a história com uma voz suave e retrospectiva.

– Não sei se algum de vocês conhece ou sabe alguma coisa sobre Dartmoor. O lugar a que me refiro fica situado na divisa do parque nacional de Dartmoor. Era uma propriedade muito charmosa, embora estivesse no mercado por anos a fio sem encontrar um comprador. O panorama talvez fosse um pouco sem vida durante o inverno, mas a paisagem era magnífica e havia certos aspectos curiosos e originais sobre a propriedade em si. Fora comprada por um homem chamado Haydon, Sir Richard Haydon. Eu o conheci nos tempos da faculdade e, embora o tenha perdido de vista por alguns anos, os antigos laços de amizade se mantiveram e aceitei com prazer o convite para visitá-lo em Silent Grove, nome dado à sua mais recente aquisição.

“O grupo reunido na casa não era muito grande. Estavam presentes o próprio Richard Haydon e seu primo Elliot Haydon. Havia Lady Mannering com sua filha pálida e um tanto apagada chamada Violet. Estavam lá o capitão Rogers com a esposa, um casal do tipo duro na queda, castigado pelo sol, que vivia para montar a cavalo e caçar. Havia também o jovem dr. Symonds e a srta. Diana Ashley. Eu sabia alguma coisa sobre ela. Aparecia com frequência nas colunas sociais e ela era uma das beldades conhecidas da estação. Sua beleza era de fato impressionante. Era morena, alta, com uma pele lindíssima em tom homogêneo de marfim, e seus olhos escuros semicerrados, posicionados obliquamente na face, conferiam-lhe uma aparência oriental curiosamente picante. Ao falar, tinha também uma voz maravilhosa num tom profundo e ressonante.

“Percebi de imediato que meu amigo Richard Haydon se sentia bastante atraído por sua beleza, e intuí que a festa toda havia sido organizada meramente em função dela. Sobre os sentimentos dela eu não tinha certeza.

Ela era caprichosa em seus favoritismos. Num dia falava com Richard, excluindo todos os outros de sua percepção; no seguinte, preferia o primo dele, Elliot, parecendo quase nem notar a existência de Richard, e, ainda depois, reservava seus sorrisos mais encantadores ao quieto e retraído dr. Symonds.

"Na manhã seguinte à minha chegada, nosso anfitrião nos levou para conhecer a propriedade inteira. A casa em si não era extraordinária, uma casa boa e sólida feita com granito de Devonshire. Construída para resistir à passagem e inclemências do tempo. Não era romântica, mas muito confortável. Das janelas se podia avistar a paisagem do Moor, vastas colinas coroadas com Tors, falésias de granito esculpidas pelo tempo.

"Nas encostas do Tor mais próximo, havia várias construções em círculos, relíquias dos tempos remotos do final da Idade da Pedra. Em outro monte, havia um morro que tinha sido escavado recentemente e no qual haviam sido encontrados certos utensílios de bronze. Haydon tinha muito interesse em matéria de antiquários e falava conosco com grande energia e entusiasmo. Aquele local, ele explicou, era bastante rico em relíquias humanas do passado.

"Resquícios deixados por habitantes de cabanas do neolítico, druidas, romanos e até mesmo dos primeiros fenícios podiam ser encontrados ali.

"'Mas este lugar é o mais interessante de todos', ele disse. 'Lembram do nome, Silent Grove. Bem, é fácil de entender de onde vem o nome.'

"Ele apontou com a mão. Aquela área específica do país é bem descampada, com pedras, vegetação rasteira e samambaias, porém, a uns cem metros da casa, havia um pequeno arvoredo plantado de forma compacta.

"'É um vestígio de tempos muito remotos', disse Haydon. 'As árvores morreram e foram replantadas, mas em geral tudo foi mantido praticamente intacto, quiçá desde o tempo dos colonizadores fenícios. Venham ver.'

"Nós o seguimos. À medida que entrávamos na pequena mata, um estranho sentimento de opressão tomou conta de mim. Acho que foi o silêncio. Nenhum pássaro parecia ter feito ninho naquelas árvores. Havia um clima de desolação e horror ali. Vi Haydon olhar para mim com um sorriso curioso.

"'Alguma sensação sobre este lugar, Pender?', ele perguntou. 'Quem sabe antagonismo? Ou inquietação?'

"'Não estou gostando', eu disse baixinho.

“‘Tem todo o direito de não gostar. Este era um reduto de um antigo inimigo da sua fé. Este é o Bosque de Astarte.’

“‘Astarte?’

“‘Astarte, ou Ishtar ou Asterath, ou como queira chamá-lo. Eu prefiro o nome fenício de Astarte. Existe, acredito, pelo menos um Bosque de Astarte já reconhecido neste país; fica ao norte da Cornuália. Não tenho provas, mas gostaria de acreditar que temos aqui um verdadeiro e autêntico Bosque de Astarte. Aqui, em meio a este denso círculo de árvores, foram realizados ritos sagrados.’

“‘Ritos sagrados’, murmurou Diana Ashley. Seus olhos tinham um aspecto distante e sonhador. ‘Fico imaginando que rituais seriam esses.’

“‘Nada que seja respeitável, posso lhe garantir’, disse o capitão Rogers com uma gargalhada alta e despropositada. ‘Coisas bem apimentadas, imagino eu.’

“Haydon não lhe deu atenção.

“‘No centro do bosque vão encontrar um templo’, disse. ‘Não posso ficar visitando templos, mas acabei satisfazendo um capricho meu.’

“Naquele momento chegávamos a uma clareira no centro das árvores. Bem no meio, havia algo muito parecido com uma choupana de verão construída com pedras. Diana Ashley indagou Haydon com o olhar.

“‘Eu batizei de “A casa do ídolo”’, disse ele. ‘É a casa do ídolo de Astarte.’

“E foi nos guiando até a casa. Ali dentro, sobre um pilar rústico de ébano, repousava uma pequena e curiosa imagem representando uma mulher com chifres em forma de lua crescente, sentada em um leão.

“‘A Astarte dos Fenícios, a Deusa da Lua’, declarou Haydon.

“‘A Deusa da Lua!’, exclamou Diana. ‘Ah, nos permita fazer uma orgia selvagem esta noite. Vestidos com fantasias. Viremos até aqui, sob a luz da lua, e celebraremos os ritos de Astarte.’

“Fiz algum movimento súbito e Elliot Haydon, o primo de Richard, virou-se para mim.

“‘O senhor não está gostando nada disso, está, padre?’, disse ele.

“‘Não, não estou’, respondi, sério.

“Ele me olhou com curiosidade. ‘Mas isso é apenas uma brincadeira. Dick não tem como saber se este era de fato um círculo sagrado de árvores. É apenas um capricho dele; gosta de brincar com a ideia. E de qualquer forma,

mesmo que fosse...’

“‘Mesmo que fosse?’

“‘Bem...’, riu ele sem jeito. ‘O senhor não acredita nesse tipo de coisa, não é? O senhor, um pastor.’

“‘Não tenho certeza de que por ser um pastor eu não deveria acreditar nisso.’

“‘Mas esse tipo de coisa já foi, acabou, faz parte do passado.’

“‘Não teria tanta certeza’, disse, pensativo. ‘Sei apenas o seguinte: via de regra, não sou um homem sensível à atmosfera de um lugar, mas, desde que entrei neste arvoredo, estou com uma sensação ruim e a impressão de algo maligno e ameaçador ao meu redor.’

“Ele olhou desconfortável por cima do ombro.

“‘Sim, de fato há... é esquisito, seja como for. Sei o que quer dizer, mas suponho que seja só a nossa imaginação que nos faz sentir isso. O que acha, Symonds?’, perguntou ele.

“O doutor ficou em silêncio por um minuto ou dois antes de responder. Então disse com toda a calma:

“‘Não estou gostando. Não sei dizer o porquê. Mas não estou gostando daqui de jeito nenhum.’

“Naquele instante, Violet Mannering atravessou a clareira em minha direção.

“‘Estou odiando este lugar’, exclamou ela. ‘Odiando. Vamos sair já daqui.’

“Nos afastamos dali, e os outros nos seguiram. Apenas Diana Ashley ficou para trás. Olhei por cima do ombro e a vi parada em frente à casa do ídolo, examinando com cuidado a imagem ali dentro.

“O dia havia sido de uma beleza e calor incomuns, e a sugestão de Diana Ashley de uma festa a fantasia para a noite fora recebida com aprovação geral. Seguiram-se os habituais risos, sussurros e um frenesi de costuras às escondidas e, quando todos fizeram a tão aguardada aparição para o jantar, houve a usual algazarra de contentamento. Rogers e a mulher vieram vestidos de habitantes do Neolítico, o que explicava o sumiço súbito dos tapetes que estavam em frente à lareira. Richard Haydon disse ser um navegador fenício; seu primo, um chefe do bando de ladrões. Dr. Symonds veio de mestre-cuca, Lady Mannering estava de enfermeira de hospital, e sua filha vestiu-se de escrava caucasiana. Eu mesmo estava vestido com uma roupa quente demais,

como um monge. Diana Ashley desceu por último e foi um desapontamento para todos, já que estava enrolada em uma roupa completamente preta e disforme.

"'O Desconhecido', declarou ela alegremente. 'É o que represento. Agora, pelo amor de Deus, vamos entrar para jantar.'

"Após o jantar, saímos para o jardim. A noite estava muito agradável, quente e suave, e a lua estava nascendo.

"Ficamos perambulando e conversando, e o tempo passou bastante depressa. Já devia ter se passado uma hora quando percebemos que Diana Ashley não estava conosco.

"'Seguramente ela não foi dormir', disse Richard Haydon.

"Violet Mannering sacudiu a cabeça:

"'Ah, não', disse. 'Eu a vi saindo naquela direção há mais ou menos quinze minutos'; enquanto falava, apontou em direção ao arvoredo, que parecia sinistro e sombrio à luz da lua.

"'Gostaria de saber o que ela está planejando', disse Richard Haydon. 'Alguma diabrura, posso jurar. Vamos até lá para ver.'

"Saímos em tropa, um tanto curiosos para descobrir o que a srta. Ashley estaria aprontando. Mesmo assim, eu, por exemplo, senti uma relutância curiosa em adentrar aquele cinturão de árvores escuro e agourento. Algo mais forte do que eu parecia me segurar e incitar para que eu não entrasse ali. Fiquei mais convencido do que nunca da perversidade essencial daquele lugar. Acho que alguns dos outros também experimentaram a mesma sensação que eu, embora não estivessem dispostos a admitir. As árvores foram plantadas tão próximas umas das outras que a luz da lua não conseguia penetrar. Havia uma dúzia de sons ao nosso redor, suspiros e sussurros. A sensação era estranha ao extremo e, por consenso geral, nos mantivemos juntos.

"De repente, chegamos à clareira no meio do arvoredo e ficamos ali plantados, maravilhados, pois na entrada da casa do ídolo havia uma figura difusa, envolvida por uma gaze diáfana bem justa e com dois chifres em forma de lua crescente saindo das madeixas escuras dos cabelos.

"'Meu Deus!', disse Richard Haydon, com suor brotando da testa.

"Mas Violet Mannering foi mais perspicaz.

"'Ora essa, é a Diana', exclamou. 'O que foi que ela fez? Ai, de alguma forma parece tão diferente!'

“A figura no vão da porta ergueu as mãos. Deu um passo a frente e entoou numa voz alta e doce:

“‘Sou a Sacerdotisa de Astarte’, murmurou. ‘Cuidado ao se aproximarem de mim, pois guardo a morte em minhas mãos.’

“‘Não faça isso, querida’, protestou Lady Mannering. ‘Você nos causa arrepios, causa sim.’

“Haydon deu um salto à frente na direção dela:

“‘Meu Deus, Diana!’, ele bradou. ‘Você está maravilhosa!’

“Meus olhos haviam se acostumado à luz da lua e consegui então enxergar com mais clareza. Como Violet havia dito, de fato ela aparentava estar muito diferente. Seu rosto estava definitivamente mais oriental, os olhos pareciam fendas, com algo de cruel em seu brilho, e tinha um estranho sorriso nos lábios, o qual eu nunca havia visto antes.

“‘Cuidado’, ela bradou advertindo. ‘Não se aproximem da Deusa. Aquele que encostar a mão em mim encontrará morte certa.’

“‘Está maravilhosa, Diana’, bradou Haydon, ‘mas por favor pare com isso. Seja como for... não estou gostando.’

“E começou a andar, atravessando o gramado para chegar até ela, enquanto ela esticava o braço em direção a ele:

“‘Pare’, ela gritou. ‘Um passo a mais e eu o destruo com a magia de Astarte.’

“Richard Haydon riu e apressou o passo quando, de repente, aconteceu algo curioso. Ele hesitou por um instante, pareceu tropeçar e caiu de cabeça.

“Não levantou mais, e ficou lá deitado onde havia caído, estatelado no chão.

“De repente, Diana começou a gargalhar histericamente. Era um som estranho e horripilante, rompendo o silêncio da clareira.

“Elliot praguejou e saltou para frente:

“‘Não posso suportar isso! Levante-se, Dick, levante-se, homem’, gritou.

“Porém, Richard Haydon permanecia onde havia caído. Elliot Haydon chegou ao seu lado, ajoelhou-se junto dele e virou o corpo do primo para cima com cuidado. Inclinou-se, examinando sua face.

“Depois, levantou bruscamente e ficou parado em pé, balançando um pouco.

“‘Doutor’, disse. ‘Doutor, pelo amor de Deus, venha ver. Eu... eu acho

que ele está morto.’

“Symonds correu para ver, enquanto Elliot caminhava bem devagar para juntar-se a nós. Ele olhava para as mãos de um jeito que eu não podia compreender.

“Naquele instante ouviu-se um grito brutal de Diana.

“‘Eu o matei!’, ela gritou. ‘Oh, meu Deus! Não tive a intenção, mas eu o matei!’

“E ela desfaleceu sem vida, caindo como um montinho, enrolada sobre si mesma na grama.

“Ouviu-se então o grito da sra. Rogers.

“‘Vamos sair deste lugar horrendo’, suplicava ‘algo pode acontecer conosco também. Que horror!’

“Elliot me segurou pelo ombro.

“‘Não pode ser, companheiro’, murmurou. ‘Digo, isso não pode *realmente* ter acontecido. Um homem não pode ser morto desse jeito. É... é contra as leis da natureza.’

“Tentei confortá-lo.

“‘Deve haver uma explicação’, eu disse. ‘Seu primo deve ter tido alguma fraqueza do coração a qual ele ignorava. Então o choque e a agitação...’

“Ele me interrompeu.

“‘Você não está entendendo’, disse. Ele levantou suas mãos para eu ver e observei uma mancha vermelha nelas.

“‘Dick não morreu de choque, ele foi apunhalado... apunhalado no coração, mas *não há nenhuma arma ali.*’

“Fiquei olhando para ele, incrédulo. Naquele momento, Symonds levantou-se depois de ter examinado o corpo e veio até nós. Estava pálido e tremia.

“‘Será que enlouquecemos? Que lugar é este... onde coisas desse tipo são passíveis de acontecer?’, ele disse.

“‘Então é verdade?’, perguntei.

“Ele confirmou.

“‘O ferimento é tal que só poderia ter sido feito por uma adaga longa e fina... No entanto, não há nenhuma adaga ali.’

“Todos nos entreolhamos.

“‘Mas temos de encontrar alguma coisa’, clamou Elliot Haydon. ‘Deve

ter caído. Deve estar no chão em algum lugar. Vamos procurar juntos.’

“Vasculhamos a área toda em vão. Violet Mannering disse de repente:

“‘Diana tinha algo na mão. Um tipo de adaga. Eu vi. Eu vi algo reluzir quando ela o ameaçou.’

“Elliot Haydon balançou a cabeça.

“‘Em momento algum ele chegou a menos de três metros de distância dela’, protestou.

“Lady Mannering estava curvada sobre a moça prostrada no chão.

“‘Não há nada na mão dela agora’, anunciou ‘e não estou vendo nada no chão. Tem certeza do que você viu, Violet? Eu não vi nada.’

“Dr. Symonds chegou perto da moça.

“‘Temos de levá-la até a casa. Rogers, pode me ajudar?’, disse.

“Entre várias pessoas levamos a moça inconsciente de volta até a casa. Então retornamos para buscar o corpo de Sir Richard.”

Dr. Pender interrompeu a narrativa desculpando-se e olhando ao seu redor.

– Já se tem mais informação hoje em dia – disse ele – graças à popularidade das histórias de detetive. Qualquer menino sabe que um corpo deve ser deixado onde for encontrado. Mas naquele tempo não tínhamos o mesmo conhecimento e, portanto, carregamos o corpo de Richard Haydon até seu quarto na casa quadrada de granito, e o mordomo foi enviado de bicicleta para buscar a polícia, por um trajeto de uns dezoito quilômetros.

“Foi então que Elliot Haydon me chamou de lado.

“‘Preste atenção’, disse. ‘Vou voltar até o arvoredo. Aquela arma tem de ser encontrada.’

“‘Se é que existe uma arma’, duvidei.

“Ele agarrou meu braço e me chacoalhou com força. ‘Você está com aquelas coisas supersticiosas enfiadas na cabeça. Acha que a morte dele é sobrenatural; bem, vou voltar ao arvoredo para descobrir.’

“Estava estranhamente avesso a que ele fizesse isso. Fiz o que pude para dissuadi-lo, sem resultado. A mera imagem daquele círculo largo de árvores era repugnante para mim, e senti uma forte premonição que um desastre ainda maior estava por vir. Mas Elliot estava completamente irredutível. Estava, acredito, ele próprio amedrontado, mas jamais admitiria. Portanto, partiu, totalmente armado de determinação para descobrir toda a verdade sobre o mistério.

“Foi uma noite terrível, nenhum de nós conseguiu, ou sequer tentou dormir. A polícia quando chegou demonstrou-se francamente incrédula frente à história toda. Expressaram um forte desejo de contraexaminar a srta. Ashley, mas tiveram de levar em conta a opinião do dr. Symonds, que se opunha com firmeza à ideia. A srta. Ashley tinha saído de seu desmaio ou transe, e ele tinha dado a ela um sonífero de longa duração. Ela não estava em condições de ser perturbada até o dia seguinte.

“Só depois das sete horas da manhã alguém se lembrou de Elliot Haydon, e Symonds subitamente perguntou onde ele estava. Expliquei o que ele fora fazer, e o rosto já grave de Symonds adquiriu ainda mais sobriedade. ‘Gostaria que ele não tivesse ido. Foi... foi imprudente’, disse.

“‘Acredita que pode ter acontecido algo de ruim com ele?’

“‘Espero que não. Mas acho, padre, que eu e o senhor deveríamos ir dar uma olhada.’

“Eu sabia que ele estava certo, mas precisei reunir toda a coragem que pude para me preparar para a tarefa. Partimos juntos e entramos mais uma vez naquele arvoredo infeliz. Chamamos por ele duas vezes e não obtivemos resposta. Depois de mais alguns minutos, chegamos à clareira, que parecia pálida e fantasmagórica nos primeiros raios da manhã. Symonds apertou meu braço e eu proferi uma exclamação murmurada. Na noite anterior, quando olhamos sob a luz da lua, havia o corpo de um homem deitado com o rosto para baixo na grama. Agora, sob os primeiros raios da luz da manhã, a mesma visão se apresentava ante nossos olhos. Elliot Haydon estava deitado no mesmo exato lugar onde o primo estivera.

“‘Meu Deus!’, disse Symonds. ‘*Pegou ele também!*’

“Corremos juntos sobre a grama. Elliot Haydon estava inconsciente, mas respirava, ainda que com dificuldade e, desta vez, não havia dúvidas sobre o que causara a tragédia. Uma longa arma de bronze se encontrava no lugar do ferimento.

“‘Atravessou o ombro, não o coração. Isso é que é sorte’, comentou o doutor. ‘Juro pela minha alma que não sei o que pensar. De qualquer modo, não está morto e vai poder nos dizer o que aconteceu.’

“Porém, foi exatamente isso que Elliot Haydon não pôde fazer. Sua descrição do ocorrido era vaga ao extremo. Havia procurado em vão pela adaga em todo o lugar e enfim havia desistido da busca e ficado parado em pé junto da casa do ídolo. Fora então que passara a ter uma certeza crescente de

que alguém o observava do círculo de árvores. Lutou contra a sensação, mas não conseguira evitá-la. Descreveu um vento frio e estranho que começara a soprar. Parecia vir não das árvores, mas do interior da casa do ídolo. Voltou-se e examinou ali dentro. Viu a pequena figura da Deusa e sentiu que estava sob uma ilusão de ótica. A figura parecia crescer, aumentando mais e mais de tamanho. Então, de repente, recebeu um golpe entre as têmporas que o desequilibrou e o jogou para trás, e enquanto caía sentiu uma dor aguda e intensa em seu ombro esquerdo.

"A adaga fora identificada na ocasião como sendo idêntica à que teria sido desenterrada com as outras relíquias do morro e que havia sido comprada por Richard Haydon. Onde ele a teria guardado, se na casa ou na casa do ídolo no arvoredo, ninguém sabia dizer.

"A polícia mantinha a opinião, e ainda mantém, de que ele foi apunhalado deliberadamente pela srta. Ashley, mas, em vista do somatório de testemunhas segundo as quais ela jamais teria estado a menos de três metros de distância dele, perderam-se as esperanças de conseguir provar uma acusação contra ela. Portanto tudo ainda continua sendo um grande mistério."

Fez-se um silêncio.

– Parece que não há nada a ser dito – disse Joyce Lemprière, evasiva. – É tudo tão trágico e peculiar. O senhor tem alguma explicação particular, dr. Pender?

O velho homem assentiu.

– Sim – ele disse. – Tenho uma explicação, uma espécie de explicação na verdade. É de fato um tanto interessante, mas na minha opinião ainda falha em justificar alguns fatores.

– Já participei de sessões mediúnicas – disse Joyce –, e digam o que quiserem a respeito disso, mas coisas muito estranhas podem acontecer. Suponho que a explicação possa estar em alguma teoria de hipnose. A garota realmente se transformou em uma sacerdotisa de Astarte e suponho que, de uma maneira ou outra, o apunhalou. Talvez tenha arremessado a adaga que a srta. Mannering disse ter visto na mão dela.

– Ou talvez tenha sido um dardo – sugeriu Raymond West. – Afinal, a luz do luar não é muito intensa. Ela pode ter tido uma espécie de lança na mão e o feriu à distância, e também suponho que possamos considerar que ocorreu algo como hipnotismo em massa. Quero dizer, todos vocês estavam sugestionados a verem alguém ser fulminado por meios sobrenaturais e então

foi dessa forma que enxergaram o que aconteceu.

– Já vi muitos truques extraordinários com armas e facas em casas de espetáculos – disse Sir Henry. – Suponho que seja possível que um homem possa ter se escondido no cinturão formado pelas árvores e que, de lá, possa ter arremessado a faca, ou adaga, com a precisão necessária, contanto, é claro, que ele fosse um profissional. Admito que isso pareça um pouco improvável, mas pode ser a única teoria que realmente faz sentido. Vocês lembram que o outro homem teve a nítida impressão de haver alguém no bosque observando-o por trás das árvores? Quanto à srta. Mannering afirmando que a srta. Ashley tinha uma adaga na mão e os outros dizendo que ela não tinha, isso não me surpreende. Se tivessem a minha experiência, saberiam que os relatos de cinco pessoas diferentes sobre um mesmo acontecimento podem ser tão distintos que chega a ser inacreditável.

O sr. Petherick tossiu.

– Porém, todas essas teorias parecem desconsiderar um fato essencial – indicou. – O que teria acontecido com a suposta arma? A srta. Ashley dificilmente poderia se livrar de um dardo estando parada no meio de uma clareira como ela estava; e, se um assassino escondido tivesse arremessado uma adaga, então a adaga ainda se encontraria no local do ferimento quando o corpo do homem fora virado para cima. Devemos, acredito, descartar todas as teorias improváveis e nos restringirmos apenas à sobriedade dos fatos.

"E o que nos indica a sobriedade dos fatos?

"Bem, uma coisa parece bastante clara. Ninguém estava próximo do homem quando ele foi atingido, portanto a única pessoa que *poderia* tê-lo apunhalado era ele mesmo. Um suicídio, de fato."

– Mas por que cargas d'água ele desejaria cometer suicídio? – perguntou um incrédulo Raymond West.

O advogado tossiu novamente.

– Ah, aqui voltamos mais uma vez à teoria – ele disse. – No momento não estou preocupado com teorias. Parece-me que, excluindo os fatores sobrenaturais, nos quais eu não acredito nem por um segundo, esta é a única maneira plausível de explicar a sequência dos acontecimentos. Ele apunhalou a si mesmo e, enquanto caía, seus braços abriram-se involuntariamente, arrancando a adaga do ferimento e atirando-a para dentro da mata fechada. Acho que esta é uma grande possibilidade, embora um pouco improvável.

– Quem sou eu para falar, eu sei – disse Miss Marple. – Tudo isso me

deixa de fato muito perplexa. Porém, coisas pitorescas acontecem. Na festa do jardim de Lady Sharpley, no ano passado, o homem que estava montando o jogo de minigolfe tropeçou em uma das marcações. Ele ficou totalmente inconsciente e demorou uns cinco minutos para voltar a si.

– Sim, querida tia – disse Raymond com suavidade –, mas ele não foi apunhalado, ou foi?

– Claro que não, meu querido – disse Miss Marple. – É isso que estou lhes dizendo. Claro que só existe uma maneira pela qual o pobre Sir Richard pode ter sido apunhalado, mas adoraria saber o que fez com que ele primeiramente tropeçasse. É claro que deve ter sido a raiz de uma árvore. Ele provavelmente estava olhando para a moça, é evidente, e com a luz da lua a gente tropeça nas coisas.

– A senhora diz que há apenas uma maneira pela qual Sir Richard pode ter sido apunhalado, Miss Marple – disse o sacerdote, olhando para ela com curiosidade.

– É muito triste e não gosto nem de pensar. Ele era um homem destro, não era? Quero dizer, para apunhalar a si próprio no ombro esquerdo ele teria de ser. Eu sempre tive muita pena do pobre Jack Baynes durante a guerra. Atirou no próprio pé, vocês lembram, depois da dura batalham em Arras. Ele me contou tudo quando fui visitá-lo no hospital e estava tão envergonhado. Eu não acredito que esse pobre homem, Elliot Haydon, tenha lucrado muito com esse crime hediondo.

– Elliot Haydon! – exclamou Raymond. – A senhora acha que ele é o culpado?

– Eu não vejo como qualquer outra pessoa pudesse ter feito isso – disse Miss Marple, arregalando os olhos um pouco surpresa. – Quero dizer, isso seguindo o que o sr. Petherick propõe tão sabiamente, examinando-se apenas os fatos e descartando-se toda aquela atmosfera de deusas pagãs, que eu não acho muito agradável. Ele foi inicialmente até o primo e o virou para cima e, é claro, para fazer isso, teria de estar de costas para todos e vestido como chefe do bando de ladrões; com certeza deveria ter algum tipo de arma amarrada na cintura. Eu me lembro de dançar uma vez com um homem vestido como chefe de bando quando eu era bem jovem. Ele tinha na ocasião uns cinco tipos de facas e adagas, e não há como descrever o quanto isso era desconfortável para a parceira de baile.

Todos os olhares se voltaram para o dr. Pender.

– Eu soube da verdade – disse – cinco anos depois de a tragédia ter ocorrido. A verdade chegou a mim através de uma carta escrita por Elliot Haydon. Ali, dizia imaginar que eu sempre havia suspeitado dele. Disse que fora uma tentação repentina. Também estava apaixonado por Diana Ashley, mas ele era apenas um advogado pobre e esforçado. Com Richard fora do caminho e ele herdando seu título e as propriedades, vira uma possibilidade maravilhosa se abrir diante de seus olhos. A adaga saltara de sua cintura quando ele se ajoelhara junto ao primo e, praticamente antes que pudesse raciocinar, enterrou a arma no peito do outro e recolocou-a no cinto novamente. Ferira a si mesmo mais tarde com o objetivo de não levantar suspeitas. Ele me escrevera às vésperas de começar uma expedição ao Polo Sul no caso de, segundo ele, jamais retornar. Não acho que tinha a intenção de voltar e sei bem que, como Miss Marple sugeriu, ele não lucrou nada com seu crime. “Há cinco anos”, ele escreveu, “minha vida é um inferno. Espero ao menos poder redimir meu crime morrendo de forma honrada.”

Houve uma pausa.

– E ele morreu de fato de forma honrada – disse Sir Henry. – Alterou os nomes em sua história, dr. Pender, mas acho que reconheço o homem do qual está falando.

– Como eu dizia – prosseguiu o velho sacerdote –, não acho que essa explicação dê conta de todos os fatos. Ainda penso que havia uma influência maligna naquele arvoredo, uma influência que incitou o gesto tenebroso de Elliot Haydon. Até hoje, não consigo pensar na casa do ídolo de Astarte sem sentir um calafrio.

CAPÍTULO 3

Os lingotes de ouro

– Não sei se a história que pretendo lhes contar é justa – disse Raymond West –, porque não posso lhes oferecer a solução dela. No entanto, os fatos foram tão interessantes e tão pitorescos que gostaria de lhes propor o caso como um enigma. Talvez em conjunto possamos chegar a alguma conclusão lógica.

"Esses acontecimentos datam de dois anos atrás, quando viajei ao sul para passar as festividades de Pentecostes com um homem chamado John Newman, na Cornuália."

– Cornuália? – disse Joyce Lemprière, incomodada.

– Sim. Por quê?

– Nada. É apenas estranho. Minha história também se passa em um lugar da Cornuália, uma vila de pescadores chamada Rathole. Não vá me dizer que é a mesma da sua história?

– Não. Meu povoado chama-se Polperran. Está situado na costa oeste da Cornuália; um lugar muito agreste e rochoso. Eu havia sido apresentado a esse homem algumas semanas antes e encontrei nele uma companhia deveras interessante. Um homem de grande inteligência, que trabalhava de forma independente e era dotado de uma imaginação romântica. Como resultado de seu último hobby, alugara a Pol House. Ele era uma sumidade sobre a era elisabetana, e descreveu para mim, em linguagem vívida e gráfica, a rota da armada espanhola. Ele fazia isso com tanta paixão que se poderia quase imaginar que havia sido uma testemunha ocular do episódio. Haveria alguma verdade na ideia de reencarnação? Eu me pergunto... realmente me pergunto.

– É tão romântico, Raymond querido – disse Miss Marple, olhando afavelmente para o sobrinho.

– Romantismo seria a última de minhas qualidades – disse Raymond

West, levemente incomodado. – Mas este camarada Newman era repleto de romantismo, como um curioso sobrevivente de eras passadas, e me interessara justo por essa razão. Parece que certo navio, pertencente à armada e que se sabia conter uma vasta quantidade de tesouros do domínio espanhol no Caribe, sofrera um naufrágio próximo à costa da Cornuália nas famosas e traiçoeiras Serpent Rocks. Durante alguns anos, assim Newman me relatou, foram feitas várias tentativas de resgatar a embarcação e recuperar o tesouro. Acredito que tais histórias não sejam incomuns, embora o número de navios de tesouro mitológicos exceda bastante o de casos genuínos. Uma empresa havia sido montada, porém falira, e Newman havia conseguido comprar os direitos da empreitada, ou como queiram chamar a coisa, por uma quantia irrisória. Ele se inflava entusiasticamente relatando tudo. De acordo com ele, era meramente uma questão de se ter acesso ao maquinário científico mais moderno e de última geração. O ouro estava lá, e ele não tinha nem uma sombra de dúvida de que poderia ser resgatado.

"Enquanto ouvia-o falar, me ocorreu que frequentemente as coisas acontecem assim mesmo. Um homem rico como Newman chega ao sucesso quase que sem esforço e, no entanto, muito provavelmente o valor real em dinheiro de sua descoberta não iria significar muito para ele. Devo dizer que seu ardor me contagiou. Eu enxergava galeões à deriva na costa, voando ante a tempestade, açoitados e despedaçados contra os rochedos negros. A palavra "galeão" em si já tem uma sonoridade romântica. A expressão "ouro espanhol" atiça tanto o garoto de escola quanto o homem já crescido. Além disso, estava escrevendo um romance naquela época e, como algumas das cenas se passavam no século XVI, vi a oportunidade de conseguir dar a elas um valioso sabor regional através de meu anfitrião.

"Deixei Paddington naquela manhã de sexta-feira muito animado e cheio de expectativas para minha viagem. A carruagem estava vazia, com a exceção de um único homem que estava sentado no canto oposto, de frente para mim. Era um homem alto com aparência de soldado, e não consegui afastar a impressão de que já o havia visto em algum lugar. Forcei meu cérebro por algum tempo em vão, mas finalmente consegui lembrar. Meu companheiro de viagem era o inspetor Badgworth, e já havia esbarrado com ele quando eu estava escrevendo uma série de artigos sobre o caso do desaparecimento de Everson.

"Ajudei a lembrá-lo da ocasião e, em seguida, passamos a conversar

bastante agradavelmente. Quando contei que estava indo a Polperran, observou que era uma estranha coincidência, pois ele próprio também se dirigia àquela localidade. Eu não gosto de parecer indiscreto, portanto fui cuidadoso em não perguntar o que o levava ao lugar. Pelo contrário, falei do meu próprio interesse no local e mencionei o galeão espanhol naufragado. Para minha surpresa o inspetor parecia saber tudo sobre o galeão: 'Trata-se do *Juan Fernandez*', disse ele. 'Seu amigo não é o primeiro a enterrar dinheiro tentando tirar dinheiro do navio. É um ideal romântico.'

"'É provável que a história toda não passe de mito', eu disse. 'Nenhum navio jamais naufragou ali.'

"'Ah, mas o navio afundou ali com certeza', disse o inspetor, 'na companhia de uns bons outros. Ficaria surpreso se soubesse quantos naufrágios aconteceram naquela parte da costa. A bem da verdade, é isso que me leva a descer para lá agora. Foi lá que o *Otranto* naufragou seis meses atrás.'

"'Recordo ter lido algo a respeito', eu disse. 'Nenhuma vida perdida, espero?'

"'Nenhuma vida perdida', disse o inspetor, 'mas algo de outra natureza se perdeu. Não é de conhecimento público, mas o *Otranto* levava um carregamento de barras.'

"'É mesmo?', perguntei, muito interessado.

"'Naturalmente contratamos mergulhadores para trabalhar em operações de resgate, mas... *o ouro desapareceu, sr. West.*'

"'Desapareceu?', eu perguntei, olhando fixamente para ele. 'Como pode ter desaparecido?'

"'Aí está a questão', disse o inspetor. 'Os rochedos rasgaram uma fenda escancarada na caixa-forte dele. Isso facilitou a entrada dos mergulhadores por ali, mas encontraram a caixa-forte vazia. A questão é: o ouro foi roubado antes ou depois do naufrágio? E será que esteve realmente na caixa-forte em algum momento?'

"'Parece um caso curioso', eu disse.

"'É um caso muito curioso quando se leva em conta o que um carregamento desses representa. Não é um colar de diamantes que poderia se enfiar num bolso. Quando se pensa no quanto é pesado e volumoso... Bem, a coisa toda parece absolutamente impossível. Deve ter havido algum abracadabra antes do navio deixar o porto; mas, se não foi o caso, então deve

ter sido removido nos últimos seis meses, e estou descendo para averiguar a questão.’

“Encontrei Newman me esperando na estação. Desculpou-se pela ausência do carro, que ficara em Truro precisando de alguns reparos. Como alternativa, fora me buscar com um caminhão de fazenda que pertencia à propriedade.

“Alcei meu peso para subir ao lado dele, e nos enredamos pela vila de pescadores, cuidadosamente entrando e saindo das vielas estreitas. Subimos uma ladeira íngreme, poderia dizer que o declive tinha um gradiente de um grau em cinco, percorremos uma distância curta ao longo de uma pista sinuosa e viramos para atravessar o portal de pilares de granito da Pol House.

“O lugar era charmoso; estava situado bem no alto dos penhascos, com uma bela vista para o mar. Parte da casa tinha cerca de trezentos a quatrocentos anos de idade, e uma ala moderna havia sido acrescentada. Na parte de trás, uns sete ou oito acres de terra para cultivo se estendiam da praia em direção ao interior.

“‘Bem-vindo à Pol House’, disse Newman. ‘E à insígnia do Galeão Dourado.’ Apontou para o local acima da porta de entrada, onde estava pendurada uma reprodução perfeita de um galeão espanhol com todas as velas armadas.

“Minha primeira noite foi muito encantadora e instrutiva. Meu anfitrião me mostrou os velhos manuscritos relativos ao *Juan Fernandez.* Desenrolou mapas, indicou posições sobre eles com linhas tracejadas e expôs projetos de aparatos de mergulho, os quais, eu poderia dizer, me deixaram completa e absolutamente maravilhado.

“Relatei meu encontro com o inspetor Badgworth, o que lhe deixou muito interessado.

“‘São um povo esquisito aqui por esta costa’, disse, refletindo. ‘Contrabandos e naufrágios estão no sangue deles. Quando um navio afunda na costa não conseguem evitar considerar aquilo como um saque legalizado, destinado aos próprios bolsos. Há um camarada aqui que eu gostaria que você conhecesse. É um sobrevivente interessante.’

“O dia seguinte amanheceu claro e brilhante. Fui levado até Polperran e lá apresentado ao mergulhador de Newman, um homem chamado Higgins. Era um indivíduo de rosto marcado, extremamente taciturno, e suas contribuições à nossa conversa eram basicamente monossilábicas. Depois de

uma discussão entre eles sobre tópicos altamente técnicos, nos dirigimos para o Three Anchors. Uma caneca de cerveja de certa forma ajudou a soltar a língua do conceituado sujeito.

"'O tal detetive de Londres chegou aí', ele resmungou. 'Estão dizendo que aquele navio que afundou lá novembro passado estava carregado com um lote mortal de ouro. Bem, não foi o primeiro a afundar e não será o último.'

"'Ouçam, ouçam', intrometeu-se o proprietário do Three Anchors. 'Está dizendo a mais pura verdade, Bill Higgins.'

"'Acho que sim, sr. Kelvin', disse Higgins.

"Olhei com curiosidade para o proprietário. Era um homem de aparência notável, moreno de pele e cabelos, com ombros curiosamente largos. Seus olhos estavam injetados de sangue e possuía um jeito estranhamente furtivo de evitar os olhos dos outros. Suspeitei ser esse o homem de quem Newman havia falado quando se referiu a um sobrevivente interessante.

"'Não queremos forasteiros interferindo nesta costa', disse ele de forma um tanto truculenta.

"'Está falando da polícia?' , perguntou Newman, sorridente.

"'Estou falando da polícia, *entre outros*', disse Kelvin, enfático. 'Não se esqueça disso, meu senhor.'

"'Sabe, Newman, isso me soou deveras como uma ameaça', eu disse, enquanto subíamos o morro de volta para casa.

"Meu amigo riu.

"'Bobagem; eu não faço mal nenhum ao povo deste lugar.'

"Sacudi a cabeça em sinal de dúvida. Havia algo sinistro e nada civilizado acerca de Kelvin. Pressenti que seus pensamentos talvez percorressem canais estranhos e irreconhecíveis para mim.

"Acredito que possa marcar aquele momento como o início de meu mal-estar. Havia dormido bem naquela primeira noite, mas, na seguinte, meu sono fora agitado e cheio de interrupções. O domingo finalmente amanheceu, tenebroso e taciturno, com o céu nublado e ameaças de trovão no ar. Sou sempre péssimo em ocultar meus sentimentos, e Newman percebeu a mudança em mim.

"'O que há com você, West? Está uma pilha de nervos nesta manhã.'

"'Não sei', confessei, 'mas estou com um pressentimento terrível de mau agouro.'

"'É o mau tempo.'

“‘Sim, talvez.’

“E não disse mais nada. À tarde, saímos com a lancha a motor de Newman, mas a chuva caiu com tamanho vigor que ficamos felizes em retornar à praia e trocar nossas roupas por outras secas.

“Naquela noite, meu desassossego aumentou. Do lado de fora o temporal uivava e rugia. Eram quase dez da noite quando a tempestade se acalmou. Newman foi olhar pela janela.

“‘Está limpando’, disse. ‘Não me admiraria se daqui a meia hora a noite se tornasse perfeitamente agradável. Se for esse o caso, sairei para dar um passeio.’

“Bocejei.

“‘Estou terrivelmente sonolento, não consegui dormir bem na noite passada. Acho que hoje vou para a cama mais cedo’, eu disse.

“E assim o fiz. Na noite anterior havia dormido pouco. Naquela, dormi bem pesado. E, no entanto, meu sono não foi reparador. Estava ainda oprimido com um terrível presságio de infortúnios. Tive sonhos terríveis. Sonhei com precipícios aterrorizantes e vastos abismos por entre os quais eu vagava, sabendo que um mero escorregão do meu pé significaria a morte. Acordei e encontrei os ponteiros do relógio indicando oito horas. Minha cabeça doía muito, e o terror dos sonhos noturnos permanecia comigo.

“Tão forte era essa sensação que, quando abri a janela, dei um pulo para trás com o sentimento de horror renovado, pois a primeira coisa que vi, ou pensei ter visto, foi um homem cavando uma sepultura a céu aberto.

“Levei um ou dois minutos para me recompor; então percebi que o coveiro era o jardineiro de Newman, e a ‘cova’ estava destinada a acomodar três roseiras que estavam deitadas sobre a relva, aguardando o momento em que seriam plantadas com segurança em terra firme.

“O jardineiro olhou para cima, me viu e tocou no chapéu fazendo uma saudação.

“‘Bom dia, senhor. Está fazendo uma manhã bonita, senhor.’

“‘Suponho que sim’, falei sem convicção, ainda incapaz de abandonar completamente a depressão dos meus humores.

“Entretanto, como havia dito o jardineiro, era certamente uma manhã bonita. O sol brilhava, e o céu era de um azul claro e límpido que prometia um tempo muito bom para todo o dia. Desci para tomar o café da manhã assoviando uma cantiga. Newman não tinha empregados morando na casa.

Duas irmãs de meia-idade que viviam numa casa de fazenda ali perto vinham diariamente para atender as necessidades básicas dele. Uma delas estava colocando o bule de café na mesa quando entrei na sala.

"'Bom dia, Elizabeth. O sr. Newman não desceu ainda?', perguntei.

"'Ele deve ter saído muito cedo, senhor. Não estava em casa quando nós chegamos', respondeu.

"Imediatamente meu mal-estar retornou. Nas duas manhãs anteriores, Newman havia descido mais tarde para tomar o café da manhã; e não julguei em nenhum momento que ele fosse do tipo madrugador. Movido por aqueles presságios, subi correndo até seu quarto. Estava vazio e, além disso, a cama não havia sido desfeita. Uma breve inspeção do quarto revelou outras duas coisas. Se Newman saíra para um passeio, deve tê-lo feito usando suas roupas formais para noite, pois haviam desaparecido.

"Tive certeza naquele momento de que minha premonição de infortúnio era justificada. Newman havia saído, conforme dissera que iria fazer, para um passeio noturno. Por algum motivo ele não havia retornado. Por quê? Teria sido vítima de um acidente? Caído sobre os penhascos? Deveríamos iniciar uma busca imediatamente.

"Em poucas horas havia recolhido um bando de ajudantes, e juntos percorremos todas as direções, ao longo dos penhascos e sobre as rochas logo abaixo. Mas não havia sinal de Newman.

"Ao final, desesperado, procurei o inspetor Badgworth. A expressão dele tornou-se muito grave.

"'Está me parecendo que pode ter acontecido um crime', disse. 'Há alguns indivíduos nada escrupulosos por estes lados. Você viu Kelvin, o proprietário do Three Anchors?'

"Eu disse que o tinha visto.

"'Sabia que ele passou um tempo na prisão quatro anos atrás? Por agressão e uso de força.'

"'Não me surpreende', eu disse.

"'A opinião geral neste lugar é de que seu amigo aprecia meter o nariz um pouco além da conta no que não lhe diz respeito. Espero que não tenha sofrido nada muito sério.'

"As buscas continuaram com intensidade redobrada. Apenas mais ao final daquela tarde nossos esforços foram recompensados. Descobrimos Newman numa vala profunda em um lugar afastado dentro de sua

propriedade. Os pés e as mãos haviam sido amarrados com corda, e um lenço havia sido introduzido na boca para evitar que gritasse.

"Estava terrivelmente assustado e com muita dor; mas depois de uma massagem nos pulsos e tornozelos e um longo gole de uísque ele estava pronto para relatar o que havia ocorrido.

"Com a melhora do tempo, saíra para dar uma volta em torno das onze da noite. A caminhada o levara a um ponto distante ao longo dos penhascos, até um lugar conhecido popularmente como Smuggler's Cove[1], dado o alto número de cavernas situadas na enseada. Ali observou alguns homens desembarcando algo de um pequeno bote, e desceu devagar para ver o que estava acontecendo. O que quer que fosse parecia ter muito peso e estava sendo transportado até uma das cavernas mais afastadas.

"Mesmo sem nenhuma suspeita concreta de que algo pudesse estar errado, Newman ficara se indagando. Havia chegado já bem perto deles sem ser percebido. De repente, ouviu um grito de alarme e imediatamente dois marujos poderosos partiram para cima dele, deixando-o inconsciente. Quando voltou a si, descobriu-se deitado em algum tipo de veículo motor que se movimentava aos solavancos e batendo lata, e imaginou que haviam tomado uma estrada que ia da costa para a cidade. Para sua imensa surpresa, o caminhão passou pelo portão de sua própria casa. Lá, depois de uma conversa sussurrada entre os homens, o arrastaram por um longo percurso e o arremessaram na vala a uma profundidade tal que demoraria um bom tempo para que fosse descoberto. Então o caminhão seguiu viagem e atravessou outro portão, pensou ele, a mais ou menos uns quatrocentos metros na direção da aldeia. Não conseguia descrever quem o atacara, a não ser pela certeza de que eram homens do mar e que, pelo jeito de falar, provinham da região da Cornuália.

"O inspetor Badgworth ficou muito interessado.

"'Se nos basearmos nisso, é lá que o negócio foi escondido!', exclamou. 'De uma maneira ou outra, o lote fora resgatado do naufrágio e escondido em alguma caverna abandonada. Sabem que já vasculhamos todas as cavernas de Smuggler's Cove e que estamos agora examinando áreas bem mais adiante, e evidentemente passaram a noite transportando o lote para uma caverna que já havia sido revistada por nós e provavelmente não seria visitada mais uma vez. Infelizmente já tiveram pelo menos dezoito horas para se livrar do

carregamento. Como pegaram o sr. Newman lá ontem à noite, duvido que encontremos qualquer vestígio do ouro agora.’

“O inspetor se apressou em sair para recomeçar as buscas. Encontrou provas conclusivas de que os lingotes haviam sido armazenados conforme presumiram, mas o ouro fora removido dali mais uma vez, e não havia nenhuma pista indicando seu novo paradeiro.

“Não obstante, havia uma pista, e o próprio inspetor me chamou a atenção para ela na manhã seguinte.

“‘Aquela estrada é muito pouco utilizada por veículos motorizados’, ele disse, ‘e em alguns pontos podemos obter marcas bem definidas dos pneus. Há um remendo de três pontas em um deles deixando um sinal que é praticamente inconfundível. Uma aparece na entrada do portão, e ali há uma marca mais fraca da roda saindo pelo outro portão, então não há muita dúvida de que se trata exatamente do veículo que estamos procurando. Porém, por que o levaram até o portão mais distante? Fica claro para mim que o caminhão vinha da aldeia. Não há muita gente que tenha caminhão nesta vila, não mais do que umas duas ou três pessoas. Kelvin, o senhorio do Three Anchors, tem um.’

“‘Qual era a profissão original de Kelvin?’, perguntou Newman.

“‘Interessante que me pergunte isso, sr. Newman. Em seus dias de juventude, Kelvin era mergulhador profissional.’

“Newman e eu nos entreolhamos. O quebra-cabeças parecia estar se montando sozinho, peça por peça.

“‘Não reconheceu Kelvin como um dos homens na praia?’, perguntou o inspetor.

“Newman sacudiu a cabeça negativamente.

“‘Receio não poder afirmar nada a respeito disso’, ele respondeu com pesar. ‘Realmente, mal tive tempo de identificar qualquer coisa.’

“O inspetor gentilmente me convidou a acompanhá-lo até o Three Anchors. A garagem ficava numa rua lateral. Os portões estavam fechados, mas, se subíssemos por um pequeno corredor ao lado, chegávamos a uma porta pequena que dava entrada ao lugar, e a porta estava aberta. Um rápido exame dos pneus foi suficiente para o inspetor: ‘Conseguimos agarrá-lo, por Júpiter!’, exclamou. ‘Aqui está a marca, imensa que só ela, na roda traseira da esquerda. Agora, sr. Kelvin, acho que não é esperto o suficiente para conseguir escapar desta’.”

Raymond West hesitou.

– E então? – disse Joyce. – Até aqui eu não vejo nada que possa configurar-se como um enigma, a não ser que nunca tenham encontrado o ouro.

– Com certeza nunca encontraram o ouro – disse Raymond. – E também nunca apanharam Kelvin. Suponho que seja esperto demais para eles, mas não consigo de fato conceber como ele fez isso. Foi devidamente preso, baseado nas provas da marca do pneu. Porém, apareceu uma complicação extraordinária. Ali, do lado oposto dos portões da garagem, ficava um chalé que fora alugado a uma senhora artista para o verão.

– Ah, essas senhoras artistas! – disse Joyce, rindo.

– Como você disse: "Ah, essas senhoras artistas!". Esta, em particular, andara doente por algumas semanas e, consequentemente, tinha duas enfermeiras para cuidar dela. A enfermeira do turno da noite havia puxado uma poltrona junto à janela, onde a persiana estava levantada. Ela declarou que o caminhão não poderia ter deixado a garagem do outro lado da rua sem que tivesse visto, e jurou que na realidade o caminhão jamais saíra da garagem naquela noite.

– Não vejo isso como um problema – disse Joyce. – A enfermeira pegou no sono, é claro. Elas sempre dormem.

– Isto é... ahn... uma ocorrência bastante comum – disse criteriosamente o sr. Petherick –, mas me parece que estamos aceitando os fatos sem examiná-los em profundidade. Antes de acatarmos o testemunho da enfermeira do hospital, deveríamos averiguar bem de perto a sua idoneidade. Um álibi oferecido com tamanha presteza tende a suscitar dúvidas nas pessoas.

– Há também o testemunho da senhora artista – disse Raymond. – Ela declarou ter sofrido muita dor e ter passado a maior parte da noite acordada, e que certamente teria ouvido o caminhão por ser um ruído inusitado e a noite estar muito silenciosa após a tempestade.

– Hmm – disse o sacerdote –, este é com certeza um fato a ser considerado. E o próprio Kelvin tinha algum álibi?

– Declarou que estava em casa e na cama a partir das dez da noite, mas não conseguiu testemunhas que pudessem comprovar sua declaração.

– A enfermeira pegou no sono – disse Joyce –, e também a paciente. Quem está doente sempre acha que não pregou o olho a noite inteira.

Raymond West olhou de forma inquisitiva para o dr. Pender.

– Vocês sabem de uma coisa? Tenho pena daquele Kelvin. Soa muito como se estivessem dando um nome sujo ao cachorro, condenando o homem pelo seu passado. Kelvin já havia cumprido pena na prisão. Além da marca do pneu, que certamente parece muito singular para ser uma coincidência, não parece haver muito contra ele exceto seu histórico infeliz.

– O senhor, Sir Henry?

Sir Henry balançou a cabeça.

– Acontece que – disse ele, sorrindo – eu tenho informações sobre este caso. Portanto, sem dúvida, devo me abster de comentar.

– Bem, vá em frente, tia Jane; a senhora não tem nada a dizer?

– Num minuto, querido – disse Miss Marple. – Temo que tenha calculado errado. Dois avessos, três direitos, pula um, dois avessos... Sim, está tudo correto. O que disse, querido?

– Qual é a sua opinião?

– Não iria gostar da minha opinião, querido. Os jovens nunca gostam, já notei. É melhor não dizer nada.

– Que bobagem, tia Jane; diga de uma vez.

– Bem, caro Raymond – disse Miss Marple, deixando de lado o tricô e olhando diretamente para o sobrinho. – Eu penso que deveria ser mais cuidadoso na escolha de seus amigos. É muito crédulo, querido, e tão facilmente enganado. Imagino que se deva ao fato de ser escritor e ter muita imaginação. Toda aquela conversa sobre um galeão espanhol! Se fosse mais velho e tivesse mais experiência de vida teria ficado atento desde o princípio. E, também, um homem que conheceu há apenas algumas semanas!

Sir Henry de repente explodiu em uma imensa gargalhada e deu um tapa no joelho.

– Te peguei desta vez, Raymond – disse. – Miss Marple, a senhora é maravilhosa. Seu amigo Newman, meu garoto, tem outro nome; vários outros nomes, de fato. No presente momento ele não se encontra na Cornuália, mas em Devonshire, Dartmoor, para ser mais exato. Foi sentenciado à prisão em Princetown. Não o pegamos por conta da função com os lingotes roubados, mas pelo assalto à caixa-forte de um banco em Londres. Depois, fomos buscar a ficha completa dele e encontramos uma boa parte do ouro roubado enterrado no jardim da Pol House. Foi uma ideia muito engenhosa. Por toda a extensão daquela costa da Cornuália há histórias de galeões afundados

recheados de ouro. Isso explicava o mergulhador e mais tarde explicaria o ouro. Mas era necessário um bode expiatório, e Kelvin era perfeito para esse propósito. Newman fez muito bem seu teatrinho, e nosso amigo Raymond, com sua notoriedade de escritor, assumiu o papel da testemunha impecável.

– Mas e a marca do pneu? – contestou Joyce.

– Ah, isso eu vi logo, minha querida, embora não entenda nada de motores – disse Miss Marple. – As pessoas trocam rodas, sabe? Já o vi fazerem muitas vezes e, claro, poderiam tirar uma roda do caminhão de Kelvin, passar com ela pela porta pequena até o corredor e colocá-la no caminhão do sr. Newman, fazendo o caminhão passar por um portão, descer até a praia, enchê-lo de ouro, subir com ele pelo outro portão e, então, devem ter levado a roda de volta e devolvido ao caminhão do sr. Kelvin enquanto, eu imagino, alguma outra pessoa amarrava o sr. Newman numa vala. Muito desconfortável para ele, e provavelmente levou mais tempo do que ele esperava para ser encontrado. Suponho que o homem que se dizia jardineiro cuidara daquela parte do negócio.

– Por que diz “que se dizia jardineiro”, tia Jane? – perguntou Raymond, muito curioso.

– Bem, ele não poderia ser um jardineiro de verdade, poderia? – disse Miss Marple. – Jardineiros não trabalham na segunda-feira de Pentecostes. Todo mundo sabe disso.

Ela sorriu e dobrou o tricô.

– Foi realmente esse pequeno detalhe que atiçou meu faro na direção certa – disse. Ela olhou para Raymond. – Quando cuidar de sua própria casa, querido, e tiver seu próprio jardim, também vai tomar conhecimento desses detalhes.

CAPÍTULO 4

A calçada manchada de sangue

– É curioso – disse Joyce Lemprière –, mas nem sei se gostaria de contar a minha história. Aconteceu há muito tempo, cinco anos atrás, para ser mais exata, mas tem me atormentado desde então. A oposição entre a aparente alegria e leveza do caso e o aspecto macabro escondido logo abaixo da superfície. O mais estranho é que o esboço que pintei na época ficou impregnado da mesma atmosfera. Ao primeiro olhar, você vê apenas as linhas de uma pequena ruazinha íngreme da Cornuália, com a luz do sol recaindo sobre ela. Mas, se ficar olhando por mais tempo, algo sinistro começa a aparecer. Nunca vendi a pintura, mas também nunca olho para ela. Está no meu atelier, num canto, com a face voltada para a parede.

"O nome do lugar era Rathole. É um vilarejo estranho de pescadores da Cornuália, muito pitoresco, quiçá pitoresco até demais. Há um excesso daquela atmosfera estilo 'salão de chá antigo do interior' em todo o povoado. Há lojas com moças de cabelos bem cortados na altura da nuca, vestindo aventais e escrevendo dizeres em *découpage* de ouro envelhecido sobre pergaminhos. É bonito e é excêntrico, mas é tudo feito de uma forma muito afetada."

– Conheço muito bem o estilo – disse Raymond West, rosnando. – Vem acompanhado da maldição dos ônibus de turistas, eu suponho. Não faz diferença se as estradas de acesso são estreitas demais, nenhuma cidadezinha remota e pitoresca está a salvo deles.

Joyce aquiesceu.

– As estradas que levam até Rathole são bem estreitas e muito íngremes, como a parede de uma casa. Bem, continuando a história: eu havia ido à Cornuália para passar uns quinze dias desenhando. Há uma antiga hospedaria em Rathole, chamada The Polharwith Arms. Supostamente foi a única

construção que os espanhóis haviam deixado de pé quando bombardearam o lugar em mil quinhentos e alguma coisa.

– Não bombardearam – disse Raymond West, franzindo o cenho. – Por favor, procure manter alguma precisão histórica, Joyce.

– Bem, para todos os efeitos, eles desembarcaram armas em algum lugar da costa, atiraram com elas e as casas foram derrubadas. Em todo o caso, isso não importa. A hospedaria era um lugar antigo e maravilhoso, com uma espécie de varanda na frente, construída sobre quatro pilares. Achei o lugar perfeito e estava começando a me instalar para trabalhar quando um carro surgiu, descendo e contornando o morro. É claro que iria parar *justamente* em frente à hospedaria, no ponto exato onde me atrapalharia mais. As pessoas desceram, um homem e uma mulher, e não prestei muita atenção neles. Ela estava usando um vestido de linho e um chapéu, ambos cor de malva.

"Passado pouco tempo, o homem saiu novamente e, para minha imensa felicidade, levou o carro até o cais e o deixou estacionado lá. Na volta, passou por mim a caminho da hospedaria. No mesmo instante, outro carro imenso veio descendo, contornando o morro, e uma mulher desembarcou, com o vestido de chita mais berrante que já vi na vida, estampado com poinsétias escarlates, ao menos eu acho que eram poinsétias, e ela usava um daqueles chapéus tropicais enormes de palha – acho que são cubanos, não são? – também num vermelho muito brilhante.

"Essa mulher não havia parado em frente à minha hospedaria, mas seguira com o carro um pouco mais adiante na rua, em direção a outra estalagem. Ali desceu, e o homem ficou admirado assim que a viu. 'Carol', gritou ele, 'por tudo que há de mais maravilhoso! Incrível encontrar você neste lugar tão remoto. Há anos que não a vejo! Lá está Margery, minha esposa, sabe? Precisa conhecê-la.'

"Subiram a rua lado a lado em direção à estalagem, e vi que a outra mulher acabara de passar pela porta e estava vindo na direção deles. Consegui ver a mulher chamada Carol apenas de relance quando ela passou por mim. Mas foi o suficiente para perceber o queixo muito esbranquiçado de pó e a boca pintada num vermelho escarlate, e pensei, fiquei apenas me perguntando, se Margery ficaria de fato tão feliz em conhecê-la. Não havia visto Margery de perto, mas à distância ela parecia singela, extraordinariamente cerimoniosa e comportada.

"Bem, é claro que não era da minha conta, mas às vezes temos uns

pequenos vislumbres tão peculiares da vida que é impossível não especular a respeito deles. De onde estavam parados, eu podia captar apenas os fragmentos da conversa que chegavam até mim. Falavam em tomar banho de mar. O marido, cujo nome me pareceu ser Denis, queria tomar um barco e remar ao redor da costa. Insistia que havia uma gruta famosa a uns dois quilômetros por mar, que valia muito a pena conhecer. Carol também queria ver a gruta, mas sugeriu irem caminhando junto aos rochedos e chegarem na caverna pelo caminho por terra. Ela disse que detestava barcos. No fim, acertaram o passeio do seguinte modo: Carol seguiria pelo caminho dos rochedos e os encontraria na gruta, enquanto Denis e Margery chegariam até ali no barco a remo.

"Ouvindo toda essa conversa sobre banho de mar, me deu vontade de fazer o mesmo. Era uma manhã muito quente, e eu de fato não estava evoluindo muito no meu trabalho. Também supus que a luz do entardecer poderia causar um efeito artístico bem mais interessante. Então, recolhi minhas coisas e fui até uma pequena praia que conhecia; ficava na direção oposta da tal gruta e era um lugar que havia descoberto sozinha. Tomei um banho de mar esplêndido, almocei língua enlatada com dois tomates e retornei à tarde, cheia de confiança e entusiasmo para prosseguir com meu esboço.

"Rathole inteira parecia estar adormecida. Estava certa sobre a luz da tarde, as sombras eram muito mais reveladoras. The Polharwith Arms era o ponto focal do meu desenho. Um raio de sol apareceu, incidindo numa inclinação oblíqua que iluminava o chão em frente à hospedaria, causando um efeito muito curioso. Concluí que o grupo que fora tomar banho de mar retornara com segurança, pois dois vestidos de banho, um escarlate e um azul-escuro, estavam pendurados na sacada, secando ao sol.

"Alguma coisa parecia estar errada com um canto do meu desenho e me inclinei sobre ele por alguns instantes tentando consertar. Quando olhei para cima novamente, havia uma figura escorada em um dos pilares do Polharwith Arms que parecia ter surgido ali como num passe de mágica. Estava usando roupas de marinheiro e, suponho, era um pescador. Também tinha uma barba longa e escura, e, se eu estivesse à procura de um modelo para desenhar um malvado capitão espanhol, jamais poderia imaginar alguém mais adequado. Voltei a trabalhar com uma urgência febril antes que ele decidisse sair dali; no entanto, dada sua atitude, ele parecia perfeitamente preparado para escorar

os pilares do hotel por toda a eternidade.

“Por fim, ele saiu, mas não antes de eu conseguir o que queria. Veio até mim e começou a falar. Ah, e como falava aquele homem.

“‘Rathole’, disse ele, ‘é um lugar muito interessante.’

“Eu já sabia disso e, embora tenha concordado, ele não me poupou. Tive de ouvir o relato inteiro sobre o bombardeio, melhor dizendo, a destruição do vilarejo, e como o senhorio do Polharwith Arms fora o último homem a ser morto. O corpo dele fora atravessado pela espada de um capitão espanhol em seu próprio alpendre, o sangue esguichara sobre a calçada e ninguém, nos cem anos que se seguiram, conseguira remover a mancha.

“Tudo aquilo se encaixava muito bem com a sensação sonolenta e langorosa daquela tarde. O homem tinha uma voz macia, mas logo abaixo dessa superfície adocicada passava a sensação de algo muito aterrorizante. Era bastante obsequioso nos seus modos; mesmo assim, eu sentia que no fundo ele era cruel. Consegui então entender a inquisição e os horrores de tantas coisas que os espanhóis fizeram de uma forma que eu jamais havia compreendido antes.

“Durante todo o tempo em que ele falava comigo, continuei pintando e, de repente, percebi que, no entusiasmo de ouvir a história dele, eu havia pintado ali algo que não existia. No quadrado branco do calçamento onde o sol batia em frente à porta do The Polharwith Arms, pintei manchas de sangue. Achei extraordinário que a mente pudesse enganar a mão desse jeito, mas quando olhei novamente na direção da hospedaria recebi um segundo choque. A minha mão havia pintado apenas o que meus olhos haviam visto: gotas tintas de sangue sobre o calçamento branco.

“Fiquei olhando espantada por alguns minutos. Então fechei os olhos e disse a mim mesma: ‘Não seja tão idiota, não há nada ali, de verdade’. Abri os olhos novamente, mas as manchas de sangue continuavam ali.

“Súbito senti que não podia mais suportar aquilo. Interrompi o fluxo da narrativa do pescador.

“‘Diga-me’, falei, ‘minha visão não é muito boa. Aquelas manchas ali na calçada, são de sangue?’

“‘Não há nenhuma mancha de sangue hoje em dia, senhora. A história que estou lhe contando tem quase quinhentos anos.’

“‘Sim’, eu disse, ‘mas agora, ali no calçamento’, e as palavras morreram na minha garganta. Eu *sabia, sabia* que ele não iria enxergar o que eu estava

vendo. Levantei e, com as mãos tremendo, comecei a guardar minhas coisas. Enquanto fazia isso, o jovem que havia chegado de carro naquela manhã saiu pela porta da hospedaria. Olhou perplexo para os dois lados da rua. Sua esposa apareceu na sacada do andar de cima e recolheu as roupas de banho. Ele caminhou em direção ao carro, mas de repente deu uma guinada, atravessando a rua na direção do pescador.

"'Fale, meu bom homem', disse ele. 'Não saberia dizer se a senhora que chegou naquele segundo carro ali já retornou?'

"'A senhora com o vestido coberto de flores? Não, senhor, não a vi. Ela foi andar junto às falésias para os lados da gruta hoje de manhã.'

"'Sei, sei. Nós tomamos banho de mar lá juntos e depois ela nos deixou para fazer o caminho de volta e não a vejo desde então. Não pode estar levando tanto tempo assim. Os penhascos desta região não são perigosos, são?'

"'Depende, senhor, do caminho que se faz. O melhor a fazer é ir acompanhado de um homem que conheça o lugar.'

"Estava, é claro, referindo-se a si mesmo e começara a desenvolver o assunto, mas o jovem o interrompeu sem cerimônia e voltou correndo à hospedaria, chamando pela esposa na sacada.

"'Estou dizendo, Margery, que a Carol não voltou ainda. Estranho, não é mesmo?'

"Não ouvi a resposta de Margery, mas o marido continuou: 'Bem, não podemos continuar esperando. Temos que seguir viagem até Penrithar. Está pronta para ir? Vou ligar o carro.'

"Assim o fez e, em seguida, os dois partiram juntos no carro. Enquanto isso, eu havia deliberadamente me enchido de coragem para provar o quanto os meus caprichos eram ridículos. Quando o carro saiu, fui até o hotel e examinei a calçada de perto. Claro que não havia manchas de sangue ali. Não, o tempo todo elas tinham sido apenas o resultado da minha imaginação distorcida. No entanto, por algum motivo, isso parecia tornar a coisa ainda mais assustadora. Enquanto estava parada ali, ouvi a voz do pescador.

"Ele me indagou com curiosidade: 'Pensou ter visto manchas de sangue aqui, senhora?'.

"Assenti.

"'Isso é muito interessante, isso é muito interessante. Temos uma superstição aqui, senhora. Se alguém vê aquelas manchas sangrentas...'

“Ele fez uma pausa.

“‘Então?’, eu perguntei.

“Ele prosseguiu com a voz macia, falava com a entonação da Cornuália, mas com a pronúncia inconscientemente suave e bem-educada, livre dos desvios de discurso típicos da região.

“‘Dizem, senhora, que, se alguém vê aquelas manchas, vai acontecer uma morte nas próximas 24 horas.’

“Que estranho! Aquilo me causou uma sensação desagradável que desceu por toda a minha espinha.

“Ele continuou em tom persuasivo: ‘Há uma placa muito interessante na igreja, senhora, sobre uma morte...’.

“‘Não, obrigada’, falei decidida, girei firme nos calcanhares e subi a rua para o albergue onde estava hospedada. Assim que cheguei, vi ao longe a mulher chamada Carol vindo pelo caminho das falésias. Ela andava apressada. Parecia uma flor venenosa escarlate, contrastando com o cinza dos rochedos. Seu chapéu tinha cor de sangue...

“Chacoalhei a mim mesma. De fato eu estava com sangue na cabeça.

“Mais tarde, ouvi o barulho do carro dela. Fiquei imaginando se ela também estaria indo a Penrithar; mas tomou a estrada da esquerda, na direção oposta. Assisti o carro rastejar morro acima até desaparecer e, de certa forma, respirei aliviada. Rathole aparentemente retornara mais uma vez ao seu aspecto calmo e sonolento.”

– Se isso é tudo – disse Raymond West, quando Joyce fez sua pausa –, darei de imediato meu veredicto. Indigestão, visão borrada depois das refeições.

– Não é tudo – disse Joyce. – Tem de ouvir a continuação. Dois dias depois, li no jornal a seguinte manchete: “Fatalidade durante banho de mar”. Contava como a sra. Dacre, esposa do capitão Denis Dacre, infelizmente morrera afogada em Landeer Cove, apenas um pouco mais adiante. Ela e o marido estavam hospedados no hotel local na ocasião e haviam declarado seu desejo de se banharem, quando um vento frio começou a soprar. O capitão Dacre declarara que ficara frio demais para um banho de mar, então ele e outros hóspedes do hotel saíram para um campo de golfe ali perto na costa. A sra. Dacre, no entanto, dissera que não estava frio demais para ela e desceu sozinha até a enseada. Como não retornara, o marido ficara alarmado e, na companhia de amigos, descera até a praia. Encontraram suas roupas deixadas

ao lado de uma pedra, mas nenhum rastro da infeliz senhora. O corpo foi encontrado apenas quase uma semana mais tarde, quando o mar o levou até a praia em um ponto mais distante descendo a costa. Havia sofrido uma forte pancada na cabeça, que teria ocorrido antes do afogamento, e a teoria era de que ela teria mergulhado no mar e batido a cabeça numa pedra. De acordo com o que consegui apreender, a morte dela teria ocorrido apenas 24 horas depois de eu ter visto as manchas de sangue.

– Protesto – disse Sir Henry. – Este não é um enigma, é uma história de fantasmas. A srta. Lemprière é, evidentemente, uma médium.

O sr. Petherick deu a tossidinha habitual.

– Um ponto me chama a atenção – ele disse –, aquela pancada na cabeça. Acredito que não devemos excluir a possibilidade de ter ocorrido um crime. Mas vejo que não temos nenhuma informação em que nos basear. A alucinação ou visão da srta. Lemprière é de fato interessante, mas não vejo claramente o ponto sobre o qual ela gostaria que nos pronunciássemos.

– Indigestão e coincidência – disse Raymond –, e de qualquer modo não se pode ter certeza de que se tratava das mesmas pessoas. Além disso, a maldição, ou o que quer que seja, se aplicaria apenas aos verdadeiros habitantes de Rathole.

– Sinto – disse Sir Henry – que o marinheiro sinistro tem algo a ver com essa história. Mas concordo com o sr. Petherick: a srta. Lemprière nos passou pouquíssimas informações.

Joyce voltou-se para o dr. Pender, que balançava a cabeça, sorridente.

– É uma história demasiado interessante – ele disse –, mas receio concordar com Sir Henry e sr. Petherick de que há poucas informações para nos basearmos.

Joyce então olhou com curiosidade para Miss Marple, que sorriu de volta para ela.

– Eu também acho que você está sendo um pouco injusta, Joyce querida – disse. – Claro que é diferente para mim. Quero dizer, nós, mulheres, apreciamos esses detalhes sobre roupas. Não acho muito justo apresentar este problema para um homem. Deve ter envolvido uma série de trocas rápidas. Que mulher maldosa! E um homem mais maldoso ainda!

Joyce olhava fixamente para ela.

– Tia Jane – ela disse –, digo, Miss Marple, acredito, de fato acredito que a senhora sabe a resposta.

– Bem, querida – disse Miss Marple –, é bem mais fácil para mim, sentada aqui calmamente, do que foi para você, que, sendo artista, é ainda mais suscetível à atmosfera, não é? Aqui sentada com meu tricô, só me atenho aos fatos. As gotas tintas de sangue caíram na calçada vindas do traje de banho pendurado logo acima; como o vestido era em um tom de vermelho, é claro, os próprios criminosos não se deram conta de que estava manchado de sangue. Pobrezinha, pobre jovenzinha!

– Desculpe-me, Miss Marple – disse Sir Henry –, mas entenda que continuo completamente às escuras. A senhora e a srta. Lemprière parecem saber do que estão falando, mas nós homens estamos ainda na mais completa escuridão.

– Vou contar-lhes o final da história agora – disse Joyce. – Foi no ano seguinte. Fui a um pequeno resort à beira-mar na costa leste e estava desenhando quando, subitamente, tive aquela estranha sensação de algo que já aconteceu antes. Havia duas pessoas, um homem e uma mulher, na calçada à minha frente, e estavam cumprimentando uma terceira pessoa, uma mulher usando um vestido com poinsétias escarlates. “Carol, por tudo que há de mais maravilhoso! Que agradável encontrar você depois de todos esses anos. Não conhece minha esposa? Joan, essa é uma velha amiga minha, srta. Harding.”

“Reconheci o homem de imediato. Era o mesmo Denis que eu havia visto em Rathole. A esposa era diferente, digo, era uma Joan em vez de uma Margery; mas era do mesmo tipo, jovem, um pouco sem graça e apagada. Por um minuto achei que estava enlouquecendo. Começaram a falar em tomar um banho de mar. Vou dizer-lhes o que fiz. Marchei sem perda de tempo até a delegacia. Pensei que eles provavelmente achariam que eu estava doida, mas não me importei. E aconteceu que estava tudo certo. Havia um homem da Scotland Yard que estava lá por este exato motivo. Parece que – como é horrível falar disso – a polícia suspeitava de Denis Dacre. Esse não era seu nome verdadeiro, ele usava nomes diferentes em várias ocasiões. Se apresentava a garotas, geralmente garotas quietas e apagadas, sem muitos parentes ou amigos, casava-se e fazia seguros de vida em quantias bem altas no nome delas e então... ai, era horrível! A mulher chamada Carol era sua esposa de verdade, e eles sempre seguiam o mesmo plano. Foi realmente por isso que eles conseguiram apanhá-lo. As companhias de seguro começaram a desconfiar. Ele levava sua nova esposa a um lugarejo calmo na costa, a outra mulher aparecia, e eles todos iam tomar banho de mar juntos. A esposa era

assassinada, e Carol vestia as roupas da outra e voltava de barco com ele. Então eles partiam do lugar, qualquer que fosse, depois de perguntar por ali sobre a suposta Carol e, quando saíam do vilarejo, Carol rapidamente trocava de roupa e punha de volta as peças extravagantes com a maquiagem forte, retornava ao lugar e ia embora em seu próprio carro. Os dois então verificavam para que lado a corrente estava indo, e a suposta morte da esposa se daria no próximo local de banho descendo a costa naquela direção. Carol fazia o papel de esposa e ia sozinha até alguma praia deserta, deixava as roupas da mulher junto a uma pedra e partia em seu vestido florido de chita para aguardar pacientemente até seu marido se juntar a ela de novo.

"Suponho que, quando mataram a pobre Margery, um pouco do sangue deve ter respingado sobre o traje de banho de Carol e, por ser vermelho, eles não perceberam, como Miss Marple comentou. Porém, quando o penduraram na sacada, o sangue pingou. Ui!" Teve um calafrio. "Tenho a imagem gravada na memória até hoje."

– Claro – disse Sir Henry –, recordo muito bem agora. Davis era o nome verdadeiro do homem. Tinha me falhado a memória de que um de seus muitos pseudônimos havia sido Dacre. Eles eram um casal extraordinariamente ardiloso. Sempre me pareceu incrível que ninguém jamais notara a troca de identidade. Suponho, como disse Miss Marple, que roupas são mais fáceis de identificar do que rostos; mas era um esquema muito astuto, pois, embora suspeitássemos de Davis, não era fácil ligar o crime a ele, já que ele sempre parecia ter um álibi irrepreensível.

– Tia Jane – disse Raymond, olhando-a com curiosidade –, como a senhora consegue? Teve uma vida tão pacífica e mesmo assim nada parece surpreendê-la.

– Sempre encontro similaridades entre uma coisa e outra neste mundo – disse Miss Marple. – Teve o caso da sra. Green, sabe, ela enterrou cinco filhos, cada um deles coberto por seguro. Bem, naturalmente, a gente começa a ficar desconfiada.

Ela balançou a cabeça.

– Há bastante crueldade na vida de quem mora nos povoados. Espero que vocês, queridos jovens, nunca venham a entender o quanto o mundo é perverso.

CAPÍTULO 5

Motivo x oportunidade

O sr. Petherick limpou a garganta de forma mais imponente do que de costume.

– Temo que meu pequeno problema pareça deveras inofensivo a todos – disse desculpando-se –, depois de todas as histórias fantásticas que escutei. Não há nenhum derramamento de sangue, mas me parece um enigma intrigante e bastante engenhoso e, felizmente, estou em uma posição favorável para compartilhá-lo, já que conheço a solução correta para o caso.

– Não é terrivelmente jurídico, é? – perguntou Joyce Lemprière. – Digo, com pontos de legislação, toneladas de citações de Barnaby contra Skinner no ano de 1881 e outras coisas do gênero.

O sr. Petherick sorriu apreciativo por cima dos óculos.

– Não, não, cara jovem. Não precisa temer nada desse tipo. A história que estou prestes a contar é perfeitamente simples e direta e pode ser acompanhada por qualquer pessoa leiga.

– Nada de trocadilhos jurídicos – disse Miss Marple, sacudindo uma agulha de tricô na direção dele.

– Certamente que não – disse o sr. Petherick.

"Ah, bem, na verdade não tenho tanta certeza assim, mas vamos à história.

"Diz respeito a um antigo cliente meu; vou chamá-lo de sr. Clode, Simon Clode. Era um homem de uma riqueza considerável e morava num casarão não muito longe daqui. Ele tinha um filho que morrera na guerra e deixara uma criança, uma menininha. A mãe dela havia morrido durante o parto e, após a morte do pai, a criança fora morar com o avô, que de imediato ficara fortemente apegado a ela. A pequena Chris fazia o que queria do avô. Eu nunca vira um homem tão envolvido com uma criança e não tenho como

descrever a vocês o sofrimento dele quando, aos onze anos de idade, a menina contraiu pneumonia e morreu.

"O pobre Simon Clode estava inconsolável. Um irmão dele havia morrido recentemente em circunstâncias precárias, e Simon Clode, generoso, havia oferecido um lar para os filhos do irmão; duas meninas, Grace e Mary, e um menino, George. E embora fosse gentil e generoso para com o sobrinho e as sobrinhas, o velho homem nunca despendera a eles o amor e devoção que havia conferido à neta. Encontraram um emprego para George Clode em um banco ali perto e Grace casou-se com um jovem e inteligente pesquisador químico de nome Philip Garrod. Mary, que era uma moça quieta, recatada, morava em casa e cuidava de seu tio. Ela era, acredito, afeiçoada a ele, mas a seu modo, silencioso e não demonstrativo. E, para todos os efeitos, as coisas se encaminhavam de forma muito tranquila. Devo dizer que, depois da morte da pequena Christoble, Simon Clode veio até mim e instruiu-me a redigir um novo testamento. Nesse documento, sua fortuna, que era uma soma considerável, era dividida igualmente entre o sobrinho e as sobrinhas, um terço para cada um.

"O tempo passou. Um dia encontrei por acaso George Clode e perguntei por seu tio, pois já há muito tempo não o via. Para minha surpresa, uma nuvem escura pareceu cobrir a face de George. 'Gostaria que pudesse botar um pouco de juízo na cabeça do tio Simon', disse ele com pesar. Seu semblante honesto, mas não muito brilhante, parecia confuso e preocupado. 'Esse negócio de espíritos está ficando cada vez pior.'

"'Que negócio de espíritos?', perguntei, muitíssimo surpreso.

"Então, George me contou a história toda. Como o sr. Clode fora ficando interessado aos poucos no assunto e como, além disso, havia conhecido por acaso uma médium americana, uma tal Eurydice Spragg. Essa mulher, a quem George não hesitou em descrever como uma vigarista fanática, obteve uma imensa influência sobre Simon Clode. Estava praticamente o tempo inteiro na casa e muitas sessões espíritas foram ali conduzidas, nas quais o espírito de Christobel havia se manifestado para o avô, que a idolatrava.

"Convém acrescentar aqui que não pertenço à classe de pessoas que desdenham e ridicularizam o espiritismo. Como já havia dito, sou um crente nos fatos comprovados. Penso que, quando temos uma posição imparcial e pesamos as evidências a favor do espiritismo, há muitas coisas que não se

pode considerar como fraude, ou deixar de lado de forma leviana. Por esse motivo, como digo, não sou nem crente nem descrente. Existem certas provas contra as quais não adianta discordar.

"Por outro lado, o espiritismo se presta muito facilmente à fraude e a impostura e, por tudo que o jovem George Clode me havia relatado sobre essa sra. Eurydice Spragg, eu fiquei mais e mais convencido de que Simon Clode estava em péssimas mãos e que a sra. Spragg era provavelmente uma impostora do pior tipo. O velho, perspicaz que só ele em questões práticas, poderia ser facilmente enganado no que dizia respeito ao seu amor por sua falecida neta.

"Remoendo as coisas na minha cabeça, me sentia mais e mais apreensivo. Havia me afeiçoado aos jovens Clode, Mary e George, e percebi que a sra. Spragg, com sua influência sobre o tio, poderia trazer problemas no futuro.

"Assim que surgiu a oportunidade, criei um pretexto para visitar Simon Clode. Encontrei a sra. Spragg instalada como amiga e convidada de honra. Logo que a vi, meus piores temores se concretizaram. Era uma mulher forte de meia-idade, vestida de modo extravagante, cheia de frases-chavão sobre 'os nossos entes queridos que já se foram' e coisas do tipo.

"O marido dela também estava hospedado na casa, o sr. Absalom Spragg, um homem magro e esguio, de expressão melancólica e olhar extremamente dissimulado. Assim que pude, fiquei a sós com Simon Clode e o sondei sobre o assunto com muito tato. Ele estava entusiasmadíssimo. Eurydice Spragg era maravilhosa! Fora enviada diretamente em resposta a uma prece! Não dava importância alguma para o dinheiro, a alegria de ajudar um coração aflito era o suficiente para ela. Tinha um sentimento quase que maternal em relação à pequena Chris. Ele estava começando a considerá-la quase como uma filha. Então prosseguiu em me fornecer detalhes, de como havia ouvido a voz de sua Chris, de como ela estava feliz junto a seu pai e sua mãe. Ele continuou relatando outros sentimentos expressos pela criança, que, de acordo com minha memória da pequena Christobel, pareciam muito improváveis. Ela havia frisado o fato de que 'Papai e Mamãe amavam a querida sra. Spragg'.

"'Mas, é óbvio', ele interrompeu, 'você não levaria isso a sério, Petherick.'

"'Não, não sou zombeteiro, longe disso. Alguns dos homens que

escreveram sobre o assunto são homens cujo depoimento eu aceitaria sem hesitação, e poderia conferir respeito e credibilidade a qualquer médium recomendado por eles. Presumo que essa sra. Spragg seja bem recomendada.’

“Simon entrou em êxtase falando da sra. Spragg. Ela havia sido enviada pelos céus. Havia encontrado com ela no resort das águas onde havia passado dois meses no verão. Um encontro casual com um resultado maravilhoso!

“Saí de lá muito desagradado. Meus piores medos haviam se concretizado, mas não via como poderia ajudar. Depois de muito pensar e deliberar, escrevi para Philip Garrod, que, como eu disse antes, havia se casado com a mais velha das irmãs Clode, Grace. Expliquei o caso para ele numa linguagem cuidadosamente reservada. Apontei para os perigos de uma mulher como essa obter tanta influência sobre a mente de um senhor de idade. Sugeri que o sr. Clode deveria ser posto em contato, se possível, com algum círculo espiritualista de mais reputação. Pensei que isso não seria uma coisa difícil de Philip Garrod providenciar.

“Garrod agiu sem demora. Tinha consciência, e eu não, de que a saúde de Simon Clode estava em condições precárias e, como era um homem prático, não tinha intenção de permitir que a esposa ou a irmã e o irmão dela fossem destituídos da herança que lhes era tão de direito. Ele foi à casa na semana seguinte, trazendo consigo, como convidado, ninguém menos do que o famoso professor Longman. Longman era um cientista do primeiro escalão, um homem cuja associação com o espiritismo obrigou o assunto a ser tratado com respeito. Não era apenas um cientista brilhante; era um homem da mais alta retidão e probidade.

“O resultado da visita foi o mais desafortunado possível. Parece que Longman dissera muito pouco enquanto estivera lá. Fizeram duas sessões espíritas, sob que condições eu não sei dizer. Longman não se comprometeu durante todo o tempo em que esteve na casa, mas, após sua partida, escreveu uma carta para Philip Garrod. Nela, admitiu que não conseguira detectar fraude na sra. Spragg; no entanto, sua opinião pessoal era de que os fenômenos observados não haviam sido genuínos. Dizia que o sr. Garrod deveria ficar à vontade para mostrar a carta a seu tio se considerasse adequado e sugeria que ele próprio poderia colocar o sr. Clode em contato com um médium da mais perfeita integridade.

“Philip Garrod levara a carta diretamente ao tio, mas o resultado não foi o que ele havia previsto. O velho teve um acesso de raiva incontrolável.

Tratava-se apenas de uma trama para difamar a sra. Spragg, que era uma santa caluniada e ferida! Ela já havia comentado sobre a inveja amarga que o país inteiro sentia com relação a ela. Ele destacou que Longman fora obrigado a afirmar que não havia detectado fraude. Eurydice Spragg aparecera para ele no momento de maior escuridão de sua vida, havia lhe trazido ajuda e consolo, e ele estava preparado para defendê-la, mesmo que isso significasse que teria de brigar com todos os membros de sua família. Ela significava mais para ele do que qualquer outra pessoa no mundo.

"Philip Garrod fora mandado embora da casa sem muita cerimônia; porém, como resultado de sua fúria, a saúde de Clode tomou um péssimo rumo. Durante todo o mês anterior já estivera de cama quase que de forma contínua e, agora, aumentava a possibilidade de tornar-se um inválido acamado, até o momento em que sua morte o libertaria. Dois dias após a partida de Philip, recebi uma convocação de urgência e fui até lá apressadamente. Clode estava de cama e, mesmo ao meu olhar leigo, parecia muito doente de fato. Ele estava com falta de ar.

"'É o meu fim', ele disse. 'Eu pressinto. Não discuta comigo, Petherick. Mas antes de morrer, vou cumprir meu dever para com o único ser humano que fez mais por mim do que qualquer outra pessoa no mundo. Quero refazer todo o meu testamento.'

"'Certamente', eu disse, 'se me passar as instruções agora, vou redigir o testamento e enviar para o senhor.'

"'Isso não resolve', ele disse. 'Ora, homem, pode ser que eu não passe desta noite. Já escrevi o que eu quero aqui', remexeu embaixo do travesseiro, 'e você pode me dizer se está de acordo.'

"Mostrou uma folha de papel com algumas poucas palavras rabiscadas em lápis de modo grosseiro. Era bem simples e claro. Ele deixava cinco mil libras para cada uma das sobrinhas e o sobrinho, e o restante de sua vasta propriedade diretamente para Eurydice Spragg, 'com gratidão e admiração'.

"Não gostei, mas lá estava. Não havia como questionar sua sanidade mental, o velho estava tão são quanto qualquer um de nós.

"Tocou o sino chamando duas criadas. Elas atenderam prontamente. A copeira, Emma Gaunt, era uma mulher alta de meia-idade que trabalhava ali há vários anos e que havia cuidado de Clode com muita dedicação. A cozinheira, uma jovem viçosa e roliça de trinta anos, veio com ela. Simon Clode olhou fixamente para elas por debaixo de suas sobrancelhas espessas.

“‘Quero que vocês sejam testemunhas do meu testamento. Emma, pegue minha caneta-tinteiro.’

“Emma, obediente, foi até a escrivaninha.

“‘Não na gaveta da esquerda, menina’, disse o velho Simon, irritado. ‘Não sabe que está na da direita?’

“‘Não, está aqui, senhor’, disse Emma, mostrando a caneta.

“‘Então deve ter guardado errado da última vez’, resmungou o velho. ‘Não suporto quando as coisas não são mantidas nos lugares apropriados.’

“Ainda resmungando, pegou a caneta da mão dela e copiou seu próprio rascunho, alterado por mim, para uma nova folha de papel. Então, assinou seu nome. Emma Gaunt e a cozinheira Lucy David também assinaram. Dobrei o testamento e coloquei num envelope comprido azul. Estava escrito numa folha qualquer de papel, vocês compreendem.

“Ao mesmo tempo em que as criadas preparavam-se para sair do quarto, Clode deitou-se sobre os travesseiros com um suspiro e o rosto retorcido. Inclinei-me sobre ele ansiosamente e Emma Gaunt voltou muito depressa. No entanto, o velho recuperou-se e sorriu debilmente.

“‘Está tudo bem, Petherick, não se alarme. De qualquer forma morrerei tranquilamente agora, já fiz o que queria.’

“Emma Gaunt me olhou inquisitivamente, como para saber se poderia deixar o quarto. Assenti, tranquilizando-a, e ela foi, mas não sem antes apanhar o envelope azul que eu havia deixado cair no chão durante meu momento de ansiedade. Alcançou-me o envelope, guardei-o no bolso do casaco, e ela saiu.

“‘Está incomodado, Petherick’, disse Simon Clode. ‘Está cheio de preconceitos como todo mundo.’

“‘Não é uma questão de preconceitos’, eu disse. ‘A sra. Spragg pode ser tudo aquilo que diz ser. Não teria nenhuma objeção de que deixasse para ela uma pequena herança como uma recordação, em agradecimento; mas digo com franqueza, Clode, que é errado deserdar o sangue do seu sangue a favor de uma pessoa estranha.’

“Com aquelas palavras me virei para sair. Havia feito tudo que podia e registrara meu protesto.

“Mary Clode saiu da sala de visitas e encontrou-se comigo no corredor.

“‘Toma um chá antes de partir, não toma? Entre por aqui’, e me levou até a sala.

“O fogo queimava na lareira e a sala parecia aconchegante e alegre. Ela retirou meu sobretudo ao mesmo tempo em que seu irmão, George, entrou. Ele apanhou o casaco da mão dela, depositou-o do outro lado da sala e então voltou para junto do fogo, onde tomamos o chá. Durante a refeição, surgiu uma dúvida sobre um determinado ponto referente ao patrimônio. Simon Clode havia dito que não desejava ser incomodado com aquilo e havia deixado a decisão com George. George estava um tanto nervoso em confiar apenas em seu próprio discernimento. Por sugestão minha, passamos para a biblioteca após o chá, e revisei os documentos em questão. Mary Clode nos acompanhou.

“Um quarto de hora mais tarde, me preparei para partir. Lembrando que havia deixado meu sobretudo na sala de visitas, fui até lá para buscá-lo. A única ocupante da sala era a sra. Spragg, que se encontrava ajoelhada junto à poltrona sobre a qual estava estendido o sobretudo. Parecia estar fazendo algum movimento desnecessário com a capa de cretone. Levantou-se com o rosto muito vermelho no momento em que entramos.

“‘Aquela capa nunca fica ajustada direito’, ela reclamou. ‘Nossa! Eu mesma poderia fazer uma que servisse melhor.’

“Peguei meu sobretudo e o vesti. Enquanto vestia, percebi que o envelope que continha o testamento havia caído do bolso e estava jogado no chão. O recoloquei no bolso, disse adeus e fui embora.

“Vou descrever cuidadosamente a sequência de minhas ações quando cheguei ao escritório. Removi meu sobretudo e retirei o testamento do bolso. Com ele na mão, eu estava em pé ao lado da mesa quando o escriturário entrou. Alguém desejava falar comigo ao telefone e o ramal da minha escrivaninha não estava funcionando. Por consequência, o acompanhei até a área comum do escritório e permaneci ali por cinco minutos, ocupado com a conversa telefônica.

“Quando saí dali, encontrei o funcionário esperando por mim.

“‘O sr. Spragg veio vê-lo, senhor. Eu o levei ao seu escritório.’

“Ao chegar, encontrei o sr. Spragg sentado à mesa. Levantou-se e me saudou de uma forma um pouco escorregadia, então deu início a um longo discurso divagante. Em suma, parecia ser uma justificativa desconfortável para si mesmo e a esposa. Estava receoso do que as pessoas estariam dizendo etc. etc. A esposa era conhecida desde a mais tenra infância pela pureza de seu coração e de suas motivações... e por aí vai. Receio que fui um tanto seco

com ele. No fim, acho que percebeu que sua visita não estava sendo muito feliz e partiu de modo um tanto abrupto. Lembrei-me então de que havia deixado o testamento sobre a mesa. Peguei-o, selei o envelope, anotei algo ali e o guardei no cofre.

"Agora vem o ponto crucial da minha história. Dois meses mais tarde, o sr. Simon Clode faleceu. Não vou entrar em discussões intermináveis, vou apenas expor a crueza dos fatos. *Quando o envelope em que estava o testamento foi aberto, descobriu-se que ele continha uma folha de papel em branco.*"

Fez uma pausa, olhando ao redor para o círculo de expressões interessadas. Ele próprio sorriu com certa satisfação.

– Vocês compreendem o significado disso, não é? Por dois meses o envelope selado estivera dentro do meu cofre. Não pode ter sido adulterado nesse período. Não, o tempo limite para uma ação desse tipo fora muito curto desde o momento em que o testamento fora assinado até que fosse trancado no cofre. Agora, quem teria tido a oportunidade de fazer isso, e para servir aos interesses de quem?

"Recapitulemos os pontos vitais em uma breve síntese: o testamento fora assinado pelo sr. Clode e colocado por mim em um envelope. Até aí, tudo bem. Fora então guardado por mim no bolso do meu sobretudo. Aquele sobretudo fora retirado de mim por Mary, que o entregou a George, que estava o tempo todo no meu campo de visão enquanto manuseava o casaco. Durante o tempo em que estive na biblioteca, a sra. Eurydice Spragg teria tido tempo suficiente para retirar o envelope do bolso do casaco e ler seu conteúdo, e, de fato, ter encontrado o envelope no chão e não no bolso parece indicar que ela tenha realmente feito isso. Mas aqui chegamos a um ponto curioso: ela tivera a *oportunidade* de substituir o documento pelo papel em branco, mas não tinha *motivo* para fazer isso. O testamento era a seu favor, e ao substituí-lo por um pedaço de papel em branco ela destituía a si mesma da herança que estivera tão afoita por receber. O mesmo se aplicaria ao sr. Spragg. Também ele tivera a oportunidade. Fora deixado a sós com o documento em questão por uns dois ou três minutos no meu escritório. Porém, mais uma vez não lhe seria vantajoso tê-lo feito. Nos deparamos então com este estranho problema: as duas pessoas que haviam tido a *oportunidade* de substituir o original pelo papel em branco não teriam *motivos* para fazê-lo, e as duas pessoas que teriam tido *motivos* não haviam

tido a *oportunidade.* A propósito, eu não excluiria a empregada, Emma Gaunt, da lista de suspeitos. Era dedicada aos seus jovens patrões e detestava os Spragg. Estou certo de que ela teria sido mais uma a tentar igualmente a substituição, caso tivesse pensado nisso. Mas, embora ela tenha de fato manuseado o envelope ao pegá-lo do chão e entregá-lo a mim, certamente não tivera a oportunidade de adulterar seu conteúdo e não teria conseguido trocar por um outro envelope com algum truque de destreza manual (do qual de qualquer forma ela não teria sido capaz) porque o envelope em questão fora trazido por mim para dentro da casa e ninguém ali provavelmente teria um igual."

Olhou ao redor, sorrindo com contentamento para o grupo.

– Então, aí está meu pequeno problema. Espero que eu o tenha exposto com clareza. Estaria interessado agora em ouvir suas opiniões.

Para o assombro de todos, Miss Marple deixou escapar uma gargalhada longa e prolongada. Algo parecia estar divertindo-a imensamente.

– O *que* está acontecendo, tia Jane? Pode nos contar a piada? – perguntou Raymond.

– Estava pensando no pequeno Tommy Symonds, um menininho, receio que bem levado, mas às vezes muito divertido. Uma dessas crianças com o rostinho inocente e infantil que está sempre preparado para aprontar alguma coisa. Estava pensando em como na semana passada, durante a escola dominical, ele dissera: "Professora, se diz que a gema dos ovos *é* branca ou a gema dos ovos *são* brancas?". E a srta. Durston explicou que qualquer um diria "que as gemas dos ovos *são* brancas, ou a gema dos ovos *é* branca", ao que o levado Tommy disse: "Bem, eu diria que a gema do ovo é amarela!". Muito travesso da parte dele, claro, e mais velha que os morros. Eu já conhecia essa desde criança.

– Muito engraçado, minha cara tia Jane – Raymond disse gentilmente –, mas certamente isso não tem nada a ver com a história tão interessante que sr. Petherick acaba de nos contar.

– Ah, sim, tem mesmo – disse Miss Marple. – É uma artimanha! E também a história do sr. Petherick é uma artimanha. Faz tanto o gênero de advogado! Ah, meu querido e velho amigo! – ela balançou a cabeça em sinal de reprovação.

– Questiono se você realmente sabe a resposta – disse o advogado, com um brilho no olhar.

Miss Marple escreveu algumas palavras num pedaço de papel, dobrou-o e passou-o para ele do outro lado da sala.

Sr. Petherick desdobrou o papel, leu o que estava escrito e olhou para ela apreciativamente.

– Minha cara amiga – disse ele –, existe alguma coisa que você desconheça?

– Já conhecia isso quando criança – disse Miss Marple. – Brincava com isso também.

– Estou me sentindo de fora – disse Sir Henry. – Tenho certeza de que sr. Petherick tem algum truque jurídico inteligente escondido na manga.

– De forma alguma – disse sr. Petherick. – De forma alguma. É uma proposição perfeitamente justa e direta. Vocês não devem dar muita atenção a Miss Marple. Ela tem seu jeito próprio de ver as coisas.

– Nos deveríamos ser capazes de chegar à verdade – disse Raymond West, um pouco vexado. – Os fatos certamente parecem claros o suficiente. Cinco pessoas de fato tocaram naquele envelope. Os Spragg claramente poderiam ter interferido no conteúdo, mas, da mesma forma, é claro que não o fizeram. Restam os outros três. Quando pensamos nas formas maravilhosas que os ilusionistas encontram de fazerem as coisas bem na frente dos nossos olhos, me parece que o papel poderia ter sido retirado e substituído por outro por George Clode durante o tempo em que levou o sobretudo para o outro lado da sala.

– Bem, *eu* acho que foi a garota – disse Joyce. – Acho que a empregada desceu correndo e contou a ela o que estava acontecendo e ela pegou outro envelope azul e trocou um pelo outro.

Sir Henry balançou a cabeça.

– Discordo de vocês – disse devagar. – Esse tipo de coisa é feita por ilusionistas e acontece num palco e nos livros de romance, mas acredito que seria impossível fazer isso na vida real, sobretudo sob o olhar astuto de um homem como o meu amigo sr. Petherick aqui. Mas tenho uma ideia; é apenas uma ideia, nada mais. Sabemos que o professor Longman havia estado ali muito recentemente e que havia dito muito pouco. Seria razoável supor que os Spragg deviam estar muito ansiosos para saber o resultado daquela visita. Se Simon Clode não tinha confidenciado nada a eles, o que é bastante provável, podem ter visto o pedido pela visita do sr. Petherick de um ângulo muito diferente. Podem ter pensado que o sr. Clode já havia feito um

testamento que beneficiaria Eurydice Spragg, e que este novo pudesse ter sido feito com o propósito único de tirá-la do documento, como resultado das revelações feitas pelo professor Longman, ou, alternativamente – como vocês advogados gostam de dizer –, como resultado da impressão que causou no tio a alegação de Philip Garrod sobre o sangue de seu sangue. Neste caso, suponho que a sra. Spragg tenha se preparado para efetuar a substituição. E ela o faz, mas, como o sr. Petherick teria chegado em um momento inoportuno, ela não teve tempo de ler o documento verdadeiro e, apressadamente, o destrói com fogo, para o caso de o advogado descobrir sua perda.

Joyce balançou a cabeça muito decidida.

– Ela nunca teria queimado o documento sem lê-lo.

– A solução é um tanto frágil – admitiu Sir Henry. – Suponho... bem... que o sr. Petherick não tenha decidido auxiliar a providência divina.

A sugestão havia sido mera brincadeira, mas o pequeno advogado levantou-se com sua dignidade ofendida.

– Uma sugestão deveras imprópria – disse com alguma aspereza.

– O que diz, dr. Pender? – perguntou Sir Henry.

– Não tenho uma ideia clara. Acho que a substituição deve ter sido executada ou pela sra. Spragg ou por seu marido, possivelmente pelo motivo que Sir Henry sugere. Se ela não chegou a ler o testamento antes da partida do sr. Petherick, teria então um dilema, já que não poderia confessar sua atitude na questão. Poderia então ter colocado o documento entre os papéis do sr. Clode, onde ela pensaria que poderia ser encontrado após a morte dele. Mas por que não foi encontrado eu não saberia dizer. Isto *pode* ser mera especulação: digamos que Emma Gaunt o tenha encontrado e, por extrema devoção aos seus patrões, deliberadamente o destruído.

– Acho que a solução do dr. Pender é a melhor de todas – disse Joyce. – Está certo, sr. Petherick?

O advogado balançou a cabeça.

– Vou continuar de onde parei. Eu estava estupefato e me sentindo tão perdido no meio do mar quanto vocês. Não acho que jamais adivinharia a verdade, provavelmente não, mas fui iluminado. Também de forma muito habilidosa.

“Fui jantar com Philip Garrod cerca de um mês mais tarde e, no decorrer da nossa conversa após o jantar, ele mencionou um caso interessante que

recentemente havia lhe chegado aos ouvidos.

“‘Gostaria de lhe relatar o ocorrido, Petherick, em segredo, é claro.’

“‘De acordo’, respondi.

“‘Um amigo meu que tinha grandes expectativas com relação a um de seus parentes estava muito perturbado ao descobrir que aquele parente pensava beneficiar uma pessoa sem mérito algum. Meu amigo, temo, é um pouco inescrupuloso em seus métodos. Havia uma criada na casa que era imensamente dedicada aos interesses do que posso chamar de parte legítima. Meu amigo deu a ela instruções muito simples. Entregou-lhe uma caneta-tinteiro, plenamente cheia. Ela deveria colocá-la numa gaveta da escrivaninha do quarto de seu patrão, porém não a gaveta usual onde a caneta geralmente era mantida. Se o patrão pedisse a ela que fosse testemunha de sua assinatura em qualquer documento e pedisse que lhe trouxesse sua caneta, era para ela trazer não a caneta certa, mas esta, que era a exata réplica da outra. Era tudo o que ela tinha de fazer. Não lhe deu nenhuma outra informação. Ela era uma criatura dedicada e seguiu as instruções fielmente.’

“Interrompeu e disse:

“‘Espero não estar o aborrecendo, Petherick.’

“‘De modo algum’, eu disse. ‘Estou bastante interessado.’

“Nossos olhos se encontraram.

“‘Meu amigo, é claro, não é seu conhecido’, disse ele.

“‘É claro que não’, respondi.

“‘Então está tudo certo’, disse Philip Garrod.

“Ele fez uma pausa e então disse, sorridente: ‘Você entende? A caneta estava cheia com o que é conhecido como tinta evanescente, uma solução de amido em água à qual são adicionadas algumas gotas de iodo. Isso cria um fluido azul-negro, mas a escrita desaparece por completo dentro de quatro ou cinco dias’.”

Miss Marple riu.

– Tinta invisível – ela disse. – Conheço. Muitas foram as vezes em que brinquei com isso quando criança.

E ela sorriu olhando para todos eles, dando uma pausa para apontar o dedo mais uma vez para o sr. Petherick.

– De qualquer modo é uma artimanha, sr. Petherick – disse ela. – Bem típica de um advogado.

CAPÍTULO 6

A marca do polegar de São Pedro

– E agora, tia Jane, é a sua vez – disse Raymond West.

– Sim, tia Jane, esperamos da senhora algo bem picante – opinou Joyce Lemprière.

– Ora, vocês estão caçoando de mim, meus queridos – disse Miss Marple com toda a calma. – Pensam, porque passei a vida inteira neste fim de mundo, que provavelmente não tive a chance de ter vivido experiências interessantes.

– Deus me livre de um dia considerar a vida em um lugar pequeno como pacata e rotineira – disse Raymond com fervor. – Muito menos depois das revelações horríveis que ouvimos da senhora! O universo cosmopolita parece um lugar meigo e tranquilo comparado a St. Mary Mead.

– Bem, meu caro – disse Miss Marple –, a natureza humana é geralmente a mesma em qualquer lugar e, é claro, temos a chance de observá-la bem de perto em um povoado.

– A senhora é realmente sem igual, tia Jane! – exclamou Joyce. – Espero que não se importe de eu chamá-la de tia Jane – acrescentou. – Não sei por que estou fazendo isso.

– Não sabe, minha querida? – disse Miss Marple.

Ela levantou o olhar por alguns segundos com uma expressão marota que fez o sangue da moça irromper nas bochechas. Raymond West ficou irrequieto e limpou a garganta de modo um pouco acabrunhado.

Miss Marple olhou para os dois e sorriu novamente, então voltou sua atenção mais uma vez para o tricô.

– É verdade, claro, que tive o que é chamado de uma vida rotineira, mas também adquiri muita experiência resolvendo diversos probleminhas que foram surgindo. Alguns foram realmente um tanto engenhosos, mas não faria

sentido contar-lhes, porque são sobre coisas de tão pouca importância que vocês não estariam interessados; apenas coisas do tipo: quem cortou as malhas da bolsa da sra. Jones? E por que a sra. Sims usou seu casaco novo de peles apenas uma vez? Coisas de fato deveras interessantes para qualquer estudioso da natureza humana. Não, a única experiência que recordo e que poderia ser do seu interesse é sobre o marido da minha pobre sobrinha Mabel.

"Isso faz uns dez ou quinze anos agora. Felizmente, está tudo resolvido e acabado, e todos já esqueceram do assunto. A memória das pessoas é muito curta – uma sorte isso, eu sempre achei."

Miss Marple fez uma pausa e resmungou para si mesma:

– Só preciso contar essa carreira. A diminuição dos pontos está um pouco desajeitada. Um, dois, três, quatro, cinco e então três avessos; está certo. Bem, o que eu estava dizendo? Ah, sim, sobre a pobre Mabel.

"Mabel era minha sobrinha. Uma boa moça, verdadeiramente uma boa moça, mas só um bocadinho *boba*, pode-se dizer. Apreciava ser melodramática e falar muito mais do que devia dizer sempre que estivesse incomodada. Casou-se com o sr. Denman quando ela tinha 22 anos e, receio, não foi um casamento muito feliz. Eu havia nutrido muitas esperanças de que aquele relacionamento não fosse dar em nada, pois o sr. Denman era um homem de temperamento violento, não o tipo de homem que teria paciência com as fraquezas de Mabel, e eu também ficara sabendo que havia casos de insanidade na família dele. No entanto, as moças já eram tão obstinadas naquela época quanto são hoje e quanto sempre serão. Portanto, Mabel casou-se com ele.

"Não a vi muito depois do casamento. Ficou hospedada na minha casa uma ou duas vezes, e eles me convidaram para visitá-los em diversas oportunidades, mas, de fato, não me agrada muito ficar na casa dos outros e sempre dei um jeito de arranjar alguma desculpa. Estavam casados há dez anos quando o sr. Denman morreu subitamente. Não tinham filhos, e ele deixara todo seu dinheiro para Mabel. Escrevi a ela, é claro, e me ofereci para ir até lá se ela assim desejasse; mas ela me enviou de volta uma carta muito sensata e concluí que ela não estava tão completamente arrasada com a dor da perda. Achei que fosse apenas natural, pois sabia que eles não estavam se dando muito bem já há algum tempo. Só depois de passarem-se três meses, recebi uma carta histérica de Mabel, implorando para que eu fosse até lá, dizendo que as coisas iam de mal a pior e que ela não conseguiria suportar

por muito mais tempo.

“Portanto, evidentemente”, continuou Miss Marple, “deixei dinheiro para a alimentação de Clara, mandei a placa de prata e a caneca do rei Charles para o banco e parti imediatamente. Encontrei Mabel num estado gravemente nervoso. A casa Myrtle Dene era suficientemente grande e confortavelmente mobiliada. Havia uma cozinheira e uma copeira, assim como uma auxiliar de enfermagem que cuidava do velho sr. Denman, o pai do marido de Mabel, que ‘não era bem certo da cabeça’, como se costuma dizer. Bastante calmo e bem-comportado, porém muitas vezes distintamente excêntrico. Como eu disse, havia insanidade na família.

“Fiquei muito chocada de ver a transformação de Mabel. Ela estava uma pilha de nervos, se contorcendo toda, e no entanto eu tinha grande dificuldade em fazer com que ela me contasse qual era o problema. Cheguei ao assunto, como a gente sempre chega nessas coisas, indiretamente. Perguntei sobre uns amigos que costumava sempre mencionar nas cartas, os Gallagher. Para minha surpresa, ela disse que agora dificilmente os via. Alguns outros amigos que mencionei receberam o mesmo comentário. Falei com ela então sobre a insensatez de fechar-se para o mundo e ficar ensimesmada, especialmente falei sobre a tolice de cortar os laços de amizade. Foi então que ela não se conteve e a verdade veio à tona.

“‘Não sou eu que estou fazendo isso, são eles. Não há uma só alma neste lugar que se digne a falar comigo agora. Quando passo pela High Street todos saem da minha frente, assim não têm de me encontrar ou conversar comigo. Me veem como um tipo de leprosa. É horrível, não estou mais suportando. Terei de vender a casa e me mudar para o exterior. No entanto, por que é que eu deveria ter de abandonar uma casa como esta? Eu não fiz nada.’

“Fiquei mais perturbada do que posso expressar. Estava tricotando um cobertor para a velha sra. Hay naquela época e, em minha perturbação, deixei cair dois pontos, só descobrindo o erro muito tempo depois.

“‘Minha querida Mabel’, eu disse, ‘estou muito surpresa. Mas o que está causando tudo isso?’

“Desde pequena Mabel sempre fora complicada. Tive uma dificuldade imensa em conseguir que ela desse uma resposta direta à minha pergunta. Falava apenas em coisas vagas como conversas maldosas, pessoas que não tinham nada melhor para fazer do que fofocar e indivíduos que colocavam ideias na cabeça dos outros.

“‘Está tudo muito claro para mim’, eu disse. ‘Evidentemente há alguma história sendo espalhada sobre você. Mas deve saber tão bem quanto todo mundo que história é essa. E você vai me contar.’

“‘É maldade demais’, queixou-se Mabel.

“‘É claro que é maldade’, eu disse com rispidez. ‘Não há nada que possa me dizer sobre a mente das pessoas que venha a me causar espanto ou surpresa. Agora, Mabel, pode me relatar em inglês bem claro o que as pessoas estão dizendo de você?’

“E ela desabafou tudo.

“Tudo indicava que a morte de Geoffrey Denman, por ter sido tão repentina e inesperada, deu vazão a vários rumores. Na verdade, e em inglês bem claro como havia pedido, as pessoas estavam dizendo que ela havia envenenado o marido.

“Bem, como espero que vocês saibam, não há nada mais cruel do que falatório, e nada mais difícil de combater. Quando dizem coisas pelas suas costas não há nada que a pessoa possa desmentir ou negar e os boatos seguem crescendo e crescendo, e ninguém consegue detê-los. De uma coisa eu estava certa: Mabel seria totalmente incapaz de envenenar qualquer um. E não vi por que deixar que a vida dela fosse arruinada e sua casa se tornasse insuportável apenas porque a situação toda indicava que ela estivera fazendo algo tolo e disparatado.

“‘Não há fumaça sem fogo’, eu disse. ‘Agora, Mabel, você tem de me contar o que é que fez as pessoas pensarem dessa maneira. Deve ter acontecido alguma coisa.’

“Mabel falava de forma incoerente e declarou que não havia nada, nada mesmo, exceto, é claro, que a morte de Geoffrey havia sido muito repentina. Ele parecera estar bem durante o jantar à tardinha, e adoecera gravemente durante a noite. O doutor fora chamado, mas o pobre homem morreu poucos minutos após a chegada do médico. Supõe-se que a morte dera-se pela ingestão de cogumelos envenenados.

“‘Bem’, eu disse, ‘suponho que uma morte súbita assim seja bem capaz de provocar as más línguas, mas certamente não sem alguns fatos adicionais. Você havia brigado com Geoffrey ou algo do gênero?’

“Ela admitiu que havia discutido com ele no dia anterior, durante o café da manhã.

“‘E os criados ouviram tudo, suponho?’, perguntei.

“‘Eles não estavam na sala.’

“‘Não, minha querida’, eu disse, ‘mas provavelmente estavam bem perto da porta pelo lado de fora.’

“Conhecia muito bem o poder da voz alta, fina e histérica de Mabel para alcançar longas distâncias. Geoffrey Denman também era um homem dado a erguer bastante a voz quando estava irritado.

“‘Sobre o que discutiram?’, perguntei.

“‘Ah, o de sempre. Era sempre a mesma coisa se repetindo, de novo e de novo. Alguma coisa bem pequena provocava a briga, e então Geoffrey ficava impossível, dizia coisas abomináveis, e eu dizia o que pensava dele.’

“‘Vocês andavam brigando muito, então?’, perguntei.

“‘Não era culpa minha...’

“‘Minha querida criança’, eu disse, ‘não importa de quem era a culpa. Não é disso que estamos falando. Num lugar como este, a vida privada de todo mundo vira mais ou menos propriedade pública. Você e seu marido estavam sempre discutindo. Tiveram uma briga particularmente séria um dia de manhã e, na mesma noite, seu marido morreu de forma súbita e misteriosa. Isso é tudo, ou há mais alguma coisa?’

“‘Não sei o que quer dizer por mais alguma coisa’, disse Mabel, carrancuda.

“‘Apenas o que estou dizendo, minha querida. Se você fez alguma besteira, pelo amor de Deus não vá esconder isso agora. Só quero fazer tudo ao meu alcance para ajudar você.’

“‘Nada nem ninguém pode me ajudar’, disse Mabel, brava, ‘só a morte.’

“‘Tenha um pouco mais de fé na providência divina, querida’, eu disse. ‘Então, Mabel, sei muito bem que ainda está escondendo alguma coisa de mim.’

“Sempre soube, desde quando ela era criança, quando não estava me contando toda a verdade. Levou muito tempo, mas finalmente consegui arrancar a história dela. Havia ido ao químico naquela manhã e comprado um pouco de arsênico. Teve, é claro, de assinar seu nome no livro por conta disso. Naturalmente o químico abriu a boca.

“‘Quem é seu médico?’, perguntei.

“‘Dr. Rawlinson.’

“Eu o conhecia de vista, Mabel havia me apontado o médico na rua outro dia. Falando em linguagem bem simples, ele era o que eu descreveria

como um ancião trêmulo. Já tenho muita experiência de vida para acreditar na infalibilidade dos médicos. Alguns são homens de inteligência, outros não, e metade do tempo mesmo os melhores não sabem o que há de errado com a gente. Eu mesma não sou chegada em médicos e seus medicamentos.

"Depois de refletir bastante sobre o assunto, coloquei meu chapéu e fui falar com o dr. Rawlinson. Ele era exatamente o que eu pensara dele, um senhor idoso agradável, gentil, aéreo, míope de dar dó, um pouco surdo e, ademais, facilmente irritável e sensível ao último grau. Fez uma pose toda altiva no momento em que mencionei a morte de Geoffrey Denman, falou por um bom tempo sobre os vários tipos de fungos, comestíveis ou não. Ele havia indagado a cozinheira, que confessou que um ou dois dos cogumelos cozidos estavam 'um pouco esquisitos', mas, como haviam sido mandados pela venda, pensou que deveria estar tudo certo com eles. Quanto mais pensava no assunto desde o ocorrido, mais convencida ficava de que a aparência deles não era normal.

"'Ela ficaria mesmo', eu disse. 'A princípio seriam como cogumelos normais na aparência e, ao final, seriam cor de laranja com manchas roxas. Não há nada que esses empregados não se lembrem se fizerem um esforço.'

"Entendi que Denman já não conseguia sequer falar quando o médico chegou até ele. Era incapaz de engolir e morrera em poucos minutos. O doutor parecia perfeitamente satisfeito com o certificado que emitira. Mas se era por obstinação, ou por crença genuína, eu não saberia dizer.

"Fui direto para casa e perguntei a Mabel com toda franqueza por que ela havia comprado arsênico.

"'Devia estar com alguma ideia na cabeça', salientei.

"Mabel se derramou em lágrimas. 'Queria dar um fim em mim mesma', queixou-se. 'Estava infeliz demais. Pensei em acabar com tudo.'

"'Ainda tem o arsênico?', perguntei.

"'Não, joguei fora.'

"Fiquei ali sentada, remoendo e revirando as coisas na minha cabeça.

"'O que aconteceu quando ele se sentiu mal? Chamou por você?'

"'Não', ela balançou a cabeça. 'Tocou a campainha com violência. Deve ter tocado várias vezes. Finalmente, Dorothy, a copeira da casa, ouviu, acordou a cozinheira e as duas foram atendê-lo. Quando Dorothy o viu, sentiu medo. Ele estava resmungando e delirando. Deixou a cozinheira com ele e foi correndo me chamar. Levantei e fui até ele. É claro que logo percebi

que estava horrivelmente doente. Infelizmente, Brewster, que cuida do velho sr. Denman, iria passar aquela noite fora, então não havia ninguém ali que soubesse o que fazer. Mandei Dorothy sair para chamar o doutor; a cozinheira e eu ficamos com ele, mas depois de poucos minutos eu não podia suportar mais aquilo, era aterrorizante demais. Corri para meu quarto e tranquei a porta.'

"'Bem egoísta e grosseiro da sua parte', eu disse, 'e sem dúvida essa conduta não lhe ajudou em nada desde então, pode estar certa disso. A cozinheira deve ter repetido a história em todos os lugares. Bem, bem, isso foi um péssimo negócio.'

"Depois, falei com as criadas. A cozinheira queria me contar sobre os cogumelos, mas a impedi. Estava cansada desses cogumelos. Em vez disso, perguntei às duas muito cuidadosamente sobre a condição do patrão delas naquela noite. Ambas concordaram que ele parecia estar em grande agonia, que não conseguia engolir, que conseguia falar apenas com uma voz estrangulada e, quando falava, dizia apenas coisas desconexas, nada fazia sentido.

"'O que dizia quando estava falando incoerentemente?', perguntei com curiosidade.

"'Alguma coisa sobre peixe, não foi?', virando-se para a outra.

"Dorothy concordou.

"'Um monte de peixe', disse ela, 'alguma bobagem assim. Logo vi que não estava no seu melhor juízo, o pobre senhor.'

"Aquilo a princípio não parecia fazer sentido nenhum. Como um último recurso, subi para encontrar Brewster, que era uma mulher esquelética de meia-idade, de uns cinquenta anos.

"'Foi uma pena que eu não estivesse aqui naquela noite', disse. 'Parece que ninguém tentou fazer qualquer coisa por ele até o doutor chegar.'

"'Suponho que ele estivesse delirando', disse eu hesitante; 'mas esse não é um sintoma de envenenamento por ptomaína, é?'

"'Depende', disse Brewster.

"Perguntei como andava o paciente dela.

"Ela balançou a cabeça.

"'Ele anda muito mal', disse.

"'Fraco?'

"'Isso não, está bem forte em tudo fisicamente, exceto por sua visão, que

falha bastante. Ele é capaz de sobreviver a nós todos, mas a capacidade de raciocínio está decaindo muito rápido. Eu já havia dito ao sr. e à sra. Denman que ele deveria ser colocado em uma instituição adequada, mas a sra. Denman não queria ouvir falar nisso por nada.'

"Posso dizer que Mabel sempre teve um coração generoso.

"Bem, essa era a situação. Refleti muito sob todos os aspectos e, enfim, decidi que só havia uma coisa a se fazer. Em vista dos rumores que estavam se espalhando, era necessário pedir permissão para exumar o corpo; um exame póstumo adequado deveria ser feito para calar as línguas mentirosas de uma vez por todas. Mabel, é claro, ficou nervosa, principalmente por motivos sentimentais – perturbar o morto na paz do seu túmulo etc. etc. –, mas eu estava resoluta.

"Não vou me alongar desnecessariamente nesta parte. Conseguimos a ordem e fizeram a autópsia, ou como quer que chamem isso, mas o resultado não foi tão satisfatório como imaginei que poderia ser. Não havia nenhum traço de arsênico, isso foi positivo, mas as palavras exatas do relatório foram *que não havia nada indicando por que meios o falecido havia morrido*.

"Portanto, vocês veem, aquilo não nos livrara completamente do problema. As pessoas continuaram falando, agora sobre venenos raros impossíveis de serem detectados e toda sorte de asneiras. Eu visitei o patologista que havia feito o exame póstumo e fiz muitas perguntas, embora ele tenha feito de tudo para evitar responder à maioria delas; mas consegui arrancar dele que considerava extremamente difícil que os cogumelos venenosos fossem a causa da morte. Uma ideia estava fervilhando na minha cabeça, e perguntei qual veneno, se havia algum, que poderia ter sido empregado para obter tal resultado. Ele me deu uma longa explicação, a maior parte da qual, devo admitir, não consegui acompanhar, mas o resultado é o seguinte: a morte pode ter sido causada por algum forte alcaloide vegetal.

"Tive esta ideia: supondo que a mácula de insanidade estivesse também no sangue de Geoffrey Denman, será que ele não poderia ter dado um fim em si mesmo? Ele havia, em um dado momento da vida, estudado medicina, e teria um bom conhecimento sobre venenos e seus efeitos.

"Não pensei que soasse muito plausível, mas era a única coisa em que consegui pensar. E já estava quase perdendo a cabeça, vou lhes dizer. Agora, arriscaria dizer que vocês jovens e modernos vão rir, mas quando estou com algum problema sério sempre faço uma pequena oração em silêncio; em

qualquer lugar, enquanto caminho na rua, ou em um bazar. E sempre obtenho uma resposta. Pode ser algo bem sem importância, aparentemente sem ligação com o assunto, mas lá está. Eu tinha aquele texto pregado acima da cabeceira da cama quando era menina: *Peça e receberás*. Na manhã que lhes estou relatando, estava caminhando pela High Street e rezava com fervor. Fechei meus olhos e, quando os abri, o que pensam que foi a primeira coisa que vi?"

Cinco rostos expressando diferentes graus de interesse voltaram-se para Miss Marple. No entanto, pode-se supor que, seguramente, ninguém teria adivinhado a resposta certa para a pergunta.

– Vi – disse Miss Marple de maneira impactante – *a vitrine da peixaria*. Havia nela uma única coisa, um *hadoque fresco*.

Olhou ao seu redor triunfante.

– Meu Deus! – disse Raymond West. – A resposta para suas preces, um hadoque fresco!

– Sim, Raymond – disse Miss Marple com severidade –, e não há motivos para ser profano sobre isso. A mão de Deus está em todo lugar. A primeira coisa que vi foram as manchas pretas no peixe, as marcas do polegar de São Pedro. Essa é a lenda, sabem. O polegar de São Pedro. E aquilo deu sentido a tudo. Precisava de fé, a fé mais que verdadeira de São Pedro. Conectei as duas coisas juntas, fé – e peixe.

Sir Henry assoou o nariz muito apressadamente. Joyce mordeu o lábio.

– Agora, o que me fez lembrar aquilo? É óbvio, a cozinheira e a copeira mencionaram peixe como sendo uma das coisas ditas pelo moribundo. Estava convencida, absolutamente convencida, de que havia alguma solução a ser encontrada para o mistério nessas palavras. Fui para casa determinada a chegar ao fundo da questão.

Ela fez uma pausa.

– Já ocorreu a vocês – continuou a velha senhora – o quanto somos levados pelo que chamamos, acredito eu, de contexto? Há um lugar em Dartmoor chamado Grey Wethers. Se estivesse conversando com um fazendeiro de lá e mencionasse Grey Wethers, ele provavelmente concluiria que estivesse me referindo aos círculos de pedra de lá e, no entanto, poderia estar me referindo às condições do tempo[2]; da mesma forma, se estivesse falando dos círculos de pedra, um forasteiro ouvindo um fragmento da

conversa poderia pensar que estivesse falando do clima. Portanto, quando repetimos uma conversa, como regra geral, não repetimos as palavras exatas; acrescentamos outras palavras que ao nosso ver querem dizer exatamente a mesma coisa.

"Fui falar com a cozinheira e com a copeira separadamente. Perguntei à cozinheira se tinha certeza de que seu patrão havia de fato mencionado um monte de peixe. Ela confirmou.

"'Essas foram as palavras exatas dele', perguntei, 'ou ele mencionou um tipo de peixe em particular?'

"'Foi isso', disse a cozinheira; 'era um tipo de peixe em particular, mas não lembro qual agora. Um monte de... mas o que era, mesmo? Não era nenhum dos peixes que se levam à mesa. Seria perca... ou peixe-espada? Não. Não começava com P.'

"Dorothy também lembrava que o patrão havia mencionado um tipo de peixe em especial. 'Era algum tipo bem estranho de peixe', ela disse.

"'Uma pilha de... o que era mesmo?'

"'Ele dissera monte ou pilha?', perguntei.

"'Acho que dissera pilha. Mas aí é que está, não tenho certeza... é tão difícil lembrar das palavras exatas, não é, Miss, especialmente quando não parecem fazer sentido. Mas agora, voltando a pensar nisso, estou quase certa de que era pilha, e que o peixe começava com C; mas não era cação ou corvina.'

"A próxima parte é onde fico muito orgulhosa de mim mesma', disse Miss Marple, 'pois, é claro, não entendo nada sobre medicamentos, que para mim são coisas nojentas e perigosas. Tenho uma antiga receita de minha avó para chá de tanaceto que vale tanto quanto os medicamentos de vocês. Mas sabia que havia vários volumes sobre medicina na casa, e em um deles havia um índice de fármacos. Vejam bem, minha ideia era que Geoffrey havia tomado algum veneno específico e havia tentado dizer o nome daquilo.

"Bem, olhei a lista de H e começo de He. Nada ali parecia apropriado; então comecei no P, e quase de imediato cheguei a... o que acham?"

Olhou ao redor, adiando seu momento triunfal.

– Pilocarpina. Conseguem imaginar um homem que mal podia falar, tentando pronunciar uma palavra dessas? Como isso soaria para uma cozinheira que nunca tinha ouvido a palavra? Não daria a impressão de ser "corvina"?

– Por Júpiter! – disse Sir Henry.

– Eu jamais chegaria a essa conclusão – disse o dr. Pender.

– Demasiado interessante – disse o sr. Petherick. – Realmente demasiado interessante.

– Procurei rapidamente a página marcada no índice. Li sobre pilocarpina e seus efeitos nos olhos e outras coisas que não pareciam ter relação com o caso, mas ao final cheguei até a frase mais significativa: *foi testada com sucesso como antídoto para envenenamento por atropina*.

"Nem consigo relatar a luz que desceu sobre mim naquele momento. Nunca considerei plausível que Geoffrey Denman houvesse cometido suicídio. Não, esta nova solução não era apenas possível, mas eu estava absolutamente segura de que era a solução certa, porque todas as peças se encaixavam de maneira lógica."

– Nem vou tentar adivinhar – disse Raymond. – Continue, tia Jane, e conte-nos o que era tão surpreendentemente claro para a senhora.

– Não entendo nada de medicina, é claro – disse Miss Marple –, mas por acaso sabia desse detalhe. Quando a minha visão estivera falhando, o doutor me receitara um colírio contendo sulfato de atropina. Fui direto ao andar de cima, até o quarto do velho sr. Denman. Não fiz nenhum rodeio.

"'Sr. Denman', eu disse, 'já sei de tudo. Por que envenenou seu filho?'

"Ele me olhou por um ou dois minutos – era um velho até bem bonito, à sua maneira, e então explodiu numa gargalhada. Foi uma das gargalhadas mais perversas que já ouvi. E, posso assegurar-lhes, me deu arrepios no corpo. A única vez que havia ouvido algo assim fora quando a pobre sra. Jones enlouquecera.

"'Sim', ele disse, 'dei o troco ao Geoffrey. Era esperto demais para ele. Queria me mandar embora, não queria? Me deixar trancado num asilo? Ouvi eles falando nisso. Mabel é uma boa menina, se impôs para me defender, mas sabia que ela não conseguiria segurar Geoffrey. No fim, ele teria feito o que queria; sempre conseguia isso. Mas eu o sosseguei, liquidei com meu gentil e amável filho! Há, há! Me esgueirei pela noite. Foi bem fácil. Brewster não estava aqui. Meu filho querido estava dormindo; tinha um copo d'água ao lado da cama; sempre acordava no meio da noite e bebia tudo. Esvaziei o copo – há, há! – e derramei o vidro de colírio ali. Ele acordaria e beberia num só gole antes de perceber o que era. Havia apenas uma colher de sopa de colírio, mas era o suficiente, foi o suficiente. E ele bebeu! Vieram até mim de

manhã e me deram a notícia com muito jeito. Tinham receio que fosse me chatear. Há! Há! Há! Há! Há!'

"Bem", disse Miss Marple, "este é o fim da história. É claro que o velho foi colocado em um asilo. Não era realmente responsável pelo que havia feito. A verdade veio à tona e todos sentiram muito por Mabel, faziam de tudo para compensar pelas suspeitas injustas que haviam tido. Mas, se não fosse por Geoffrey ter percebido o que havia ingerido e tentado conseguir que todos buscassem o antídoto sem demora, o crime nunca teria sido descoberto. Acredito que os sintomas da atropina sejam bastante evidentes, pupilas dilatadas e tudo o mais; mas, é claro, como eu já havia dito, doutor, Rawlinson era muito míope, pobre velhinho. E o mesmo livro de medicina, que continuei lendo, tinha algumas partes que eram das *mais* interessantes. Continha sintomas de envenenamento por ptomaína e atropina, e não eram muito diferentes. Mas posso garantir-lhes que nunca mais consegui ver uma pilha de hadoque fresco sem pensar na marca do polegar de São Pedro."

Houve uma pausa muito longa.

– Minha cara amiga – disse o sr. Petherick. – Minha caríssima amiga, é realmente extraordinária.

– Recomendarei à Scotland Yard que procure a senhora para aconselhamento – disse Sir Henry.

– Bem, para todos os efeitos, tia Jane – disse Raymond –, há uma coisa que a senhora não sabe.

– Ah, sim, querido, eu sei – disse Miss Marple. – Aconteceu logo antes do jantar, não foi? Quando levou Joyce lá fora para admirar o pôr do sol. É o lugar preferido, aquele. Bem junto da cerca de jasmim. Foi ali que o leiteiro perguntou a Annie se podia fazer correr os proclamas.

– Poxa, tia Jane – disse Raymond –, não acabe com todo o romantismo da ocasião. Joyce e eu não somos como o leiteiro e a Annie.

– É aí que se engana, querido – disse Miss Marple. – Na verdade, todo mundo é muito parecido. Porém, felizmente, talvez não percebam isso.

CAPÍTULO 7

O gerânio azul

– Quando estive aqui no ano passado... – começou a dizer Sir Henry Clithering, mas parou.

A anfitriã, sra. Bantry, olhou para ele com curiosidade.

O ex-comissário da Scotland Yard estava hospedado na casa de velhos amigos, coronel e sra. Bantry, que moravam perto de St. Mary Mead.

A sra. Bantry, com a caneta na mão, tinha acabado de pedir uma sugestão sobre quem deveria ser chamado para ocupar o lugar do sexto convidado no jantar daquela noite.

– Sim? – perguntou a sra. Bantry, encorajando-o. – Quando esteve aqui no ano passado?

– Diga-me – falou Sir Henry –, a senhora conhece Miss Marple?

A sra. Bantry ficou surpresa. Era a última coisa que teria esperado ouvir dele.

– Se eu conheço Miss Marple? Quem não conhece! A típica velha solteirona das histórias de ficção. Muito gentil, mas um tanto atrasada no tempo. Está dizendo que gostaria que eu a convidasse para o jantar?

– Está surpresa?

– Um pouco, devo confessar. Dificilmente pensaria que o senhor... mas talvez tenha alguma explicação.

– A explicação é bastante simples. Quando estive aqui no ano passado, criamos o hábito de discutir mistérios não resolvidos. Estávamos entre cinco ou seis pessoas. Raymond West, o escritor, foi quem começou. Cada um de nós fornecia uma história para a qual sabia a resposta. Supostamente era para ser um exercício em faculdades dedutivas, para ver quem conseguiria se aproximar mais da verdade.

– E?

– Foi aquela velha história. Sequer lembrávamos que Miss Marple estava participando; mas a tratávamos com muita educação, não queríamos magoar os sentimentos da velhinha. E agora vem a cereja do bolo. A velhinha foi quem se saiu melhor em todas as vezes!

– O quê?

– Eu lhe garanto, voava direto para a verdade como um pombo-correio de volta para casa.

– Mas isso é extraordinário! Nossa, a amável Miss Marple sequer saiu muitas vezes de St. Mary Mead.

– Ah, mas de acordo com ela, isso lhe deu oportunidades ilimitadas de observar a natureza humana, como sob as lentes de um microscópio.

– Suponho que possa haver algo de verdade nisso – admitiu a sra. Bantry. – Pode-se conhecer pelo menos o lado mesquinho das pessoas. Mas não acho que tenhamos nenhum criminoso realmente emocionante em nosso meio. Acho que deveríamos testá-la após o jantar com a história de fantasmas de Arthur. Ficaria agradecida se ela encontrasse uma solução para aquilo.

– Eu não sabia que Arthur acreditava em fantasmas.

– Ah! Não acredita. Por isso se preocupa tanto. E aconteceu com um amigo dele, George Pritchard, uma pessoa das mais prosaicas. É realmente bem trágico para o pobre George. Ou essa história extraordinária dele é verdade... Ou então...

– Ou então o quê?

A sra. Bantry não respondeu. Depois de um ou dois minutos, falou sem dar muita importância:

– Sabe, eu gosto de George, todos gostam. É difícil acreditar que ele... mas as pessoas às vezes fazem coisas extraordinárias.

Sir Henry aquiesceu. Sabia muito mais do que a sra. Bantry sobre as coisas extraordinárias que as pessoas são capazes de fazer.

E aconteceu que naquela noite a sra. Bantry olhou ao redor da mesa de jantar (tremendo um pouco enquanto o fazia, porque a sala de jantar, como a maioria das salas de jantar inglesas, era extremamente fria) e fixou seu olhar na velhinha irrepreensível sentada à direita de seu marido. Miss Marple usava mitenes de renda preta; um antigo fichu rendado envolvia seus ombros, e outro pedaço de renda adornava seu cabelo branco. Ela conversava animadamente com o já idoso dr. Lloyd sobre a casa de caridade e as suspeitas de incompetência da enfermeira distrital.

A sra. Bantry admirou-se mais uma vez. Até mesmo se perguntou se Sir Henry estivera arquitetando uma brincadeira elaborada, mas não teria motivos para fazer isso. Era incrível que o que ele havia dito pudesse mesmo ser verdade.

Seu olhar passeou mais um pouco e descansou sobre seu marido, de rosto vermelho e ombros largos, falando de cavalos com Jane Helier, uma linda e popular atriz. Jane era ainda mais bonita (se é que era possível) fora do palco do que nele; abria seus imensos olhos azuis e murmurava a intervalos discretos: “Verdade?”. “Hmm, extravagante!”. “Que extraordinário!”. Ela não entendia absolutamente nada sobre cavalos e dava ainda menos importância ao assunto.

– Arthur – disse a sra. Bantry –, você está entediando a pobre Jane a ponto de deixá-la distraída. Deixe os cavalos de lado e, em vez disso, conte a ela sua história fantasmagórica. Você sabe... George Pritchard.

– Hein, Dolly? Ah! Mas não sei se é...

– Sir Henry também quer ouvi-la. Eu estava falando sobre isso hoje de manhã. Seria interessante ouvir o que todos teriam a dizer sobre o assunto.

– Ah, faça isso! – disse Jane. – Amo histórias de fantasmas.

– Bem... – hesitou o coronel Bantry. – Nunca acreditei muito no sobrenatural. Mas isso...

“Acho que nenhum de vocês conhece George Pritchard. Ele é um dos melhores homens que conheço. Sua esposa... bem, ela já morreu, pobre mulher. Direi apenas o seguinte: ela não facilitara as coisas para George quando estava viva. Era uma daquelas semi-inválidas – acredito que houvesse algo realmente de errado com ela, mas, o que quer que tenha sido, ela usou e abusou daquilo como pôde. Era caprichosa, exigente, intratável. Reclamava da manhã à noite. Esperava que George a servisse o tempo inteiro, tudo que ele fazia estava sempre errado, e ele era xingado por isso. A maioria dos homens, estou plenamente convencido, teria acertado a cabeça dela com uma machadinha há muito tempo. Hein, Dolly, não é mesmo?”

– Era uma mulher terrível – disse a sra. Bantry com convicção. – Se George Pritchard tivesse arrebentado os miolos dela com uma machadinha e houvesse alguma mulher no júri, ele teria sido triunfalmente absolvido.

– Não sei bem como o negócio começou. George fora sempre muito reticente sobre o assunto. Entendo que a sra. Pritchard sempre tivera uma queda por cartomantes, quiromantes e videntes, qualquer coisa do tipo.

George não se importava. Se ela se divertia com isso, tudo muito bem e muito bom. Mas ele se recusava a participar das rapsódias, e isso gerava ainda mais um tipo de reclamação.

"Uma sucessão de enfermeiras de hospital estava constantemente passando pela casa. A sra. Pritchard geralmente ficava insatisfeita com elas depois de algumas semanas. Uma jovem enfermeira havia se entusiasmado com essas façanhas de cartomante, e a sra. Pritchard havia se afeiçoado a ela durante algum tempo. Então, de súbito, se desentendeu com ela e insistiu para que fosse mandada embora. Voltou então uma outra enfermeira que havia trabalhado para ela anteriormente, uma mulher mais velha, experiente e com muito tato para lidar com pacientes neuróticos. A enfermeira Copling, de acordo com George, era muito competente, uma mulher sensata para se conversar. Aguentava os chiliques e ataques de nervos da sra. Pritchard com total indiferença.

"A sra. Pritchard sempre almoçava no andar de cima, e George e a enfermeira costumavam usar o horário de almoço a fim de se organizarem para o período da tarde. A rigor, a enfermeira saía das quatorze às dezesseis horas, mas "para facilitar", como se costuma dizer, algumas vezes tirava sua folga após o chá, caso George preferisse ter a tarde livre. Naquela ocasião, mencionou que estava indo visitar a irmã em Golders Green e poderia se atrasar um pouco para retornar. A expressão de George desmoronou, pois havia marcado uma partida de golfe. A enfermeira Copling, no entanto, o tranquilizou.

"'Nossa falta não será sentida, sr. Pritchard.' Uma fagulha brilhou no olho dela. 'A sra. Pritchard vai ter uma companhia mais emocionante do que a nossa.'

"'De quem?'

"'Espere um minuto.' Os olhos da enfermeira Copling brilharam mais do que nunca. 'Deixe-me lembrar com certeza. *Zarida, Leitora Psíquica do Futuro*.'

"'Ai, meu Deus!', lamentou George. 'Esta é nova, não é mesmo?'

"'Bem nova. Acredito que minha antecessora, a enfermeira Carstairs, a tenha enviado. A sra. Pritchard ainda não a conhece. Ela me fez escrever para marcar um horário para esta tarde.'

"'Bem, de qualquer forma vou praticar meu golfe', disse George, e saiu com os sentimentos mais afetuosos com relação à Zarida, a Leitora do

Futuro.

“‘Ao voltar para casa, encontrou a sra. Pritchard em estado de grande agitação. Estava, como de costume, deitada em seu sofá de inválida e segurava um vidro de sais de cheiro nas mãos, os quais ela aspirava em intervalos frequentes.

“‘George!’, ela exclamou. ‘O que foi que eu lhe disse sobre esta casa? No momento em que entrei aqui, *senti* que havia alguma coisa errada! Não foi o que eu disse naquela ocasião?’

“Reprimindo o desejo de responder: ‘Você diz isso o tempo todo’, George falou: ‘Não, não posso dizer que me recordo.’.

“‘Você nunca se lembra de nada que tenha a ver comigo. Os homens são todos extremamente grosseiros; mas acredito, realmente, que seja ainda mais insensível do que a maioria.’

“‘Ah, assim não, Mary querida, isso não é justo.’

“‘Bem, como eu estava dizendo, essa mulher *sabia* disso imediatamente! Ela... Ela de fato empalideceu... entende o que quero dizer, quando entrou pela porta, e disse: ‘Há algo ruim aqui, ruim e perigoso. Eu posso sentir.’.

“Numa reação nada inteligente, George riu.

“‘Bem, você fez valer o seu dinheiro esta tarde.’

“A esposa fechou os olhos e deu uma longa aspirada em seu vidro de sais.

“‘Como você me odeia! Iria zombar e rir de mim se eu estivesse morrendo.’

“George protestou e, depois de um ou dois minutos, ela continuou.

“‘Pode rir, mas vou lhe contar a história toda. Esta casa é definitivamente perigosa para mim. A mulher afirmou isso.’

“O sentimento anterior de George, de afetividade com relação a Zarida, passou por uma transformação. Sabia que a esposa era perfeitamente capaz de insistir em mudar para outra casa se esse capricho tomasse conta dela.

“‘O que mais ela afirmou?’, perguntou ele.

“‘Não conseguiu me dizer muita coisa. Ela estava muito perturbada. Uma coisa ela disse. Eu tinha umas violetas num vidro. Ela apontou para elas e gritou: “Tire-as daqui! Nada de flores azuis, jamais tenha flores azuis. *Flores azuis são mortais para você, lembre-se disso*”.’

“‘Lembra que’, acrescentou a sra. Pritchard, ‘eu sempre lhe disse que o azul, como cor, é repugnante para mim? Tenho uma espécie de instinto

natural, de advertência quanto a isso.’

“George foi esperto o bastante para não comentar que jamais a tinha ouvido dizer algo assim antes. Em vez disso, perguntou como era essa misteriosa Zarida. A sra. Pritchard iniciou a descrição com gosto.

“‘Cabelos negros, enrolados em coques sobre as orelhas; tinha os olhos semicerrados com enormes contornos pretos ao redor deles, usava um véu preto cobrindo a boca e o queixo e falava numa voz cantada, com um forte sotaque estrangeiro, acho que era espanhol.’

“‘Em suma, todas as ferramentas tradicionais para o tipo de negócio dela’, disse George alegremente.

“A esposa imediatamente fechou os olhos.

“‘Estou me sentindo muito doente’, disse. ‘Chame a enfermeira. A falta de delicadeza me aborrece, como você bem sabe.’

“Dois dias depois, a enfermeira Copling veio até George com uma expressão grave.

“‘Poderia vir ver a sra. Pritchard, por favor? Ela recebeu uma carta que a está deixando muito aborrecida.’

“Encontrou a esposa com a carta na mão. Ela a estendeu para ele.

“‘Leia’, disse.

“George leu. Era um papel fortemente perfumado com letras grandes e bem pretas.

“‘*Eu enxerguei o futuro. Aviso antes que seja tarde demais. Cuidado com a lua cheia. A prímula azul é uma advertência; a malva azul indica perigo; o gerânio azul significa a morte...*’

“Quase a ponto de explodir numa gargalhada, George percebeu o olhar da enfermeira Copling. Ela fez um gesto rápido de advertência. Ele disse, bastante sem jeito: ‘A mulher está provavelmente tentando amedrontar você, Mary. De qualquer maneira, não existem malvas azuis ou gerânios azuis’.

“Mas a sra. Pritchard começou a chorar e a dizer que seus dias estavam contados. A enfermeira Copling saiu do quarto com George e foi até o patamar da escada.

“‘São os disparates mais absurdos’, ele desabafou.

“‘Acho que sim.’

“Algo no tom da enfermeira chamou a atenção dele, e ficou olhando para ela espantado.

“‘Certamente, enfermeira, não acredita que...’

“‘Não, não, sr. Pritchard. Não acredito em previsões do futuro, isso é bobagem. O que me intriga é o *significado* disso. Cartomantes estão geralmente atrás de qualquer coisa que possam conseguir. Mas essa mulher parece estar aterrorizando a sra. Pritchard sem vantagem nenhuma para si mesma. Não entendo o motivo. Há uma outra coisa...’

“‘Sim?’

“‘A sra. Pritchard diz que algo em Zarida parecera vagamente familiar a ela.’

“‘Bem?’

“‘Bem, eu não gosto disso, sr. Pritchard. Isso é tudo.’

“‘Não sabia que era tão supersticiosa, enfermeira.’

“‘Não sou supersticiosa; mas sei quando uma coisa não cheira bem.’

“Foi uns quatro dias depois que o primeiro incidente aconteceu. Para que possam entender, tenho de descrever o quarto da sra. Pritchard...”

– É melhor deixar que eu faça isso – interrompeu a sra. Bantry. – Era forrado com um daqueles novos estilos de papel de parede, com amontoados de flores aplicadas para formar uma espécie de borda herbácea. O efeito é quase o de se estar em um jardim; entretanto, é claro, as flores estão todas erradas. Digo, não poderiam estar todas florescendo ao mesmo tempo...

– Não deixe que a paixão pela precisão hortícola a leve longe demais, Dolly – disse o marido. – Todos nós sabemos que você é uma entusiasta da jardinagem.

– Bem, mas *é* absurdo – protestou Mary Bantry. – Imaginem ter jacintos, narcisos-amarelos, tremoços, malvas e margaridas de Michaelmas agrupadas todas juntas.

– Nada científico – disse Sir Henry. – Mas prossiga com a história.

– Bem, em meio a esse aglomerado de flores havia prímulas, amontoados de prímulas amarelas, rosa, e... oh, continue, Arthur, é a sua história...

O coronel Bantry continuou a contar.

– A sra. Pritchard bateu a sineta violentamente certa manhã. A casa inteira veio correndo, pensando que ela estivesse à beira da morte; mas não era nada disso. Estava violentamente agitada, apontando para o papel de parede; e ali, com certeza, encontrava-se *uma única prímula azul* no meio das outras...

– Ah – disse a srta. Helier –, que estranho.

– A questão era: será que a prímula azul não havia sempre estado ali? Aquela fora a sugestão de George e da enfermeira. Mas a sra. Pritchard não queria aceitar aquilo por nada. Jamais havia notado a flor antes daquela manhã, e na noite anterior a lua estivera cheia. Estava transtornada.

– Encontrei George Pritchard naquele mesmo dia e ele me relatou tudo – disse a sra. Bantry. Fui visitar a sra. Pritchard e fiz o que pude para ridicularizar a coisa toda, mas não obtive sucesso. Saí de lá realmente preocupada e lembro-me de ter encontrado Jean Instow e ter contado isso a ela. Jean é uma garota singular. Ela disse: "Então ela está realmente aborrecida com isso?". Eu falei que achava que a mulher era perfeitamente capaz de morrer de medo; ela tinha uma superstição anormal.

"Lembro de Jean ter me assustado bastante com o que falou a seguir. Disse: 'Bem, pode ser que seja melhor assim, não é?'. E disse isso com tamanha frieza, num tom tão corriqueiro que fiquei realmente, bem... chocada. Claro que sei que é normal hoje em dia ser brutal e tão sem rodeios; mas não consigo me acostumar. Jean sorriu para mim de forma estranha e falou, 'Não gostou de eu ter dito isso, mas é verdade. De que serve a vida da sra. Pritchard para ela? Para nada; e é um inferno para George Pritchard. A melhor coisa que poderia acontecer para ele seria a mulher morrer literalmente de medo.' Eu disse: 'George a trata tremendamente bem o tempo inteiro'. E ela disse: 'Sim, e merece uma recompensa, coitadinho'. Ele é um homem muito atraente, George Pritchard. A última enfermeira achava isso, aquela bonita, qual era o nome dela? Carstairs. Esse foi o motivo da briga entre ela e a sra. P.'

"Não gostei de ouvir Jean dizendo aquilo. Claro que a gente fica se *perguntando*..."

A sra. Bantry fez uma pausa significativa.

– Sim, querida – disse Miss Marple placidamente. – A gente sempre faz isso. A srta. Instow é uma moça bonita? Suponho que ela jogue golfe.

– Sim. Ela é boa em todos os esportes. E é encantadora, de aparência atraente, muito clara, com uma pele saudável e olhos azuis bonitos e firmes. Claro que sempre achávamos que ela e George Pritchard, quero dizer, se as coisas tivessem sido diferentes, combinavam tanto um com o outro.

– E eram amigos? – perguntou Miss Marple.

– Ah, sim. Grandes amigos

– Acha, Dolly – disse queixoso o coronel Bantry –, que eu teria

permissão para prosseguir com a minha história?

– Arthur – disse a sra. Bantry resignando-se – quer voltar aos seus fantasmas.

– Ouvi o restante da história da boca do próprio George – continuou o coronel. – Não resta dúvida de que a sra. Pritchard ficara muito ansiosa ao se aproximar o final do mês seguinte. Marcara num calendário o dia em que a lua estaria cheia e, naquela noite, chamou a enfermeira e George ao seu quarto e os fez estudar o papel de parede minuciosamente. Havia malvas rosadas e vermelhas, mas nenhuma azul entre elas. E então, quando George saiu do quarto, ela trancou a porta.

– E, pela manhã, havia uma enorme malva azul – disse a srta. Helier com alegria.

– Isso mesmo – disse o coronel Bantry. – Ou, de qualquer forma, praticamente isso. Uma das flores de malva logo acima da cabeça dela havia ficado azul. Isso deixara George atordoado; e é claro, quanto mais atordoado ele ficava, mais ele se recusava a levar a coisa a sério. Insistia que o negócio todo era algum tipo de trote de mau gosto. Ignorou a comprovação da porta trancada e o fato de que a sra. Pritchard descobrira a mudança antes de qualquer um entrar no quarto, até mesmo a enfermeira Copling.

"George, atordoado, tornara-se irracional. A esposa queria sair da casa, e ele não a deixava. Estava inclinado a acreditar no sobrenatural pela primeira vez na vida, mas não queria admitir. Geralmente ele sucumbia aos caprichos da esposa, mas daquela vez não queria fazer isso. Não queria que Mary passasse por tola, disse. A coisa toda era um contrassenso infernal.

"E, assim, o mês seguinte passou voando. A sra. Pritchard protestou menos do que se imaginava. Acho que ela era supersticiosa demais para acreditar que poderia escapar ao seu destino. Repetia sem parar: 'A prímula azul, advertência. A malva azul, perigo. O gerânio azul, *morte*'. E deitava-se olhando para o montinho de gerânios rosa-avermelhados próximos de sua cama.

"A situação toda era bastante tensa. Até a enfermeira fora contaminada. Viera falar com George dois dias antes da lua cheia, implorando que ele tirasse a sra. Pritchard dali. George estava furioso.

"'Mesmo que todas as flores daquela parede maldita se transformassem em demônios azuis, ainda assim isso não ia matar ninguém!', berrou ele.

"'Poderia matar, sim. Muita gente já morreu de choque emocional.'

“‘Tolice’, disse George.

“George sempre tivera um quê de teimosia. Não se consegue conduzi-lo. Acho que ele secretamente acreditava que a própria mulher era responsável pela transformação e que tudo fazia parte de algum plano mórbido e histérico dela.

“Bem, chegou a noite fatídica. A sra. Pritchard trancou a porta como de costume. Estava muito calma, quase que num estado de exaltação mental. A enfermeira estava preocupada com o estado dela, queria dar-lhe um estimulante, uma injeção de estricnina, mas a sra. Pritchard recusou. De certa forma, acredito que ela estava se divertindo com aquilo. George dizia que ela estava.”

– Acho que é bem possível – disse a sra. Bantry. – Deve ter havido algum tipo estranho de glamour na coisa toda.

– Na manhã seguinte, não se ouviu o ruído violento da sineta. A sra. Pritchard geralmente acordava em torno das oito horas. Quando já eram oito e meia e ela não havia dado sinal de vida, a enfermeira bateu na porta com firmeza. Como não obteve resposta, chamou George e insistiu para abrirem a porta à força. Fizeram isso com o auxílio de um cinzel.

“Para a enfermeira Copling, bastou olhar para a figura imóvel sobre a cama. Mandou George telefonar para o médico, mas era tarde demais. A sra. Pritchard, disse o doutor, devia estar morta há mais de oito horas. Os sais de cheiro encontravam-se junto à mão dela na cama, *e, na parede ao lado, um dos gerânios rosa-avermelhados agora era de um azul brilhante e profundo.*”

– Que coisa horrível – disse a srta. Helier, sentindo um arrepio.

Sir Henry franzia o cenho.

– Não existem detalhes adicionais?

O coronel Bantry balançou a cabeça, mas a sra. Bantry falou rapidamente:

– O gás.

– De que gás está falando? – perguntou Sir Henry.

– Quando o médico chegou, havia um tênue cheiro de gás e encontraram o registro do gás da lareira aberto, muito de leve; mas tão de leve que não deve ter feito diferença.

– O sr. Pritchard e a enfermeira não perceberam isso quando entraram no quarto pela primeira vez?

– A enfermeira disse que percebera um odor suave. George disse que

não identificara o gás, mas alguma coisa o fizera se sentir estranho e fraco; porém, atribuiu aquilo ao choque, e provavelmente era isso mesmo. Para todos os efeitos, envenenamento por gás não estava em questão. O cheiro era quase imperceptível.

– E esse é o fim da história?

– Não, não é. De um jeito ou outro, houve muito falatório. A criadagem, vocês veem, tinha ouvido coisas; ouvido, por exemplo, a sra. Pritchard dizendo ao marido que ele a odiava e que iria zombar dela se estivesse à beira da morte. E também comentários mais recentes. A respeito da recusa dele em deixar a casa, ela havia dito um dia: “Muito bem, quando eu morrer, espero que todos se deem conta de que você me matou”. E por puro azar ele estivera preparando o veneno para as ervas daninhas da calçada do jardim no dia anterior. Um dos empregados mais jovens havia visto e depois o viu levando um copo de leite quente para a esposa.

“O falatório se espalhou e cresceu. O doutor havia emitido um atestado, não sei exatamente em que termos, choque, síncope, falência cardíaca, provavelmente alguns termos clínicos que não queriam dizer muito. Entretanto, não fazia nem um mês que a pobre senhora estava em seu túmulo quando foi concedida uma ordem de exumação.”

– E o resultado da autópsia foi nulo, eu lembro – disse Sir Henry com seriedade. – Enfim, um caso de fumaça sem fogo.

– A coisa toda é muito curiosa – disse a sra. Bantry. – Aquela cartomante, por exemplo, a tal Zarida. No endereço onde ela dizia morar, ninguém nunca ouvira falar dessa pessoa!

– Ela apareceu uma vez, do nada – disse o marido –, e depois desapareceu.

– E mais ainda – continuou a sra. Bantry –, a enfermeirinha Carstairs, que supostamente era quem havia recomendado a cartomante, não tinha sequer ouvido falar nela.

Eles se entreolharam.

– É uma história misteriosa – disse o dr. Lloyd. – Podemos tentar algumas hipóteses; mas de fato adivinhar a solução...

Ele balançou a cabeça.

– O sr. Pritchard casou-se com a srta. Instow? – perguntou Miss Marple com sua voz doce.

– Por que pergunta isso? – perguntou Sir Henry.

Miss Marple arregalou seus gentis olhos azuis.

– Parece-me tão importante – disse. – Eles casaram?

O coronel Bantry sacudiu a cabeça.

– Nós... bem, esperávamos algo do gênero, mas já faz dezoito meses agora. Não acredito que eles sequer se vejam muito.

– Isso é importante – disse Miss Marple. – Muito importante.

– Então pensa do mesmo modo que eu – disse a sra. Bantry. – Pensa que...

– Porém, Dolly – disse o marido –, o que está prestes a dizer é injustificável. Não pode sair por aí acusando as pessoas sem ter uma prova que seja.

– Não seja tão... tão viril, Arthur. Os homens têm sempre receio de dizer *qualquer coisa*. De qualquer forma, isso é apenas entre nós. É só uma ideia doida e fantástica minha que possivelmente... *apenas* possivelmente... Jean Instow tenha se disfarçado de cartomante. Pensem comigo, ela pode ter feito isso por brincadeira. Em nenhum momento penso que ela possa ter tido a intenção de fazer mal a ninguém; mas, se ela fez isso, e se a sra. Pritchard era tola o suficiente para morrer de medo... Bem, é a isso que Miss Marple se referia, não era?

– Não, querida, não era bem a isso – disse Miss Marple. – Vocês percebem, se eu fosse matar alguém, o que é claro que nem por um minuto jamais sonharia em fazer, porque seria maldade demais e, além disso, não gosto de matar nem mesmo as vespas, embora saiba que é necessário e tenha certeza de que o jardineiro cumpre a tarefa da forma menos cruel possível... Deixe-me ver, o que é que estava dizendo?

– Se quisesse matar alguém – incitou Sir Henry.

– Ah, sim. Bem, se quisesse, não ficaria satisfeita em confiar apenas no *medo*. Sei que se lê por aí sobre pessoas morrendo disso, mas me parece uma coisa muito incerta, e as pessoas mais nervosas são muito mais corajosas do que geralmente se pensa que são. Eu ia preferir algo definitivo e certeiro e criaria um plano bom e detalhado para esse fim.

– Miss Marple – disse Sir Henry –, a senhora me assusta. Espero que nunca deseje livrar-se de mim. Seus planos seriam perfeitos demais.

Miss Marple olhou para ele repreendendo-o.

– Pensei ter deixado bem claro que jamais contemplaria cometer tal ato de maldade – ela disse. – Não, estava tentando me colocar no lugar de...

hum... uma certa pessoa.

– Está falando de George Pritchard? – perguntou o coronel Bantry. – Nunca acreditaria que fosse George, embora, veja você, até a enfermeira pense que foi. Fui falar com ela mais ou menos um mês depois, na época da exumação. Não sabia como ele poderia ter feito, na verdade não queria dizer nada, mas deixou claro o suficiente que acreditava que George era de alguma forma responsável pela morte da esposa. Estava convencida disso.

– Bem – disse dr. Lloyd –, talvez não estivesse tão errada. E mais: uma enfermeira muitas vezes *sabe*. Não pode afirmar, não tem provas, mas ela *sabe*.

Sir Henry inclinou-se para frente.

– Diga, Miss Marple – falou, persuasivo. – Está perdida em devaneios. Não quer nos contar o que é?

Miss Marple foi pega de surpresa e ficou ruborizada.

– Peço-lhes perdão – disse. – Estava só pensando na nossa enfermeira distrital. Um problema dos mais difíceis.

– Mais difícil do que o problema do gerânio azul?

– Realmente depende das prímulas – disse Miss Marple. – Quero dizer, a sra. Bantry disse que elas eram amarelas e rosa. Se foi uma prímula rosa que ficou azul, tudo se encaixa perfeitamente, é claro. Mas se aconteceu de ser uma amarela...

– Era uma rosa – disse a sra. Bantry.

Ela olhou firme. Todos olharam para Miss Marple.

– Então isso resolve a questão – disse Miss Marple. Balançou a cabeça lamentando-se. – E era época de vespas e tudo. E, é claro, o gás.

– Elementos que lembram a senhora, suponho, de inúmeras tragédias no povoado? – disse Sir Henry.

– Não tragédias – disse Miss Marple. – E certamente nada criminoso. Mas remete um pouco ao problema que estamos tendo com a enfermeira distrital. Afinal, enfermeiras são seres humanos, e com tudo isso de terem de ser tão corretas em seu comportamento, vestirem aqueles colarinhos desconfortáveis, ficarem tão envolvidas com a família; bem, é de se admirar que algumas vezes aconteçam coisas?

Sir Henry teve um vislumbre iluminado.

– Está falando da enfermeira Carstairs?

– Oh, não. Não a enfermeira Carstairs. Enfermeira *Copling*. Percebem

que ela havia estado lá antes e ficado muito impressionada com o sr. Pritchard, que vocês dizem ser um homem atraente. Arriscaria dizer que ela pensou, pobrezinha... Bem, não precisamos entrar no mérito da questão. Não suponho que ela soubesse da existência da srta. Instow e, mais tarde, quando descobriu, é claro, isso fez com que ela se voltasse contra ele e tentasse destruir tudo o que podia. É claro que a carta de fato a delatou, não foi?

– Que carta?

– Bem, ela escrevera para a cartomante a pedido da sra. Pritchard, e a cartomante veio, aparentemente em resposta à carta. Porém, mais tarde, descobriu-se que aquela pessoa nunca existira naquele endereço. Portanto, isso prova que a enfermeira Copling estava envolvida. Ela apenas fingiu que havia enviado uma carta; portanto, há algo mais razoável do que pensar que *ela* própria era a cartomante?

– Nunca entendi a parte da carta – disse Sir Henry. – E é um ponto dos mais importantes, pela lógica.

– Um passo bastante arriscado da parte dela – disse Miss Marple –, porque a sra. Pritchard poderia tê-la reconhecido apesar do disfarce, embora é claro que, se isso tivesse acontecido, a enfermeira poderia fingir que era uma brincadeira.

– O que quis dizer – disse Sir Henry – quando afirmou que se fosse certa pessoa não teria confiado apenas no medo?

– Não teria garantias dessa forma – disse Miss Marple. – Não. Eu acho que as advertências e as flores azuis, se me permitem usar um termo militar – ela riu, um pouco sem graça –, eram *apenas camuflagem*.

– E o que era a questão em si?

– Sei – disse Miss Marple desculpando-se – que estou com vespas na cabeça. Pobrezinhas, destruídas aos milhares, geralmente num dia lindo de verão. Mas recordo ter pensado, quando vi o jardineiro chacoalhando o cianureto de potássio numa garrafa com água, em como aquilo se parecia com sais de cheiro. E se fossem colocados num vidrinho próprio de sais de cheiro, substituindo os verdadeiros... Bem, a pobre senhora tinha o hábito de usar seus sais. Na verdade, disse que foram encontrados junto da mão dela. Então, é claro, enquanto o sr. Pritchard foi telefonar para o médico, a enfermeira teria trocado o veneno pelo vidro verdadeiro e ligado o gás, só um pouquinho, para mascarar qualquer aroma de amêndoas e para o caso de alguém se sentir estranho. Também sempre ouvi dizer que cianureto não

deixa rastro depois de um certo tempo. Mas, é claro, posso estar enganada, e pode ter sido algo completamente diferente no vidro; mas isso não importa de fato, importa?

Miss Marple faz uma pausa, um pouco sem fôlego.

Jane Helier inclinou-se para frente e perguntou: – Mas e o gerânio azul, e as outras flores?

– As enfermeiras sempre têm papel de litmus, não têm? – disse Miss Marple. – Para, bem, fazer exames. Não é um assunto agradável. Não vamos nos deter nele. Eu mesma já trabalhei um pouco com enfermagem – ficou delicadamente ruborizada. – O azul torna-se vermelho com ácidos, e o vermelho fica azul com substâncias alcalinas. Muito fácil colar um pouco de litmus vermelho sobre uma das flores próxima da cama, é claro. E então, quando a pobre senhora usasse seus sais de cheiro, os vapores fortes da amônia tornariam o papel azul. Realmente muito engenhoso. É claro que o gerânio não estava azul logo que entraram no quarto; ninguém percebeu isso até bem depois. Quando a enfermeira trocou os vidros, segurou o sal amoníaco contra o papel de parede por um minuto, imagino.

– É como se a senhora tivesse estado lá, Miss Marple – disse Sir Henry.

– O que me preocupa – disse Miss Marple – é o pobre sr. Pritchard e aquela moça simpática, a srta. Instow. Provavelmente ambos suspeitando um do outro e ficando separados; e a vida é tão, tão curta.

Ela balançou a cabeça.

– Não precisa se preocupar – disse Sir Henry. – De fato tenho um trunfo escondido na manga. Uma enfermeira foi presa acusada de assassinar um paciente idoso que havia deixado a ela uma herança. O crime foi executado com cianureto de potássio no lugar de sais de cheiro. A enfermeira Copling usou mais uma vez o mesmo truque. A srta. Instow e o sr. Pritchard não precisam ter dúvidas quanto à verdade.

– Vejam, isso não é bom? – alegrou-se Miss Marple. – Não estou falando do novo assassinato, é claro. Aquilo é muito triste e mostra quanta maldade existe no mundo, e que se por uma vez apenas dermos a oportunidade... O que me faz lembrar que *preciso* terminar minha conversa com o dr. Lloyd sobre a enfermeira do povoado.

CAPÍTULO 8

A dama de companhia

– Agora, dr. Lloyd – disse a srta. Helier. – O *senhor* não conhece nenhuma história arrepiante?

Ela sorriu para ele com o mesmo sorriso que enfeitiçava o público do teatro todas as noites. Jane Helier algumas vezes fora chamada de a mulher mais linda da Inglaterra, e os colegas invejosos de profissão tinham o hábito de dizerem entre si: "É claro que Jane não é uma *artista*. Ela não sabe *atuar* – se entende o que quero dizer. São seus olhos que causam impressão!".

E aqueles "olhos" estavam, naquele minuto, fixos e suplicantes na figura do velho médico grisalho e solteirão que vinha tratando as doenças do povoado de St. Mary Mead nos últimos cinco anos.

Num gesto inconsciente, o doutor tirou o colete (ultimamente propenso a parecer desconfortavelmente justo) e forçou seu cérebro a pensar às pressas, para não desapontar a criatura adorável que se dirigia a ele com tanta confiança.

– Sinto – disse Jane, sonhadora – que gostaria de mergulhar numa atmosfera de crimes esta noite.

– Esplêndido – disse o coronel Bantry, o anfitrião. – Esplêndido, esplêndido – ele riu, uma risada alta, vigorosa e militar. – Hein, Dolly?

A esposa, apressadamente chamada de volta às exigências sociais (ela estivera distraída planejando seu canteiro de primavera), concordou com entusiasmo.

– Claro que é esplêndido – falou de forma sincera, mas vaga. – Sempre achei isso.

– É mesmo, minha querida? – disse a velha Miss Marple, com um leve brilho nos olhos.

– Em St. Mary Mead, não temos muita coisa de causar arrepios e menos

ainda na linha criminal, sabe, srta. Helier? – disse o dr. Lloyd.

– O senhor me surpreende – disse Sir Henry Clithering. O ex-comissário da Scotland Yard voltou-se para Miss Marple. – Sempre entendi por nossa amiga aqui que St. Mary Mead é um viveiro de crimes e imoralidades.

– Oh, Sir Henry! – protestou Miss Marple, um leve rubor lhe chegando às bochechas. – Estou certa de nunca ter dito qualquer coisa do tipo. A única coisa que eu disse foi que a natureza humana é praticamente a mesma, tanto em um povoado quanto em qualquer outro lugar. A diferença é que aqui temos a oportunidade e o tempo disponível para observá-la bem de perto.

– Mas o senhor não morou *sempre* aqui – disse Jane Helier, ainda dirigindo-se ao doutor. – Já esteve em todo o tipo de lugar exótico do mundo todo, lugares onde as coisas *acontecem*!

– Isso é verdade, é claro – disse o dr. Lloyd, ainda tentando pensar em algo desesperadamente. – Sim, é claro... Sim... Ah! Já sei!

Ele se jogou para trás, suspirando aliviado.

– Foi há alguns anos, tinha quase me esquecido. Mas os fatos foram realmente muito estranhos; muito estranhos mesmo. E a coincidência final que colocou a solução em minhas mãos foi também peculiar.

A srta. Helier puxou a cadeira um pouco mais para perto dele, passou um batom e aguardou cheia de expectativas. Os outros também voltaram os olhares interessados na direção do médico.

– Não sei se algum de vocês conhece as Ilhas Canárias – começou.

– Devem ser maravilhosas – disse Jane Helier. – Ficam nos Mares do Sul, não é? Ou no Mediterrâneo?

– Passei por ali a caminho da África do Sul – disse o coronel. – O Pico de Tenerife oferece uma vista muito bonita com o sol se pondo ali.

– O incidente que vou descrever aconteceu na ilha de Gran Canária, não em Tenerife. Faz realmente muitos anos. Tive um colapso de saúde e fui forçado a abandonar minha clínica na Inglaterra e ir para o exterior. Trabalhei em Las Palmas, que é a cidade principal de Grand Canária. Sob muitos aspectos, aproveitei bastante a vida lá. O clima era ameno e ensolarado, havia uma praia excelente para banhos (e sou um banhista entusiasta), e a vida marinha do porto me atraía. Navios de todas as partes do mundo aportavam em Las Palmas. Costumava caminhar pelo molhe todas as manhãs, muito mais interessado no ambiente do que qualquer representante do sexo frágil estaria em uma rua de lojas que vendessem chapéus.

“Como ia dizendo, navios de todo o mundo aportavam em Las Palmas. Às vezes ficavam por algumas horas; às vezes, um dia ou dois. No principal hotel de lá, o Metrópole, se viam pessoas de todas as raças e nacionalidades, aves de passagem. Mesmo as pessoas a caminho de Tenerife geralmente chegavam ali primeiro e ficavam por alguns dias antes de cruzarem para a outra ilha.

“Minha história começa ali, no Hotel Metrópole. Era uma quinta-feira à noite em janeiro. Estava acontecendo um baile, e eu e um amigo estávamos sentados em uma mesinha observando a cena. Havia uma pequena mas razoável quantidade de ingleses, entre outras nacionalidades, mas a maioria dos dançarinos eram espanhóis; e, quando a orquestra arriscou um tango, apenas meia dúzia de casais, todos desta última nacionalidade, tomaram a pista de dança. Todos dançavam bem, e nós os olhávamos e admirávamos. Uma mulher em particular nos provocava uma forte admiração. Alta, bela e sinuosa, movia-se com a elegância de uma tigresa semidomada. Havia algo de perigoso nela. Comentei isso com meu amigo e ele concordou.

“‘Mulheres assim’, disse ele, ‘estão fadadas a terem uma história. A vida não as deixa passar em branco.’

“‘A beleza talvez seja um dom perigoso’, eu disse.

“‘Não é apenas a beleza’, insistiu ele. ‘Há algo mais. Olhe para ela novamente. Há coisas predestinadas a acontecerem para aquela mulher, ou por causa dela. Como disse, a vida não vai deixar que passe em branco. Estará sempre cercada de eventos estranhos e interessantes. Basta olhar para ela para saber.’

“Fez uma pausa e então acrescentou, sorridente:

“‘Da mesma forma, basta olhar para aquelas duas mulheres lá para saber que nada de extraordinário poderia acontecer com nenhuma delas! Estão destinadas a uma existência segura e rotineira.’

“Segui a direção do olhar dele. As duas mulheres a quem se referia eram turistas que haviam acabado de chegar; um barco Holland Lloyd havia aportado naquela noite, e os passageiros estavam começando a desembarcar.

“Ao olhar para elas, logo percebi o que meu amigo quis dizer. Eram duas senhoras inglesas; o tipo de inglesas completamente aprazíveis que encontramos com frequência em viagens ao exterior. A idade delas eu poderia dizer que girava em torno dos quarenta anos. Uma era clara e um pouco – só um pouco – rechonchuda; a outra era morena e um pouco – de

novo, apenas um pouco – propensa a ser magricela. Elas eram o que se podia chamar de bem-cuidadas, vestidas de maneira sóbria e discreta em tweeds bem-cortados e despidas de qualquer tipo de maquiagem. Tinham aquele ar de arrogância comedida que é patrimônio das inglesas bem-educadas. Não havia nada de especial em nenhuma das duas. Eram como milhares de outras. Iriam sem dúvida ver apenas o que desejavam ver, sempre contando com a ajuda do guia Baedecker, e ficariam cegas para todo o resto. Fariam uso da biblioteca inglesa e frequentariam a igreja inglesa onde quer que estivessem e, provavelmente, uma delas, ou as duas, faria alguns esboços da paisagem. Como dissera meu amigo, nada de excitante ou excepcional jamais aconteceria com nenhuma delas, embora muito possivelmente pudessem acabar conhecendo meio mundo. Voltei outra vez o olhar para nossa sinuosa espanhola de olhos incandescentes e semicerrados, e sorri."

– Pobrezinhas – disse Jane Helier com um suspiro. – Mas acho tão tolo as pessoas não se arrumarem. Aquela mulher em Bond Street, Valentina, é realmente maravilhosa. Audrey Denman sempre consulta com ela; e já viram Audrey em *The Downward Step*? Como a estudante do primeiro ato ela está realmente fantástica. E Audrey aparenta ter no máximo cinquenta anos, se tanto. Na verdade, eu por acaso tenho a informação de que ela tem quase sessenta.

– Continue – disse a sra. Bantry para o dr. Lloyd. – Adoro histórias sobre sinuosas dançarinas espanholas. Me fazem esquecer o quanto sou gorda e velha.

– Sinto muito – disse o dr. Lloyd, desculpando-se. – Vejam bem, na verdade, esta história não é sobre a mulher espanhola.

– Não é?

– Não. Acontece que meu amigo e eu estávamos enganados. Nada minimamente interessante aconteceu com a beldade espanhola. Casou-se com um funcionário de escritório de envios e, na época em que deixei a ilha, já tinha cinco filhos e estava engordando bastante.

– Justo como aquela filha de Israel Peters – comentou Miss Marple. – Aquela que gostava do palco e tinha pernas tão fortes que a puseram no papel principal de menino no espetáculo de mímica. Todo mundo dizia que ela não iria prestar, mas casou-se com um viajante comercial e acomodou-se esplendidamente.

– O paralelo do vilarejo – murmurou Sir Henry, baixinho.

– Não – continuou o doutor. – Minha história é sobre as duas senhoras inglesas.

– Algo aconteceu com elas? – sussurrou a srta. Helier.

– Algo aconteceu com elas; e foi logo no dia seguinte.

– É mesmo? – perguntou a sra. Bantry, encorajando-o a prosseguir.

– Só por curiosidade, quando saí naquela noite espiei o livro de registros do hotel. Encontrei os nomes com facilidade. Srta. Mary Barton e srta. Amy Durrant, de Little Paddocks, Caughton Weir, Bucks. Não poderia imaginar naquele instante que iria encontrar tão cedo as donas daqueles nomes, e em que trágicas circunstâncias.

"No dia seguinte, havia combinado um piquenique com alguns amigos. Iríamos atravessar a ilha de carro e levar nosso lanche para um lugar chamado (pelo que me lembre... faz muito tempo) Las Nieves, uma baía bastante reservada onde poderíamos nos banhar se tivéssemos vontade. A programação foi devidamente executada, exceto que, como partimos um pouco atrasados, paramos no caminho para fazer o piquenique e seguimos para Las Nieves depois, para um banho de mar antes do chá.

"Ao nos aproximarmos da praia, fomos alertados para uma comoção tremenda. A população inteira do pequeno vilarejo parecia reunida na costa. Assim que nos viram, correram na direção do carro e começaram a explicar exaltadamente. Como nosso espanhol não era muito bom, levei alguns minutos para entender, mas por fim compreendi.

"Duas loucas senhoras inglesas haviam entrado no mar, e uma havia nadado muito para longe e estava com dificuldades. A outra foi atrás dela e tentou trazê-la de volta, mas esta, por sua vez, perdeu as forças e também teria se afogado se um homem não tivesse remado de barco até lá e trazido de volta a resgatadora e a resgatada, esta última já desenganada.

"Assim que entendi o que estava acontecendo, abri espaço na multidão e me apressei em chegar até a praia. Num primeiro momento, não reconheci as duas mulheres. A figura rechonchuda na roupa de malha sintética e touca de banho verde e apertada não me pareceu familiar quando olhou para cima com ansiedade. Estava ajoelhada ao lado do corpo da amiga, fazendo tentativas um tanto amadoras de respiração artificial. Quando lhe informei que era médico, suspirou aliviada, e mandei-a imediatamente buscar um linimento e uma muda de roupa seca em uma das cabanas. Uma das mulheres do meu grupo foi com ela. Trabalhei no corpo da afogada em vão. A vida havia

claramente se extinguido e, por fim, com relutância, tive de me render.

"Juntei-me aos outros na pequena cabana de pescadores e lá tive de dar as más notícias. A sobrevivente estava agora vestida com suas próprias roupas, e na mesma hora a reconheci como uma das duas recém-chegadas da noite anterior. Recebeu a má notícia razoavelmente calma. O horror da situação toda a impressionava mais do que qualquer grande sentimento pessoal.

"'Pobre Amy', disse. 'Pobre, pobre Amy. Ela estava tão empolgada para banhar-se no mar daqui. E era justamente uma boa nadadora. Não consigo entender. O que acha que pode ter acontecido, doutor?'

"'Possivelmente cãibra. Pode me relatar em detalhes o que aconteceu?'

"'Nós duas estávamos nadando por algum tempo, eu diria que há uns vinte minutos. Então eu quis sair da água, mas Amy disse que ela iria nadar para o fundo mais uma vez. Ela foi e, de repente, a ouvi chamar e percebi que estava gritando por socorro. Nadei até lá o mais rápido que pude. Estava ainda boiando quando cheguei perto, mas me agarrou de forma tão selvagem que nós duas afundamos. Se não fosse por aquele homem ter vindo com o barco, eu teria me afogado também.

"'Isso ocorre com certa frequência', eu disse. 'Salvar alguém de afogamento não é tarefa fácil.'

"'É tão terrível', continuou a srta. Barton. 'Recém chegamos ontem, e estávamos nos deliciando com o sol em nossas breves férias. E agora acontece essa... essa tragédia horrível.'

"Pedi que me fornecesse alguns detalhes sobre a falecida, explicando que faria tudo que pudesse por ela, mas que as autoridades espanholas iriam requisitar informações completas. Ela me passou as informações rapidamente.

"A falecida, srta. Amy Durrant, era sua dama de companhia e havia vindo trabalhar com ela há cinco meses. Estavam se dando muito bem juntas, mas a srta. Durrant havia contado muito pouco sobre sua família. Fora abandonada como órfã quando bem pequena, havia sido criada por um tio e ganhava seu próprio sustento desde os 21 anos de idade.

"'E isso era tudo', continuou o doutor. Deu uma pausa e repetiu, mas desta vez com uma certa finalidade na voz: 'E isso era tudo'."

– Não entendo – disse Jane Helier. – Isso é tudo? Digo, é bem trágico, suponho, mas não é, bem, não é o que eu chamaria de *arrepiante*.

– Acho que a história continua – disse Sir Henry.

– Sim – disse o dr. Lloyd –, a história continua. Entendam, já naquele momento havia uma coisa estranha. É claro que indaguei os pescadores sobre o que tinham visto. Havia testemunhas oculares. Uma mulher contou uma história bem esquisita. Não prestei atenção nela naquela hora, mas me voltou à memória mais tarde. Ela insistia, vejam bem, que a srta. Durrant não estava em dificuldades quando gritara. A outra nadou até ela e, de acordo com essa mulher, deliberadamente segurou a cabeça da srta. Durrant embaixo d'água. Não dei muita atenção, como eu disse. Era uma história tão fantástica, e essas coisas parecem tão diferentes vistas da areia. A srta. Barton pode ter tentado fazer sua amiga perder a consciência, percebendo que o desespero da outra em surto de pânico iria afogar as duas. Vejam bem, de acordo com a história da espanhola, parecia que, bem, a srta. Barton estivesse intencionalmente tentando afogar sua dama de companhia.

"Como disse, dei pouca atenção à história na hora. Voltou à minha memória depois. Nossa grande dificuldade era descobrir qualquer coisa sobre essa mulher, Amy Durrant. Não parecia ter nenhum parente. A srta. Barton e eu revistamos as coisas dela juntos. Encontramos um endereço e enviamos uma carta para lá, mas se revelou apenas um quarto que alugara onde mantinha suas coisas. A proprietária não sabia de nada, a vira apenas quando alugara o quarto. A srta. Durrant havia comentado na ocasião que gostava de ter um lugar para chamar de seu, ao qual poderia voltar a qualquer momento. Havia uma ou duas peças de mobiliário antigo, alguns números encadernados de fotos da Academia e um baú cheio de retalhos de tecido comprados em liquidações, mas nenhum objeto pessoal. Ela havia mencionado à senhora proprietária que seu pai e sua mãe haviam morrido na Índia quando era criança e que havia sido criada por um tio que era clérigo, mas não informou se era o irmão de seu pai ou de sua mãe, então o nome não servia como guia.

"Não era nada necessariamente misterioso, era apenas insatisfatório. Deve haver muitas mulheres solitárias, orgulhosas e reticentes, bem na mesma posição. Havia um par de fotografias entre seus pertences em Las Palmas, um tanto velhas e desbotadas, que haviam sido cortadas para caber nos porta-retratos onde se encontravam, então não havia o nome do fotógrafo nelas, e havia um velho daguerreótipo que pode ter sido de sua mãe ou, mais provavelmente, de sua avó.

"A srta. Barton havia recebido duas referências para ela. Uma ela

esquecera, o outro nome lembrara depois de algum esforço. Era uma senhora que se encontrava no exterior, na Austrália. Escrevemos para ela. A resposta, é claro, demorou bastante tempo, e posso dizer que quando chegou não ofereceu nenhuma ajuda em particular. Dizia que a srta. Durrant havia trabalhado para ela como acompanhante e havia sido extremamente eficiente, e que era uma mulher encantadora, mas não sabia nada de suas questões ou relações pessoais.

"Aí está; como digo, nada incomum realmente. Era apenas a soma das duas coisas juntas que me deixava irrequieto. Esta Amy Durrant de quem ninguém sabia nada, e a história esquisita da mulher espanhola. Sim, e vou acrescentar uma terceira: quando me debrucei sobre o corpo a primeira vez e a srta. Barton estava se distanciando dali na direção das cabanas, ela olhou para trás. Olhou para trás com uma expressão no rosto que posso descrever apenas como de uma ansiedade dolorosa, o tipo de incerteza angustiante que ficou gravada no meu cérebro.

"Não me marcou como algo fora do comum na época. Atribuí a expressão à sua terrível aflição com relação à amiga. Mas, vejam vocês, mais tarde percebi que elas não eram assim tão próximas. Não havia um apego dedicado entre elas, nenhuma dor terrível. A srta. Barton tinha afeição por Amy Durrant e estava chocada por sua morte, só isso.

"Mas, então, por que aquela ansiedade dolorosa e terrível? Aquela era a pergunta que ficava voltando para mim. Não havia me enganado com aquele olhar. E, quase que contra a minha vontade, uma resposta começou a se formar na minha mente. Suponhamos que a história da mulher espanhola fosse verdade; suponhamos que Mary Barton propositadamente e a sangue frio tivesse tentado afogar Amy Durrant. Ela consegue segurá-la embaixo d'água enquanto finge salvá-la. É resgatada por um barco. Estão numa praia remota longe de tudo. E então eu apareço; a última coisa que ela esperava. Um médico! E um médico inglês! Ela sabia bem que pessoas que haviam ficado embaixo d'água por muito mais tempo que Amy Durrant já foram reavivadas por respiração artificial. Mas ela tem de cumprir seu papel, deixando-me a sós com a vítima. E, quando volta-se para um último olhar, sua ansiedade terrível e devastadora transparece em sua face. Será que Amy Durrant iria voltar à vida *e contar o que sabe*?"

– Ah! – disse Jane Helier. – Agora estou entusiasmada.

– Vista sob esse aspecto, a situação toda parecia mais sinistra, e a

personalidade de Amy Durrant ficava mais misteriosa. Quem era Amy Durrant? Por que seria ela, uma insignificante dama de companhia, assassinada por sua patroa? Qual era a história por trás daquela fatídica expedição para um banho de mar? Ela começara a trabalhar para Mary Barton poucos meses antes. Mary Barton a havia levado ao estrangeiro e, exatamente no dia seguinte à chegada, acontece a tragédia. E ambas eram mulheres inglesas comuns, gentis e refinadas! A coisa toda era fantástica, eu dizia a mim mesmo. Estava me deixando dominar por minha imaginação.

– Então não tomou nenhuma atitude? – perguntou a srta. Helier.

– Minha cara jovem senhora, que poderia eu fazer? Não havia provas. A maioria das testemunhas relatava a mesma história da srta. Barton. Eu havia construído minhas próprias suspeitas baseado em uma expressão fugaz que poderia perfeitamente ter imaginado. A única coisa que poderia fazer, e fiz, era garantir que se fizessem as buscas mais completas possíveis pelos parentes de Amy Durrant. Na vez subsequente em que estive na Inglaterra, cheguei mesmo a ir ter com a proprietária do quarto alugado, obtendo os resultados que já relatei.

– Mas sentia que havia algo errado – disse Miss Marple.

Dr. Lloyd assentiu.

– Metade do tempo tinha vergonha de mim mesmo por pensar assim. Quem era eu para seguir suspeitando que essa simpática senhora inglesa de modos tão agradáveis era responsável por um crime sórdido a sangue frio? Não medi esforços para ser o mais cordial possível durante o curto tempo em que ela permaneceu na ilha. Ajudei-a com as autoridades espanholas. Fiz tudo que pude como inglês para ajudar uma compatriota em um país estrangeiro; ainda assim, estou convencido de que ela sabia que eu suspeitava e não gostava dela.

– Quanto tempo ela permaneceu por lá? – perguntou Miss Marple.

– Acho que uns quinze dias. A srta. Durrant fora enterrada lá e deve ter sido uns dez dias depois disso que tomou o navio de volta à Inglaterra. O choque a havia perturbado tanto que sentia que não iria conseguir passar o inverno na ilha como tinha planejado inicialmente. Isso foi o que ela disse.

– Ela parecia perturbada? – perguntou Miss Marple.

O doutor hesitou.

– Bem, não sei dizer se isso afetou a sua aparência de alguma forma – disse, cauteloso.

– Ela, por exemplo, não engordou? – perguntou Miss Marple.

– Sabe, é curioso a senhora dizer isso. Agora que volto a lembrar, acredito que esteja certa. Ela... sim, ela parecia estar engordando.

– Que horror – disse Jane Helier com um arrepio. – É como... como engordar do sangue da sua vítima.

– E, por outro lado, posso estar cometendo uma injustiça – prosseguiu o dr. Lloyd. – Ela certamente dissera algo antes de partir que apontava para uma direção completamente diferente. Talvez existam, acho que existem consciências que trabalham bem devagar, que levam algum tempo para acordarem para a enormidade da ação cometida.

"Foi na noite anterior à partida dela das Canárias. Me pediu para encontrá-la e me agradeceu muito calorosamente por tudo o que havia feito para ajudá-la. É claro, fiz como se não fosse nada, disse ter feito apenas o que era natural naquelas circunstâncias e assim por diante. Houve uma pausa depois disso e, então, subitamente, ela me fez uma pergunta.

"'Acha que', perguntou, 'existe algum motivo que justifique alguém fazer justiça com as próprias mãos?'

"Respondi que era uma pergunta bastante difícil, mas que, de modo geral, pensava que não. A lei era a lei, e todos tínhamos de respeitá-la.

"'Mesmo quando ela não tem poder nenhum?'

"'Não sei se compreendo.'

"'É difícil de explicar; mas alguém pode fazer algo considerado definitivamente errado; considerado até mesmo um crime, por uma boa razão, uma razão forte o suficiente?'

"Respondi de forma seca que possivelmente vários criminosos haviam pensado assim no momento do crime, e ela se encolheu.

"'Mas isso é horrível', murmurou. 'Horrível.'

"Então, com uma mudança de tom, pediu-me para dar-lhe algo para dormir. Não havia conseguido dormir direito desde, ela hesitara, desde aquele choque terrível.

"'Tem certeza de que é por isso? Não há nada que a preocupa? Nada em sua consciência?'

"'Em minha consciência? O que haveria na minha consciência?'

"Falou de forma feroz e suspeita.

"'A preocupação causa insônia às vezes', eu disse de forma despretensiosa.

“Pareceu cismada por um momento.

“‘Está falando de preocupações com o futuro ou de preocupações com um passado que não pode ser mudado?’

“‘De ambos.’

“‘Mas seria inútil ficar se preocupando com o passado. Não podemos trazer de volta... Não serve para nada. Não se deve pensar nisso. Não se deve pensar nisso.’

“Receitei-lhe uma dose de um sonífero leve e dei meu *adieu*. Enquanto me afastava, ponderei bastante sobre as palavras que ela havia dito. ‘Não podemos trazer de volta...’ O quê? Ou quem?

“Penso que aquele último encontro me preparou de alguma forma para o que estava por vir. Não esperava, é claro, mas quando aconteceu não fiquei surpreso. Porque, vejam bem, Mary Barton me marcou todo o tempo como uma mulher conscienciosa, não uma pecadora fraca, mas uma mulher de convicções, que agiria de acordo e não descansaria enquanto ainda acreditasse nelas. Suspeitei que, na última conversa que tivemos, ela estava começando a duvidar de suas convicções. Sei que as palavras dela sugeriam que sentia os primeiros e tênues indícios daquele terrível mergulhador da alma humana: o remorso.

“Foi na Cornuália, num pequeno balneário, bastante deserto naquela época do ano. Devia ser... deixe-me ver... final de março. Li sobre o caso nos jornais. Uma senhora havia se hospedado em um pequeno hotel dali, a srta. Barton. Ela se comportara de uma maneira muito estranha e peculiar, o que fora percebido por todos. À noite, andava pelo quarto, de um lado a outro, resmungando para si mesma, e não deixando as pessoas dos quartos ao lado dormirem. Chamara o vigário um dia e dissera que tinha um comunicado da mais grave importância para fazer. Ela havia, disse, cometido um crime. E então, em vez de prosseguir com a história, levantara-se abruptamente, dizendo que retornaria outro dia. O vigário considerou que ela tivesse algum leve problema mental e não levou a sério sua confissão.

“Na manhã seguinte, descobriram que ela desaparecera do quarto. Deixara um bilhete endereçado ao investigador criminal. Dizia o seguinte:

> *‘Tentei falar com o vigário ontem, para confessar tudo, mas não tive permissão. Ela não me deixava. Só posso reparar o erro de uma forma – uma vida por uma vida; e minha vida deve ir da mesma maneira que*

a dela. Também preciso morrer afogada no fundo do mar. Pensei que minha ação fosse justificada. Vejo agora que não era. Se desejo o perdão de Amy, devo ir até ela. Que ninguém seja culpado pela minha morte – Mary Barton.'

"Suas roupas foram encontradas jogadas na praia numa baía isolada ali perto. Parecia claro que ela havia se despido ali e nadado, resoluta, mar adentro, onde a corrente se sabia perigosa, carregando as pessoas ao longo da costa.

"O corpo não fora encontrado, mas, depois de um tempo, considerou-se morte presumida. Era uma mulher rica; seus bens foram avaliados em cem mil libras. Como morrera sem deixar testamento, tudo foi entregue aos parentes mais próximos, uma família de primos na Austrália. Os jornais faziam uma menção discreta à tragédia nas Ilhas Canárias, reforçando a teoria de que a morte da srta. Durrant havia transtornado a cabeça da amiga. Durante o inquérito, foi dado o veredicto usual de *suicídio por insanidade temporária*.

"E assim fecha-se a cortina na tragédia de Amy Durrant e Mary Barton."

Houve uma longa pausa, e então Jane Helier deu um suspiro profundo.

– Ah, mas não pode terminar aí, justamente na parte mais interessante. Continue.

– Mas não vê, srta. Helier, que esta não é uma história em capítulos? É a vida real; e a vida real para justamente onde bem entende.

– Mas eu não quero que pare – disse Jane. – Quero saber.

– É aqui que botamos nossos cérebros para funcionar, srta. Helier – explicou Sir Henry. – Por que Mary Barton matou sua acompanhante? Esse é o problema que o dr. Lloyd nos propõe.

– Ah, bem – disse a srta. Helier –, pode ter matado por muitos motivos. Digo... ah, eu não sei. Pode ter dado nos nervos dela, ou ficado com ciúmes, embora o dr. Lloyd não tenha mencionado nenhum homem no barco, na viagem até lá... bem, sabem o que todo mundo diz sobre barcos e viagens no mar.

A srta. Helier parou de falar, levemente sem fôlego, e ficou evidente para seus interlocutores que o lindo exterior da cabeça de Jane era distintamente superior à sua parte interna.

– Adoraria ter uma série de hipóteses – disse a sra. Bantry. – Porém,

terei de me restringir a uma só. Bem, acho que o pai da srta. Barton conseguiu todo aquele dinheiro destruindo o pai de Amy Durrant, então Amy estava determinada a se vingar. Oh, não, está tudo ao contrário. Que enfadonho! Por que a patroa rica mataria sua humilde dama de companhia? Já sei. A srta. Barton tinha um irmão mais novo que se dera um tiro pelo amor de Amy Durrant. A srta. Barton espera chegar a hora certa. Amy decai socialmente. A srta. B. a contrata como acompanhante e a leva para as Canárias, consumando ali sua vingança. Que tal?

– Excelente – disse Sir Henry. – Só que não sabemos se a srta. Barton tinha um irmão mais novo.

– Estamos deduzindo isso – disse a sra. Bantry. – A menos que ela tivesse um irmão mais novo, não há motivo. Então ela deve ter tido um irmão mais novo. Você vê, Watson?

– Está tudo muito bem, Dolly – disse o marido. – Mas é apenas uma hipótese.

– É claro que é – disse a sra. Bantry. – Isso é tudo que nos resta... adivinhar. Não temos nenhuma pista. Vá em frente, querido, tente você achar a solução.

– Dou minha palavra que não sei o que dizer. Mas acho que há algo intrigante na sugestão da srta. Helier de que brigaram por causa de um homem. Veja só, Dolly, era provavelmente algum eclesiástico de alta ordem da igreja. As duas bordaram uma veste sacerdotal ou qualquer outra coisa para ele, e ele usou a da srta. Durrant primeiro. Se formos a fundo, vai ser revelar uma história assim. Vejam como no final ela foi correndo procurar um pastor. Essas mulheres todas perdem a cabeça por causa de um clérigo bonitão. Ouvimos falar nisso o tempo inteiro.

– Acho que preciso tentar deixar minha explicação um pouco mais sutil – disse Sir Henry –, embora admita que seja apenas uma suposição. Sugiro que a srta. Barton fora sempre mentalmente perturbada. Há mais casos desse tipo do que podem imaginar. Sua mania fora se fortalecendo, e ela acreditava ser sua missão livrar o mundo de certas pessoas; possivelmente o que denominamos de mulheres perdidas. Não se sabe muito sobre o passado da srta. Durrant. Portanto, muito possivelmente, ela *tivera* um passado, um passado “desafortunado”. A srta. Barton fica sabendo disso e decide exterminá-la. Mais tarde, a retidão de seu ato começa a perturbá-la, e é vencida pelo remorso. Seu fim comprova o quanto ela era completamente

transtornada. Agora, diga que concorda comigo, Miss Marple.

– Receio não concordar, Sir Henry – disse Miss Marple, desculpando-se com um sorriso. – Acho que seu fim demonstra que ela era uma mulher muito esperta e engenhosa.

Jane Helier interrompeu com um gritinho.

– Oh! Fui tão ingênua. Posso tentar adivinhar de novo? É claro que só pode ter sido isso. Chantagem! A acompanhante estava fazendo chantagem. Eu só não vejo por que Miss Marple diz ter sido inteligente por parte da outra de ter se matado. Não vejo como, de jeito nenhum.

– Ah! – disse Sir Henry. – Mas veja, Miss Marple sabe de um caso exatamente como esse em St. Mary Mead.

– Sempre ri de mim, Sir Henry – disse Miss Marple de modo reprovador. – Devo confessar que a história me lembra, um pouquinho, a velha srta. Trout. Ela retirava a pensão de velhice, sabem, em paróquias diferentes, por três mulheres de idade que já estavam mortas.

– Soa como um dos crimes mais complicados e engenhosos – disse Sir Henry. – Mas não parece jogar nenhuma luz sobre nosso presente problema.

– Claro que não – disse Miss Marple. – Não jogaria nenhuma luz; para você. Mas algumas das famílias eram muito pobres, e a pensão de velhice era um enorme benefício para os filhos. Sei que é difícil para qualquer um de fora entender. Mas o que quero realmente dizer é que a situação toda estava articulada no fato de uma velha se parecer tanto com qualquer outra velha.

– Como? – disse Sir Henry, surpreso.

– Sempre explico as coisas muito mal. Quero dizer que, quando o dr. Lloyd descreveu as duas mulheres pela primeira vez, não sabia quem era quem, e suponho que ninguém do hotel também soubesse. Saberiam, é claro, depois de um ou dois dias, mas justamente no dia seguinte uma das duas morreu afogada, e se a que restou afirmava ser a srta. Barton, não imagino que em algum momento poderia ocorrer a alguém que talvez ela não fosse.

– A senhora acha... Ah! Estou percebendo – disse Sir Henry devagar.

– É a única maneira natural de se pensar o caso. A caríssima sra. Bantry ainda agora começou dizendo isso. *Por que motivo* a patroa rica iria matar sua humilde dama de companhia? É muito mais provável que tenha sido o contrário. Digo, é assim que as coisas se dão.

– É mesmo? – disse Sir Henry. – A senhora me deixa chocado.

– Mas, é claro – continuou Miss Marple –, ela teria de usar as roupas da

srta. Barton, e elas ficariam provavelmente um pouco justas nela, de forma que aparentaria ter engordado um pouco. Por essa razão eu fiz aquela pergunta. Um cavalheiro por certo iria pensar que teria sido a senhora quem havia engordado, e não as roupas que tivessem ficado pequenas; embora essa não seja bem a maneira certa de colocar a situação.

– Mas se Amy Durrant matou a srta. Barton, o que teria ganhado com isso? – perguntou a sra. Bantry. – Ela não poderia manter a fraude para sempre.

– Ela manteve por apenas mais um ou dois meses – assinalou Miss Marple. – E, durante esse período, imagino que tenha viajado, mantendo distância de qualquer um que pudesse conhecê-la. É a isso que me referi ao dizer que uma senhora de idade se parece tanto com as outras. Não creio que repararam alguma vez na fotografia diferente no passaporte; vocês sabem como são os passaportes. E então, em março, ela foi para esse lugar na Cornuália e começou a agir estranhamente e chamar a atenção para si, de forma que, quando as pessoas encontrassem as roupas na praia e lessem sua última carta, sequer tirariam a conclusão mais óbvia.

– Qual seria? – perguntou Sir Henry.

– Não acharam o *corpo* – disse Miss Marple com firmeza. – Esse é o detalhe que mais teria ficado evidente, não fosse pela quantidade de pistas falsas utilizadas para distrair todos do caminho certo; incluindo a sugestão de um ato criminoso seguido de remorso. Não acharam o *corpo*. Esse foi o fato realmente significativo.

– Está dizendo – interrompeu a sra. Bantry –, está dizendo que não houve qualquer remorso? Que não havia... que ela não cometeu suicídio?

– Não ela! – disse Miss Marple. – É a história da sra. Trout todinha de novo. A sra. Trout era muito boa em plantar pistas falsas, mas encontrou em mim uma adversária sem igual. E consigo enxergar o que está por trás do aparente remorso que guiou as ações da sua srta. Barton. Suicídio por afogamento? Mandou-se para a Austrália, se estou adivinhando bem.

– Está sim, Miss Marple – disse o dr. Lloyd. – Sem dúvida que está. Agora, mais uma vez, fui totalmente surpreendido. Bem, poderia ter caído duro se me encostassem com uma pena naquele dia em Melbourne.

– Era a isso que se referia quando falou de uma derradeira coincidência?

O dr. Lloyd aquiesceu.

– Sim, uma coincidência muito azarada para a srta. Barton, ou srta. Amy

Durrant, como desejarem chamá-la. Tornei-me um médico de bordo por um período e, aportando em Melbourne, a primeira pessoa que vi ao sair na rua foi a senhora que pensei ter se afogado na Cornuália. Ela viu que seu jogo tinha chegado ao fim no que me dizia respeito e teve a atitude mais corajosa: confiou sua história a mim. Uma mulher peculiar, completamente destituída de qualquer noção de moral, eu suponho. Era a mais velha de uma família de nove irmãos, todos miseravelmente pobres. Haviam uma vez pedido ajuda a uma prima rica na Inglaterra, que recusou, pois a srta. Barton havia discutido com o pai deles. Precisavam de dinheiro desesperadamente porque os três filhos mais novos tinham a saúde frágil e necessitavam de um caro tratamento médico. Amy Barton parece ter se decidido naquele mesmo momento por seu plano de assassinato a sangue frio. Partiu para a Inglaterra, fez a transição passando-se por babá de crianças. Conseguira o emprego de dama de companhia da srta. Barton usando o nome de Amy Durrant. Alugara um quarto e colocara alguns móveis para criar um pouco mais de personalidade para si. O plano do afogamento fora uma inspiração de momento. Estivera esperando uma boa oportunidade aparecer. Então, arquitetara a cena final do drama e retornara à Austrália; no devido tempo ela e os irmãos herdaram o dinheiro da srta. Barton por serem os parentes mais próximos.

– Um crime muito ousado e perfeito – disse Sir Henry. – Quase o crime *perfeito.* Se fosse a srta. Barton quem tivesse morrido nas Ilhas Canárias, as suspeitas recairiam sobre Amy Durrant e sua conexão com a família Barton poderia ter sido descoberta; mas a troca de identidade e o duplo crime, como poderíamos chamar, efetivamente afastaram essa possibilidade. Sim, quase o crime perfeito.

– O que aconteceu com ela? – perguntou a sra. Bantry. – O que decidiu fazer, dr. Lloyd?

– Estava numa posição interessante, sra. Bantry. Em matéria de provas, como a justiça exige, ainda tenho pouquíssimas. Também havia certos sinais, evidentes para mim enquanto homem da medicina, de que, embora forte e vigorosa em aparência, aquela senhora não continuaria por muito mais tempo neste mundo. Fui até a casa dela e conheci o resto da família; uma família adorável, dedicada à irmã mais velha e sem a mais pálida noção de que ela pudesse ter cometido um crime. Por que lhes trazer pesar quando eu não poderia provar nada? A confissão que aquela senhora havia feito para mim

não fora ouvida por mais ninguém. Deixei que a natureza tomasse seu rumo. A srta. Amy Barton morreu seis meses depois de nosso encontro. Muitas vezes me perguntei se ela teria permanecido alegre e sem arrependimentos até o final.

– Certamente que não – disse a sra. Bantry.

– Imagino que sim – disse Miss Marple. – A sra. Trout permaneceu.

Jane Helier sacudiu-se levemente.

– Bem – disse. – É muito emocionante. Não entendo direito agora quem foi que afogou quem. E como é que essa sra. Trout apareceu nessa história.

– Não apareceu, querida – disse Miss Marple. – Ela era apenas uma pessoa não muito boa do nosso povoado.

– Ah! – disse Jane. – Do povoado. Mas nada nunca acontece num povoado, acontece? – Suspirou. – Tenho certeza de que eu não teria absolutamente nada na cabeça se vivesse num povoado.

CAPÍTULO 9

Os quatro suspeitos

O assunto girava em torno de crimes não descobertos e que seguiam impunes. Cada um, por sua vez, outorgou sua opinião: coronel Bantry, sua esposa amável e roliça, Jane Helier, dr. Lloyd e até mesmo Miss Marple. A única pessoa que não falara era a mais adequada, na opinião da maioria, para fazê-lo. Sir Henry Clithering, ex-comissário da Scotland Yard, encontrava-se sentado em silêncio, torcendo seu bigode, ou melhor, acariciando-o, com um meio sorriso, como se voltado a algum pensamento interno que o divertia.

– Sir Henry – chamou finalmente a sra. Bantry. – Se não falar alguma coisa, vou gritar. Existem muitos crimes que não são punidos, ou não?

– Está pensando nas manchetes de jornal, sra. Bantry. SCOTLAND YARD FALHA NOVAMENTE. Seguidas por uma lista de mistérios sem solução.

– Que, suponho, na realidade formam uma porcentagem bem pequena do total de casos, não é? – perguntou o dr. Lloyd.

– Sim; é isso mesmo. As centenas de crimes resolvidos, cujos autores são punidos, raramente são cantados e proclamados em praça pública. Mas esse não é exatamente o ponto em questão, é? Quando se fala de crimes *não descobertos* e *crimes não resolvidos*, está se falando de duas coisas diferentes. Na primeira categoria, vêm todos os crimes sobre os quais a Scotland Yard nunca ouviu falar, os crimes que ninguém nem mesmo sabe que foram cometidos.

– Mas suponho que não existam tantos assim desse tipo – disse a sra. Bantry.

– Será que não?

– Sir Henry! Não está querendo dizer que existem?

– Eu já acho – disse Miss Marple, pensativa – que deve haver um

número bastante grande.

A velha e encantadora senhora, com seu ar imperturbável do velho mundo, fez aquela afirmação com a mais elevada placidez.

– Minha cara Miss Marple – disse o coronel Bantry.

– É claro – disse Miss Marple –, há muitos imbecis. E pessoas imbecis são descobertas, não importa o que façam. Mas há um bom número de pessoas que não são imbecis, e a gente estremece só de pensar no que eles poderiam realizar, a menos que tenham princípios muito bem enraizados.

– Sim – disse Sir Henry –, há muitas pessoas que não são nada imbecis. Frequentemente, um crime vem à luz por causa de alguma trapalhada inacreditável, e cada vez que isso acontece a gente se pergunta: se isso não tivesse sido posto a perder, será que alguém, algum dia, teria descoberto?

– Mas isso é muito sério, Clithering – disse o coronel Bantry. – Muito sério de fato.

– Será?

– Como assim? É, sim! Claro que é sério.

– Estão dizendo que os crimes seguem sem castigo, mas será que seguem? Sem punição da justiça, talvez; mas a lei da causa e efeito funciona à revelia da justiça. Dizer que todo o crime traz seu próprio castigo é o mesmo que afirmar uma banalidade, e ainda assim, na minha opinião, nada pode ser mais verdadeiro.

– Talvez, talvez – disse o coronel Bantry. – Mas isso não altera a seriedade... a... da... seriedade... – interrompeu-se, bastante confuso.

Sir Henry Clithering sorriu.

– Noventa e nove pessoas em cem compartilhariam, sem dúvida, da sua forma de pensar – disse. – Mas, sabe, não é de fato a culpa o que importa, é a inocência. Isso é o que ninguém vai conseguir compreender.

– Não entendi – disse Jane Helier.

– Eu sim – disse Miss Marple. – Quando a sra. Trent descobriu que sumira meia coroa de sua bolsa, a pessoa mais afetada seria a diarista, sra. Arthur. Claro que os Trent pensavam que era ela mas, por serem pessoas gentis e sabendo que ela tinha uma família grande e um marido que bebia, bem... naturalmente, não queriam chegar a nenhum extremo. Mas passaram a sentir algo diferente com relação a ela, e não a deixavam encarregada da casa quando viajavam, o que fez uma diferença enorme; e outras pessoas começaram a ter o mesmo sentimento. E então, de repente, revelou-se que

havia sido a governanta. A sra. Trent a viu por uma porta, refletida em um espelho. Foi pura sorte, embora eu prefira chamar isso de providência. E é isso, acho, que Sir Henry quer dizer. A maioria das pessoas só estaria interessada em saber quem pegou o dinheiro, e revelou ser a pessoa menos provável, bem como nas histórias de detetive! Mas para quem isso significava uma questão de vida ou morte era a pobre sra. Arthur, que não havia feito nada. É a isso que se refere, não é, Sir Henry?

– Sim, Miss Marple, acertou na mosca o sentido do que quis dizer. Essa diarista deu sorte no exemplo em que a senhora citou. Sua inocência foi provada. Porém, algumas pessoas precisam atravessar uma vida inteira esmagadas pelo peso de uma suspeita que na realidade é injusta.

– Está pensando em algum exemplo em particular, Sir Henry? – perguntou sagazmente a sra. Bantry.

– De fato, sra. Bantry, estou. Um caso muito curioso. Um caso em que acreditamos que foi cometido um assassinato, mas sem nenhuma chance concreta de algum dia provarmos isso.

– Veneno, suponho – suspirou Jane. – Alguma coisa que não se consegue rastrear.

Dr. Lloyd se remexeu, inquieto, e Sir Henry balançou a cabeça.

– Não, cara senhora. Não se trata do *veneno secreto* das flechas dos índios sul-americanos! Adoraria que *fosse* algo do gênero. Temos de lidar com algo muito mais prosaico, tão prosaico, de fato, que não há esperanças de ligarmos a façanha ao autor. Um senhor de idade que caiu da escada e quebrou o pescoço; um daqueles acidentes lamentáveis que acontecem todos os dias.

– Mas o que aconteceu de verdade?

– Quem poderá dizer? – Sir Henry deu de ombros. – Um empurrão pelas costas? Uma tira de algodão ou barbante amarrada de um lado ao outro no topo da escada e removida com cuidado depois? Isso jamais saberemos.

– Mas acredita que... bem, não foi um acidente? Então, por quê? – perguntou o doutor.

– É uma história bastante longa, mas... sim, estamos certos disso. Como eu disse, não existe a chance de se poder ligar a façanha a ninguém; as provas seriam inconsistentes demais. Mas há o outro aspecto do caso, ao qual eu me referia. Vejam, há quatro pessoas que poderiam ter realizado a proeza. Uma é culpada; *mas as outras três são inocentes.* E a menos que a verdade seja

descoberta, essas três irão permanecer sob a sombra terrível da dúvida.

– Acho – disse a sra. Bantry – que é melhor você nos contar sua longa história.

– Talvez eu não precise torná-la tão longa – disse Sir Henry. – Posso, de qualquer forma, condensar o início. Tem relação com uma sociedade secreta alemã, a Schwartze Hand, algo seguindo a linha da Camorra, ou da ideia geral que as pessoas fazem da Camorra. Um esquema de chantagem e terrorismo. Começou muito subitamente depois da guerra, e tomou uma dimensão assombrosa. Inúmeras pessoas foram vitimadas por ela. As autoridades não tiveram êxito enfrentando-a, pois os segredos da sociedade eram ciosamente guardados, e era quase impossível encontrar alguém que poderia ser induzido a traí-los.

"Nunca se soube muito sobre eles na Inglaterra, mas na Alemanha tiveram um efeito paralisante. Finalmente a sociedade foi dissolvida e dispersa pelos esforços de um homem, um certo dr. Rosen, que havia sido muito proeminente no serviço secreto por um período. Ele tornara-se um membro, penetrara seu círculo mais interno e fora, como eu diria, fundamental em causar a ruína da organização.

"Mas, em consequência disso, ele tornou-se um homem marcado, e considerou-se prudente que ele deixasse a Alemanha pelo menos por algum tempo. Veio para a Inglaterra, e recebemos cartas a respeito dele da polícia de Berlim. Ele veio e fez uma entrevista pessoal comigo. Seu ponto de vista era tão desapaixonado quanto resignado. Não tinha dúvidas do que o futuro lhe reservava.

"'Vão chegar até mim, Sir Henry', disse. 'Não tenho nenhuma dúvida.' Era um homem grande com a cabeça estreita e uma voz muito profunda, com apenas uma leve entonação gutural que revelava sua nacionalidade. 'Essa é a conclusão inevitável. Não importa, estou preparado. Enfrentei esse risco quando entrei nesse negócio. Fiz o que havia me proposto a fazer. A organização nunca mais vai conseguir se recompor. Mas há muitos membros em liberdade, e eles vão conduzir a única vingança que lhes resta – a minha vida. É apenas uma questão de tempo; mas estou ansioso para que esse tempo seja o mais longo possível. O senhor vê, estou coletando e editando um material muito interessante; o resultado de uma vida inteira de trabalho. Gostaria de, se possível, conseguir completar minha tarefa.'

"Falou de modo simples, com certa nobreza que não pude deixar de

admirar. Eu lhe disse que tomaríamos todas as precauções, mas ele desconsiderou minhas palavras.

"'Algum dia, mais cedo ou mais tarde, eles vão me pegar', repetiu. 'Quando esse dia chegar, não se aborreça. O senhor terá feito tudo que estava ao seu alcance, não tenho dúvidas.'

"Prosseguiu então delineando seus planos, que eram bastante simples. Decidiu morar em uma pequena cabana no campo, onde poderia viver calmamente e continuar seu trabalho. No fim, selecionou uma aldeia em Somerset, King's Gnaton, que ficava a onze quilômetros de uma estação de trem e era singularmente intocada pela civilização. Comprou uma cabana adorável, fez várias melhorias e alterações e lá se acomodou muito satisfatoriamente. Os habitantes eram sua sobrinha, Greta, um secretário, uma velha criada alemã, que o servira fielmente por quase quarenta anos, e um auxiliar e jardineiro, que era natural de King's Gnaton."

– Os quatro suspeitos – disse dr. Lloyd com suavidade.

– Exatamente. Os quatro suspeitos. Não há muito mais para contar. A vida prosseguiu tranquila em King's Gnaton por cinco meses e, então, deu-se o golpe. O dr. Rosen caíra da escada uma manhã e fora encontrado morto em torno de meia hora depois. No momento em que o acidente deve ter ocorrido, Gertrud estava na cozinha com a porta fechada e não ouviu nada – ou isso é o que *ela* afirma. Fräulein Greta estava no jardim plantando alguns bulbos – mais uma vez, isso é o que *ela* afirma. O jardineiro, Dobbs, estava na pequena estufa tomando seu chá das onze com biscoitos – ou é isso que *ele* diz; e o secretário havia saído para uma caminhada e, mais uma vez, contamos apenas com a palavra dele. Ninguém tem um álibi, ninguém pode corroborar a história do outro. Mas uma coisa é certa: ninguém de fora da casa poderia ter cometido o crime, pois um estranho na pequena aldeia de King's Gnaton teria sido percebido, sem dúvida. Ambas as portas, da frente e de fundos, estavam trancadas, pois cada pessoa da casa tinha sua própria chave. Vocês veem como a coisa se estreita na direção desses quatro. Contudo, cada um deles parece acima de qualquer suspeita. Greta, filha de seu próprio irmão. Gertrud, com quarenta anos de serviço leal. Dobbs, que jamais havia saído de King's Gnaton. E Charles Templeton, o secretário...

– Sim – interrompeu o coronel Bantry –, e ele? Parece ser a pessoa mais suspeita para mim. O que sabe sobre ele?

– Foi graças ao que eu sabia sobre ele que o deixei de fora do jogo, pelo

menos na época – disse Sir Henry com seriedade. – Vejam bem, Charles Templeton era um dos meus homens.

– Ah! – exclamou o coronel Bantry, um tanto surpreso.

– Sim. Queria ter alguém no local, e ao mesmo tempo não queria dar motivo para falatório na aldeia. Rosen realmente precisava de um secretário. Designei Templeton para o serviço. Ele é um cavalheiro, fala alemão fluentemente e, enfim, é um camarada muito competente.

– Mas então, de quem o senhor suspeita? – perguntou a sra. Bantry num tom aturdido. – Todos parecem tão... bem, inviáveis.

– Sim, aparentemente. Mas pode olhar para a situação por outro ângulo. Fräulein Greta era sobrinha dele e uma garota adorável, mas a guerra nos mostrou mais de uma vez que um irmão pode voltar-se contra a irmã, ou pai contra filho, e assim por diante, e as mais amáveis e gentis das jovens fizeram algumas das coisas mais incríveis. O mesmo se aplica a Gertrud, e quem sabe que outras forças poderiam ter influenciando no caso dela. Uma discussão, quem sabe, com o patrão, um ressentimento crescente e cada vez mais duradouro devido aos longos anos de fidelidade que ela havia devotado a ele. Mulheres idosas daquela casta podem ser por vezes surpreendentemente amargas. E Dobbs? Ficaria de fora por não ter conexão com a família? O dinheiro faz muitas coisas. De alguma forma Dobbs pode ter sido abordado e comprado.

“Uma coisa parece certa: alguma mensagem ou ordem deve ter vindo de fora. Se não fosse assim, por que os cinco meses de imunidade? Não, os agentes da sociedade devem ter ficado trabalhando. Ainda incertos da perfídia de Rosen, postergaram a vingança até que a traição fosse rastreada até ele sem deixar sombra de dúvida. Então, com todas as dúvidas postas de lado, devem ter enviado a mensagem ao espião dentro dos portões; a mensagem que dizia: ‘Mate-o’.”

– Que desagradável! – disse Jane Helier, e estremeceu.

– Mas como fora enviada a mensagem? Esse era o ponto que tentei elucidar, a única esperança de resolver meu problema. Uma daquelas quatro pessoas deve ter sido abordada, ou recebido um comunicado de alguma forma. Não haveria nenhuma demora, disso eu sabia. Assim que o comando fosse recebido, seria executado. Aquela era uma particularidade da Schwartze Hand.

“Mergulhei na questão; entrei nela de uma maneira que provavelmente

vocês ficariam com a impressão de ter sido ridiculamente meticulosa. Quem havia visitado a cabana naquela manhã? Não deixei ninguém de fora. Aqui está a lista."

Retirou do bolso um envelope e selecionou uma folha de papel dentre seu conteúdo.

– O *açougueiro,* trazendo um pedaço de carneiro. Investigado e considerado inocente.

"O *assistente da mercearia,* trazendo um pacote de farinha de milho, um quilo de açúcar, meio quilo de manteiga e meio quilo de café. Também investigado e considerado inocente.

"O *carteiro,* trazendo dois panfletos para Fräulein Rosen, uma carta local para Gertrud, três cartas para o dr. Rosen, uma com um selo estrangeiro, e duas cartas para o sr. Templeton, uma também contendo selo estrangeiro."

Sir Henry fez uma pausa e então tirou um maço de documentos do envelope.

– Pode ser interessante examinarem estes papéis vocês mesmos. Foram entregues a mim pelas várias pessoas indicadas, ou recolhidos da lixeira de papel. Nem preciso dizer que foram testados por especialistas procurando por tinta invisível etc. Não há nada emocionante desse tipo.

Todos se amontoaram para olhar. Os catálogos eram respectivamente de um floricultor e de um proeminente estabelecimento de peles em Londres. As duas contas endereçadas ao dr. Rosen eram uma local, cobrando pelas sementes do jardim, e a outra de uma empresa de papelaria de Londres. A carta endereçada a ele dizia o seguinte:

> *Meu caro Rosen – Voltei há pouco de uma visita ao Dr. Helmuth Spath. Vi Edgar Jackson lá outro dia. Ele e Amos Perry acabam de retornar de Tsingtau. Com toda Honestidade, não posso dizer que invejo a viagem deles. Me envie notícias suas em breve. Como disse anteriormente: Atenção com uma certa pessoa. Sabe de quem estou falando, embora você não concorde...*
>
> *Sua, Georgine.*

– A correspondência do sr. Templeton consistia nesta conta, que, como podem ver, é uma fatura dos serviços de seu alfaiate, e em uma carta de um amigo da Alemanha – prosseguiu Sir Henry. – Esta última, infelizmente, ele

rasgou durante sua caminhada. E, para finalizar, temos a carta recebida por Gertrud.

> *Cara sra. Swartz – Esperamos que seja possível o seu comparecimento na noite social de sexta-feira, o vigário diz ter esperanças de que venha – pois são todos bem-vindos. A resseita para o presunto estava muito boa, e lhe agradeço muito por ela. Esperando que esta encontre a senhora bem e que nos vejamos na sexta-feira, eu concluo.*
>
> *Sua em lealdade, Emma Greene.*

O dr. Lloyd sorriu um pouco por causa da carta, e a sra. Bantry também sorria.

– Acho que esta última carta pode ser retirada do jogo – disse o dr. Lloyd.

– Pensei da mesma forma – disse Sir Henry –, mas antes tomei a precaução de verificar se havia uma sra. Greene e um encontro social da igreja. Nunca se pode errar por ser cauteloso demais, você sabe.

– Isso é o que nossa amiga Miss Marple sempre diz – disse o dr. Lloyd, sorrindo. – Está sonhando acordada, Miss Marple. No que está pensando?

Miss Marple tomou um susto.

– Uma bobagem minha – disse. – Estava apenas me perguntando por que a palavra Honestidade na carta do dr. Rosen estaria escrita com letra maiúscula.

A sra. Bantry apanhou a carta.

– Está mesmo – ela disse. – Oh!

– Sim, querida – disse Miss Marple. – Pensei que tinha percebido!

– Há uma advertência definitiva naquela carta – disse o coronel Bantry. – Foi a primeira coisa que chamou minha atenção. Percebo mais do que vocês imaginam. Sim, uma advertência definitiva... contra quem?

– Há um ponto bastante curioso sobre aquela carta – disse Sir Henry. – De acordo com o sr. Templeton, o dr. Rosen abrira a carta durante o café da manhã e a jogara para ele dizendo que nunca vira mais gordo o tal camarada.

– Mas não era um camarada – protestou Jane Helier. – Estava assinada por uma “Georgine”.

– É difícil distinguir – disse o dr. Lloyd. – Poderia ser Georgey; mas certamente parece mais com Georgine. Apenas me chama atenção que a

escrita seja de um homem.

– Sabe, isso é interessante – disse o coronel Bantry. – Isso de ele jogar a carta na mesa daquele jeito e fingir não saber nada sobre o assunto. Queria ter podido observar a expressão de alguém. A expressão de quem... da garota? Ou do homem?

– Ou mesmo da cozinheira? – sugeriu a sra. Bantry. – Ela poderia estar na sala, trazendo o café da manhã. Mas o que não entendo é... Isso é peculiar demais...

Franziu o cenho sobre a carta. Miss Marple se aproximou dela, esticou o dedo e tocou na folha de papel. Elas murmuraram juntas.

– Mas por que o secretário rasgou a outra carta? – perguntou subitamente Jane Helier. – Parece que... oh! Não sei... parece estranho. Por que ele receberia cartas da Alemanha? Embora, é claro, ele esteja acima de qualquer suspeita, como o senhor diz...

– Mas Sir Henry não disse isso – disse Miss Marple rapidamente, desviando os olhos de sua reunião sussurrada com a sra. Bantry. – Ele afirmou serem quatro suspeitos. Isso indica que inclui o sr. Templeton. Está certo, não está, Sir Henry?

– Sim, Miss Marple. Aprendi uma coisa por meio de amargas experiências. Nunca diga a si mesmo que alguém está *acima* de qualquer suspeita. Apresentei-lhes motivos ainda agora para três dessas pessoas serem afinal os culpados, por mais improvável que possa parecer. Na época, eu não aplicara o mesmo processo a Charles Templeton. Mas finalmente o fiz, por aplicar a regra que acabei de mencionar. Fui forçado a reconhecer o seguinte: que todos os exércitos e todas as armadas e todas as forças policiais têm um certo número de traidores em suas fileiras, por mais que detestemos admitir a ideia. E examinei desapaixonadamente os indícios contra Charles Templeton.

“Fiz a mim mesmo a pergunta que a srta. Helier acaba de fazer. Por que teria sido ele a única pessoa da casa que não fora capaz de apresentar a carta que havia recebido – uma carta, ainda por cima, com um selo alemão? Por que ele receberia cartas da Alemanha?

“Essa última pergunta era inocente, e coloquei a questão a ele. A resposta fora bastante simples. A irmã da mãe dele era casada com um alemão. A carta era de uma prima alemã. Então fiquei sabendo de algo que não sabia antes: Charles Templeton tinha parentesco com pessoas na Alemanha. Aquilo o colocara definitivamente na lista de suspeitos –

fortemente na lista. É um dos meus homens, um garoto de quem sempre gostei e em quem sempre confiei; mas por justiça e equidade devo admitir que ele encabeça a lista.

"Mas aí está… Eu não sei! Eu não *sei*... E a grande probabilidade é de que eu nunca venha a saber. Não é uma questão de punir um assassino. É uma questão que para mim parece cem vezes mais importante. É a ruína, quiçá, de toda a carreira de um homem honrado... por causa de uma suspeita; uma suspeita que não ouso descartar."

Miss Marple tossiu e falou com delicadeza:

– Então, Sir Henry, se estou entendendo o senhor corretamente, é apenas esse jovem sr. Templeton que povoa tanto seus pensamentos?

– Sim, de certa forma. Em teoria, deveria ser igual para os quatro, mas na realidade, não é o caso. Dobbs, por exemplo: posso pensar nele como suspeito, mas isso não vai de fato afetar sua carreira profissional. Ninguém na aldeia alguma vez cogitou a ideia de que a morte do dr. Rosen não fora um acidente. Gertrud já é um pouco mais afetada. Deve fazer diferença, por exemplo, na atitude de Fräulein Rosen com relação a ela. Mas isso talvez não seja de grande importância para ela.

"Quanto a Greta Rosen; bem, aqui chegamos ao nó da questão. Greta é uma garota muito bonita, e Charles Templeton é um rapaz de boa aparência, e por cinco meses eles foram postos na mesma casa sem distrações do mundo externo. O inevitável aconteceu. Apaixonaram-se um pelo outro, mesmo que não tenham chegado a ponto de admitir esse fato em palavras.

"'E, então, uma catástrofe acontece. Três meses atrás, um dia ou dois depois de eu ter retornado, Greta Rosen veio me ver. Ela vendera a cabana e estava voltando para a Alemanha, depois de terminar de resolver as coisas do tio. Veio a mim pessoalmente, embora soubesse que eu estava aposentado, por ser de fato uma razão pessoal o motivo da visita. Fez alguns rodeios, mas finalmente tudo veio à tona. O que eu achava? A carta com o selo alemão... ela havia se preocupado e se preocupado com isso... aquela que Charles havia rasgado. Estava tudo certo? Certamente *tinha* de estar tudo certo. Claro que acreditara na história dele, mas... ah! Se ao menos pudesse *saber*! Se soubesse com certeza.

"Estão vendo? Os mesmos sentimentos: o desejo de confiar, mas a terrível suspeita ali espreitando, jogada decididamente de lado nos pensamentos, mas persistente mesmo assim. Falei-lhe com absoluta

franqueza, e pedi que fizesse o mesmo. Perguntei se ela havia chegado a ponto de gostar de Charles, e ele, dela.

"'Acho que sim', disse ela. 'Ah, sim, sei que chegamos a isso. Estávamos tão felizes. Os dias passavam tão contentes. Sabíamos, nós dois sabíamos. Não havia pressa; tínhamos todo o tempo do mundo. Algum dia ele iria dizer que me amava, e eu diria o mesmo a ele. Ah! Mas o senhor pode imaginar! E agora está tudo mudado. Uma nuvem negra se intrometeu entre nós; estamos constrangidos, quando nos encontramos não sabemos o que dizer. Acho que é igual, talvez, para ele e para mim... Estamos os dois nos dizendo: 'Se eu pudesse ter *certeza*!'. E, é por isso, Sir Henry, que imploro que o senhor me diga: 'Pode estar certa: quem quer que tenha matado seu tio, essa pessoa não foi Charles Templeton!'. Diga para mim! Oh, diga para mim! Eu lhe imploro... imploro!'

"E, dane-se tudo", disse Sir Henry, batendo o punho com força na mesa, "não fui capaz de dizer aquilo a ela. Vão se afastar mais e mais, os dois, tendo a suspeita como um fantasma entre eles, um fantasma que não pode descansar."

Reclinou-se para trás na cadeira, seu rosto parecendo cansado e cinzento. Balançou a cabeça uma ou duas vezes, desanimado.

– E não há nada mais que se possa fazer, a menos... – Sentou-se ereto novamente e um discreto sorriso caprichoso iluminou seu rosto. – A menos que Miss Marple possa nos ajudar. Não pode, Miss Marple? Tenho a sensação de que aquela carta é bem do seu estilo, sabe? Aquela sobre o encontro social da igreja. Não a lembra de algo ou alguém que torna as coisas perfeitamente claras? Não pode fazer algo para ajudar um casal de jovens desamparados que deseja ser feliz?

Por trás do caráter caprichoso, havia algo de sincero em seu apelo. Acabara levando em alta conta os poderes mentais da frágil e antiquada senhora solteirona. Observou-a do outro lado da sala com algo que se assemelhava muito a esperança nos olhos.

Miss Marple tossiu e alisou sua renda.

– Isso me lembra um pouco da pequena Annie Poultny – admitiu. – Claro que a carta é perfeitamente óbvia, tanto para a sra. Bantry quanto para mim. Não estou me referindo à do evento da igreja, mas à outra. Tendo vivido tanto tempo em Londres e não sendo jardineiro, Sir Henry, não estaria apto a perceber.

– Como? – perguntou Sir Henry. – Perceber o quê?

A sra. Bantry estendeu a mão e selecionou um catálogo, abriu e leu em voz alta com prazer:

– Dr. Helmuth Spath. Puro lilás, uma flor maravilhosamente sofisticada, presa a um caule excepcionalmente longo e rijo. Esplêndida para corte e decoração do jardim. Uma novidade de beleza incomum.

"Edgar Jackson. Uma flor do tipo crisântemo, com lindo formato em um distinto tom de vermelho-tijolo.

"Amos Perry. Vermelho brilhante, altamente decorativa.

"Tsingtau. Laranja-avermelhado brilhante, planta exuberante de jardim e duradoura flor mesmo após o corte.

"Honestidade..."

– Com H maiúsculo, lembre-se – sussurrou Miss Marple.

– Honestidade. Tons de rosa e branco, flor enorme e de formato perfeito.

A sra. Bantry arremessou no chão o catálogo e disse com imensa força explosiva:

– Dálias!

– E as iniciais formam a palavra "DEATH" – explicou Miss Marple.

– Mas a carta estava endereçada ao próprio dr. Rosen – discordou Sir Henry.

– Essa foi a parte mais inteligente – disse Miss Marple. – Isso e a advertência contida na carta. O que ele iria fazer, recebendo uma carta de alguém que não conhece cheia de nomes desconhecidos? Ora, é claro, atiraria a carta para o secretário.

– Então, afinal...

– Oh, não! – disse Miss Marple. – *Não* o secretário. Ora, isso é o que deixa tão claro que *não* foi ele. Ele jamais permitiria que a carta fosse encontrada, se fosse assim. Assim como jamais teria destruído uma carta destinada a si mesmo com um selo alemão em cima. De fato, a inocência dele é, se me permitem usar a palavra, simplesmente *reluzente*.

– Então quem...

– Bem, parece quase certo, tão certo quanto qualquer coisa pode ser neste mundo. Havia outra pessoa na mesa do café da manhã, e ela teria, naturalmente naquelas circunstâncias, estendido a mão para pegar a carta e lê-la. E estava feito. Lembrem-se que ela recebera um catálogo de jardinagem pela mesma entrega do correio...

– Greta Rosen – disse Sir Henry, lentamente. – Então sua visita para mim...

– Os cavalheiros nunca enxergam o que está por trás dessas coisas – disse Miss Marple. – E receio que pensem com frequência que nós mulheres de idade sejamos... bem, como gatos para enxergarmos as coisas desse jeito. Mas aí está. Sabemos muita coisa sobre nosso próprio sexo, infelizmente. Não duvido que houvesse uma barreira entre eles. O rapaz sentindo uma repulsa súbita inexplicável. Ele suspeitava, por puro instinto, e não conseguia disfarçar sua suspeita. E realmente acho que a visita da garota tenha sido por absoluto *rancor*. Ela estava bastante a salvo de fato; mas se esforçou para fixar suas suspeitas definitivamente no pobre sr. Templeton. O senhor não tinha assim tanta certeza quanto a ele até a visita da garota.

– Tenho certeza de que não foi nada do que ela disse... – Sir Henry começou a falar.

– Os cavalheiros – disse Miss Marple com calma – nunca enxergam o que está por trás dessas coisas.

– E a garota... – ele parou. – Ela comete um assassinato a sangue frio e se livra do crime sem qualquer punição!

– Ah! Não, Sir Henry – disse Miss Marple. – Não sem qualquer punição. Nem o senhor nem eu acreditamos nisso. Não. Greta Rosen não escapará de seu castigo. Para começar, ela deve fazer parte de um grupo bem estranho de pessoas: chantagistas e terroristas; o tipo de associação que não trará nenhum bem a ela e provavelmente a levará a um fim miserável. Como o senhor disse, não devemos perder tempo com os culpados; o que importa são os inocentes. O sr. Templeton, que vai casar, eu ousaria dizer, com aquela prima alemã, o fato de ele ter rasgado a carta parece... bem, parece *suspeito*; usando a palavra aqui em um sentido bem diferente do qual estivemos usando a noite toda. Um pouco como se ele estivesse com medo de que a outra garota notasse ou pedisse para ler. Sim, eu acho que deve ter havido um pouco de romance ali. E então, temos Dobbs, embora, como o senhor disse, ousaria dizer que não faria muita diferença para ele. Ele provavelmente só se preocupa com seu chá das onze. E depois temos a pobre e velha Gertrud; a única que me lembrou de Annie Poultny. Pobre Annie Poultny. Cinquenta anos de serviço e dedicação e suspeita de ter dado um sumiço no testamento da srta. Lamb, embora nada tenha sido provado. Quase partiu o coração da pobre e devotada criatura; e, depois de ela ter morrido, o documento foi

encontrado na gaveta secreta do carrinho de chá onde a idosa srta. Lamb o havia escondido, ela mesma, por segurança. Mas, tarde demais para a pobre Annie.

"Isso é o que me preocupa tanto por essa senhora alemã já de idade. Quando estamos velhos, ficamos amargurados muito facilmente. Senti muito mais pena dela do que do sr. Templeton, que é jovem e bonito e evidentemente um sucesso entre as mulheres. Vai escrever a ela, não vai, Sir Henry, e apenas dizer-lhe que a inocência dela foi estabelecida sem sombra de dúvida? Com o seu patrão adorado morto e ela sem dúvida remoendo e se sentindo acusada de... Oh! Não posso nem pensar nisso!"

– Vou escrever para ela, Miss Marple – disse Sir Henry. Olhou para ela com curiosidade. – A senhora sabe, nunca vou chegar a compreendê-la. Sua perspectiva é sempre diferente do que eu esperava.

– Minha perspectiva, receio eu, é muito diminuta – disse Miss Marple humildemente. – Eu quase nunca saio de St. Mary Mead.

– E ainda assim a senhora resolveu o que pode ser considerado um mistério internacional – disse Sir Henry. – Pois *de fato* resolveu. Estou convencido disso.

Miss Marple corou e então refreou-se um pouco.

– Fui, acredito, bem-educada para os padrões da minha época. Minha irmã e eu tivemos uma governanta alemã, uma Fräulein. Uma criatura sentimental. Nos ensinou a linguagem das flores, uma disciplina esquecida nos dias de hoje, mas bastante encantadora. Uma tulipa amarela, por exemplo, significa Amor Desesperado, enquanto uma áster chinesa quer dizer que morro de Ciúmes aos teus pés. Aquela carta assinada por Georgine – o que, se me lembro bem, significa dália em alemão –, obviamente esclareceu a história toda. Gostaria de lembrar do significado de dália mas, ai de mim, está me fugindo. Minha memória não é mais o que era.

– De qualquer modo, não queria dizer morte.

– Não, de fato. Horrível, não é? Há tanta coisa triste no mundo.

– Há, sim – disse a sra. Bantry com um suspiro. – Temos sorte de termos as flores e os nossos amigos.

– Ela nos coloca em último lugar, observem bem – disse o dr. Lloyd.

– Um homem costumava me mandar orquídeas roxas todas as noites no teatro – disse Jane, sonhadora.

– "Aguardo seus obséquios"; é isso o que quer dizer – anunciou Miss

Marple alegremente.

Sir Henry deu uma tossida estranha e virou a cabeça para o outro lado.

Miss Marple exclamou de súbito.

– Lembrei. Dálias significam “Traição e Falsa Representação”.

– Maravilhoso – disse Sir Henry. – Absolutamente maravilhoso.

E ele suspirou.

CAPÍTULO 10

Uma tragédia de Natal

– Tenho uma reclamação a fazer – disse Sir Henry Clithering. Seus olhos brilhavam suavemente enquanto olhava ao redor para o grupo ali reunido. O coronel Bantry, com as pernas esticadas, franzia o cenho para a decoração da lareira, como se esta fosse um soldado delinquente em um desfile militar. A esposa do coronel furtivamente folheava o catálogo de bulbos de plantas que chegara com a última entrega do correio. O dr. Lloyd tinha o olhar fixo, carregado de admiração, em Jane Helier, e a bela atriz contemplava pensativa suas unhas pintadas de rosa. Apenas aquela solteirona idosa, Miss Marple, estava sentada de forma ereta e alerta, e seus pálidos olhos azuis encontraram os olhos de Sir Henry com um brilho equivalente.

– Uma reclamação? – ela murmurou.

– Uma reclamação muito séria. Nós estamos em um grupo de seis pessoas, três representantes de cada sexo, e protesto em nome dos machos oprimidos. Três histórias foram contadas esta noite – e contadas pelos três homens! Protesto porque as mulheres não fizeram a parte delas.

– Ah! – disse a sra. Bantry com indignação. – Tenho certeza de que fizemos. Nós ouvimos as histórias com um apreço dos mais inteligentes. Demonstramos uma atitude verdadeiramente feminina, evitando nos jogar à frente dos holofotes!

– É uma excelente desculpa – disse Sir Henry –, mas não serve. E há um ótimo precedente em *As mil e uma noites*! Portanto, avante, Sherazade.

– Está se referindo a mim? – disse a sra. Bantry. – Mas não tenho nada para contar. Nunca estive cercada de sangue ou mistério.

– De forma alguma eu insistiria em sangue – disse Sir Henry. – Mas estou certo que alguma das três senhoras tem algum mistério favorito. Vamos lá, Miss Marple, conte a “Curiosa coincidência da diarista” ou o “Mistério da

reunião das mães". Não permita que eu me desaponte com St. Mary Mead.

Miss Marple balançou a cabeça.

– Nada que pudesse lhe interessar, Sir Henry. Temos nossos pequenos mistérios, é claro; há o caso dos 150 gramas de camarão descascados que desapareceram de forma tão incompreensível; mas isso não lhe interessaria, pois tudo acabou se revelando tão trivial, embora esclareça significativamente a natureza humana.

– A senhora me ensinou a adorar a natureza humana – disse Sir Henry solenemente.

– E a srta. Helier? – perguntou o coronel Bantry. – Deve ter tido algumas experiências interessantes.

– Sim, de fato – disse o dr. Lloyd.

– Eu? – perguntou Jane. – Querem dizer, querem dizer que gostariam que eu relatasse algo que aconteceu comigo?

– Ou com algum de seus amigos – corrigiu Sir Henry.

– Ah! – disse Jane, evasiva. – Não acho que nada nunca tenha acontecido comigo, digo não esse tipo de coisa. Flores, é claro, e mensagens estranhas; mas isso é da natureza masculina, não é? Não acho que... – interrompeu-se e pareceu perdida em pensamentos.

– Vejo que teremos de ouvir aquela epopeia dos camarões – disse Sir Henry. – Pode começar, Miss Marple.

– O senhor gosta tanto da sua piada, Sir Henry. Os camarões são apenas uma bobagem à parte; mas agora, pensando bem, lembro-me *sim* de um incidente. Não exatamente um incidente, algo deveras mais sério: uma tragédia. E estive envolvida, de certa forma, no meio da confusão; e, com relação ao que fiz, nunca senti o menor arrependimento; não, nenhum arrependimento mesmo. Mas não foi em St. Mary Mead.

– Que decepção – disse Sir Henry. – Porém me esforçarei para superar isso. Sabia que não deveríamos confiar na senhora.

Ele se posicionou com atitude própria de ouvinte. Miss Marple ficou levemente ruborizada.

– Espero que seja capaz de contar de forma adequada – disse com ansiedade. – Temo que esteja muito inclinada a me tornar *divagante.* A gente se perde do assunto muitas vezes sem perceber que está fazendo isso. E é tão difícil de lembrar cada fato na ordem certa. Vocês todos me desculpem se eu contar mal a minha história. Aconteceu há muito, muito tempo.

“Como eu disse, não estava relacionada a St. Mary Mead. Na verdade, tinha a ver com uma Hidro...”

– A senhora quer dizer um hidroavião? – perguntou Jane, com os olhos arregalados.

– Não é disso que ela está falando, querida – disse a sra. Bantry e explicou-lhe. O marido acrescentou sua parcela:

– Lugares brutais, totalmente brutais! Há que se acordar cedo de manhã e beber água com gosto de imundície. É só um monte de velhas sentadas sem fazer nada. Ti-ti-tis de natureza maldosa. Deus, quando eu penso...

– Arthur – disse a sra. Bantry, placidamente –, sabe que fez um bem gigantesco para você.

– Um monte de velhas sentadas por todo o lugar só comentando escândalos – resmungou o coronel Bantry.

– Temo que isso seja verdade – disse Miss Marple. – Eu mesma...

– Minha querida Miss Marple – exclamou o coronel, horrorizado –, não quis insinuar de forma alguma...

Com as bochechas rosadas e um pequeno gesto com a mão, Miss Marple o impediu de continuar.

– Mas é *verdade*, coronel Bantry. Apenas quero dizer isso. Permita-me organizar meus pensamentos. Sim. Comentar escândalos, como o senhor diz; bem, *isso* se faz bastante. E as pessoas em geral gostam de fazer isso, em especial as mais jovens. Meu sobrinho, que escreve livros – e livros muito inteligentes, acredito –, já disse as coisas mais *mordazes* sobre alguém difamar o caráter das pessoas sem nenhuma espécie de provas e o quanto isso é cruel, e assim por diante. Mas digo que nenhum desses jovens para alguma vez para *pensar*. Realmente não examinam os fatos. Certamente o nó da questão toda é este: *com que frequência o ti-ti-ti*, como o senhor diz, *é a mais pura verdade*? Acho que se, como eu disse, realmente examinassem os fatos, descobririam que nove vezes em dez é a pura verdade! E é justo isso que deixa as pessoas tão aborrecidas.

– Uma suposição inspirada – disse Sir Henry.

– Não, não é isso, não se trata disso mesmo! É realmente uma questão de prática e experiência. Ouvi dizer que, se mostrar a um egiptólogo um daqueles besourinhos curiosos, ele sabe dizer de que época antes de Cristo ele é, ou se é uma imitação de Birmingham. E não sabe dizer qual a regra definitiva para fazer isso. Ele simplesmente *sabe*. Passou a vida fazendo isso.

“Isso é o que estou tentando dizer (muito mal, eu sei). Aquelas que meu sobrinho chama de ‘mulheres supérfluas’ têm tempo de sobra nas mãos, e o principal interesse delas é geralmente em outras *pessoas*. Assim, vejam bem, elas se tornam o que chamaríamos de *experts*. E os jovens de hoje... falam muito abertamente sobre coisas que não se podia mencionar nos meus dias de juventude, mas, por outro lado, são muito inocentes nos seus pensamentos. Acreditam em tudo e em todos. E se tentamos avisá-los, mesmo que com todo o cuidado, dizem que temos uma cabeça vitoriana – e dizem que isso é como uma *fossa*.”

– E enfim – disse Sir Henry –, o que há de errado com uma *fossa*?

– Exatamente – disse Miss Marple, animada. – É a parte mais necessária de uma casa; mas, é claro, nada romântica. Devo confessar que tenho meus *sentimentos*, como todo mundo, e fui algumas vezes cruelmente ferida por comentários descuidados. Sei que os cavalheiros não se interessam por assuntos domésticos, mas preciso apenas mencionar minha empregada Ethel, uma moça muito bonita e esforçada sob todos os aspectos. Porém percebi, assim que a vi, que era do mesmo tipo de Annie Webb e da filha da pobre sra. Bruitt. Caso surgisse a oportunidade, os conceitos de *o meu* e *o seu* não significariam nada para ela. Então a mandei embora no final do mês e dei-lhe referências por escrito, dizendo que era honesta e séria, mas em particular adverti a velha sra. Edwards para não contratá-la; e meu sobrinho, Raymond, ficou furioso e disse nunca ter ouvido nada mais cruel – sim, *cruel*. Bem, ela foi trabalhar com Lady Ashton, a quem não me senti na obrigação de advertir; e o que aconteceu? Toda a renda das roupas íntimas dela foi arrancada e dois broches de diamantes levados embora – a moça partiu no meio da noite e nunca mais foi vista!

Miss Marple fez uma pausa, inspirou profundamente e, então, prosseguiu.

– Vão dizer que isso não tem nada a ver com o que se passava no Keston Spa Hidroterápico, mas de certa forma tem. Explica o motivo pelo qual não tive nenhuma dúvida, desde o primeiro momento em que vi o casal Sanders, de que ele queria dar um fim na esposa.

– Hein? – disse Sir Henry, inclinando-se para frente.

Miss Marple virou-se para ele com a expressão plácida.

– Como eu disse, Sir Henry, não tive nenhuma dúvida. O sr. Sanders era um homem grande, bonito, com o rosto corado, de modos muito joviais e

popular com todo mundo. E ninguém poderia ser mais aprazível com a esposa do que ele. Mas eu sabia! Ele queria dar um fim nela.

– Minha cara Miss Marple...

– Sim, eu sei. É o que meu sobrinho Raymond West diria. Ele diria que eu não tenho um vestígio que seja de prova. Mas lembro bem do caso de Walter Hones, que gerenciava o Green Man. Voltando para casa com a esposa certa noite, ela caiu no rio; e *ele* ficou com o dinheiro do seguro! E de pelo menos mais uma ou duas pessoas que estão andando por aí, livres, leves e soltas até hoje; uma de fato da nossa mesma classe. Foi para a Suíça passar férias de verão escalando com a esposa. Avisei-a para não ir – a coitadinha não ficou brava comigo como poderia ter ficado, ela apenas riu. Parecia tão engraçado que uma coisa velha e estranha como eu falasse assim do Harry dela. Bem, bem, houve um acidente; e Harry está casado com outra mulher agora. Mas o que eu poderia *fazer*? Eu *sabia*, mas não tinha provas.

– Ah! Miss Marple – exclamou a sra. Bantry. – A senhora não está dizendo...

– Minha querida, essas coisas são muito comuns, muito comuns mesmo. E os cavalheiros ficam particularmente tentados, por serem mais fortes. É tão fácil se a coisa for parecer um acidente. Como eu disse, percebi de imediato no caso dos Sanders. Aconteceu num bonde. Estava lotado na parte de dentro e tive de ir na parte superior. Nós três nos levantamos para descer, e o sr. Sanders perdeu o equilíbrio, caindo diretamente em cima da esposa e arremessando-a de cabeça escada abaixo. Por sorte, o condutor era um jovem muito forte e a segurou.

– Mas certamente deve ter sido um acidente.

– Claro que foi um acidente, nada poderia ter parecido mais acidental! Porém o sr. Sanders havia trabalhando a serviço da Marinha Mercante, ele me contou, e um homem que consegue se equilibrar num barco que se inclina o tempo todo de forma tão desagradável não vai perder o equilíbrio logo em cima de um bonde, se até uma velha como eu não perde. Não vá me dizer!

– De qualquer forma já entendemos que a senhora formou sua opinião, Miss Marple – disse Sir Henry. – Formou-a desde o instante daquele incidente.

A velhinha assentiu.

– Tive certeza o bastante, e outro incidente, ao atravessar a rua não muito depois, me deixou ainda mais segura. Agora eu lhe pergunto, Sir

Henry, o que poderia eu fazer? Ali estava uma simpática e contente jovem esposa, perfeitamente feliz, prestes a ser assassinada.

– Minha cara, a senhora me tira o fôlego.

– Isso é porque, como a maioria das pessoas de hoje, o senhor não quer encarar os fatos. Prefere pensar que algo poderia não ser assim. Mas era bem assim, e eu sabia. Porém, ficamos incapacitados, infelizmente! Eu não poderia, por exemplo, ir à polícia. E sabia que tentar avisar a mocinha seria inútil. Ela era devotada ao marido. Incumbi-me da tarefa de descobrir o que podia sobre eles. Há muitas oportunidades para isso quando a pessoa faz trabalhos manuais ao redor da lareira. A sra. Sanders (Gladys era o nome dela) gostava muito de falar. Parece que não estavam casados há muito tempo. O marido tinha algumas propriedades que ainda seriam destinadas a ele, mas no momento estavam muito mal de dinheiro. Na verdade, estavam vivendo da pequena renda que ela tinha. Essa é uma historieta conhecida. Ela lamentava o fato de não poder tocar em seu capital. Parece que alguém, em algum lugar, tivera bom-senso! Mas o dinheiro era dela para repassar em testamento; isso eu descobri. E ela e o marido haviam feito testamentos a favor um do outro logo após o casamento. Muito comovente. É claro, quando os negócios de Jack ficassem todos certos... Aquele era o fardo, dia após dia e, enquanto isso, eles estavam bem apertados; na verdade, estavam alojados num quarto no andar de cima, junto com os serviçais – e era tão perigoso no caso de um incêndio! No entanto, por coincidência, havia uma saída de emergência justo do lado de fora da janela deles. Indaguei cuidadosamente se havia uma sacada – perigosas, essas sacadas. Basta um empurrão... e já sabem!

“Fiz a moça prometer não sair para a sacada; disse que foi um sonho que tive. Isso deixou-a impressionada – superstições podem ser muito úteis às vezes. Era uma garota clara, com a tez num tom bastante lavado, e um coque de cabelo desarrumado junto ao pescoço. Muito crédula. Repetiu ao marido o que eu havia dito, e notei que ele olhara para mim com curiosidade uma ou duas vezes. *Ele* não era crédulo; e lembrava que eu estivera naquele mesmo bonde.

“Mas eu estava preocupada, terrivelmente preocupada, porque não via como contorná-lo. Poderia evitar que qualquer coisa acontecesse na estação de hidroterapia; bastava dizer algumas palavras para mostrar que eu suspeitava dele. Mas isso só faria com que ele adiasse o plano. Não. Comecei

a acreditar que a única política possível seria a ousadia, de um jeito ou de outro preparar uma armadilha para ele. Se conseguisse induzi-lo a tentar tirar a vida dela da forma que eu escolhesse; bem, daí ele poderia ser desmascarado, e ela seria forçada a enxergar a verdade, por mais chocante que fosse."

– A senhora me deixa sem ar – disse o dr. Lloyd. – Que tipo de estratégia concebível poderia adotar?

– Teria encontrado uma; nunca tema – disse Miss Marple. – Mas o homem era esperto demais para mim. Não esperou. Pensava que eu poderia suspeitar, então atacou antes que eu pudesse ter certeza. Sabia que eu suspeitaria de um acidente. Então, transformou em um assassinato.

Ouviu-se um suspiro de assombro ao redor do círculo. Miss Marple assentiu e apertou os lábios de forma sombria.

– Receio que tenha feito a declaração de modo um tanto abrupto. Tentarei contar a vocês exatamente o que ocorreu. Fiquei muito amarga com relação a isso; me parece que eu deveria, de algum jeito, ter evitado o crime. Porém, sem dúvida nenhuma, a providência divina sempre sabe o que é melhor. Para todos os efeitos, fiz o que pude.

"Havia o que posso descrever apenas como uma sensação de mistério no ar. Parecia que algo estava pesando sobre nós todos. Um sentimento de infortúnio. Para começar, havia George, o porteiro. Estava lá há anos e conhecia todo mundo. Teve bronquite e pneumonia e morreu no quarto dia. Uma tristeza terrível. Um golpe para todo mundo. E ainda quatro dias antes do Natal. Depois, uma das camareiras, uma moça tão boazinha, teve um dedo infeccionado e morreu em 24 horas.

"Eu estava no salão com a srta. Trollope e a velha sra. Carpenter, e a sra. Carpenter estava sendo muito macabra, saboreando cada momento, sabem?

"'Lembrem das minhas palavras', disse ela. '*Não vai terminar por aí.* Conhecem o ditado? *Nunca duas sem uma terceira*. Já comprovei isso repetidas vezes. Vai haver uma terceira morte. Sem dúvida nenhuma. E não vamos precisar esperar muito. *Nunca duas sem uma terceira.*'

"Enquanto ela dizia as últimas palavras, balançado o queixo e batendo as agulhas de tricô uma na outra, por acaso olhei para cima e lá estava o sr. Sanders, parado na entrada da porta. Por apenas um segundo ele havia baixado a guarda, e pude ver a expressão do rosto dele clara como o dia. Vou acreditar até o dia da minha morte que foi a morbidez das palavras da sra.

Carpenter que plantou a ideia toda na cabeça dele. Pude ver os pensamentos revolvendo na mente daquele homem.

"Deu um passo e entrou na sala, sorrindo com seu jeito simpático.

"'Alguma compra de Natal que possa fazer pelas senhoras?', perguntou. 'Estou saindo para Keston agora mesmo.'

"Ficou ali por um ou dois minutos rindo e conversando, e então saiu. Como estou dizendo, eu estava perturbada e perguntei sem rodeios:

"'Onde está a sra. Sanders? Alguém sabe?'

"A sra. Trollope disse que ela havia saído com uns amigos, os Mortimer, para jogar bridge, e aquilo acalmou meus pensamentos por alguns instantes. Mas eu seguia muito preocupada e sem saber o que fazer. Quase meia hora mais tarde, subi para o meu quarto. Encontrei o dr. Coles, meu médico, descendo as escadas enquanto eu subia, e, como eu queria consultá-lo sobre meu reumatismo, fui com ele até o meu quarto na mesma hora. Me contou então (em segredo, ele disse) sobre a morte da pobre moça, Mary. O gerente não queria que a notícia se espalhasse, e o doutor perguntou então se eu poderia ser discreta. É claro que não disse a ele que todo mundo não falava em outra coisa desde o último suspiro da mocinha. Essas coisas sempre se espalham imediatamente, e um homem com a experiência dele deveria saber muito bem disso; mas o dr. Coles sempre fora um camarada simples e sem malícia, que acreditava no que queria acreditar, e foi justamente isso que me deixou alarmada no minuto seguinte. Disse, enquanto saía do quarto, que Sanders havia pedido para que ele examinasse a mulher dele. Parecia que ela não andava muito bem nos últimos dias... indigestão etc.

"*Naquele mesmo dia Gladys Sanders havia me dito que tinha uma digestão maravilhosa e era muito agradecida por isso.*

"Estão vendo? Todas as minhas suspeitas daquele homem retornaram multiplicadas por cem. Ele estava preparando o caminho, mas para quê? O dr. Coles saiu antes que eu pudesse decidir se falava com ele ou não, porém, se tivesse decidido falar, não saberia o que dizer. Quando saí do quarto, ele mesmo, Sanders, descia as escadas vindo do andar de cima. Estava vestido para sair e perguntou mais uma vez se poderia fazer algo por mim na cidade. Fiz o que podia no momento para ser civilizada com ele! Entrei direto na sala de estar e pedi um chá. Eram exatamente cinco e meia, eu me lembro.

"Estou muito ansiosa para explicar com detalhes o que aconteceu a seguir. Estava ainda na sala de estar às quinze para as sete quando o sr.

Sanders chegou. Havia dois senhores com ele, e os três estavam propensos a ficar um pouquinho animados demais. O sr. Sanders deixou seus amigos e veio diretamente para onde eu estava sentada com a srta. Trollope. Explicou que queria nossa opinião sobre um presente de Natal que daria à esposa. Era uma bolsa para a noite.

"'E vejam, senhoras', disse ele. 'Sou um simples marinheiro rude. Que sei eu sobre essas coisas? Me enviaram três tipos para escolher e quero uma opinião especializada no assunto.'

"Dissemos, é claro, que adoraríamos ajudá-lo, e perguntou se nos importávamos de subir com ele, já que a esposa poderia chegar a qualquer momento e estragaria a surpresa se visse as coisas ali. Então subimos com ele. Jamais esquecerei o que aconteceu a seguir – ainda sinto meus dedinhos formigando.

"O sr. Sanders abriu a porta do quarto e acendeu a luz. Não sei quem de nós viu primeiro...

"*A sra. Sanders estava deitada no chão com o rosto virado para baixo – morta.*

"Cheguei até ela primeiro. Me ajoelhei, tomei sua mão e procurei o pulso, mas foi inútil, o braço em si estava frio e duro. Junto à cabeça dela havia um pé de meia cheio de areia – a arma com a qual havia sido golpeada. A srta. Trollope, tola que só ela, gemia e gemia perto da porta, segurando a cabeça. Sanders deu um grito dizendo 'Minha mulher, minha mulher!' e correu para ela. Não deixei que ele a tocasse. Vejam bem, estava certa naquela hora de que ele a havia matado e podia haver algo que ele quisesse tirar dali ou esconder.

"'Nada deve ser tocado', eu disse. 'Componha-se, sr. Sanders. Srta. Trollope, por favor, desça e chame o gerente.'

"Fiquei ali, ajoelhada junto ao corpo. Não iria deixar Sanders sozinho. E ainda assim, fui forçada a admitir que, se o homem estava encenando, era um ator maravilhoso. Parecia atordoado, desorientado e absolutamente aterrorizado.

"Rapidamente o gerente chegou. Fez uma inspeção rápida no quarto, então nos tirou todos dali e trancou a porta, levando a chave. Saiu e telefonou para a polícia. Demoraram tanto, que pareceu terem levado uma era para chegar (ficamos sabendo depois que a linha telefônica não estava funcionando). O gerente teve de enviar um mensageiro até a delegacia; a

Hidro ficava nos arredores da cidade, na divisa com o campo. A sra. Carpenter nos indagou a todos muito inquisitiva. Estava muito satisfeita que sua profecia de ‘nunca duas sem uma terceira’ tinha se realizado tão depressa.

“Ouvi dizer que Sanders ficou vagando, segurando a cabeça com as mãos, murmurando e demonstrando todos os sinais de dor.

“Entretanto, a polícia enfim chegou. Subiram com o gerente e o sr. Sanders. Mais tarde me chamaram. Então subi. O inspetor estava lá, sentado à mesa, escrevendo. Era um homem de ar inteligente e gostei dele.

“‘Srta. Jane Marple?’, disse.

“‘Sim.’

“‘A senhorita estava presente quando o corpo da falecida foi encontrado?’

“Respondi que estava e descrevi exatamente o que havia ocorrido. Acho que foi um alívio para o pobre homem encontrar alguém que conseguia responder suas perguntas de forma coerente, tendo antes questionado Sanders e Emily Trollope que, suponho, estava completamente descomposta, e como não haveria de estar, a tola criatura! Lembro-me de minha querida mãe ensinando que uma mulher bem-nascida deveria sempre ser capaz de se controlar em público, não importando o quanto ela deixasse transparecer na esfera privada.”

– Uma máxima admirável – disse Sir Henry, com seriedade.

– Quando concluí, o inspetor disse: “‘Obrigado, madame. Agora receio que devo pedir que olhe o corpo apenas uma vez mais. É esta a posição exata na qual se encontrava quando vocês entraram no quarto? Não foi movido de forma alguma?”

“Expliquei que havia evitado que sr. Sanders assim fizesse, e o inspetor assentiu em sinal de aprovação.

“‘O cavalheiro parece terrivelmente abalado’, ele observou.

“‘Parece de fato, sim’, respondi.

“Não creio que tenha colocado qualquer ênfase especial na palavra ‘parece’, mas o inspetor me observou muito intensamente.

“‘Então podemos concluir que o corpo está exatamente na mesma posição em que foi encontrado?’, ele perguntou.

“‘Exceto pelo chapéu, sim’, respondi.

“O inspetor olhou para cima bruscamente.

“‘O que quer dizer com... o chapéu?’

“Expliquei que o chapéu estivera antes na cabeça da pobre Gladys, enquanto agora se encontrava depositado ao seu lado. Pensei, é claro, que a polícia havia feito isso. O inspetor, no entanto, negou enfaticamente. Nada havia, até o momento, sido movido ou tocado. Ficou parado, olhando para a pobre figura virada para o chão, intrigado, com a testa franzida. Gladys estava vestida com suas roupas de sair, um grande casaco de tweed vermelho-escuro com uma gola de pelos cinza. O chapéu, uma peça barata de feltro vermelho, estava disposto ao lado da cabeça.

“O inspetor ficou mais alguns minutos parado em silêncio, franzindo o cenho. Então, uma ideia lhe ocorreu.

“‘A senhora consegue, por um acaso, lembrar, madame, se ela tinha brincos nas orelhas, ou se a falecida costumava usar brincos?’

“Felizmente eu tenho o hábito de observar detalhes. Lembrei de ter visto um brilho de pérolas logo abaixo da aba do chapéu, embora no momento não tivesse dado nenhuma atenção especial a isso. Pude responder à primeira pergunta dele afirmativamente.

“‘Isso resolve o caso. O porta-joias dela foi esvaziado; não que houvesse algo de muito valor, pelo que entendi; e os anéis foram retirados dos dedos. O assassino deve ter esquecido dos brincos, e voltou para pegá-los depois que o assassinato foi descoberto. Um freguês calculista! Ou talvez...’ Ele olhou ao redor do quarto e disse devagar: ‘Ele pode ter ficado escondido aqui no quarto... o tempo todo’.

“Mas rejeitei aquela ideia. Eu mesma, expliquei, havia olhado embaixo da cama. E o gerente havia aberto as portas do guarda-roupas. Não havia nenhum outro lugar onde um homem pudesse se esconder. É verdade que o compartimento de chapéus estava trancado no meio do guarda-roupas, mas, como era raso e com prateleiras, ninguém poderia se esconder ali.

“O inspetor movia a cabeça devagar enquanto eu explicava tudo aquilo.

“‘Vou acreditar em sua palavra, madame’, disse. ‘Neste caso, como disse antes, ele deve ter retornado. Um freguês muito tranquilo.’

“‘Mas o gerente trancou a porta e levou a chave!’

“‘Isso não quer dizer nada. A sacada e a saída de incêndio – foi por ali que o ladrão veio. Ora, é mesmo possível que vocês tenham atrapalhado o trabalho dele. Ele se esgueira pela janela e, quando saem, ele retorna e continua de onde parou.’

“‘Tem certeza’, eu disse, ‘de que *há* um ladrão?’

“Ele respondeu secamente:

“‘Bem, é o que parece, não é mesmo?’

“Mas algo no tom dele me satisfez. Senti que ele não levaria tão a sério o sr. Sanders no papel do viúvo inconsolável.

“Vocês vejam, admito francamente: estava absolutamente dominada pelo conceito do que acredito que nossos vizinhos, os franceses, chamam de *idée fixe*. Sabia que aquele homem, Sanders, pretendia que sua mulher morresse. O que não dei abertura foi para aquela coisa fantástica e estranha chamada coincidência. Minha opinião sobre sr. Sanders era – eu tinha certeza – absolutamente correta e *verdadeira*. O homem era um canalha. Mas, embora sua pretensão hipócrita à dor não tenha me enganado por um segundo sequer, recordo de ter sentido que a *surpresa* e a *desorientação* dele naquele momento haviam sido encenadas de forma brilhante. Pareciam absolutamente *naturais*, se entendem o que quero dizer. Devo admitir que, após minha conversa com o inspetor, um sentimento curioso de dúvida foi tomando conta de mim. Porque, se Sanders tivesse feito essa coisa horrível, eu não conseguia imaginar nenhuma razão concebível por que ele deveria se esgueirar de volta pela escada de incêndio e tirar os brincos das orelhas da esposa. Não teria sido uma coisa *sensata*, e Sanders era um homem bastante sensato – por esse motivo sempre o achei tão perigoso.”

Miss Marple olhou ao redor examinando sua plateia.

– Talvez vocês compreendam onde quero chegar. Tantas vezes, o inesperado é o que acontece neste mundo. Eu tinha tanta *certeza*, e isso me deixara cega. O resultado foi um choque para mim. *Pois ficara provado, sem nenhuma margem de dúvida, que o sr. Sanders não poderia, de jeito nenhum, ter cometido aquele crime...*

A sra. Bantry soltou um arquejo de surpresa. Miss Marple virou-se para ela.

– Sei bem, querida, que este não é o desfecho que esperava quando comecei a contar esta história. Tampouco era o que eu mesma esperava. Entretanto, fatos são fatos, e, se a pessoa demonstra estar errada, deve ter a humildade de recomeçar. Que o sr. Sanders no fundo era um assassino, eu sabia, e nada aconteceu depois que colocasse em dúvida essa minha convicção.

“Bem, imagino que vocês gostariam de saber quais eram os fatos em si. A sra. Sanders, como sabem, passara a tarde jogando bridge com alguns

amigos, os Mortimer. Ela os deixara em torno das seis e quinze. Da casa daqueles amigos até a Hidro era uma caminhada de mais ou menos uns quinze minutos; talvez menos, se a pessoa estivesse apressada. Deve ter chegado, então, em torno das seis e meia. Ninguém a viu chegar, portanto deve ter entrado pela porta lateral e subido para o quarto. Lá, trocara de roupa (o casaco e a saia marrom-acinzentados que usara para o jogo de bridge estavam pendurados dentro do armário) e estava, é claro, se preparando para sair de novo quando fora golpeada. Muito possivelmente, dizem, sequer viu quem a acertou. O saco de areia, no meu entendimento, é uma arma muito eficiente. E tudo indica que os agressores estavam escondidos no quarto, talvez em um dos guarda-roupas grandes; aquele que ela não abrira.

"Agora, os movimentos do sr. Sandres. Saíra, como eu havia dito, em torno das cinco e meia ou pouco depois disso. Fez compras em alguns estabelecimentos e, em torno das seis da tarde, entrou no Grand Spa Hotel, onde encontrou dois amigos – com os quais retornaria mais tarde para a Hidro. Jogaram bilhar e, imagino, tomaram juntos alguns vários uísques com soda. Esses dois homens (Hitchcock e Spender eram os nomes deles) estiveram de fato com ele o tempo inteiro a partir das seis da tarde. Foram a pé com ele para a Hidro, e se separaram apenas quando ele encontrou a mim e a srta. Trollope. Aquilo, como relatei, fora em torno das quinze para as sete – momento em que sua esposa já deveria estar morta.

"Devo dizer que falei eu mesma com esses dois amigos dele. Não gostei dos dois. Não eram homens nem agradáveis nem cavalheirescos, mas fiquei bem certa de uma coisa: de que falavam a mais absoluta verdade quando diziam que Sanders estivera o tempo inteiro na companhia deles.

"Surge apenas um outro pequeno detalhe. Parece que, durante a partida de bridge, a sra. Sanders fora chamada ao telefone. Alguém chamado sr. Littleworth queria falar com ela. Ela parecera ao mesmo tempo animada e satisfeita com alguma coisa – e acidentalmente, cometeu um ou dois erros graves. Partiu bem mais cedo do que esperavam.

"Perguntaram ao sr. Sanders se ele conhecia o nome Littleworth como algum amigo de sua esposa, mas ele declarou que nunca havia ouvido falar de ninguém com aquele nome. E para mim isso é reforçado pela atitude da esposa; ela também não parecia reconhecer o nome Littleworth. No entanto, retornara do telefonema ruborizada e sorrindo, então parece que quem quer que tenha sido não dissera seu nome verdadeiro e isso, por si só, tem um

aspecto suspeito, não tem?

"De todo modo, esse era o problema que restara. A história do ladrão, que parecia improvável – ou a teoria alternativa, segundo o qual sra. Sanders estaria se preparando para sair e encontrara alguém. Esse alguém teria chegado ao quarto dela pela saída de incêndio? Houve uma discussão? Ou ele traiçoeiramente a atacara?"

Miss Marple pausou.

– Bem? – disse Sir Henry. – Qual é a resposta?

– Estava me perguntando se algum de vocês seria capaz de adivinhar.

– Sempre fui péssima em adivinhações – disse a sra. Bantry. – É uma lástima que Sanders tivesse um álibi tão maravilhoso; mas, se a senhora estava satisfeita com ele, devia estar tudo certo.

Jane Helier moveu sua linda cabeça e fez uma pergunta.

– Por que o armário de chapéus estava trancado?

– Muito inteligente de sua parte, minha querida – disse Miss Marple, radiante. – Era isso mesmo que eu estivera me perguntando. Embora a explicação fosse bem simples. Lá dentro estavam um par de chinelos bordados e alguns lenços de bolso que a pobre moça estava bordando para o marido como presentes de Natal. Por isso trancara o armário. A chave fora encontrada na sua bolsa.

– Oh! – disse Jane. – Então no fim não era nada muito interessante.

– Oh! Mas é sim – disse Miss Marple. – É simplesmente a única coisa realmente interessante, o detalhe que botou abaixo todos os planos do assassino.

Todos olharam para a velhinha.

– Eu mesma não enxerguei isso por dois dias – disse Miss Marple. – Refleti e refleti; e então, de repente, lá estava, tudo claro. Fui até o inspetor e pedi que ele experimentasse fazer uma coisa, e ele aceitou.

– O que a senhora pediu que ele experimentasse?

– *Pedi que experimentasse encaixar o chapéu na cabeça daquela pobre moça*; e, é claro, não conseguiu. Não entrava. *O chapéu não pertencia a ela, ora vejam.*

A sra. Bantry olhou espantada.

– Mas estava na cabeça dela, para começo de conversa?

– Não na cabeça *dela*...

Miss Marple pausou por um instante para deixar que suas palavras

fizessem efeito, e então prosseguiu.

– Nós supusemos que era o corpo da pobre Gladys ali; mas jamais examinamos o rosto. Ela estava de bruços, lembrem-se, e o chapéu escondia tudo.

– Mas ela *foi* assassinada?

– Sim, depois. No momento em que estávamos telefonando para a polícia, Gladys Sanders estava bem viva.

– Está querendo dizer que era alguém se fazendo passar por ela? Mas com certeza quando tocaram nela...

– Era um cadáver, isso é certo – disse Miss Marple com seriedade.

– Mas, que absurdo – disse o coronel Bantry –, não se pode dispor de cadáveres assim a torto e a direito. Que fim deram ao... ao primeiro cadáver depois?

– Ele colocou de volta – disse Miss Marple. – Era um plano perverso, mas muito inteligente. Fora nossa conversa na sala de estar que dera a ideia a ele. O corpo da pobre Mary, a criada; por que não usá-lo? Recordem que o quarto dos Sander ficava lá em cima junto do alojamento dos empregados. O quarto de Mary era duas portas mais adiante. Os coveiros não viriam antes de escurecer, ele estava contando com isso. Carregou o corpo pela sacada (estava escuro às cinco horas) e vestiu-o com um dos vestidos da esposa e o enorme casaco vermelho. Então descobriu que o armário dos chapéus estava trancado! Só havia uma coisa que poderia fazer. Apanhou um dos chapéus da pobre moça. Ninguém iria perceber. Depositou o saco de areia ao lado dela. Então saiu para estabelecer seu álibi.

"Telefonou para a esposa, se dizendo sr. Littleworth. Não sei o que disse a ela; era uma moça crédula, como já comentei antes. Mas conseguiu que ela saísse mais cedo do jogo de bridge e não retornasse à Hidro, e combinou de encontrar com ela no terreno da estação de águas, próximo a saída de incêndio, às sete horas. Provavelmente disse que tinha alguma surpresa para ela.

"Ela retorna à Hidro com os amigos e providencia para que a srta. Trollope e eu descubramos o crime junto com ele. Até finge que vai virar o corpo para cima, e eu o detenho! Então a polícia é chamada e ele sai cambaleando terreno afora.

"Ninguém pediu a ele um álibi para *depois* do crime. Encontra-se com a esposa, sobe com ela pela saída de incêndio, entram no quarto. Talvez tenha

contado a ela alguma história sobre o corpo. Ela se abaixa sobre ele, o marido ergue o saco de areia e a golpeia... Oh, céus! Ainda hoje me causa nojo pensar nisso! Então, rapidamente, arranca o casaco e a saia dela, os pendura e veste nela as roupas do outro cadáver.

"*Porém, o chapéu não entra.* Mary tinha cabelos curtos; Gladys Sanders, como eu disse, tinha um coque enorme de cabelos. Ele é forçado a deixar o chapéu ao lado do corpo e espera que ninguém vá perceber. Então carrega o corpo da pobre Mary de volta ao quarto dela e o dispõe de forma digna mais uma vez."

– Parece incrível – disse o dr. Lloyd. – Os riscos que ele correu. A polícia poderia ter chegado antes da hora.

– O senhor lembra de que a linha não estava funcionando? – perguntou Miss Marple. – Aquilo foi obra *dele*. Não podia correr o risco de ter a polícia no local antes da hora. Quando finalmente chegaram, passaram um tempo no escritório do gerente antes de subirem até o quarto. Este era o ponto fraco do plano: o risco de alguém perceber a diferença entre um corpo que estivera morto por duas horas e um que estivera morto por pouco mais de meia hora; mas ele estava contando com o fato de que as pessoas que primeiro descobririam o crime não teriam conhecimento técnico.

Dr. Lloyd assentiu.

– Julgariam que o crime teria sido cometido em torno das quinze para as sete, ou por volta disso, imagino – disse ele. – E fora de fato cometido às sete, ou poucos minutos depois. Quando o médico da polícia fosse examinar o corpo, seria em torno das sete e meia, no mínimo. Ele não teria como saber.

– Sou eu quem mais deveria ter suspeitado – disse Miss Marple. – Pegara na mão da pobre menina, e ela estava gelada. E, pouco tempo depois, o inspetor falou como se o assassinato tivesse sido cometido logo antes de chegarmos ali; e não percebi nada!

– Acho que a senhora percebeu muita coisa, Miss Marple – disse Sir Henry. – Esse caso é de antes da minha época. Não lembro sequer de ter ouvido falar dele. O que aconteceu?

– Sanders foi enforcado – disse Miss Marple, firmemente. – Um trabalho bem feito. Jamais me arrependi da minha participação no caso levando aquele homem à justiça. Não tenho nenhuma paciência com esses escrúpulos humanitários modernos a respeito da pena capital.

Sua face endurecida suavizou-se.

– No entanto, com frequência me repreendi amargamente por ter falhado em salvar a vida daquela pobre moça. Mas quem teria dado ouvidos a uma velha tirando conclusões precipitadas? Bem, bem... quem sabe? Talvez tenha sido melhor para ela morrer enquanto ainda estava feliz do que teria sido seguir vivendo, infeliz e desiludida, num mundo que subitamente iria parecer tão inóspito. Amava aquele bandido e confiava nele. Ela nunca descobriu quem ele era de fato.

– Bem, então – disse Jane Helier –, ela ficou bem. Ficou melhor assim. Eu gostaria... – interrompeu-se.

Miss Marple olhou para a famosa, bela e bem-sucedida Jane Helier e assentiu de leve com a cabeça.

– Entendo, minha querida – disse ela muito delicada. – Entendo.

CAPÍTULO 11

A erva da morte

– Agora, sra. B. – disse Sir Henry encorajando-a.

A sra. Bantry, a anfitriã, retribuiu com um olhar frio e reprovador.

– Já lhe disse antes que não aceito ser chamada de sra. B. É desonrante.

– Sherazade, então.

– E muito menos eu sou essa Sher... qualquer coisa! Nunca consigo contar uma história direito. Pergunte ao Arthur, se não acredita em mim.

– É bastante boa com fatos, Dolly – disse o coronel Bantry –, mas deixa a desejar nos adornos.

– É isso mesmo – disse a sra. Bantry. Bateu o catálogo de bulbos que estava segurando sobre a mesa em frente. – Estou ouvindo todos vocês e não sei como conseguem. "Ele disse, ela disse, vocês se perguntam, eles pensavam, todo mundo deduziu"; bem, eu simplesmente não conseguiria, e é só! Além disso, não sei de nada que pudesse valer uma história.

– Não podemos acreditar nisso, sra. Bantry – disse o dr. Lloyd. Balançou a cabeça grisalha em falsa incredulidade.

E a velhinha Miss Marple disse com sua voz mansa:

– Certamente, querida...

A sra. Bantry continuava a balançar a cabeça obstinadamente.

– Não fazem ideia do quanto minha vida é banal. É só a criadagem e as dificuldades de se conseguirem boas copeiras, e idas à cidade comprar roupas, aos dentistas, e a Ascot (que Arthur odeia), e fora isso o jardim...

– Ah! – disse o dr. Lloyd. – O jardim. Todos sabemos onde mora o seu coração, sra. Bantry.

– Deve ser bom ter um jardim – disse Jane Helier, a bela e jovem atriz. – Isso se você não tiver de cavar, ou ficar com as mãos sujas. Eu tenho uma grande apreciação por flores.

– O jardim – disse Sir Henry. – Não podemos usá-lo como ponto de partida? Vamos lá, sra. B. O bulbo envenenado, os mortíferos narcisos amarelos, a erva da morte!

– Que estranho o senhor falar nisso – disse a sra. Bantry. – Acaba de me lembrar. Arthur, recorda aquela história em Clodderham Court? Você lembra. O velho Sir Ambrose Bercy. Lembra do quanto o achávamos um senhor lisonjeiro e encantador?

– Ora, claro. Sim, aquela foi uma história estranha. Prossiga, Dolly.

– É melhor você contar, querido.

– Bobagem. Vá em frente. Tem de remar sua própria canoa. Já fiz minha parte agora há pouco.

A sra. Bantry inspirou profundamente. Apertou as mãos juntas e sua face indicou uma completa angústia mental. Falou rápida e fluentemente:

– Bem, não há realmente muito para contar. A erva da morte, foi isso que me lembrou do ocorrido, embora na minha cabeça eu chame de *sálvia e cebolas*.

– Sálvia e cebolas? – perguntou o dr. Lloyd.

A sra. Bantry assentiu.

– Foi assim que aconteceu, compreende? – explicou. – Arthur e eu estávamos passando uns dias com Sir Ambrose Bercy em Clodderham Court e, um dia, por engano (embora de forma muito imbecil, sempre pensei), uma porção de folhas de dedaleira foram colhidas junto com a sálvia. Os patos do jantar daquela noite foram recheados com aquilo, e todos ficaram muito doentes, mas uma pobre moça, de quem Sir Ambrose tinha a guarda, morreu.

Ela encerrou ali.

– Nossa, nossa – disse Miss Marple –, que coisa trágica.

– Não foi?

– Bem – disse Sir Henry –, e o que aconteceu depois?

– Não há depois – disse a sra. Bantry –, isso é tudo.

Todos se surpreenderam. Embora avisados de antemão, não esperavam tamanha brevidade.

– Mas, minha cara senhora – admoestou Sir Henry –, não pode terminar assim. O que a senhora relatou é uma ocorrência trágica, mas de forma alguma um enigma.

– Bem, é claro que há algo mais – disse a sra. Bantry. – Mas se eu for lhes contar, já vão saber do que se trata.

Olhou desafiadoramente para a assembleia ali reunida e declarou, lamuriosa:

– Eu disse que não sabia enfeitar as coisas para fazê-las soarem como uma história propriamente dita.

– A-ha! – disse Sir Henry. Ele ajeitou-se na cadeira e ajustou o monóculo. – Sem dúvida, Sherazade, isto é muito estimulante. Nossa habilidade foi desafiada. Não tenho mais tanta certeza de que a senhora não tenha feito de propósito, para atiçar nossa curiosidade. Acho que recomendaria algumas rodadas animadas de “Vinte Perguntas”. Miss Marple, a senhora começa?

– Gostaria de saber mais sobre a cozinheira – disse Miss Marple. – Deve ser uma mulher muito burra, ou então muito inexperiente.

– Era apenas muito burra – disse a sra. Bantry. – Chorou muito depois e disse que as folhas haviam sido colhidas e entregues a ela como sálvia, e como é que ela poderia saber?

– Não é alguém que pensa por si mesma – disse Miss Marple.

– Provavelmente uma mulher de mais idade e, ousaria dizer, uma ótima cozinheira.

– Excelente – disse a sra. Bantry.

– Sua vez, srta. Helier – disse Sir Henry.

– Quer dizer... de fazer uma pergunta? – Houve uma pausa enquanto Jane ponderava. Finalmente, desamparada, ela disse: – Sinceramente, não sei o que perguntar.

Seus lindos olhos pairavam suplicantes sobre Sir Henry.

– Por que não *dramatis personae*, srta. Helier? – sugeriu ele, sorrindo.

Jane ainda olhava confusa.

– Personagens por ordem de entrada em cena – disse Sir Henry delicadamente.

– Ah, sim – disse Jane. – Essa é uma boa ideia.

A sra. Bantry começou rapidamente a contar as pessoas com os dedos.

– Sir Ambrose; Sylvia Keene (essa é a moça que morreu), uma amiga dela que estava hospedada lá, Maud Wye, uma daquelas moças escuras e feias, mas que de alguma forma se esforçam para parecerem mais bonitas, nunca entendi como conseguem. Então havia sr. Curle, que havia ido conversar sobre livros com Sir Ambrose, sabem, livros raros, coisas velhas e esquisitas em latim, tudo pergaminho bolorento. Havia Jerry Lorimer, uma

espécie de vizinho de porta. A propriedade dele, Fairlies, era junto das terras de Sir Ambrose. E havia a sra. Carpenter, uma daquelas bichanas de meia-idade que sempre conseguem se infiltrar confortavelmente nos lugares. Era, por assim dizer, *dame de compagnie* de Sylvia, suponho.

– Se é a minha vez – disse Sir Henry –, e suponho que seja, pois estou sentado ao lado da srta. Helier, vou ser bastante exigente. Quero um retrato verbal, por favor, sra. Bantry, de todos os que acaba de mencionar.

– Ah! – A sra. Bantry hesitou.

– Sir Ambrose, então – continuou Sir Henry. – Comece por ele. Como era?

– Ah! Era um homem mais velho de aparência muito distinta; e nem tão velho assim de fato, não tinha mais de sessenta, imagino. Mas ele era muito delicado, tinha um coração fraco, nunca podia subir as escadas; tiveram de instalar um elevador, e isso o fazia parecer mais velho do que de fato era. De modos muito encantadores. Lisonjeiro, essa é a palavra que melhor o descreve. Jamais o veria irritado ou contrariado. Tinha cabelos brancos lindos e uma voz particularmente agradável.

– Bom – disse Sir Henry. – Consigo enxergar Sir Ambrose. Agora a menina Sylvia. Como disse que era o nome dela?

– Sylvia Keene. Era bonita, realmente *muito* bonita. De cabelos claros, sabe, e com uma pele adorável. Talvez não fosse muito talentosa. De fato, era bastante burra.

– Convenhamos, Dolly – protestou o marido dela.

– Arthur, é claro, não pensaria da mesma forma – disse a sra. Bantry, seca. – Mas ela *era* burra, de fato nunca dizia nada que valesse a pena escutar.

– Uma das criaturas mais graciosas que já vi – disse o coronel Bantry, caloroso. – Vê-la jogando tênis... encantadora, simplesmente encantadora. E era cheia de vida, uma menina muito divertida. E tinha um jeito tão bonito! Aposto que todos os rapazes jovens pensavam assim.

– Aí é que se engana – disse a sra. Bantry. – Jovenzinhas assim não têm atrativos para os jovens de hoje. Só para os camaradas velhos que nem você, Arthur, que ficam sentados divagando sobre mocinhas.

– Ser jovem não adianta – disse Jane. – É preciso ter SA.

– O que – disse Miss Marple – vem a ser SA?

– *Sex appeal* – disse Jane.

– Ah, sim! – disse Miss Marple. – O que se costumava chamar no meu tempo de “um olhar sedutor”.

– Não é uma má descrição – disse Sir Henry. – E a *dame de compagnie* que a senhora descreveu, acho que disse que era como uma bichana, sra. Bantry?

– Eu não quis dizer uma *gata*, sabe? – afirmou a sra. Bantry. – É algo bem diferente. Era apenas uma pessoa grande, macia, branca e ronronante. Sempre muito doce. Assim era Adelaide Carpenter.

– Uma mulher de que idade?

– Creio que em torno dos quarenta. Já estava lá há algum tempo, desde quando Sylvia fez onze anos, acredito. Uma pessoa de muito tato. Uma daquelas viúvas que se encontram em circunstâncias lamentáveis, com várias relações aristocráticas, mas sem dinheiro nas mãos. Eu não gostei dela, mas nunca gosto de pessoas com mãos muito longas e brancas. E não gosto de bichanos.

– E o sr. Curle?

– Ah! Um daqueles idosos corcundas. Existem tantos desses por aí, é difícil distinguir um do outro. Demonstrava entusiasmo quando falava sobre livros bolorentos, mas em nenhuma outra ocasião. Não acho que Sir Ambrose o conhecesse muito bem.

– E Jerry, o vizinho?

– Um garoto muito encantador. Estava noivo de Sylvia. Isso foi o mais triste.

– Agora eu me pergunto... – começou Miss Marple, mas parou.

– O quê?

– Nada, querido.

Sir Henry olhou com curiosidade para a velhinha. Então falou, pensativo:

– Então esse jovem casal havia noivado. Estavam noivos há muito tempo?

– Em torno de um ano. Sir Ambrose havia se oposto ao noivado usando o argumento de que Sylvia era muito nova. Mas depois de um ano de noivado havia concordado, e o casamento aconteceria em breve.

– Ah! E a jovenzinha tinha posses?

– Quase nada, meros cem ou duzentos por ano.

– Sem coelho nesse mato, Clithering – disse o coronel Bantry, e riu.

– É a vez de o doutor fazer uma pergunta – disse Sir Henry. – Eu me retiro.

– Minha curiosidade é basicamente profissional – disse o dr. Lloyd. – Gostaria de saber que evidências médicas foram dadas no inquérito, isto é, se nossa anfitriã se recordar, ou se de fato souber.

– Sei por alto – disse a sra. Bantry. – Envenenamento por digitalina; está correto?

O dr. Lloyd assentiu.

– O princípio ativo da dedaleira, digitális, age sobre o coração. De fato, é uma droga de muito valor em alguns casos de problemas cardíacos. Um caso de todo muito curioso. Jamais acreditaria que comer um preparado de folhas de dedaleira poderia ser fatal. Essas ideias sobre ingerir folhas e frutinhos venenosos são muito exageradas. Pouquíssimas pessoas percebem que o princípio ativo, ou alcaloide, tem de ser extraído com muito cuidado e preparação.

– A sra. MacArthur enviou alguns bulbos especiais para a sra. Toomie outro dia – disse Miss Marple. – E a cozinheira da sra. Toomie achou que os bulbos eram cebolas, e todos os Toomie ficaram muito doentes de fato.

– Mas não morreram daquilo – disse o dr. Lloyd.

– Não. Não morreram daquilo – admitiu Miss Marple.

– Uma moça que conheci morreu de envenenamento por ptomaína – disse Jane Helier.

– Devemos continuar com a investigação do crime – disse Sir Henry.

– Crime? – perguntou Jane, assombrada. – Pensei que fora um acidente.

– Se tivesse sido um acidente – disse Sir Henry educadamente –, não acho que a sra. Bantry teria nos relatado essa história. Não, da forma como entendi, foi um acidente apenas na aparência; um evento que esconde por trás algo muito mais sinistro. Lembro-me de um caso. Vários convidados numa reunião em uma casa estavam conversando após o jantar. As paredes estavam adornadas com vários tipos de armas antigas. Totalmente por brincadeira, uma das pessoas se apoderou de uma pistola antiga de montaria e apontou para outro homem fazendo de conta que iria atirar. A pistola estava carregada e disparou, matando o homem. Tínhamos de nos certificar naquele caso, primeiro, de quem havia secretamente preparado e carregado a pistola e, segundo, quem havia conduzido e dirigido a conversa de modo que aquela parte derradeira de uma pilhéria grosseira tivesse tal resultado; pois o homem

que disparou a pistola era inteiramente inocente!

"Parece-me que temos aqui o mesmo problema. Aquelas folhas de digitalina foram deliberadamente misturadas com a sálvia, sabendo-se o resultado que seria obtido. Já que exoneramos a cozinheira – exoneramos a cozinheira, não exoneramos? –, fica a questão: quem colheu as folhas e as entregou na cozinha?"

– Isso é fácil de responder – disse a sra. Bantry. – Ao menos a última parte é. Foi a própria Sylvia quem levou as folhas até a cozinha. Fazia parte das tarefas diárias dela apanhar coisas como salada ou ervas, molhos de cenoura ainda tenros; todo tipo de coisa que os jardineiros nunca sabem colher direito. Eles detestam entregar qualquer coisa novinha e tenra, sempre esperam que se tornem belos espécimes. Sylvia e a sra. Carpenter costumavam elas mesmas cuidar de muitas dessas coisas. E havia dedaleiras, realmente, crescendo no meio da sálvia em um dos cantos, portanto o engano foi bastante natural.

– Mas foi a própria Sylvia quem colheu as ervas?

– Isso ninguém nunca soube. Mas se pensava que sim.

– Suposições – disse Sir Henry – são coisas perigosas.

– Mas eu sei que não foi a sra. Carpenter quem as colheu – disse a sra. Bantry. – Pois acontece que ela estava caminhando comigo no terraço naquela manhã. Foi para lá depois do desjejum. O dia estava excepcionalmente agradável e quente para o começo da primavera. Sylvia descera sozinha até a horta e, mais tarde, a vi caminhando de braços dados com Maud Wye.

– Então elas eram grandes amigas, não? – perguntou Miss Marple.

– Sim – disse a sra. Bantry. Ela pareceu querer dizer alguma coisa, mas não o fez.

– Fazia muitos dias que ela estava hospedada lá? – perguntou Miss Marple.

– Em torno de uma quinzena – disse a sra. Bantry.

Havia um tom de preocupação na voz dela.

– A senhora não gostava de Miss Wye? – sugeriu Sir Henry.

– Gostava. É exatamente isso. Gostava.

A preocupação na voz dela transformou-se em aflição.

– A senhora está escondendo algo, sra. Bantry – disse Sir Henry de modo acusatório.

– Pensei o mesmo ainda há pouco – disse Miss Marple –, mas não quis insistir.

– Quando pensou?

– Quando disse que os jovenzinhos estavam noivos. Disse que aquilo tornava tudo ainda mais triste. Mas, se entende o que quero dizer, sua voz não soou bem quando falou aquilo, não soou convincente, sabe?

– Que pessoa medonha que a senhora é – disse a sra. Bantry. – Parece sempre *saber* de tudo. Sim eu estava pensando em algo. Mas não sei de fato se devo ou não falar.

– Deve falar – disse Sir Henry. – Quaisquer que sejam seus escrúpulos, nada deve ser omitido.

– Bem, foi apenas que... – disse a sra. Bantry. – Uma noite, na verdade, exatamente a noite anterior à tragédia, aconteceu de eu ir até o terraço antes do jantar. A janela da sala de estar estava aberta. E por acaso vi Jerry Lorimer e Maud Wye. Ele estava... bem... beijando-a. Claro que eu não sabia se era uma espécie de ocorrência ocasional, ou se... bem, digo, a gente não tem como *avaliar*. Sabia que Sir Ambrose nunca havia gostado de verdade de Jerry Lorimer, então talvez ele soubesse que ele era um rapaz desse tipo. Mas de uma coisa eu *tenho* certeza: aquela moça, Maud Wye, era *realmente* apaixonada por ele. Era só pegá-la desprevenida, olhando para ele, para constatar a paixão. E acho também que eles combinavam mais um com o outro do que ele com Sylvia.

– Vou fazer uma pergunta rápida, antes que Miss Marple a faça – disse Sir Henry. – Quero saber se, depois da tragédia, Jerry Lorimer casou-se com Maud Wye.

– Sim – disse a sra. Bantry. – Casou. Seis meses depois.

– Sherazade, Sherazade – disse Sir Henry. – E pensar na maneira que a senhora nos contou esta história no início! Apenas os fatos centrais, como se fossem ossos limpos, pois bem... e pensar nos detalhes carnosos que estamos descobrindo agora.

– Não fale assim de modo tão macabro – disse a sra. Bantry. – E não fale a palavra “carne”. Os vegetarianos sempre fazem isso. Eles dizem: “Eu nunca como carne” de um jeito que deixa qualquer um desconcertado perante o seu bife. O sr. Curle era vegetariano. Costumava comer uma coisa estranha que parecia fibra no café da manhã. Esses velhos corcundas de barba são em geral dados a modismos. Eles também usam modelos notórios de cuecas.

– Como assim, Dolly – disse o marido –, o que você sabe das cuecas do sr. Curle?

– Nada – respondeu a sra. Bantry com dignidade. – Eu estava apenas fazendo uma suposição.

– Vou corrigir minha afirmação anterior – disse Sir Henry. – Direi, em vez disso, que as *dramatis personae* de seu problema são muito interessantes. Começo a enxergar todas elas... hein, Miss Marple?

– A natureza humana é sempre interessante, Sir Henry. E é curioso ver como certos tipos sempre tendem a agir exatamente da mesma maneira.

– Duas mulheres e um homem – disse Sir Henry. – O velho eterno triângulo amoroso. Seria essa a base do nosso problema aqui? Estou imaginando que sim.

Dr. Lloyd limpou a garganta.

– Estive pensando – disse ele, bastante tímido. – A senhora diria, sra. Bantry, que a senhora também passou mal?

– E não passei? E Arthur também! Todo mundo passou mal!

– Esta é a questão: todo mundo – disse o médico. – Entendem o que quero dizer? Na história que Sir Henry nos contou agora há pouco, um homem atirou no outro; ele não teve de atirar na sala inteira.

– Não estou entendendo – disse Jane. – Quem atirou em quem?

– Estou dizendo que seja quem for que tenha planejado essa coisa o fez de modo muito curioso, ou confiando cegamente na sorte, ou então com um desdém absolutamente irresponsável pela vida humana. Mal posso acreditar que possa haver um homem capaz de deliberadamente envenenar oito pessoas com o objetivo de eliminar apenas uma dentre elas.

– Entendo seu ponto – disse Sir Henry, pensativo. – Confesso que deveria ter pensado nisso.

– E ele não poderia ter envenenado a si mesmo também? – perguntou Jane.

– Alguém estava ausente do jantar naquela noite? – perguntou Miss Marple.

A sra. Bantry sacudiu a cabeça.

– Estavam todos lá.

– Exceto pelo sr. Lorimer, suponho, minha querida. Ele não estava hospedado na casa, estava?

– Não; mas estava jantando lá naquela noite – disse a sra. Bantry.

– Ah! – disse Miss Marple com uma mudança na voz. – Isso faz toda a diferença do mundo.

Franziu o cenho, aborrecida consigo mesma.

– Fui muito tola – resmungou ela. – Muito tola mesmo.

– Confesso que seu argumento me preocupa, Lloyd – disse Sir Henry.

– Como garantir que esta moça, e apenas ela, fosse receber a dose fatal?

– Não há como – disse o doutor. – O que me traz ao ponto que quero defender. *Suponhamos que, no fim das contas, a moça não fosse a vítima desejada.*

– O quê?

– Em todos os casos de envenenamento por comida, o resultado é muito incerto. Várias pessoas podem compartilhar de um mesmo prato. O que acontece então? Um ou dois ficam levemente doentes, dois outros, digamos, ficam seriamente indispostos, e um morre. É dessa forma que ocorre, não há certeza de nada. No entanto, há casos nos quais outro fator pode entrar. A digitalina é uma droga que age diretamente no coração, como lhes disse, e é prescrita em certos casos. *Havia uma pessoa naquela casa que sofria de uma moléstia do coração.* Suponhamos que ele tenha sido a vítima selecionada. O que não seria fatal para o resto seria fatal para *ele*; ou ao menos é isso que o assassino poderia razoavelmente supor. Que a coisa se desse de modo diferente é apenas mais uma prova do que eu estava dizendo ainda agora sobre a incerteza e falibilidade dos efeitos das drogas nos seres humanos.

– Sir Ambrose – disse Sir Henry. – Pensa que *ele* era a pessoa a que se destinava o veneno? Sim, sim... e a morte da garota foi um engano.

– Quem ficou com o dinheiro dele depois que ele morreu? – perguntou Jane.

– Uma pergunta muito prudente, srta. Helier. Uma das primeiras que sempre perguntamos em minha antiga profissão – disse Sir Henry.

– Sir Ambrose tinha um filho – disse a sra. Bantry devagar. – Havia discutido com ele muitos anos antes. O rapaz era indomável, acredito. Mesmo assim, Sir Ambrose não tinha o poder de deserdá-lo, a corte de Clodderdam estava envolvida. Martin Bercy conseguiu o título e as propriedades. Havia, no entanto, uma série de outras propriedades das quais Sir Ambrose poderia dispor como desejasse, e que foram deixadas para Sylvia, que estava sob sua tutela. Sei disso porque Sir Ambrose morreu menos de um ano depois desses acontecimentos todos que estou relatando, e

não havia se incomodado em fazer um novo testamento depois da morte de Sylvia. Acho que o dinheiro foi para a Coroa, ou talvez para o filho, que era o familiar mais próximo; realmente não lembro.

– Então dar um fim nesse senhor seria do interesse apenas do filho que não estava lá, e da própria moça que morreu – disse Sir Henry, pensativo. – Não parece muito promissor.

– A outra mulher não ficou com nada? – perguntou Jane. – Aquela que a sra. Bantry chama de mulher gata.

– O nome dela não constava do testamento – disse a sra. Bantry.

– Miss Marple, a senhora não está escutando – disse Sir Henry. – Está em algum lugar distante daqui.

– Estava pensando no velho sr. Badger, o químico – disse Miss Marple. – Ele tinha uma camareira bem jovem, jovem o suficiente para ser não apenas sua filha, mas sua neta. Não dissera uma palavra a ninguém, nem à família, montes de sobrinhos e sobrinhas cheios de expectativas. E, quando morreu, vocês acreditariam que ele estivera casado por dois anos com ela? É claro que o sr. Badger era um químico, e bastante rude, um velho comum também, e Sir Ambrose Bercy era um cavalheiro muito polido, conforme a sra. Bantry nos disse, mas, tirando isso, a natureza humana é basicamente a mesma em qualquer lugar.

Houve uma pausa. Sir Henry dirigiu um olhar intenso para Miss Marple, que retribuiu com um ar sutilmente maroto nos olhos azuis. Jane Helier rompeu o silêncio.

– Essa sra. Carpenter não era bonita? – perguntou.

– Sim, mas de modo discreto. Nada sensacional.

– Tinha uma voz muito compassiva – disse o coronel Bantry.

– Ronronante, eu diria – falou a sra. Bantry. – Ronronante!

– Também vai acabar sendo chamada de gata um dia desses, Dolly.

– Gosto de ser uma gata no meu circulo íntimo – disse a sra. Bantry. – De qualquer forma, eu nem gosto muito de mulheres, e você sabe disso. Gosto de homens e de flores.

– Um gosto excelente – disse Sir Henry. – Especialmente ao colocar homens em primeiro lugar.

– Uma questão de tato – disse sra. Bantry. – Bem, agora, e o meu pequeno problema? Fui bastante justa, acho. Arthur, não acha que fui justa?

– Sim, minha querida. Acho que os atendentes do Jockey Club não vão

colocar em discussão o resultado da corrida.

– O primeiro garoto – disse a sra. Bantry, apontando o dedo para Sir Henry.

– Serei bem prolixo. Afinal, entendam, de fato não tenho nenhuma convicção sobre o assunto. Primeiro, Sir Ambrose. Bem, não usaria um método tão original para cometer suicídio e, por outro lado, certamente não teria nada a ganhar com a morte de sua tutelada. Sai Sir Ambrose. Sr. Curle. Não tinha motivos para matar a garota. Se Sir Ambrose fosse a vítima almejada, ele poderia então furtar um ou dois manuscritos raros, que ninguém fosse dar falta. Muito inconsistente e ainda mais improvável. Portanto, acho que, apesar das suspeitas da sra. Bantry a respeito de suas cuecas, o sr. Curle está isento. Srta. Wye. Motivo para a morte de Sir Ambrose, nenhum. Motivo para matar Sylvia, muito fortes. Desejava o rapazote da outra, e o desejava excessivamente, de acordo com o relato da sra. Bantry. Ela estivera com Sylvia naquela manhã na horta e tivera a oportunidade de colher as folhas. Não, não podemos eximir a srta. Wye de forma tão leviana. O jovem Lorimer. Teria motivos nos dois casos. Ao se livrar da namoradinha, poderia casar com a outra. Contudo, parece um pouco drástico matá-la... O que é um noivado desfeito nos dias de hoje? Se Sir Ambrose morre, ele vai casar com uma garota rica, em vez de uma pobre. Isso pode ou não ser importante, depende de sua situação financeira. Se eu descobrir que os bens dele estavam hipotecados e que sra. Bantry deliberadamente omitiu este fato de nós, vou reivindicar uma falta. Agora, a sra. Carpenter. Sabem, eu suspeito da sra. Carpenter. Aquelas mãos brancas, para começar, e seu excelente álibi do momento em que as ervas foram colhidas – eu sempre desconfio de álibis. E tenho outra razão para suspeitar dela que no momento vou guardar para mim. Ainda, no geral, se tenho de decidir por alguém, vou decidir pela srta. Maude Wye, pois há mais provas contra ela do que contra qualquer outra pessoa.

– O próximo garoto – disse a sra. Bantry, e apontou para o dr. Lloyd.

– Acho que está enganado, Clithering, em fixar-se na teoria de que a morte da garota foi proposital. Estou convencido de que o assassino pretendia eliminar Sir Ambrose. Não acho que o jovem Lorimer tivesse o conhecimento necessário. Estou inclinado a acreditar que a sra. Carpenter é a parte culpada. Estava há muito tempo com a família, sabia tudo sobre o estado de saúde de Sir Ambrose e poderia facilmente fazer com que essa garota Sylvia (que, a senhora mesma disse, era um tanto tola) colhesse as

folhas certas. Motivo para o crime, confesso, não vejo; mas arrisco dizer que Sir Ambrose tenha em algum momento feito um testamento no qual ela era mencionada. É o melhor que consigo articular.

O dedo da sra. Bantry apontou para Jane Helier.

– Não sei o que dizer – disse Jane –, exceto que: por que a própria garota não poderia ter causado isso? No fim das contas, foi ela quem levou as folhas para a cozinha. E a senhora diz que Sir Ambrose havia se oposto ao casamento dela. Se ele morresse, ela ficaria com o dinheiro e poderia casar imediatamente. Ela deveria saber tanto quanto a sra. Carpenter sobre a saúde de Sir Ambrose.

O dedo da sra. Bantry chegou bem devagar em Miss Marple.

– Agora, então, a professora – disse.

– Sir Henry expôs tudo muito claramente, muito claramente de fato – disse Miss Marple. – E o dr. Lloyd estava tão certo no que disse. Com a análise dos dois parece que as coisas ficaram muitíssimo claras. Apenas não acho que o dr. Lloyd tenha percebido um aspecto do que mencionou. Veja bem, não sendo o consultor médico de Sir Ambrose, não poderia saber que tipo de problema do coração ele tinha, poderia?

– Não estou entendendo o que quer dizer, Miss Marple – disse o dr. Lloyd.

– Está supondo, não está, que Sir Ambrose tinha um tipo de problema cardíaco que seria adversamente afetado por digitalina? Mas não há nada que prove isso. Pode se tratar exatamente do contrário.

– Do contrário?

– Sim, o senhor afirmou que digitalina é receitada com frequência para problemas cardíacos.

– Mesmo assim, Miss Marple, não estou entendendo onde quer chegar.

– Bem, poderia significar que ele tivesse digitalina em seu poder de forma bastante natural, sem ter de explicar isso. O que estou querendo dizer (sempre me expresso tão mal) é o seguinte: supondo que quisesse envenenar alguém com uma dose fatal de digitalina. O jeito mais simples e mais fácil não seria providenciar para que todos fossem envenenados, na verdade, por folhas de digitalina? Não seria fatal no caso de mais ninguém, claro, mas ninguém suspeitaria se houvesse uma vítima, pois, como o dr. Lloyd disse, essas coisas são muito imprevisíveis. Ninguém iria questionar se a garota de fato recebera uma dose fatal da infusão de digitális ou algo do gênero. Ele

pode ter posto em um coquetel, ou no café dela, ou simplesmente a fez beber como um tônico.

– Está dizendo que Sir Ambrose envenenou a própria tutelada, a garota adorável a quem ele amava?

– Isso mesmo – disse Miss Marple. – Como o sr. Badger e a jovem copeira. Não vão dizer que é absurdo que um homem de sessenta anos se apaixone por uma moça de vinte. Acontece todos os dias, e ousaria dizer que para um velho autocrata como Sir Ambrose pode ter se tornado uma obsessão. Coisas desse tipo se transformam em loucuras às vezes. Ele não podia suportar a ideia de ela se casar, fez o que pôde para se opor e falhou. Seu ciúme doentio se tornou tão gigantesco que ele preferiu matá-la a entregá-la para o jovem Lorimer. Deve ter pensado nisso com alguma antecedência, porque aquela semente de dedaleira teve de ser semeada junto da sálvia. Ele mesmo colheria quando chegasse a hora, e ela mandaria para a cozinha. É horrível chegar a essa conclusão, mas suponho que devamos examinar a situação sob a ótica da piedade. Senhores daquela idade são por vezes muito peculiares de fato no que concerne às mocinhas. Nosso último organista... mas bem, não devo ficar fazendo fofoca dos outros.

– Sra. Bantry – disse Sir Henry –, foi isso mesmo?

A sra. Bantry assentiu.

– Sim. Eu não fazia ideia... Jamais sonharia que fosse qualquer outra coisa que não um acidente. Mas então, após a morte de Sir Ambrose, recebi uma carta. Havia deixado instruções para que fosse enviada a mim. Nela, me contava a verdade. Não sei o porquê... mas sempre nos demos bem, eu e ele.

No silêncio momentâneo, ela sentiu-se alvo de um julgamento velado e acrescentou apressada:

– Pensam que estou traindo a confiança de alguém, mas não estou. Troquei todos os nomes. Ele não se chamava Sir Ambrose Bercy. Não perceberam como Arthur me olhou com cara de bobo quando falei o nome para ele? No começo não entendeu. Mudei tudo. É como eles dizem nas revistas e aberturas de livros: “Todos os personagens nesta história são meramente fictícios”. Vocês jamais saberão quem de fato essas pessoas eram.

CAPÍTULO 12

O caso do bangalô

– Lembrei de algo – disse Jane Helier.

Seu lindo rosto se iluminou com o sorriso confiante de uma criança esperando aprovação. Era o mesmo sorriso que mexia com as multidões todas as noites em Londres e que tinha rendido fortunas aos fotógrafos.

– Aconteceu – ela prosseguiu cautelosa – com uma amiga minha.

Todos emitiram ruídos encorajadores, mas levemente hipócritas. Coronel Bantry, sra. Bantry, Sir Henry Clithering, dr. Lloyd e a velha Miss Marple estavam convencidos de que a "amiga" de Jane era a própria Jane. Ela seria praticamente incapaz de lembrar ou ter interesse em qualquer coisa que afetasse qualquer outra pessoa.

– Minha amiga – continuou Jane – (não vou mencionar seu nome) era uma atriz; uma atriz muito conhecida.

Ninguém esboçou surpresa. Sir Henry Clithering pensou consigo mesmo: "Agora, quero só ver quantas frases ela vai conseguir dizer até esquecer a fachada de ficção e dizer 'eu' no lugar de 'ela'".

– Minha amiga estava fazendo uma turnê pela província; um ou dois anos atrás. Suponho que seja melhor não dizer o nome do lugar. Era uma cidadezinha na beira de um rio, não muito longe de Londres. Chamarei de...

Fez uma pausa, as sobrancelhas perplexas, imersas em pensamento. A simples invenção até mesmo de um nome qualquer parecia ser demais para ela. Sir Henry decidiu socorrê-la.

– Que tal chamarmos de Riverbury? – sugeriu de forma solene.

– Ah, sim, funciona esplendidamente. Riverbury, é fácil lembrar disso. Bem, como eu dizia, esta... amiga minha... estava em Riverbury com sua companhia, e uma coisa muito curiosa aconteceu.

Franziu as sobrancelhas mais uma vez.

– É muito difícil – disse ela, queixosa – dizer justamente o que se quer. A pessoa se confunde e pode falar as coisas na ordem errada.

– Está se saindo muito bem – disse o dr. Lloyd, encorajando-a. – Prossiga.

– Bem, essa coisa curiosa aconteceu. Minha amiga foi chamada à delegacia de polícia. E foi. Parecia que havia ocorrido um arrombamento em um bangalô à beira do rio e haviam prendido um jovem que contou uma história muito esquisita. Por isso a chamaram ali.

"Ela jamais havia estado em uma delegacia antes, mas foram muito gentis com ela; muito gentis de fato."

– Não poderia ser diferente, tenho certeza – disse Sir Henry.

– O sargento, acho que era um sargento, ou pode ter sido um inspetor, ofereceu a ela uma cadeira e explicou as coisas e, é claro, logo vi que se tratava de um engano...

"A-ha", pensou Sir Henry. "Eu. Aqui vamos nós. Bem como pensei."

– Contou minha amiga – continuou Jane, serenamente inconsciente de sua própria traição. – Explicou que estivera ensaiando com sua substituta no hotel e que jamais havia sequer ouvido falar nesse sr. Faulkener. Mas o sargento disse: "Srta. Hel...".

Parou e ficou ruborizada.

– Srta. Helman – sugeriu Sir Henry com uma piscadinha.

– Sim... sim, fica muito bem. Muito obrigada. Ele disse: "Bem, srta. Helman, pensei ter havido um engano sabendo que a senhorita está hospedada no Bridge Hotel", e ele perguntou se eu teria alguma objeção a confrontar... ou era de ser confrontada? Não me lembro.

– Na realidade, não faz diferença – disse Sir Henry, tranquilizando-a.

– De qualquer modo, encontrar com o tal rapaz. Então eu disse: "É claro que não". Eles o trouxeram e disseram: "Esta é a srta. Helier", e... Ah! – Jane interrompeu a história, boquiaberta.

– Tudo bem, querida – disse Miss Marple consolando-a. – Estávamos fadados a adivinhar, você sabe. E nem nos deu o nome do lugar ou qualquer outra coisa que seja realmente importante.

– Bem – disse Jane. – Tinha a intenção de contar como se tivesse se passado com outra pessoa, mas é *difícil*, não é mesmo? Quero dizer, é fácil de se confundir.

Todos a asseguraram de que era muito difícil. Então, mais calma e

tranquilizada, ela prosseguiu com sua narrativa levemente embaralhada.

– Ele era um rapaz bem atraente; bastante atraente mesmo. Jovem, de cabelos avermelhados. O queixo dele caiu quando olhou para mim. E o sargento disse: “É esta a senhora?”, e ele disse: “Não, de fato não é. Como fui idiota”. Sorri para ele e falei que não tinha importância.

– Estou imaginando a cena – disse Sir Henry.

Jane Helier franziu a testa.

– Deixe-me ver... como seria melhor continuar?

– Talvez nos dizendo do que se trata, querida – disse Miss Marple com tanta doçura que ninguém jamais poderia suspeitar do fundo de ironia. – Digo, qual fora o engano do rapaz, e sobre o arrombamento.

– Ah, sim – disse Jane. – Bem, vejam, este rapaz, Leslie Faulkener era o nome dele, havia escrito uma peça. Havia escrito várias peças, na verdade, embora nenhuma delas tivesse sido produzida. E havia enviado este script em particular para eu ler. Eu não sabia de nada, porque, é claro, centenas de scripts são enviados para mim, e eu mesma leio pouquíssimos deles, apenas os que eu souber algo a respeito. De qualquer modo, lá estava, e parece que o sr. Faulkener havia recebido uma carta minha, que se revelou não ser de fato minha, vocês compreendem...

Fez uma pausa, e eles a asseguraram que estavam compreendendo.

– Dizendo que eu havia lido o script e gostado muito e que ele deveria vir conversar comigo. E dava o seguinte endereço: The Bungalow, Riverbury. Então, o sr. Faulkener estava inacreditavelmente feliz, fizera a viagem e chegara ao tal lugar, The Bungalow. A criada abriu a porta, ele perguntou pela srta. Helier, e ela respondeu que a srta. Helier estava esperando por ele e o levou até a sala de estar, onde uma mulher o recebeu. Ele a aceitou naturalmente como sendo eu, o que parece estranho porque, afinal, já tinha me visto atuar e as minhas fotografias são muito conhecidas, não são?

– Por toda a extensão e largura da Inglaterra – disse a sra. Bantry prontamente. – Mas muitas vezes há uma grande diferença entre uma fotografia e o original, minha querida Jane. E há uma grande diferença entre se estar banhada pelas luzes do palco e estar fora dele. Não são todas as atrizes que passam nesse teste tão bem quando você, lembre-se disso.

– Bem – disse Jane, sensibilizada –, isso pode até ser. De qualquer jeito, descreveu essa mulher como alta e clara, com enormes olhos azuis e muito bonita, então suponho que fosse um tanto parecida. Certamente ele não

suspeitara de nada. Ela sentou e começou a falar do script dele e disse que estava ansiosa para estrear na peça. Enquanto conversavam, foram servidos coquetéis e o sr. Faulkener aceitou um, naturalmente. Bem, e isso é tudo de que ele lembra, de ter tomado o coquetel. Quando acordou, ou voltou a si, ou como quer que chamem isso, estava deitado na estrada, junto ao acostamento, claro, então não havia perigo de que fosse atropelado. Se sentiu muito trêmulo e esquisito, tanto foi assim que simplesmente levantou e foi cambaleando junto à estrada sem saber para onde estava indo. Disse que, se tivesse de posse dos seus sentidos, teria retornado ao The Bungalow e tentado descobrir o que havia se passado. Mas sentia-se entorpecido e desorientado e ficou caminhando sem saber direito o que estava fazendo. Estava quase voltando a si quando a polícia o prendeu.

– Por que a polícia o prendeu? – perguntou o dr. Lloyd.

– Eu não contei a vocês? – disse Jane, arregalando os olhos. – Que tonta que sou. O arrombamento.

– Você mencionou um arrombamento, mas não disse onde, nem como, nem por quê – disse a sra. Bantry.

– Bem, esse bangalô, no qual ele havia estado, é claro, não era mesmo meu. Pertencia a um homem cujo nome era...

Novamente, Jane apertou as sobrancelhas.

– Quer que eu dê uma de padrinho novamente? – perguntou Sir Henry. – Pseudônimos fornecidos sem ônus para o cliente. Descreva o ocupante e farei a nomeação.

– Era ocupado por um homem rico da cidade, um aristocrata.

– Sir Herman Cohen – sugeriu Sir Henry.

– Perfeito! Comprara a propriedade para uma mulher, era a esposa de um ator, e ela também era atriz.

– Chamaremos o ator de Claud Leason – disse Sir Henry –, e a mulher seria conhecida por seu nome artístico, suponho; portanto, vamos chamá-la de srta. Mary Kerr.

– Acho que o senhor é terrivelmente inteligente – disse Jane. – Não sei como consegue inventar essas coisas tão rápido. Bem, vejam, era um tipo de chalé de fim de semana para Sir Herman (o senhor disse Herman?) e a tal mulher. E claro que a esposa dele não sabia de nada.

– O que tão frequentemente é o caso – disse Sir Henry.

– E havia dado à tal atriz uma grande quantidade de joias, incluindo

algumas esmeraldas muito valiosas.

– Ah! – disse o dr. Lloyd. – Agora estamos chegando ao ponto.

– Essas joias estavam no bangalô, trancadas apenas num porta-joias. A polícia disse que fora algo muito descuidado, qualquer um poderia ter roubado.

– Está vendo, Dolly? – disse o coronel Bantry. – O que é que eu sempre digo?

– Bem, na minha experiência – disse a sra. Bantry –, são sempre as pessoas tão terrivelmente cuidadosas que perdem as coisas. Não tranco as minhas num porta-joias, as mantenho soltas em uma gaveta, embaixo das minhas meias. Ousaria dizer que se... Qual o nome dela?... Mary Kerr tivesse feito o mesmo, jamais teriam sido roubadas.

– Teriam – disse Jane –, porque todas as gavetas foram abertas à força, e seu conteúdo espalhado por todo o lugar.

– Então não estavam realmente atrás de joias – disse a sra. Bantry. – Estavam procurando documentos secretos. Isso é o que sempre acontece nos livros.

– Não sei se estavam atrás de documentos secretos – disse Jane, duvidando. – Nunca ouvi nada sobre isso.

– Não se distraia, srta. Helier – disse o coronel Bantry. – As loucas pistas falsas plantadas por Dolly não devem ser levadas a sério.

– Sobre o arrombamento – disse Sir Henry.

– Sim. Bem, a polícia foi chamada por alguém se dizendo srta. Mary Kerr. Ela informou que o bangalô havia sido assaltado e descrevera um rapaz de cabelos ruivos que havia aparecido lá naquela manhã. A empregada achara que havia algo de estranho no rapaz e recusou a entrada dele, porém mais tarde o viram escapando por uma janela. Descrevera o homem com tamanha precisão que a polícia o prendeu uma hora depois, e então ele contou aquela história e mostrou a eles a carta escrita em meu nome. Como eu havia dito, mandaram me buscar, e quando ele me viu disse o que lhes contei, que não havia sido eu de jeito nenhum.

– Uma história muito curiosa – disse o dr. Lloyd. – O sr. Faulkener conhecia essa srta. Kerr?

– Não, não conhecia; ou disse não conhecer. Mas ainda não contei a parte mais intrigante. A polícia foi até o bangalô, é claro, e encontrou tudo conforme havia sido descrito: as gavetas puxadas para fora e as joias

desaparecidas, mas a casa estava vazia. Só horas mais tarde, Mary Kerr voltou e, quando chegou à casa, disse que jamais havia chamado a polícia e que era a primeira vez que estava ouvindo falar do ocorrido. Parece que havia sido informada naquela manhã que um empresário ofereceu a ela um papel dos mais importantes e marcou uma reunião com ela, então naturalmente correu à cidade para chegar no horário. Quando chegou lá, descobriu que tudo não passava de um trote. Nenhum telegrama havia sido enviado.

– Um artifício bem comum para tirá-la do caminho – comentou Sir Henry. – E os criados?

– O mesmo tipo de coisa ocorrera ali. Havia apenas uma, que fora chamada ao telefone aparentemente pela própria Mary Kerr, que teria dito que havia esquecido algo muito importante. Instruíra a criada para levar uma certa bolsa que estava na gaveta no quarto. Era para ela tomar o primeiro trem. A criada assim o fez, é claro, trancando a casa; mas, quando chegou até o clube da srta. Kerr, onde fora instruída a encontrar a patroa, ficou esperando em vão.

– Hmm – fez Sir Henry. – Começo a vislumbrar. A casa fora deixada vazia, e para se entrar por uma das janelas não haveria dificuldade, imagino. Mas não estou enxergando onde entra o sr. Faulkener. Quem afinal chamou a polícia se não foi a srta. Kerr?

– Isso ninguém jamais soube ou descobriu.

– Interessante – disse Sir Henry. – O jovem revelou ser genuinamente quem ele dizia que era?

– Ah, sim, aquela parte estava toda correta. Até havia recebido a carta que supostamente teria sido enviada por mim. Não parecia nem um pouco com minha letra, mas, claro, ele não teria como saber disso.

– Bem, vamos estabelecer as posições com clareza – disse Sir Henry. – Me corrija se eu estiver errado. Senhora e criada são atraídas para fora da casa. O jovem é atraído para o local por uma carta enganosa, com o colorido adicional dado a este último detalhe pelo fato de que a senhorita estava de fato representando em Riverbury naquela semana. O jovem é drogado, e a polícia é chamada, direcionando as suspeitas contra ele. Um arrombamento de fato ocorrera. Presumo que as joias tenham sido levadas.

– Ah, sim.

– Chegaram a ser recuperadas em algum momento?

– Não, nunca. Acho, na verdade, que Sir Herman tentou abafar o caso

como pôde. Mas não conseguiu segurar tudo, e imagino que a esposa tenha dado entrada com o processo de divórcio como consequência do escândalo. Embora eu não tenha certeza disso.

– O que aconteceu com o sr. Leslie Faulkener?

– No fim, ele foi liberado. A polícia disse que não tinha de fato muita coisa contra ele. Não acham tudo isso muito estranho?

– Muito estranho. A primeira pergunta é em qual história devemos acreditar? Ao contar, srta. Helier, percebi que a senhorita está inclinada a acreditar no sr. Faulkener. Tem alguma razão para isso além de um instinto com relação à questão?

– Não, não – disse Jane, a contragosto. – Suponho que não tenha, mas ele era tão bonzinho, e se desculpou tanto por ter me confundido com outra pessoa, que tenho certeza de que ele *tinha* de estar falando a verdade.

– Entendo – disse Sir Henry, sorrindo. – Mas deve admitir que ele poderia ter inventado a história toda facilmente. Poderia ele mesmo ter escrito a carta se fazendo passar pela senhorita. Pode ter drogado a si próprio após ter efetuado o arrombamento com sucesso. Mas confesso que não entendo com que *objetivo* ele faria tudo isso. Seria mais fácil entrar na casa, se servir do que interessasse e desaparecer com discrição; a menos que ele tenha sido visto por alguém na vizinhança e tivesse consciência de que fora observado. Então poderia ter inventado esse plano na hora para desviar a atenção de si mesmo e explicar sua presença nos arredores.

– Ele estava bem de vida? – perguntou Miss Marple.

– Acho que não – disse Jane. – Não, acho até que ele tinha poucos recursos.

– A coisa toda parece curiosa – disse o dr. Lloyd. – Se aceitarmos a história do rapaz como verdadeira, o caso torna-se ainda mais difícil. Por que essa mulher desconhecida que fingira ser a srta. Helier iria arrastar um outro desconhecido para o esquema? Por que encenaria uma comédia tão elaborada?

– Diga-me, Jane – disse a sra. Bantry. – O jovem Faulkener alguma vez ficou cara a cara com Mary Kerr em alguma etapa da investigação?

– Não sei ao certo – disse Jane lentamente, enquanto movia as sobrancelhas num esforço de memória.

– Porque, se ele não ficou, o caso está resolvido! – disse a sra. Bantry. – Estou confiante de que estou certa. Há algo mais fácil do que fazer de conta

que se é chamado para ir à cidade? Você telefona para sua criada de Paddington ou qualquer outra estação em que estiver e, quando ela chega na cidade, você retorna. O jovem chega para o horário marcado, ele é drogado, você monta o cenário do arrombamento, exagerando onde for possível. Telefona para a polícia, dá uma descrição do seu bode expiatório, e parte mais uma vez para a cidade. Então chega em casa no trem seguinte e se faz passar por surpresa e inocente.

– Mas por que ela roubaria as próprias joias, Dolly?

– Elas sempre fazem isso – disse a sra. Bantry. – E, de qualquer modo, consigo pensar em centenas de motivos. Talvez quisesse o dinheiro todo de uma vez e o velho Sir Herman não podia lhe dar em espécie, então finge que as joias foram roubadas e as vende secretamente. Ou pode ter sido chantageada por alguém que ameaçara revelar tudo para o marido dela ou para a esposa de Sir Herman. Ou talvez já tivesse vendido as joias e Sir Herman estivesse insistindo em vê-las, então ela teve de fazer algo a respeito. Isso é bastante usado nos livros. Ou talvez tivesse mandado refazer as peças e recebera imitações. Ou... aqui está uma ótima ideia... e poucas vezes usada na literatura: finge que são roubadas, fica num estado deplorável e, para consolá-la, ele a presenteia com um conjunto totalmente novo. Então ela fica com dois conjuntos de joias em vez de um só. Tenho certeza de que esse tipo de mulher é dos mais espantosamente ardilosos.

– É muito esperta, Dolly – disse Jane, admirando-a. – Eu nunca havia pensado nisso.

– Você pode ser inteligente, mas ela não está dizendo que está certa – disse o coronel Bantry. – Estou inclinado a suspeitar do cavalheiro da cidade. Ele saberia o tipo de telegrama que iria tirar a mulher do caminho, e poderia coordenar o resto com facilidade e a ajuda de alguma amiga. Ninguém parece ter pensado em pedir um álibi a *ele*.

– O que acha, Miss Marple? – perguntou Jane, voltando-se para a velhinha sentada em silêncio, com uma expressão intrigada.

– Minha querida, realmente não sei o que dizer. Sir Henry vai rir, mas não estou lembrando de nenhum paralelo do meu vilarejo para me ajudar desta vez. Claro que várias perguntas se insinuam. Por exemplo, a questão da criadagem. Em, digamos... um *ménage* irregular como o que descreve, a criada empregada ali estaria sem dúvida ciente do estado das coisas, e uma moça de muito boa índole jamais aceitaria trabalhar num lugar assim; a mãe

dela não a deixaria ir por um segundo sequer. Então eu acho que podemos supor que a criada *não era* de caráter muito confiável. Poderia estar em conchavo com os ladrões. Deixaria a porta aberta para eles e de fato iria a Londres como se estivesse certa da pretensa mensagem telefônica de forma a desviar a suspeita de si mesma. Confesso que parece a solução mais provável. Só que, no caso de ladrões comuns estarem envolvidos, a história fica muito esquisita. Parece exigir mais conhecimento do que uma criada geralmente tem.

Miss Marple fez uma pausa e prosseguiu em tom vago:

– Não posso deixar de sentir que há um... bem, algo que devo descrever como um sentimento pessoal permeando tudo. Suponhamos que alguém tivesse um rancor, por exemplo. Uma jovem atriz que ele não tivesse tratado bem. Não acham que isso explicaria melhor as coisas? Uma tentativa deliberada de criar problemas para ele. É isso que me parece. E, mesmo assim, ainda não me é inteiramente satisfatório...

– Ora, doutor, ainda não falou nada – disse Jane. – Havia me esquecido do senhor.

– Estou sempre sendo esquecido – disse o médico grisalho com ar tristonho. – Devo ter uma personalidade muito apagada.

– Ah, não! – disse Jane. – Diga-nos o que pensa.

– Estou inclinada a concordar com as soluções de todos e, ao mesmo tempo, com nenhuma. Tenho uma teoria improvável e talvez errônea de que a esposa tem algo a ver com isso. A esposa de Sir Herman, melhor dizendo. Não tenho embasamento para acreditar nessa versão, apenas sei que ficariam todos surpresos se soubessem as coisas extraordinárias, realmente *muito* extraordinárias, que uma esposa enganada pode teimar em fazer.

– Oh, dr. Lloyd! – gritou Miss Marple animada. – Muito inteligente de sua parte. Eu nunca tinha pensado na pobre sra. Pebmarsh.

Jane ficou olhando para ela.

– Sra. Pebmarsh? Quem é a sra. Pebmarsh?

– Bem – hesitou Miss Marple. – Não sei se ela de fato se enquadra. É uma lavadeira. E roubou um alfinete de opala que estava preso em uma blusa e colocou na casa de uma outra mulher.

Jane aparentava estar mais perdida do que nunca.

– E isso torna tudo perfeitamente claro para a senhora, Miss Marple? – disse Sir Henry com sua piscadinha.

Mas, para surpresa dele, Miss Marple sacudiu a cabeça.

– Não, receio que não. Confesso que também estou completamente perdida. O que percebo é que as mulheres devem se apoiar; em uma emergência, deveríamos ficar do lado do nosso próprio sexo. Acho que essa é a moral da história que a srta. Helier nos contou.

– Confesso que esse significado ético do mistério me havia escapado – disse Sir Henry com seriedade. – Talvez eu veja o significado de seu argumento de uma forma mais clara quando a srta. Helier revelar a solução.

– Como? – expressou Jane aparentando assombro.

– Quis dizer que, em linguagem infantil, nós "desistimos". A senhorita, e apenas a senhorita, srta. Helier, teve a mais alta honra de apresentar um mistério tão desconcertante que até mesmo Miss Marple teve de confessar sua derrota.

– Vocês todos desistem? – perguntou Jane.

– Sim.

Depois de um minuto de silêncio durante o qual esperou que alguém falasse, Sir Henry se constituiu porta-voz uma vez mais.

– Isso é para dizer que nós seremos louvados ou cairemos agarrados nas soluções imperfeitas que experimentalmente oferecemos. Uma de cada um dos homens, duas de Miss Marple e em torno de uma dúzia da sra. B.

– Não foi uma dúzia – disse a sra. Bantry. – Eram variações sobre um mesmo tema. E quantas vezes tenho de lhe dizer que não vou aceitar ser chamada de sra. B.?

– Então todos desistem – disse Jane, pensativa. – Isso é muito interessante.

Recostou-se na poltrona e começou a lixar as unhas de forma um tanto distraída.

– Bem – disse a sra. Bantry. – Vamos lá, Jane. Qual é a solução?

– A solução?

– Sim, o que realmente aconteceu?

Jane ficou olhando para ela.

– Não faço a mínima ideia.

– *Como*?

– Sempre me perguntei. Pensei que, todos sendo tão inteligentes, alguém saberia *me* explicar.

Todos ficaram contrariados. Tudo bem que Jane fosse tão linda, mas

naquele momento todos sentiram que a burrice poderia ir longe demais. Mesmo a mais transcendente das graciosidades não poderia desculpar uma coisa dessas.

– Está dizendo que a verdade nunca foi descoberta? – perguntou Sir Henry.

– Não. Por isso, como eu disse, pensei que vocês seriam capazes de *me* dizer alguma coisa.

Jane parecia ferida. Estava claro que ela se sentia no direito de fazer uma reclamação.

– Bem... eu...eu... – tentou dizer o coronel Bantry, as palavras lhe escapando.

– Você é uma garota das mais irritantes, Jane – disse a esposa dele. – De qualquer modo, tenho e sempre terei certeza de que estava certa. Se apenas nos dissesse os nomes corretos das pessoas, eu poderia ter certeza *o suficiente*.

– Acho que não posso fazer isso – disse Jane bem devagar.

– Não, querida – disse Miss Marple. – A srta. Helier não poderia fazer isso.

– É claro que poderia – disse sra. Bantry. – Não seja tão altiva, Jane. Nós, os mais velhos, precisamos de um pouco de difamação. Ao menos nos diga quem era esse magnata da cidade.

Mas Jane balançou a cabeça, e Miss Marple, com seu jeito antiquado, continuou apoiando a garota.

– Deve ter sido uma função bem desagradável – disse.

– Não – disse Jane com sinceridade. – Acho... acho que na verdade me diverti com a história.

– Bem, talvez você tenha mesmo se divertido – disse Miss Marple. – Suponho que foi uma quebra na monotonia. Que peça que você estava representando?

– *Smith.*

– Ah, sim. É uma do sr. Somerset Maugham, não é? As peças dele são muito inteligentes, eu acho. Já vi quase todas.

– Estão renovando a montagem para fazer uma turnê no próximo outono, não estão? – perguntou a sra. Bantry.

Jane assentiu.

– Bem – disse Miss Marple levantando-se. – Está na hora de voltar para

casa. Está tão tarde! Mas tivemos uma noite muito divertida. Um tanto quanto incomum. Acho que a história da srta. Helier ganha o prêmio. Não concordam?

– Sinto muito por estarem zangados comigo – disse Jane. – Por eu não saber o final, digo. Suponho que deveria ter avisado vocês antes.

O tom dela era melancólico. Dr. Lloyd, galante, tomou a atitude esperada.

– Minha cara jovem, e por que deveria? Nos deu um bom enigma para afiarmos nossas mentes. Apenas sinto muito que nenhum de nós foi capaz de resolvê-lo de forma convincente.

– Fale apenas pelo senhor – disse a sra. Bantry. – Eu resolvi *sim*. Estou convencida de que estou certa.

– Sabe que, de fato, acredito que a senhora está – disse Jane. – O que disse pareceu muito provável.

– A qual das sete soluções dela está se referindo? – perguntou Sir Henry para provocar.

Dr. Lloyd galantemente auxiliou Miss Marple a calçar as galochas. “Só para garantir”, como a velhinha explicou. O médico iria acompanhá-la até sua cabana estilo medieval. Enrolada em vários xales de lã, Miss Marple mais uma vez desejou a todos uma boa noite. Chegou a Jane Helier por último e, inclinando-se para frente, murmurou algo no ouvido da atriz. Um “Oh!” de susto irrompeu dos lábios de Jane; tão alto que fez com que os outros virassem para olhar.

Sorrindo e assentindo, Miss Marple fez sua saída, e Jane Helier ficou olhando fixo para ela.

– Você não vai dormir, Jane? – perguntou a sra. Bantry. – O que há com você? Está perplexa como se tivesse visto um fantasma.

Com um suspiro profundo, Jane voltou a si, derramou um sorriso lindo e desconcertante para os dois homens e seguiu sua anfitriã escada acima. A sra. Bantry entrou no quarto com a moça.

– Seu fogo está quase apagado – disse a sra. Bantry, dando na lareira uma cutucada maldosa e nada eficaz. – Não devem ter feito o fogo direito. As criadas são tão ignorantes. Mesmo assim, suponho que ficamos até bem mais tarde hoje. Ora, já passa da uma hora!

– A senhora acha que existe muita gente como ela? – perguntou Jane Helier.

Estava sentada na lateral da cama aparentemente envolvida em pensamentos.

– Como a criada?

– Não, como aquela velhinha engraçada, qual o nome dela mesmo... Marple?

– Ah! Não sei. Suponho que seja um tipo bastante comum em vilarejos.

– Ai, ai – disse Jane. – Não sei o que fazer.

Deu um suspiro profundo.

– Qual é o problema?

– Estou preocupada.

– Com o quê?

– Dolly – Jane Helier estava admiravelmente solene. – Sabe o que aquela velhinha estranha sussurrou no meu ouvido antes de sair pela porta esta noite?

– Não. O quê?

– Ela disse: "*Eu não faria isso se fosse você, minha querida. Nunca se ponha demais nas mãos de outra mulher, mesmo que pense que é sua amiga naquele momento*". Sabe, Dolly, isso é bem verdade.

– A máxima? Sim, talvez seja. Mas não vejo ao que se aplica.

– Suponho que nunca se pode confiar em uma mulher. E eu estaria nas mãos dela. Nunca pensei nisso.

– De que mulher está falando?

– Netta Green, minha substituta.

– Mas que raios Miss Marple pode saber sobre sua substituta?

– Suponho que tenha adivinhado, mas não sei como.

– Jane, pode por gentileza me explicar de uma vez por todas do que é que está falando?

– Da história. A que contei. Dolly, aquela mulher, sabe, a que roubou o Claud de mim?

A sra. Bantry assentiu, fazendo sua mente viajar no tempo rapidamente para o primeiro dos casamentos infelizes de Jane, com Claud Averbury, o ator.

– Ela casou com ele; e eu poderia ter dito a ele como seria. Claud não sabe, mas ela continua tendo um caso com Sir Joseph Salmon; passa os fins de semana com ele no bangalô do qual falei. Eu queria expor aquela mulher; queria que todos soubessem que tipo de pessoa ela era. E a senhora vê, com o

arrombamento, tudo estava fadado a se revelar.

– Jane! – assustou-se a sra. Bantry. – Foi você quem arquitetou essa história que estava nos contando?

Jane fez que sim.

– Foi por isso que escolhi *Smith*. Eu uso um uniforme de copeira no espetáculo, sabe. Então teria o kit bem à mão. E quando tivessem me mandado chamar na delegacia seria a coisa mais fácil do mundo dizer que estava ensaiando minha parte no hotel com minha substituta. Na verdade, é claro, estaríamos as duas no bangalô. Eu só tinha de abrir a porta e trazer os coquetéis, enquanto Netta se faria passar por mim. Ele nunca veria *ela* de novo, é claro, então não tinha por que temer que fosse reconhecê-la. Posso parecer bem diferente me transformando em criada e, além disso, ninguém olha para as criadas como se elas fossem gente. Planejamos arrastá-lo para a estrada depois, ensacar o porta-joias, telefonar para a polícia e voltar ao hotel. Eu não gostaria que o pobre jovem sofresse, mas Sir Henry não pareceu achar que ele fosse sofrer, pareceu? E ela estaria nos jornais e tudo – e Claud veria quem ela era de fato.

A sra. Bantry sentou-se e grunhiu.

– Ah! Pobre da minha cabeça. E por todo aquele tempo, Jane Helier, sua menina trapaceira! Nos contando aquela história do jeito que você fez!

– Eu *sou* uma boa atriz – disse Jane, complacente. – Sempre fui, não importa o que digam a meu respeito. Não me entreguei em nenhum momento, me entreguei?

– Miss Marple estava certa – murmurou a sra. Bantry. – O elemento pessoal. Jane, minha criança, você percebe que um roubo é um roubo e que pode ser mandada para a prisão?

– Bem, nenhum de vocês adivinhou – disse Jane. – Exceto Miss Marple – a expressão de preocupação retornando ao seu rosto. – Dolly, *realmente* acha que existe muita gente como ela?

– Francamente, não – disse a sra. Bantry.

Jane suspirou mais uma vez.

– Mesmo assim, melhor não arriscar. E, é claro, estaria nas mãos de Netta, isso é bem verdade. Ela pode se voltar contra mim ou me chantagear ou qualquer outra coisa. Me ajudou a planejar os detalhes e disse estar ao meu lado, mas *nunca* se sabe com mulheres. Não, acho que Miss Marple estava certa. É melhor não arriscar.

– Mas, minha querida, você já arriscou.

– Oh, não – Jane arregalou seus olhos azuis. – Não está entendendo? Nada disso aconteceu ainda! Eu estava... bem, testando primeiro com o cachorro, digamos.

– Não vou declarar que entendo seu jargão teatral – disse a sra. Bantry com dignidade. – Está dizendo que esse é um projeto futuro, não uma ação do passado?

– Planejava executá-lo no outono, em setembro. Não sei o que fazer agora.

– E Jane Marple adivinhou; na realidade, adivinhou a verdade e não nos disse nada – disse a sra. Bantry, irada.

– Acho que foi por isso que ela disse aquilo; sobre as mulheres ficando do lado umas das outras. Ela não iria me entregar frente aos homens. Foi muito gentil da parte dela. Não me importo que *você* saiba, Dolly.

– Bem, abandone essa ideia, Jane. Eu lhe imploro.

– Acho que sim – murmurou a srta. Helier. – Pode haver outras Misses Marple...

CAPÍTULO 13

Morte por afogamento

I

Sir Henry Clithering, ex-comissário da Scotland Yard, estava hospedado na casa de amigos, os Bantry, próximo ao pequeno vilarejo de St. Mary Mead.

No sábado pela manhã, descendo para tomar o desjejum no agradável e convidativo horário das dez e quinze, quase colidiu com sua anfitriã, sra. Bantry, na entrada da sala do café. Ela estava saindo apressada da sala, num evidente estado de agitação e angústia.

O coronel Bantry estava sentado à mesa, sua face bem mais vermelha do que o habitual.

– Bom dia, Clithering – disse ele. – Faz um dia bonito. Sirva-se.

Sir Henry obedeceu. Enquanto ele foi sentando, com um prato de rins e bacon já disposto à sua frente, seu anfitrião continuou:

– Dolly está um pouco aborrecida esta manhã.

– Sim... bem... Foi o que pensei – disse Sir Henry educadamente.

Ficou um pouco curioso. A anfitriã costumava ter um temperamento sereno, sendo pouco dada a mudanças de humor ou agitação. Até onde Sir Henry sabia, só havia um assunto que evocava nela fortes convicções: jardinagem.

– Sim – disse o coronel Bantry. – Foi uma notícia que recebemos esta manhã que a deixou aborrecida. Uma garota do povoado, filha de Emmott; Emmot, que cuida do Blue Boar.

– Ah, sim, claro.

– Is-so – disse o coronel Bantry, ruminando os pensamentos. – Garota bonita. Se meteu em encrenca. A velha história de sempre. Até discuti com

Dolly por causa disso. Bobagem minha. As mulheres nunca acham que faz sentido. Dolly estava toda indignada por causa da garota; sabe como são as mulheres... Os homens são uns brutos, e todo o resto etc. Mas não é tão simples assim, não hoje em dia. As meninas agora sabem o que querem. O camarada que seduz uma garota não é necessariamente um vilão. Meio a meio, quase sempre. Eu até gostava bastante do jovem Sandford. Está mais para jovem tolo do que para um Don Juan, eu diria.

– É esse Sandford o homem que deixou a moça encrencada?

– É o que parece. Claro que não sei pessoalmente de nada – disse o coronel, cauteloso. – É tudo conversa e fofoca. Sabe como é este lugar! Como eu disse, não *sei* de nada. E não sou como Dolly, que fica tirando conclusões precipitadas, atirando acusações para todos os lados. Droga, a gente tem de ser cuidadoso com o que diz. Sabe... o inquérito e tudo mais.

– Inquérito?

O coronel Bantry fitou-o.

– Sim. Não lhe falei? A garota se afogou. Esse é o motivo de todo o frege.

– Mas isso é uma coisa horrorosa – disse Sir Henry.

– Claro que é. Não gosto nem de pensar. Pobre e linda diabinha. Todo mundo diz que o pai dela é um sujeito duro. Imagino que ela tenha achado que não ia conseguir lidar com a situação.

Ele fez uma pausa.

– É isso que deixou Dolly tão aborrecida.

– Onde foi que ela se afogou?

– No rio. Logo abaixo do moinho a correnteza é bem forte. Há um caminho e uma ponte atravessando o rio. Acham que ela se jogou dali. Bem, bem... não vale a pena ficar pensando nisso.

E, fazendo um barulho portentoso, o coronel Bantry abriu o jornal e passou a distrair sua mente das questões dolorosas, absorvendo-se nas mais recentes iniquidades do governo.

Sir Henry estava apenas moderadamente interessado na tragédia do vilarejo. Depois do café da manhã, se acomodou em uma poltrona confortável no jardim, inclinou o chapéu sobre os olhos e ficou contemplando a vida tranquilamente.

Era em torno das onze e meia quando uma copeira jeitosa atravessou o gramado.

– Por favor, senhor, Miss Marple chegou e gostaria de vê-lo.

– Miss Marple?

Sir Henry sentou-se para frente e endireitou o chapéu. A menção do nome o surpreendeu. Lembrava-se muito bem de Miss Marple; seu suave e discreto jeito de solteirona de antigamente aliado a uma assombrosa perspicácia. Lembrou-se de uma dúzia de casos não resolvidos ou hipotéticos, e em cada um deles a típica "velha solteirona do povoado" havia se alçado certeira na direção da solução correta para o mistério. Sir Henry tinha um profundo respeito por Miss Marple. Ficou tentando imaginar por que ela teria vindo procurá-lo.

Miss Marple estava na sala de estar – sentada com as costas bem eretas como sempre, uma cesta de compras de origem estrangeira em cores alegres ao lado dela. Suas bochechas estavam bem rosadas, e ela parecia afobada.

– Sir Henry, que bom. Que sorte encontrar o senhor. Fiquei sabendo por acaso que estava hospedado aqui... Espero sinceramente que me perdoe...

– É um imenso prazer – disse Sir Henry, tomando a mão dela. – Receio que a sra. Bantry não esteja.

– Sim – disse Miss Marple. – A vi falando com Footit, o açougueiro, enquanto eu passava. Henry Footit foi atropelado ontem, era o cachorro dele. Um daqueles fox terrier de pelos macios, um tanto fortes e briguentos, que os açougueiros costumam ter.

– Sim – disse Sir Henry, sendo atencioso.

– Fiquei contente de chegar aqui e ela não estar em casa – continuou Miss Marple. – Pois era o senhor quem eu desejava ver. Sobre esse acontecimento triste.

– Henry Footit? – perguntou Sir Henry, levemente confuso.

Miss Marple lhe deu um olhar reprovador.

– Não, não. Rose Emmott, é claro. Está sabendo?

Sir Henry fez que sim.

– Bantry estava me contando. Muito triste.

Ficou um pouco intrigado. Não conseguia conceber por que Miss Marple deveria querer falar com ele sobre Rose Emmott.

Miss Marple sentou-se novamente. Sir Henry também sentou. Quando a velhinha falou, seu jeito havia mudado. Era grave e carregado de certa dignidade.

– Talvez recorde, Sir Henry, que em uma ou duas ocasiões participamos

do que veio a ser uma espécie de jogo muito agradável. Propúnhamos mistérios e dávamos soluções. O senhor foi muito gentil ao dizer que eu... Que eu não havia me saído muito mal.

– A senhora ganhou de nós todos – disse Sir Henry de forma carinhosa. – Demonstrou uma genialidade absoluta em chegar até a verdade. E sempre dava o exemplo, recordo, de algum paralelo do povoado que lhe fornecia a pista exata.

Sorriu enquanto falava, embora Miss Marple não sorrisse. Ela permanecia muito séria.

– O que disse me encorajou a vir até o senhor agora. Sinto que, se eu lhe disser uma coisa, ao menos o senhor não vai rir de mim.

Ele compreendeu de repente que ela falava com sinceridade absoluta.

– Certamente, não rirei – disse ele gentilmente.

– Sir Henry... essa moça... Rose Emmott. Ela não se afogou sozinha; *ela foi assassinada*... E sei quem a matou.

Sir Henry ficou calado com o mais puro espanto por uns três segundos. A voz de Miss Marple estava perfeitamente calma e não continha nenhuma excitação. Foi como se ela estivesse fazendo a declaração mais corriqueira do mundo, pela total falta de emoção que demonstrou.

– É uma afirmação muito séria para se fazer, Miss Marple – disse Sir Henry quando recuperou seu fôlego.

Ela assentiu suavemente, balançando a cabeça por repetidas vezes.

– Eu sei... Eu sei... Por isso vim recorrer ao senhor.

– Mas, minha cara senhora, não sou a pessoa a quem deve recorrer. Hoje em dia, sou meramente um indivíduo privado. Se tiver conhecimento do que afirma saber, deve ir até a polícia.

– Acho que não posso fazer isso – disse Miss Marple.

– Mas por que não?

– Porque, entenda, não tenho nenhum, nada... do que chamou de *conhecimento*.

– Está dizendo que é apenas uma conjectura da sua parte?

– Pode chamar assim, se preferir, mas não é isso também. Eu *sei*. Na minha posição, eu sei; mas se explicar minhas razões para o inspetor Drewitt... Bem, ele vai simplesmente rir de mim. E, de fato, não sei se eu o culparia por isso. Costuma ser muito difícil de entender o que se poderia chamar de conhecimento especializado.

– Como por exemplo? – sugeriu Sir Henry.

Miss Marple sorriu um pouco.

– Se eu fosse lhe dizer que sei por causa de um homem chamado Peasegood[3], que entregava nabos em vez de cenouras quando passava com o carrinho vendendo vegetais para minha sobrinha vários anos atrás...

Ela fez uma pausa eloquente.

– Um nome bastante apropriado para o tipo de negócio dele – murmurou Sir Henry. – Quer dizer que está apenas julgando a partir dos fatos de um acontecimento paralelo.

– Conheço a natureza humana – disse Miss Marple. – É impossível não conhecer a natureza humana tendo vivido em um povoado todos esses anos. A questão é: o senhor acredita em mim ou não?

Olhou para ele de modo bem direto. A intensidade do rubor havia aumentado nas bochechas dela. Seus olhos fitavam os dele firmemente, sem pestanejar.

Sir Henry era um homem com uma vasta experiência de vida. Tomava suas decisões rapidamente, sem fazer rodeios. Por mais improvável e fantástica que fosse a declaração de Miss Marple, estava instantaneamente consciente de tê-la aceito.

– Acredito *sim* na senhora, Miss Marple. Mas não entendo o que deseja que eu faça com relação à questão, ou por que veio até mim.

– Pensei muito sobre isso – disse Miss Marple. – Como eu disse, seria inútil ir até a polícia sem fatos. Não tenho nada factual. O que lhe peço é que se interesse pelo assunto; o inspetor Drewitt ficaria extremamente lisonjeado, tenho certeza. E, claro, se o assunto for adiante, o coronel Melchett, chefe de polícia, não tenho dúvidas, viraria massa de modelar nas suas mãos.

Olhou para ele suplicante.

– E que informações a senhora vai me passar para eu usar no meu trabalho?

– Pensei – disse Miss Marple – em escrever um nome, *o* nome, em um pedaço de papel e entregar ao senhor. Então, se, durante a investigação, decidir que a... a *pessoa* não está de modo algum envolvida, bem, terei de aceitar que estava completamente enganada.

Fez uma pausa e então acrescentou com um leve tremor:

– Seria tão tenebroso... tão imensamente tenebroso... se uma pessoa

inocente acabasse sendo enforcada.

– Como assim? – perguntou Sir Henry, assustado.

Ela olhou para ele com uma expressão angustiada.

– Posso estar enganada; embora eu não acredite nisso. O inspetor Drewitt, entenda, é um homem de fato inteligente. Mas uma quantidade medíocre de inteligência é às vezes demasiado perigosa. A pessoa não chega a ir tão longe quanto deveria.

Sir Henry olhou para ela com curiosidade.

Um pouco desajeitada, Miss Marple abriu uma bolsinha, tirou um caderninho de notas, arrancou uma folha, cuidadosamente escreveu um nome ali e, dobrando ao meio, entregou para Sir Henry.

Ele abriu e leu o nome. Não representava nada para ele, mas suas sobrancelhas ergueram-se um pouco. Olhou para Miss Marple e enfiou o pedaço de papel no bolso.

– Bem, bem – disse. – Esta situação é um tanto extraordinária. Nunca fiz nada assim antes. Mas assim poderei confirmar minha opinião sobre a *senhora*, Miss Marple.

II

Sir Henry estava sentado em uma sala com o coronel Melchett, chefe de polícia do condado, e o inspetor Drewitt.

O chefe de polícia era um homem pequeno de conduta agressivamente militar. O inspetor era grande, largo e sensato como poucos.

– De fato sinto como se estivesse me metendo – disse Sir Henry com seu sorriso simpático. – Não posso realmente lhes dizer por que estou fazendo isso. (A mais pura verdade!)

– Meu caro companheiro, estamos encantados. É um enorme elogio.

– Honrados, Sir Henry – disse o inspetor.

O chefe de polícia estava pensando: “Morrendo de tédio, pobre camarada, na casa dos Bantry. O velho xingando o governo, e a velha balbuciando sobre bulbos”.

O inspetor estava pensando: “Uma pena que não estamos lidando com um problema verdadeiramente complicado. Um dos melhores cérebros da Inglaterra, pelo que ouvi dizer. Pena que seja um caso tão tranquilo de

resolver”.

Em voz alta, o chefe de polícia disse:

– Receio que o caso seja muito sórdido e claro. A primeira ideia era de que a garota havia se atirado por vontade própria. Ela estava em estado interessante, o senhor entende. Não obstante, nosso médico, Haydock, é um sujeito cuidadoso. Percebeu os hematomas em cada um dos braços, na parte de cima. As marcas são anteriores à morte. Na posição onde um indivíduo poderia ter segurado a moça e a arremessado no rio.

– Isso exigiria muita força?

– Acredito que não. Não haveria resistência, a garota seria tomada de assalto. É uma ponte para pedestres feita de madeira escorregadia. Seria a coisa mais fácil do mundo atirá-la dali; não há corrimão daquele lado.

– Está confirmado que a tragédia ocorreu ali?

– Sim. Há um garoto, Jimmy Brown, de doze anos. Ele estava na floresta do outro lado. Ouviu uma espécie de grito vindo da ponte e o barulho de algo caindo na água. Foi bem na hora do entardecer, sabe, difícil ver alguma coisa. Em seguida, viu algo branco descendo o rio, flutuando na água; correu e conseguiu buscar ajuda. Retiraram a moça, mas já era tarde demais para reavivá-la.

Sir Henry assentiu com a cabeça.

– O garoto não viu ninguém na ponte?

– Não, mas como eu disse, foi no entardecer, e sempre há uma bruma naquela área. Vou perguntar se ele viu alguém logo depois ou antes da ocorrência. Entenda que ele naturalmente presumiu que a garota havia se atirado. Todos pensaram assim no início.

– Ainda assim, nós temos o bilhete – disse inspetor Drewitt. Ele voltou-se para Sir Henry. – O bilhete no bolso da garota morta, senhor. Ele foi escrito com um tipo de lápis artístico e, mesmo encharcado do jeito que estava o papel, conseguimos ler.

– E o que dizia?

– Era do jovem Sandford. “Tudo bem”, assim dizia. “Encontro você na ponte às oito e meia. – R.S.” Bem, e foi ali, bem perto das oito e meia, alguns minutos depois, que Jimmy Brown ouviu o grito e o estrondo na água.

– Não sei se o senhor já foi apresentado ao Sandford – continuou o coronel Melchett. – Faz mais um menos um mês que ele anda por aqui. Um desses jovens arquitetos modernos de hoje que constroem casas estranhas.

Está fazendo uma casa para Allington. Só Deus sabe como vai ficar, cheia de novidades desnecessárias, garanto. Mesa de jantar de vidro e cadeiras cirúrgicas feitas de aço e trançados. Bem, isso não faz diferença alguma, mas mostra o tipo de camarada que o Sandford é. Revolucionário, sabe, sem moral.

– A sedução – disse Sir Henry com delicadeza – também é um crime há muito já estabelecido, embora não seja tão antigo, é claro, quanto o assassinato.

O coronel Melchett ficou olhando para ele.

– Sim – disse ele. – Justamente, justamente.

– Bem, Sir Henry – disse Drewitt –, aí está; um negócio feio, mas simples. Este jovem Sandford engravida a moça. E, então, só quer saber de se livrar da encrenca e voltar para Londres. Ele tem uma garota lá, uma jovem correta; está noivo e vai se casar com ela. Bem, naturalmente com este assunto aqui, se ela chega a ficar sabendo, o rapaz está frito, sem tirar nem pôr. Encontra Rose na ponte, é uma noite enevoada, ninguém por perto, a prende pelos braços e joga na água. Um jovem porco, que merece o que vai acontecer com ele. É a minha opinião.

Sir Henry ficou calado por um ou dois minutos. Percebeu um forte sentimento de preconceito local. Um arquiteto moderno não teria como se tornar popular na conservadora vila de St. Mary Mead.

– Não há dúvida, suponho, de que este homem, Sandford, era de fato o pai da criança que estava a caminho? – perguntou.

– É o pai, com certeza – disse Drewitt. – Rose Emmott confessou ao menos isso para o pai dela. Pensou que o arquiteto iria se casar com ela. Casar com ela! Logo ele!

"Ai de mim", pensou Sir Henry. "Parece que estou de volta em pleno melodrama vitoriano. A mocinha desavisada, o vilão de Londres, o pai severo, uma traição; só está faltando o pretendente fiel e apaixonado. Sim, acho que é o momento de perguntar sobre ele."

E em voz alta disse:

– E a mocinha, não tinha ela também um rapaz por aqui?

– Está se referindo a Joe Ellis? – disse o inspetor. – O bom camarada Joe. Carpintaria é o negócio dele. Ah! Se ela tivesse ficado firme com Joe...

O coronel Melchett balançou a cabeça em aprovação.

– Restrinja-se à sua própria classe – clamou ele.

– Como foi que Joe Ellis reagiu a esse romance? – perguntou Sir Henry.

– Ninguém sabe como é que ele estava lidando com isso – disse o inspetor. – É um sujeito quieto, esse Joe. Fechado. Tudo que Rose fez foi na frente dele. Ela fazia o que queria dele. Só esperava que um dia ela fosse voltar; esse era o posicionamento dele, eu acho.

– Gostaria de falar com esse rapaz – disse Sir Henry.

– Nós vamos investigá-lo – disse o coronel Melchett. – Não estamos negligenciando nenhuma linha de procedimento. Pensei em falarmos com Emmott primeiro, então Sandford, e então podemos seguir adiante e falar com Ellis. Fica bem, Clithering?

Sir Henry disse que ficaria admiravelmente bem para ele.

Encontraram Tom Emmott no Blue Boar. Era um homem grande e corpulento, de meia-idade, com olhar esquivo e mandíbula truculenta.

– Prazer em vê-los, senhores; bom dia, coronel. Entrem por aqui para termos mais privacidade. Posso oferecer alguma coisa aos senhores? Não? Como quiserem. Vieram por essa questão da pobre da minha filha. Ah! Era uma boa menina, a Rose era. Sempre uma boa menina... Até esse porco maldito, me perdoem, mas é o que ele é... Até ele aparecer. Prometeu casamento, prometeu. Mas vou botar ele na lei. Levou ela a fazer isso, levou sim. Porco assassino. Trazendo a desgraça sobre nós. Pobre da minha filhinha.

– Sua filha especificamente lhe contou que o sr. Sandford era o responsável pela condição dela? – perguntou Melchett, incisivo.

– Contou. Nesta mesma sala, ela contou.

– E o que disse a ela? – perguntou Sir Henry.

– Disse a ela? – o homem parecia momentaneamente pego de surpresa.

– Sim. Não ameaçou, por exemplo, botá-la para fora de casa?

– Estava um pouco aborrecido, o que é natural. Tenho certeza de que vão concordar que é natural. Mas, é claro, não botei ela para fora de casa. Não faria isso.

Foi tomado por uma indignação virtuosa.

– Não. Para que serve a lei, é o que digo. Para que serve a lei? Ele tinha que fazer o que é direito com ela. E se não fez, por Deus, tem que pagar.

Bateu com o punho na mesa.

– Quando foi a última vez que viu sua filha? – perguntou Melchett.

– Ontem, na hora do chá.

– Como ela estava se comportando?

– Bem, como de costume. Não percebi nada. Se eu soubesse...

– Mas não sabia – disse o inspetor de modo seco.

Eles saíram.

– Emmott mal consegue criar uma impressão favorável – disse Sir Henry, pensativo.

– Um pouco maldoso – disse Melchett. – Teria sangrado o Sandford, é certo, se tivesse tido a chance.

A próxima visita foi ao arquiteto. Rex Sandford não era nada parecido com a imagem mental que Sir Henry havia inconscientemente formado dele. Era um homem jovem e alto, muito claro e muito magro. Os olhos eram azuis e sonhadores, o cabelo desalinhado e um tanto comprido demais. Seu modo de falar era um pouco feminino demais.

O coronel Melchett apresentou a si e aos companheiros. Então, passando direto ao objetivo da visita, convidou o arquiteto para fazer uma declaração sobre seus movimentos na noite anterior.

– O senhor entende – ele disse advertindo o rapaz. – Não tenho o poder de forçá-lo a fazer uma declaração, e qualquer declaração que fizer pode ser usada como prova contra o senhor. Quero que isso fique bem claro para o senhor.

– Não... não estou entendendo – disse Sandford.

– Entende que a garota Rose Emmott foi afogada ontem à noite?

– Eu sei. Ah! É muito, muito doloroso. De fato, não pisquei o olho a noite inteira. Não consegui trabalhar em nada o dia todo. Me sinto responsável... terrivelmente responsável.

Passou as mãos pelos cabelos, deixando-os ainda mais descabelados.

– Nunca tive a intenção de causar nenhum mal – disse ele, lamentando-se. – Jamais pensei. Jamais imaginei que ela fosse interpretar daquela forma.

Sentou-se à mesa e enterrou a face nas mãos.

– Estou entendendo o que diz, sr. Sandford. O senhor se recusa a fazer uma declaração de onde esteve ontem à noite às oito e meia?

– Não, não, certamente não. Eu saí. Fui dar uma caminhada.

– Foi encontrar a srta. Emmott?

– Não, fui sozinho pela floresta. Um longo percurso.

– Então como explica este bilhete, senhor, que foi encontrado no bolso da garota morta?

E o inspetor Drewitt leu a nota em voz alta sem nenhuma emoção.

– Agora, senhor – concluiu. – O senhor nega que escreveu isso?

– Não, não. Estão certos. Escrevi, sim. Rose me pediu para encontrá-la. Insistiu. Eu não sabia o que fazer. Então escrevi o bilhete.

– Ah, assim é melhor – disse o inspetor.

– Mas não fui! – a voz de Sandford ficou aguda e agitada. – Eu não fui! Achei que seria bem melhor não ir. Estava retornando à cidade amanhã. Achei que seria melhor não... não encontrar com ela. Tinha a intenção de escrever de Londres e... e fazer... alguns arranjos.

– Está ciente, senhor, de que essa garota ia ter um filho, e que ela havia dito que o senhor era o pai?

Sandford resmungou, mas não respondeu.

– A declaração é verdadeira, senhor?

Sandford enterrou ainda mais o rosto.

– Suponho que sim – disse ele, numa voz abafada.

– Ah! O inspetor Drewitt não conseguia esconder sua satisfação. – E agora sobre essa sua "caminhada". Alguém o viu ontem à noite?

– Não sei. Acho que não. Até onde eu me lembre, não encontrei ninguém.

– É uma pena.

– O que quer dizer? – Sandford o fitava perturbado. – Que diferença faz se eu estava fazendo uma caminhada ou não? No que isso altera o fato de Rose ter se afogado no rio?

– Ah! – disse o inspetor. – O senhor vê, ela *não se afogou*. Ela foi jogada no rio deliberadamente, sr. Sandford.

– Ela foi – ele levou um minuto ou dois para absorver todo o horror do fato. – Meu Deus! Então...

Caiu sobre uma cadeira.

O coronel Melchett fez menção de se retirar.

– Compreende, Sandford – disse ele –, que não pode se ausentar desta casa de modo nenhum?

Os três homens saíram juntos. O inspetor e o chefe de polícia trocaram olhares.

– É o suficiente, eu acho, senhor – disse o inspetor.

– Sim. Consiga o mandado e mande prender.

– Desculpem-me – disse Sir Henry. – Esqueci minhas luvas.

Ele entrou de novo na casa rapidamente. Sandford estava sentado como o haviam deixado, olhando aturdido para a frente.

– Voltei – disse Sir Henry – para lhe dizer que, pessoalmente, estou ansioso para fazer tudo que puder para lhe ajudar. O motivo do meu interesse não tenho a liberdade de lhe confidenciar. Mas peço que, por favor, me conte o mais rapidamente possível exatamente o que aconteceu entre você e essa garota, Rose.

– Ela era muito bonita – disse Sandford. – Muito bonita e muito atraente. E... fez de mim um alvo. Perante Deus, juro que é verdade. Não me deixava em paz. E aqui era solitário, ninguém gostava muito de mim, e... e... Como eu disse, ela era incrivelmente bonita e parecia conhecer as coisas daqui e tudo mais – a voz dele definhou. Olhou para cima. – E então isso aconteceu. Ela queria que me casasse com ela. Não sabia o que fazer. Estou noivo de uma garota em Londres. Se algum dia ela ficar sabendo disso... e ela vai, é claro... bem, acabou tudo. Ela não vai entender. Como poderia? E eu sou um imprestável, é claro. Como disse, não sabia o que fazer. Evitei encontrar Rose novamente. Pensei que voltaria para a cidade, veria meu advogado, faria algum arranjo com relação a dinheiro para ela, enfim. Deus, como fui idiota! E está tudo tão claro... o caso contra mim. Mas eles estão enganados. Ela *tem* de ter se jogado sozinha.

– Ela alguma vez ameaçou tirar a própria vida?

Sandford balançou a cabeça.

– Nunca. Não poderia dizer que ela é do tipo.

– O que sabe sobre um homem chamado Joe Ellis?

– O camarada carpinteiro? O personagem típico de um povoado. Camarada fastidioso, mas louco pela Rose.

– Ele pode ter ficado com ciúmes? – sugeriu Sir Henry.

– Suponho que ficou um pouco; mas é do tipo bovino. Sofreria em silêncio.

– Bem – disse Sir Henry. – Preciso ir.

Juntou-se aos outros.

– Sabe, Melchett – disse –, acho que devemos dar uma olhada nesse outro sujeito, Ellis, antes de tomarmos qualquer atitude drástica. Seria uma pena efetuar uma prisão que depois se revelaria um engano. Afinal, ciúme é um bom motivo para um assassinato, e também um dos mais comuns.

– Isso é bem verdade – disse o inspetor. – Mas Joe Ellis não é desse tipo.

Não machucaria uma mosca. Ora, ninguém nunca o viu perder a cabeça. Mesmo assim, concordo, melhor simplesmente perguntar onde ele estava ontem à noite. Deve estar em casa agora. Mora com a sra. Bartlett, uma alma muito decente, viúva, lava roupa para fora.

A pequena cabana para onde se dirigiram era impecavelmente limpa e arrumada. Uma mulher robusta de meia-idade abriu a porta para eles. Ela tinha um rosto simpático e olhos azuis.

– Bom dia, sra. Bartlett – disse o inspetor. – Joe Ellis está?

– Chegou não faz dez minutos – disse a sra. Bartlett. – Passem, vão entrando, por favor, senhores.

Limpando as mãos no avental, ela os levou até uma saleta na parte da frente com pássaros empalhados, cachorros de porcelana, um sofá e vários móveis inúteis.

Apressadamente, ela arranjou cadeiras para sentarem, arrastou uma estante inteira com o corpo para dar mais espaço e saiu chamando:

– Joe, tem três cavalheiros aqui querendo falar com você.

Uma voz vinda da cozinha dos fundos respondeu:

– Vou assim que tiver terminado de me limpar.

A sra. Bartlett sorriu.

– Entre, sra. Bartlett – disse o coronel Melchett. – Sente-se.

– Não, senhor, não posso nem pensar nisso.

A sra. Bartlett ficara chocada com a ideia.

– Acha Joe Ellis um bom inquilino? – perguntou Melchett num tom aparentemente desinteressado.

– Não poderia ter um melhor, senhor. Um rapaz jovem verdadeiramente firme. Jamais encosta numa gota de bebida. Se orgulha do trabalho. E sempre gentil e prestativo nas coisas da casa. Ele instalou aquelas prateleiras para mim, e consertou um armário novo na cozinha. E qualquer coisinha que precisa de uma mãozinha na casa, ora, Joe faz tranquilamente, e mal aceita agradecimentos pelo seu esforço. Ah! Não existem muitos rapazes como o Joe, senhor.

– Alguma garota vai ser muito sortuda um dia – disse Melchett de modo descuidado. – Ele era bastante interessado naquela pobre moça, Rose Emmott, não era?

A sra. Bartlett suspirou.

– Chegou a me cansar, foi sim. Ele idolatrando o chão que ela pisava e

ela não dando a menor atenção para ele.

– Onde o Joe passa as noites, sra. Bartlett?

– Geralmente aqui, senhor. Faz um pouco de trabalho aqui e ali à noite algumas vezes, e está tentando aprender contabilidade por correspondência.

– Ah! É mesmo. Ele estava aqui ontem à noite?

– Sim, senhor.

– Tem certeza, sra. Bartlett? – perguntou Sir Henry, rigoroso.

Ela virou para ele.

– Bastante certeza, senhor.

– Ele não saiu, por exemplo, em algum momento entre oito e oito e meia?

– Ah, não. – A sra. Bartlett riu. – Estava consertando o armário da cozinha para mim quase a noite inteira, e eu estava ajudando.

Sir Henry olhou para o rosto sorridente e confiante dela e teve a primeira pontada de dúvida.

No momento seguinte, o próprio Ellis entrou na sala.

Era um homem jovem, alto, de ombros largos, muito bonito embora um pouco rústico. Tinha olhos tímidos e azuis e um sorriso alegre. No conjunto, um amável e jovem gigante.

Melchett deu início à conversa. A sra. Bartlett se retirou para a cozinha.

– Estamos investigando a morte de Rose Emmott. Você a conhecia, Ellis?

– Sim. – Hesitou, então balbuciou: – Esperava me casar com ela um dia. Pobre rapariga.

– Ouviu falar da condição em que se encontrava?

– Sim – uma fagulha de ira apareceu em seus olhos. – Ele desapontou ela, desapontou mesmo. Mas foi melhor. Ela não teria sido feliz casada com ele. Pensei que ela viria me procurar quando isso aconteceu. Eu teria cuidado dela.

– Apesar da...

– Não foi culpa dela. Ele desencaminhou ela com lindas promessas e tudo. Ela me contou. Ela não devia ter se afogado. Ele não valia a pena.

– Onde você estava, Ellis, na noite passada, às oito e meia?

Fora imaginação de Henry ou havia mesmo uma sombra de constrangimento na resposta já pronta, quase pronta demais?

– Estava aqui. Consertando uma estante na cozinha para a sra. B.

Pergunte pra ela. Ela vai dizer.

"Ele foi rápido demais para dizer isso", pensou Sir Henry. "Ele é um homem de pensamento lento. A explicação surgiu em um momento tão oportuno que suspeito que a tenha preparado com antecedência."

Então disse a si mesmo que era apenas imaginação. Estava imaginando coisas, sim, até mesmo imaginando um brilho apreensivo naqueles olhos azuis.

Algumas perguntas e respostas mais, e eles saíram. Sir Henry inventou uma desculpa para ir até a cozinha. A sra. Bartlett estava ocupada no fogão. Olhou para cima com um sorriso simpático. Um novo aparador estava preso na parede. Não estava bem concluído. Algumas ferramentas e alguns pedaços de madeira estavam espalhados.

– É nisto que Ellis estava trabalhando ontem à noite? – perguntou Sir Henry.

– Sim, senhor, é um trabalho bem feito, não? Ele é um bom carpinteiro, Joe, é sim.

Nenhum brilho apreensivo no olhar, nenhum constrangimento,

Mas Ellis, teria ele imaginado? Não, *havia* alguma coisa ali.

"Preciso agarrá-lo", pensou Sir Henry.

Virando-se para sair da cozinha, deu um encontrão em um carrinho de bebê.

– Espero não ter acordado o bebê – disse ele.

O riso da sra. Bartlett chegou a ecoar.

– Ah, não, senhor. Não tenho filhos; uma pena mesmo. É aí que levo as roupas que são lavadas.

– Ah! Entendo...

Fez uma pausa e então falou num impulso:

– Sra. Bartlett, a senhora conhecia Rose Emmott. Diga o que de fato achava dela.

Ela o fitou com curiosidade.

– Bem, senhor, achava que ela era leviana. Mas está morta... E não gosto de falar mal dos mortos.

– Mas eu tenho um motivo... um bom motivo para perguntar.

Ele falou de modo persuasivo.

Ela pareceu considerar, estudando-o com atenção. Finalmente se decidiu.

– Ela não prestava, senhor – disse baixinho. – Não diria isso na frente de Joe. Ela enganou *ele* bem direitinho. Aquele tipo é capaz… uma pena mesmo. O senhor sabe como é, senhor.

Sim, Sir Henry sabia. Os Joe Ellis do mundo eram particularmente vulneráveis. Confiavam de olhos fechados. Mas, por esse exato motivo, o choque da descoberta poderia ser ainda maior.

Deixou a cabana desorientado e perplexo. Estava de frente a uma parede em branco, sem saída. Joe Ellis estivera trabalhando dentro de casa durante toda a noite anterior. A sra. Bartlett de fato estivera lá observando-o. Como é que alguém poderia contornar a situação? Não havia nada acusando o contrário; exceto, talvez, aquela prontidão suspeita ao responder por parte de Joe Ellis, que sugeria uma história já preparada.

– Bem – disse Melchett –, parece que a visita ajudou a deixar a questão bem clara, hein?

– Deixou sim, senhor – concordou o inspetor. – Sandford é o nosso homem. Não tem onde se sustentar. O fato é claro como o dia. Sou da opinião de que a garota e o pai estavam planejando... bem... praticamente fazer uma chantagem. Que se saiba ele não tem dinheiro; não queria que o assunto chegasse aos ouvidos da sua noivinha. Estava desesperado e agiu de acordo. O que diz, senhor? – acrescentou, dirigindo-se a Sir Henry com deferência.

– Aparentemente, é isso – admitiu Sir Henry. – Ainda assim, eu mal consigo imaginar Sandford cometendo qualquer ação violenta.

Mas tinha noção, enquanto falava, de que aquela objeção dificilmente seria válida. O mais manso dos animais, quando encurralado, era capaz de feitos inacreditáveis.

– Contudo, gostaria de falar com o menino – interrompeu. – Aquele que ouviu o grito.

Jimmy Brown demonstrou ser um garoto inteligente, um tanto pequeno para a idade, com uma expressão sagaz, bastante astuta. Estava ansioso para ser questionado e ficou um tanto desapontado quando decidiram verificar sua narrativa dramática do que ouvira na noite fatídica.

– Estava do lado de lá da ponte, assim entendo – disse Sir Henry. – Do lado oposto da vila, cruzando o rio. Viu alguém daquele lado quando estava chegando na ponte?

– Havia alguém subindo pela floresta. Sr. Sandford. Eu acho que era o cavalheiro da arquitetura que está construindo aquela casa esquisita.

Os três homens se entreolharam.

– Isso foi uns dez minutos antes, mais ou menos, de você ter escutado o grito?

O garoto assentiu.

– Viu alguém mais, do lado do rio onde fica a vila?

– Um homem estava vindo pelo caminho daquele lado. Ia devagar e assoviando, ele ia. Podia ser Joe Ellis.

– Você não teria como ver direito quem era – disse o inspetor rispidamente. – Por conta do nevoeiro e da noite caindo.

– É por conta do assovio – disse o garoto. – Joe Ellis sempre assovia a mesma música, “I wanner be happy”. É a única música que ele sabe.

Falou com o mesmo desdém que o modernista demonstra por algo antiquado.

– Qualquer um pode assoviar uma música – disse Melchett. – Ele estava indo na direção da ponte?

– Não. Outro lado... para vila.

– Não acho que devemos nos preocupar com esse homem desconhecido – disse Melchett. – Você ouviu o grito e o barulho na água e alguns minutos depois viu o corpo descendo o rio e correu para buscar ajuda, voltando até a ponte, atravessando e indo direto para a vila. Não viu ninguém próximo da ponte enquanto corria para buscar ajuda?

– Acho que vi dois homens com um carrinho de mão no caminho que vai para o rio; mas estavam a uma boa distância, e eu não sei dizer se estavam indo ou vindo, e a casa do sr. Gile era a mais próxima, então corri para lá.

– Fez muito bem, meu garoto – disse Melchett. – Agiu de modo muito honroso e com presença de espírito. É escoteiro, não é?

– Sim, senhor.

– Muito bom. Muito bom mesmo.

Sir Henry estava em silêncio, pensando. Tirou a folhinha de papel do bolso, olhou, balançou a cabeça. Não parecia possível... e ainda assim...

Ele decidiu fazer uma visita a Miss Marple.

Ela o recebeu em sua encantadora, levemente abarrotada e antiquada sala de estar.

– Vim lhe informar dos meus progressos – disse Sir Henry. – Receio que do nosso ponto de vista as coisas não estão indo bem. Vão mandar prender Sandford. E devo admitir que tem fundamento.

– Não encontrou nada que... como devo dizer... que apoiasse minha teoria, então? – ela parecia perplexa, ansiosa. – Talvez eu esteja enganada, muito enganada. O senhor tem tanta experiência, certamente encontraria algo se fosse o caso.

– Em primeiro lugar – disse Sir Henry –, mal consigo acreditar na hipótese. E depois, nos deparamos com um álibi inquebrantável. Joe Ellis estava consertando as prateleiras na cozinha por toda a noite e a sra. Bartlett estava observando o trabalho dele.

Miss Marple se inclinou para frente e inspirou.

– Mas não pode ser – disse ela. – Era sexta-feira à noite.

– Sexta-feira?

– Sim, sexta à noite. Nas noites de sexta-feira a sra. Bartlett leva as roupas que lavou e faz as entregas para as pessoas.

Sir Henry encostou-se na cadeira. Lembrou da história do garoto Jimmy, sobre o homem assoviando e... sim... tudo se encaixava.

Levantou-se e tomou calorosamente a mão de Miss Marple.

– Acho que posso achar a saída – disse. – Ao menos posso tentar...

Cinco minutos depois ele estava de volta à cabana da sra. Bartlett, encarando Joe Ellis na saleta entre os cachorros de porcelana.

– Mentiu para nós, Ellis, sobre ontem à noite – falou com rispidez. – Não estava na cozinha aqui consertando o aparador entre oito e oito e meia. Foi visto caminhando ao longo do rio em direção à ponte alguns minutos antes de Rose Emmott ser assassinada.

O homem ficou sem ar.

– Ela não foi assassinada... não foi. Não tive nada a ver com isso. Ela se jogou, se jogou. Ela estava desesperada. Eu não faria mal a um fio de cabelo dela, não faria.

– Então por que mentiu sobre onde esteve? – perguntou Sir Henry, ansioso.

O homem desviou e abaixou o olhar, desconfortável.

– Tive medo. A sra. B. me viu por lá e, quando ficamos sabendo logo em seguida o que tinha acontecido, bem, ela pensou que poderia ficar ruim para mim. Inventei que iria dizer que estava trabalhando aqui, e ela concordou em me apoiar. Ela é uma pessoa rara, é sim. Sempre foi boa comigo.

Sem dizer uma palavra, Sir Henry deixou a sala e foi até a cozinha. A

sra. Bartlett estava se lavando na pia.

– Sra. Bartlett – disse –, eu sei de tudo. Acho que seria melhor a senhora confessar; quer dizer, a menos que queira que Joe Ellis seja enforcado por algo que não fez... Não. Estou vendo que a senhora não deseja isso. Vou lhe dizer o que aconteceu. Havia saído para entregar as roupas. Encontrou Rose Emmott. A senhora pensava que ela havia enganado Joe e agora estava se relacionando com aquele forasteiro. Agora ela estava grávida, e Joe estava preparado para socorrê-la, casar com ela se fosse necessário e se ela quisesse. Ele morou na sua casa por quatro anos. Apaixonou-se por ele. Queria ele para si. Odiava aquela garota; não conseguia suportar a ideia de que aquela vadiazinha sem valor iria roubar o seu homem. É uma mulher forte, sra. Bartlett. Pegou a menina pelos ombros e a empurrou para a correnteza. Alguns minutos depois, encontrou Joe Ellis. O garoto Jimmy viu os dois juntos ao longe; mas, por causa da névoa e da escuridão, supôs que o carrinho de bebê fosse um carrinho de mão e que dois homens o estivessem empurrando. Persuadiu Joe de que ele poderia se tornar um suspeito e concebeu o que supostamente seria um álibi para ele, mas que em realidade era um álibi para *si mesma*. E então, estou certo, não estou?

Ele prendeu a respiração. Havia colocado tudo que tinha nesse único tiro.

Ela ficou parada em frente a ele, esfregando as mãos no avental enquanto, devagar, tomava sua decisão.

– É exatamente como diz, senhor – disse enfim, com sua voz baixa e subjugada (uma voz perigosa, Sir Henry percebeu subitamente). – Não sei o que me deu. Sem-vergonha... isso é o que ela era. Aquilo tomou conta de mim... Ela não vai conseguir tirar Joe de mim. Não tive uma vida feliz. Meu marido, ele era um pobretão... um inválido e um sujeito difícil. Cuidei e olhei por ele, é verdade. E então Joe veio morar aqui. Não sou uma mulher tão velha, senhor, apesar dos meus cabelos grisalhos. Tenho só quarenta anos, senhor. O Joe é um em mil. Teria feito qualquer coisa por ele, qualquer coisa mesmo. Ele era como uma criança pequena, senhor, tão doce e crédulo. Era meu, para cuidar e atender. E aquela... aquela... – ela engoliu em seco, controlando suas emoções. Mesmo naquele momento ela era uma mulher de muita força. Endireitou a postura e olhou para Sir Henry com curiosidade. – Estou pronta para ir, senhor. Nunca pensei que alguém fosse descobrir. Não sei como descobriu, não sei mesmo.

Sir Henry balançou a cabeça de leve.

– Não fui eu quem descobriu – disse; e pensou no pedaço de papel que ainda repousava no seu bolso com as palavras escritas em caligrafia antiga e caprichada.

“Sra. Bartlett, com quem Joe Ellis mora em Mill Cottages no 2.”

Miss Marple tinha acertado mais uma vez.

[1] Baía dos Contrabandistas. (N.T.)

[2] A autora faz um trocadilho entre “Grey Wethers”, nome do local, e “grey weathers”, que estaria se referindo ao clima e condições do tempo cinzentas. (N.T.)

[3] O nome tem sonoridade similar a “ervilhas boas” em inglês. (N.T.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *The Thirteen Problems*
Tradução: Petrucia Finkler

Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd 2008
Preparação: Patrícia Yurgel
Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479t

Christie, Agatha, 1890-1976
Os treze problemas / Agatha Christie; tradução de Petrucia Finkler. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET, v. 960)

Tradução de: *The Thirteen Problems*
ISBN 978.85.254.2473-0

1. Ficção inglesa. I. Finkler, Petrucia. II. Título. III. Série.
11-2664. CDD: 823
CDU: 821.111-3

Agatha ChristieTM *Os treze problemas* Copyright © 2010

Agatha Christie Limited (a Chorion company). All rights reserved.

The Thirteen Problems was first published in 1932

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br